

**Ana:** Acho que a gente fez um convite individual para cada um, né, sobre esta reunião. Eu queria só retomar um pouco, pra gente ter clareza do que é este grupo, né; e apresentar pra vocês, também depois, os moderadores deste processo.

Acho que o Centro Vida resolveu em determinado momento atuar na zona sul, tal, com projetos sociais. E acho que, conforme a gente foi caminhando nesse processo, a gente foi querendo mudar o público com quem trabalhava. A gente foi, enfim, não sei se, conscientemente, mas aconteceu da gente chegar mais próximo de um público que a gente falava nas nossas estatísticas. Enquanto ONG falava de desarmamento, falava de periferia, de jovens; que matavam que morriam, quer dizer, então a gente falava muito disso, mas a gente trabalhava com um outro perfil de grupo. E aí, na verdade, eu acho que, num determinado momento, nos nossos projetos, começaram a participar jovens, né que estavam envolvidos, com trabalho na comunidade, lideranças, e que de repente, começaram a se envolver com as questões do crime na periferia, ou que já tinham se envolvido. Também tinha isso, quer dizer, às vezes jovens que tinham envolvimento com o criem, que saíram e começaram a participar.

O fato é que a gente acha que, em alguns momentos a gente não estava conseguindo lidar bem com essa estória, em que sentido: a gente não sabia o quanto você acolhe, trabalha junto, fala “pô, se acontece isto não é à toa, a gente tem aí ibopes porque acontece, porque não acontece etc.” E, mas a gente ficava assim: “puts” escolheu este caminho, então não está com a gente; ou não, quer dizer, escolheu mas há a possibilidade de dialogar, há possibilidade de transformar. E a gente não conseguiu porque é muito louco, ainda, achar qual é o tom. O que a gente negocia, o que é que a gente não negocia. O que a gente acolhe o que a gente não acolhe. Quer dizer, qual o posicionamento do Centro Vida, frente a essas questões, acho que essa é a nossa vontade, quer dizer de discutir um pouco isso nesse grupo, né, de que a gente consiga entender, quer dizer, o que faz com que um jovem que mora em um destes locais, onde a gente trabalha ir mais para um lado ou para outro. Porque a gente não acredita que exista o bem e o mau, o bandido e o não bandido, quer dizer, não é para cair nessa dicotomia, mas a gente vê, quer dizer, que em algumas situações para algumas pessoas, em alguns lugares, você tem pessoas que se envolvem e pessoas que não se envolvem e a gente queria um pouco entender neste contexto, né. Então a gente resolveu organizar um grupo onde a gente pudesse se sentir à vontade para conversar sobre isso porque a gente não acha que tem bem e mau, não é o julgamento moral, é o momento da gente conseguir discutir, quer dizer: desde a gente expor o que o Centro Vida pensa quando, a gente fala porque as pessoas se envolvem, né, quando a

gente enquanto Centro Vida faz um tipo de discurso, vai pensar num projeto, faz uma coisa que a gente pensa, né: expor o conflito, ouvir outras pessoas também sobre isso, né, estão a gente resolveu tentar fazer um grupo onde isso pudesse ser conversado, às vezes é um assunto delicado, mas a gente resolveu que o melhor jeito de explorar isso é poder conversar sobre o assunto. E a gente resolveu montar um espaço onde pudesse iss ser possível. Agora, claro, quer dizer, é uma tentativa, quer dizer, a gente não sabe nem se vai dar certo, para isso a gente convidou, estão aqui, acho que depois a gente vai encaminhar uma apresentação, mas s´para explicar o conceito de quem a gente convidou. Quer dizer, de quem está aqui, né: pessoas do Centro Vida que trabalham nos projetos e em outros espaços do Centro Vida que a gente precisava ter um posicionamento e ajudar a pensar, jovens dos projetos, pessoas das comunidades etc, isso era importante, e inclusive jovens dos projetos que já estiveram envolvidos com o crime, e isso ajuda, claro a gente a pensar sobre isso, né,, e outras pessoas que são:meio pessoas que às vezes, por relacionamento individual ou por projeto, quer dizer são pessoas que a gente tem contato e que de algum jeito já conversaram (não estão dentro do Centro Vida nem nas comunidades, não são alvo de projetos, etc.) mas que são pessoas que pra gente, são pessoas que tiveram, conseguiram em algum momento fazer um diálogo, né, com esse grupo aí, que a gente fica meio brincando de chamar, brincando não é um bom jeito de dizer, mas assim, a gente fala que está no limiar da criminalidade, ou então pessoas que sei lá, já escreveram livros com egressos, quer dizer, da gente conseguir aproximar, também pessoas que trabalham com isso fora do Centro Vida, para dentro do Centro Vida. Buscar um pouco da experiência de fora, pra dentro, também. Então, é usar o nível de dentro, usar as pessoas com quem a gente trabalha e tem confiança, mas também, buscar experiência externa para agregar no grupo.. Como a gente acha que este é um assunto delicado, difícil, depende da confiança, depende da possibilidade da gente dialogar, depende da possibilidade da gente não se ofender com coisas, quer dizer, é um assunto muito difícil mesmo, estou tentando ser muito honesta d como foi que a gente pensou, como a gente sabia que era uma coisa muito difícil mas que a gente precisava enfrentar.

A gente resolveu convidar duas pessoas que são o Jorge e a Emilia, que são profissionais, são psicólogos acho que eles podem contar melhor da metodologia, etc., para ajudar, quer dizer, a garantir esse espaço, que isso aqui pudesse ser uma coisa mais fácil, né, de ser conversada, então também na tentativa de não fazer uma coisa de qualquer jeito. A gente está tentando garantir este espaço com moderação, com pessoas que tem aí uma experiência neste sentido, que a gente confia muito, e por isso que a gente resolveu trazer os dois porque a gente tinha, que dizer, certeza, que eles seriam pessoas sensíveis o suficiente pra tentar ajudar a gente neste processo.

**Jorge:** Acho importante num primeiro momento a Emilia e eu nos apresentarmos, depois vocês também se apresentarem e neste primeiro momento do grupo a gente estar podendo combinar o jeito do grupo funcionar. Que regras que a gente vai ter, como é que vai ser, mesmo a questão dos horários, a duração do grupo, até o que é e o que não é. Vou me apresentar pra vocês, depois a Emilia se apresenta. Acho que a gente pode até primeiro, eu acho combinar um pouco das regras e depois as pessoas se apresentam, eu acho mais legal as pessoas sabendo ao que estão se apresentando, estão se apresentando aonde, p'ra que, essas coisas. Então a Emilia pode começar.

**Emilia:** Bom, como a Ana falou, a gente já trabalhou com o Centro Vida em outro projeto. Conversamos sobre este aqui, sobre a idéia que a Ana estava expondo. O que nos parece bastante interessante, e então, tem uma coisa bem emblemática aqui, o gravador colocado no inicio do grupo, a gente pode seguir conversando sobre a utilidade dele, a necessidade, do por que para nós é importante, enquanto característica, a gente grifar os termos da fala, porque muitas vezes as palavras se perdem no vazio. Então a gente tem sempre buscado em todos os trabalhos que a gente faz, uma forma de registro que possa incidir nas políticas públicas, que possa não estar sempre reinventado de novo. Quer dizer, quantos de nós aqui, já participou de coisas que estão sempre começando, a gente diz “já vi este filme”, então, um pouco o emblema ali é da gente já partir do acumulo de que cada um já tem na sua história, na sua trajetória. Podemos colocar em discussão é uma coisa que gera um pouco de incomodo, mas para nós está simbolizado no sentido de poder falar as coisas abertamente, de ser franco, essa é um pouco a nossa forma de trabalho. Bom, eu sou psicóloga, com formação em psicanálise e trabalho tanto em instituições como em consultório privado. Muito do meu trabalho em instituição é na área hospitalar, na área da saúde, principalmente no SUS. Eu sou do Rio Grande do Sul, faz dois anos que eu moro em São Paulo, então minha experiência de trabalho é basicamente no Rio Grande do Sul. E o meu trabalho é nas instituições mais variadas onde, a gente procura fazer destas convivências espaços de encontro, espaços de combinação que se possa avançar no sentido de se transformar em algo mais coletivizado dali pra frente, ou seja, as vezes se tem experiências muito legais, muito intensas, mas que acabam se esvaziando por aí. Então basicamente é isso que eu tria pra dizer, mais a gente vai poder se conhecer. As apresentações tem uma coisa forma, no sentido de que quem começa primeiro, que começa tem que dar a linha para os outros, mas a gente vai poder se conhecer no decorrer do trabalho. Penso algumas coisas que a gente vai colocar no contrato, no trabalho, no nosso modo de trabalhar. E como a Ana nos colocou, nem todo mundo aqui se conhece, também, então tem uma confiança inicial que a gente tem que dar conta de ir gingando um pouco.

**Jorge:** Meu nome é Jorge, Jorge Broide, eu sou psicólogo, também tenho uma formação em psicanálise e venho trabalhando com a questão da violência e das situações sociais limites tem uns 25 anos mais ou menos. Na década

de 70, ainda, na cadeia de Osasco, população adulta de rua, jovens, crianças, com a problemática da droga, FEBEM, enfim tudo que é canto que tem por aí que tem se dado essas situações críticas de violência, já tem uns 25 anos enfim. Tanto trabalhando diretamente como dando muita supervisão para equipes e para o pessoal que está trabalhando diretamente no campo.

Eu acho importante a gente coloca, começar pelo gravador, por esse ato de colocar a gravação. Então é o seguinte, o gravador ele tem, num primeiro momento da gente ficar um pouco assim: eu vou falar coisas muito sérias aqui e isto vai estar registrado, então tem um sentido que meio que persegue a gente, mas tem outro sentido que é o nosso desejo que esse grupo, o Centro Vida, que nesse grupo aqui a gente possa estar falando coisas de uma forma totalmente aberta. O fato da gente se expor a isso, na verdade é muito mais do que a gente estar falando, mas é o fato de a gente estar podendo produzir uma coisa que seja útil não só para nós mas para todos os outros. Isso quer dizer o quê? Quer dizer que o que a gente for produzir aqui... talvez seja útil, talvez... não tenho certeza, nós não sabemos, se a gente vai conseguir ter sucesso nisso ou não, mas talvez seja útil para “n” comunidades, para outros lugares até do país, do Brasil, outros lugares da América Latina, tá certo, que a gente consiga aqui, a partir dessa troca de experiência tão profunda que é o que a gente gostaria de ter, que a gente possa produzir alguma coisa que seja útil não somente para nós mas para as pessoas que estão nessa situação. Então é por isso que a gente está gravando, para que a gente possa ter o registro disso e é evidente que tem o nosso compromisso de preservar vocês nessa gravação, tá certo? Então qualquer coisa que venha a ser escrita, não vai estar o nome de vocês, enfim, nós vamos encontrar jeitos de preservar tudo aquilo, preservar a identidade das pessoas, a segurança das pessoas, nós temos que encontrar, isso é um compromisso que a gente faz com vocês de cara, certo? Tem este gravador aqui...

- E.** Essa gravação é nossa, no sentido de estar disponível para todos... é nossa, acho que isso é importante, não é do Centro Vida, não é minha e do Jorge, mas é de cada um, é um material que todos nós vamos ter.
- J.** É algo nosso, do grupo, e nós temos que nos comprometer com a segurança de vocês, então isso é uma coisa importante para a gente combinar. Uma outra coisa importante são desde detalhes bem concretos, do tipo assim... até quando vai este grupo? Então a idéia que a gente tem é que a gente possa estar trabalhando até, vamos dizer, lá pelo dia 15 de dezembro. Uns 6 ou 7 encontros que a gente possa ter, onde a gente possa estar conversando com muita calma, que as coisas vão surgindo aqui no grupo, a gente tem tempo do grupo produzir esse material que a gente espera estar trazendo aqui e que possa ajudar os outros. Então essa é uma proposta que a gente está fazendo de prazo do grupo, neste horário, que seria de segunda-feira, das 5 às 7 da tarde, ou da noite. Outra coisa que nós pensamos

também, ainda como combinação, é que nesse grupo, é evidente que tem pessoas que em um ou outro dia não poderão vir, mas é muito importante que as pessoas também assumam compromisso com o grupo, que venham, e que se não vierem, que avisem, que dêem satisfação para o outro, porque vocês imaginam que aqui nós vamos estar contando muito da nossa história de vida, daquilo que a gente vive hoje e isso precisa ser cuidado, então cada um de nós precisa cuidar disso e cuidar disso é se um dia não puder vir, é dizer olha eu não vou poder ir, companheiro, porque as coisas que eu coloquei e que você colocou lá a gente está cuidando. Então a gente estabelecer esse compromisso, e se alguma outra pessoa pedir para entrar, e o pessoal achar que for pertinente, o Centro Vida, até um determinado andamento do grupo, eu acho que pode ser legal, agora se alguém estiver contra isso também podemos conversar. Outra coisa que a gente pode... que é importante a gente conversar, agora não só para o funcionamento concreto, dia, hora, tudo isso, é como é que funciona um grupo como esse, como é que funciona, como é que rola? Rola é um negócio que em psicanálise a gente chama assim, não sei se vocês já ouviram falar, associação livre, ou seja, cada um vai dizer aquilo que pensa, e quanto maior a liberdade de expressar o que a gente pensa e o que a gente sente melhor vai ser. Então este lugar aqui, a gente tem que tentar construir neste lugar, um lugar nosso, de todos nós, que a gente possa colocar as nossas coisas aqui, é como se eu coloco a minha coisa aqui, todo mundo coloca e a gente pensa sobre as nossas coisas que estão colocadas aqui juntos e fazem a mesma coisa ou outra coisa, fazem um negócio mais legal. Então é muito importante que a gente tenha um compromisso com a gente mesmo de sempre tentar ter a coragem de dizer tudo e possivelmente nós vamos passar por momentos difíceis aqui no grupo também, situações importantes, e que a gente possa estar se expressando com toda a liberdade, fazendo um esforço para isso, porque a gente vai ajudar, a Emília e eu vamos ajudar vocês nisso, tá, e vamos estar cuidando de vocês também quando vocês vão estar se expondo... coisas importantes, nós também vamos estar cuidando de vocês.

**E:** Ou seja, é um grupo terapêutico, né? Trata da produção desse conhecimento que o Centro Vida está propondo, não é?

**J:** Está claro? Vocês querem falar alguma coisa? Então... agora cada um se apresenta, começa por aqui, e se puder se apresentar, se apresentar desse jeito, dizendo o que quiser, não é aquela... meu nome é isso ou aquilo é já estamos em associação livre, cada um diz o que der vontade de dizer.

**Clara:** Então eu vou começar, o meu nome é Clara, eu sou (?) eu trabalho com o Centro Vida desde o início do ano, me formei em ciências sociais (???) do grêmio, e na verdade eu entrei na reunião meio de sopetão, de última hora porque o Rafael... procurando outro projeto, não (?) participar mas eu consegui estar aqui... estou achando pela proposta do que vocês estão

falando, que vai ser bem legal, enfim, eu me comprometo já, acho importante participar de todas as reuniões, sou (???) (risos)...

**Junior:** Sou Junior, fazia parte do (?), tenho 18 anos, vim aqui para (?) Centro Vida (?) Rio Grande do Sul, aí a gente veio aí fazer isso...

**Jorge:** Então, parece que tem alguma coisa importante, né, que você veio de Gramado, né, (risos) é uma solenidade importante... (risos) legal... (???)

**José:** Sou José, (?) tenho 20 anos, fazia parte também do PROCVI e como ele falou aqui, tipo (?) desenvolvimento da criminalidade, (?) algumas coisas que a gente tá vendo que...coisas que na hora assim... o fogo comeu sem pensar, e recebi esse convite e... achei legal participar.

**Jorge:** Posso perguntar uma coisa? PROCVI?

**José:** Programa Contra a Violência.

**Caco:** Eu sou o Caco, tenho 21 anos, estou trabalhando no Centro Vida, trabalhando na parte de direitos humanos, e trabalho também com (?) produção (?) São Paulo (??) também vim aqui, o (?) me fez o convite (?) e achei bem interessante a proposta que é do grupo, né, (???)

**Mario:** Meu nome é Mario, tenho 27 anos, não nasci em São Paulo, nasci em Curitiba, mas estou aqui há muitos anos, estou aqui há 13 anos, vim com minha família para cá, meus pais se mudaram para cá, meu pai veio trabalhar, e veio a família inteira, eu e meus irmãos...então eu vim muito novo, com 14, então me sinto muito paulistano, passei minha adolescência aqui, fiz colegial, faculdade, tenho muitos amigos, mais amigos aqui do que em Curitiba. Sou formado em Jornalismo, estudei Jornalismo, ãh... depois estudo Literatura, faço mestrado na USP, e este ano lancei meu primeiro livro, livro de ficção... ãh... um livro de contos... espero que o próximo eu escreva de poesia... (?) e eu lancei também um outro livro, meu segundo, que eu escrevi em parceria com um cara que esteve preso, um ex-presidiário, o Plínio (?), não sei se você já ouviu falar dele ... Eu conheci o Plínio, porque no ano passado, em 2001, eu fui até o julgamento do coronel (?) Guimarães, foi um comandante da PM que comandou o massacre lá na Casa de Detenção (?) e foi por conta de um impulso jornalístico meu, de querer contar a história dos caras que tinham morrido no massacre (?) Era um projeto meio ambicioso demais (?) mas eu achava, como continuo achando que era uma história que precisa ser contada, que a gente não sabe quem morreu, né? E aí é claro, que eu comecei a conhecer familiares das vítimas, né, pessoas ligadas ao massacre. Conheci muita gente, muitos pais, mães de caras que morreram no massacre, mas conheci também o Plínio que estava lá acompanhando o julgamento, ele não foi arrolado como testemunha para depor no julgamento mas ele estava lá acompanhando (avião passando) (???) que ele tem um envolvimento grande com algumas comissões de direitos humanos (?)... o Plínio já tinha esse projeto de querer escrever um livro e eu também tinha um interesse forte pelo assunto, e então a gente começou a trabalhar junto. E a gente fez

uma coisa muito parecida com o que está acontecendo aqui. Durante alguns anos, alguns meses a gente se encontrava, e gravava conversas, a gente usou o gravador também, e depois eu transcrevia esses depoimentos, essas nossas conversas, e aí reunia, tenho uma estrutura para isso e a gente transformou isso num livro que foi publicado este ano. Além dessas conversas tenho também cartas que o Plínio escreveu enquanto estava preso, lá no livro também. Foi muito bom trabalhar... que a gente tinha conversado, reviu todo o depoimento juntos, e o Plínio, a gente convidou ele para vir aqui hoje, ele não pôde vir, não sei porque, não consegui falar com ele hoje, espero que ele possa vir nas próximas vezes, porque eu acho que... ele teria bastante coisa para partilhar com a gente aqui... então é isso...

**Joana:** Meu nome é Joana, trabalho na área de pesquisa do Centro Vida, sou antropóloga e meu mestrado é em psicologia, (?) na FEBEN, (???) meu trabalho no Centro Vida (???)

**Isabela:** Meu nome é Isabela, eu sou gerente de comunicação mas na verdade a área de comunicação do Centro Vida é uma área bem diferenciada e muito interessante porque muito de nosso trabalho na verdade é o de mobilização. Inclusive a gente tem um problema aqui que é separar essas áreas de comunicação e mobilização... enfim, que a gente precisa mais... é porque o apaixonante da história mesmo é a mobilização e até o convite que eu recebi da Ana fiquei bem contente, porque a gente acha que... talvez muito do que vá ser discutido aqui (?) tem a ver com esta... vamos chamar assim, mobilização direta e indireta que estão aí (?) na nossa sociedade, que a gente acha que a gente também pode fazer um trabalho legal, também de mobilização (?) diferentes... Eu queria fazer uma pergunta...desculpa, o café? (risos) Porque eu estou numa situação privilegiada, que eu posso pegar a qualquer hora que eu quiser, eu não sei se vocês querem? Que a gente combine, daqui a meia hora todo mundo pára, descansa ou todo mundo pode ir pegando...

**Ana:** A Isabela é a pessoa prática do grupo... (risos)...

**Julio:** Bom, meu nome é Julio, e há um ano e meio mais ou menos eu comecei a acompanhar... há dois anos, eu comecei a acompanhar um... cara que estava saindo da cadeia, sou formado em psicologia, e a idéia era justamente ver o que acontece na hora que o cara sai da prisão, quais são as dificuldades que ele enfrenta, e o que dá para ser feito nesse sentido. A partir dessa experiência, eu acabei me inscrevendo aqui no Centro Vida e outros colegas da psicologia que eu tenho aí, é um projeto que chama Egresso na Rua, está em fase de captação de recursos que é para estar justamente fazendo esse trabalho com ex-presidiários que vai até esse momento, na hora em que sai da cadeia e vai para a sociedade. Esse trabalho que eu fiz com esse ex-presidiário, que chama Ibis, ele acabou me levando para a comunidade de São Miguel, a gente montou uma oficina de artes lá, desenvolvendo uma série de atividades e desde então eu venho

me aproximando aí desse mundo do crime, né, da violência e tal, mais vulneráveis tipos de situação, e acho que é um pouco por isso que eu me solidarizo.

**Carlos:** Meu nome é Carlos, eu coordeno o Projeto (?) que é um projeto com formação de jovens e... a idéia seria formar jovens de liderança comunitária mas não... a situação (?) a ponto da gente estar tendo que sentar aqui para conversar um pouco sobre tudo isso mas de qualquer maneira a idéia é de que um dia se consiga convencer jovens a transformar o potencial crítico deles numa ação mais afirmativa, mais positiva em prol deles e do grupo que eles fazem parte. Sou cientista social, já estou aqui há um ano e meio no Centro Vida e na realidade gostaria mesmo de falar é que para mim esse grupo tem duas importâncias muito grandes: primeiro não é a profissional, mas seria uma forma (?) faz parte desses projetos quando essas coisas começaram a aparecer (?) até felizmente, porque eu acho que a gente está se aproximando da onde precisa se aproximar, e uma outra que é uma coisa muito pessoal, assim... que tem... talvez... um mês, 20 dias... 9 de agosto a gente estava no Rio de Janeiro, participando de um Encontro, e aí uma situação em que os nossos alunos, enfim, eles morreram... quatro deles... e assim de lá para cá essas coisas têm mobilizado muito o meu dia a dia assim... de vez em quando me pego pensando... me pego sentindo... me pego refletindo sobre isso, e embora em alguns momentos tenha sido muito difícil assim... uma coisa que tem me alegrado é que assim... e por isso que eu acho importante esse grupo é que assim... é a capacidade que você vai começando a desenvolver de tentar perceber as coisas, tentar sentir como que isso surge dentro de uma sociedade... dentro de um espaço... e até dentro de você, todo o imaginário que existe entre... envolvido nisso, né?, ante ser coordenador facilitador... e... eu ouvi algumas histórias... ouvia casos, tinha uma coisa muito assim de nas segundas feiras assim... abrir um espaço para as pessoas falarem sobre seu final de semana, inclusive para que todos pudessem perceber que existia muita coisa acontecendo, né? Então essas coisas... não é a primeira vez que eu ouvi essas coisas... não é a primeira vez... mas assim... no último mês tem sido muito forte esse trabalho e num primeiro momento, assim, ficou muito difícil, então eu acho que... eu espero que este grupo consiga... é... me ajudar a pensar sobre esse ponto, enquanto pessoa mesmo, enquanto ser humano, porque uma coisa que nesses últimos dias eu cheguei à conclusão, é que embora a situação seja muito grave, seja urgente, precise ser feita muito coisa, mas assim, eu acho que talvez precise ser feito muito mais do que talvez a gente já soubesse... talvez a gente precise se aproximar mais das pessoas, e não sei, não quero nem falar o que eu acho, espero descobrir aqui, mas de qualquer maneira, acho que é um pouco isso, que essas coisas tem... tem me mobilizado... acho que até quando eu durmo...

**Osmar:** Meu nome é Osmar, trabalho como orientador comunitário na (???) trabalho há 3... 4 anos na comunidade já, trabalho com... em parceria com

várias entidades, hoje eu dou mais prioridade a alguns projetos, alguns trabalhos de... coordenar (???) no espaço público lá da comunidade, trabalho no projeto do...

*(Fim lado A da fita)*

(...)criminalidade, todo final de semana, todo dia lá ... (???) então acho que um pouco do que eu aprender aqui, um pouco das idéias que eu absorver aqui vai ser bom para que eu leve para os meus companheiros, para os meus guerreiros que estão lá esperando algum auxílio, esperando alguma idéia aparecer, alguma nova proposta, alguma nova opção, então daqui pode sair uma opção para eles, um conselho que eu possa dar para eles, alguma coisa espero levar de bom para eles a partir destes encontros, destes momentos, destas pessoas.

**Emilia:** Onde é que é a (?)

**Osmar:** A (?) fica no Centro de Integração... e um dos locais que é feito, que é executado o projeto PROCVI (?) comunitário, inclusive hoje lá... estava lá... antes de vir embora... (?) estava tendo a inauguração de um posto, um pátio de atendimento ao trabalhador... hoje a (?)... organizou o evento, assim... a (?) é um signo que serviu para receptor o.... fazer recepção assim... pros eventos... entendeu... quer dizer... pelo Conselho do (?) a (?) não teve todo aquele Rap e tal mas mostrou que a (?) não está ali só para apresentar o Rap, a (?) participa do Conselho do (?), a (?) participa de uma Jornada da Cidadania que o (?) faz, com a Secretaria (?) então acho que... eu até... a minha área de atuação dentro do Conselho do (?) é na área de... intervenção na violência... nos direitos humanos... acho que eu, como representante da (?) como um líder comunitário futuramente e agora... essas informações para mim vão ser (?) vão ser essenciais...

**Jorge:** Que bairro que é?

**Osmar:** Jardim São Luis...

**Angola:** Meu nome é Angola, eu moro na Cidade Tiradentes, tenho 27 anos, sou Rapper faço parte de uma (?) chamado Idéias de Rua, que desenvolve trabalhos já há mais de 10 anos naquela região com palestras, (?) com os jogos para o Capão Redondo... Trabalho com o Centro Vida na área de relações comunitárias, bem... eu tenho que dizer que sempre que se trata de falar de mim, né, para mim sempre é difícil, porque me faz voltar muitos anos atrás, na minha infância, na minha adolescência, aonde como muitos aqui, acho que como todos, tivemos muitas dificuldades mas algumas específicas porque meu pai também foi presidiário, durante mais de 10 anos foi presidiário, então falar história de violência, falar de comunidade, falar de mim... é voltar novamente a esse passado, lembrar de coisas que muitas vezes eu não gostaria de estar recordando novamente, aquele cotidiano dos domingos tristes e eu quero poder contribuir o máximo com todo o meu grupo.

**Emilia:** Como é o nome do teu grupo?

**Angola:** Da (?) É Idéias de Rua...

**Isaac:** Bom, meu nome é Isaac, (?) fazendo o projeto (?) para os Direitos Humanos, do qual o Caco faz parte, e... “putz” eu acho muito importante esse espaço para... principalmente pintarem até mais jovens para estar discutindo, para poder (?) tem um pessoal que a gente convidou do C10, Aldo não pode vir, (?) e tem uma menina de lá que está querendo vir também, então... (?) que a Maria também participa do projeto com a gente e eu acho muito legal porque assim... a gente tem que meio que se aproximar mais dessa moçada pra mostrar pra eles que tem jeito de fazer algumas outras coisas, tem alternativas apesar de que é lógico que é complicado falar disso dentro da realidade que eles vivem, mas eu acho legal porque esse tipo de oportunidade de repente eu não tive quando era moleque. Moleque eu ficava na rua, fazia presepada, não tinha essa coisa do projeto perto de casa, não tinha essa de participar de alguma coisa... estava sempre se metendo em encrenca na verdade, e eu acho que... puta, o projeto Centro Vida, essas outras ONGs que têm aparecido é uma porta, uma oportunidade pra essa moçada que também fica às vezes sem ter muita opção de fazer as coisas, ter um espaço pra poder estar colocando as idéias e tudo o mais e... (tenho o maior orgulho?) desses moleques que trabalham com a gente, por isso que eu quero que eles participem para poder estar dando idéias para o pessoal que eles não conhecem .

**Ana:** Meu nome é Ana, tenho 26 anos, apesar de não gostar de falar eu sou advogada, sempre eu falo eu sou advogada mas eu sou legal, né, tenho um pouco de vergonha... é... eu sou diretora de projetos, Centro Vida mas na verdade eu acho que essas coisas todas... é... eu acho que eu tava precisando há algum tempo, conseguir pensar em alguma coisa que eu pudesse ensinar a organizar no centro, que eu sentisse tanto prazer quanto estar me dando poder organizar esses passos. Acho que a gente se envolve num cotidiano aí de... distanciamento dos projetos, né, eu sempre fui uma pessoa que trabalhei muito mais com os projetos, com as pessoas, na... diretamente nos locais aonde a gente atua, outro dia eu estava pensando... faz mais ou menos... 1 mês... que eu acho que não apareço... nos projetos na periferia... quer dizer, é um negócio que para mim é muito maluco, eu nunca fiquei tanto tempo distante das coisas que a gente está realizando... tal, e acho que... ãh... vocês vão ver, eu sou assim meio mãezona, então fico querendo que todo mundo se sintam muito bem... até... (?) o Jorge e a Emília... (?) senão ia ficar não podendo crescer mais uma pessoa no grupo, acho que isso ia muito (...). quais são as coisas que eu penso... que contribuições eu tenho... que dúvidas eu tenho... não ficar nesse lugar que ultimamente eu tenho ficado sempre, que é de coordenação... de enfim... de ter que estar facilitando e dando num processo de quem, né, modera alguma coisa. Então acho que para mim é... é isso assim... eu estou aqui não como nenhuma dessas coisas lá, que na verdade na psicologia a gente

se apresenta, mas acho que como alguém que tem MUITA vontade de... sei lá... de... atuar com as coisas que acredita. Eu tenho muito prazer no que eu faço, eu gosto muito do trabalho no instituto, gosto muito do que eu faço, acho que é isso que o Isaac falou assim, né, que há tanto tempo não dá para falar assim — ai que tesão, olha o projeto que eles realizam... os jovens e tal... eu tenho isso assim, eu gosto muito das pessoas, então... eu... sei lá! na verdade eu estou aqui muito mais como alguém que acredita na possibilidade de que... a violência não seja uma alternativa, né, que a gente possa, puta, brigar prá caramba para transformar as coisas mas de um outro jeito. Eu acredito em um outro jeito, na verdade eu estou aqui muito mais com meu espírito idealista, que foi isso que me movimentou a minha vida inteira, do que qualquer uma dessas outras coisas, é isso...

**Maira:** Sou Maira, também sou coordenadora (?) mulheres (?) Direitos Humanos (?) também não nasci em São Paulo, sou do Interior.. me formei em História, faço mestrado em comunicação, não pretendo estudar muito... quebrando a cabeça, mas (?) (*muito barulho, incompreensível*)

**Caio:** Eu? O meu nome é Caio, eu estou trabalhando no projeto do PROCVI como facilitador (?) na zona sul da cidade, e... trabalho naquela região desde 99, uma pesquisa que eu fiz pela UNICAMP, que tentava entender as representações da violência entre os adolescentes naquela região e as representações da violência na cidade de São Paulo. E o Carlos me convidou para participar desta reunião, por esse trabalho que eu fiz lá na zona sul, e também por estar hoje como facilitador de um grupo... e as implicações... desafios que a violência coloca no cotidiano (?)

**Jorge:** A gente tinha falado de fazer um intervalinho, mas eu acho que vou propor para vocês mudar de idéia, a gente termina às 7 e depois a gente toma um café, a gente pode seguir direto, para não desmobilizar o grupo... e... é importante a gente ver que cada um de nós que está falando aqui, tem uma fala completamente implicada nessa história, né, uma história de vida de um jeito ou de outro, de uma classe social ou de outra, com interesses ou de outro, mas todos muito implicados... todos muito implicados. Eu acho que isso é um negócio muito interessante e é um excelente começo para a gente estar podendo conversar. Eu acho que todo mundo, pelo que eu posso perceber, está vendo, está percebendo a importância desses grupos. Do que pode sair daqui. E a importância que além daquilo que a gente pode produzir conjuntamente, a importância que esse grupo pode ter para a minha vida e para a vida de cada um. Então não só para a vida de cada um, mas também daquilo que a gente vai poder produzir conjuntamente, isso é muito bom, está todo mundo sabendo como é o jogo e que o jogo é de campeonato, aqui não é treino, ninguém veio treinar aqui. Está certo?

— Tem uma coisa que eu queria falar, que é assim... (?) fiquei na dúvida se eu tinha esquecido de falar isso ou não, que é o seguinte, a gente está discutindo uma coisa... eu me apresentei como cientista social, mas eu fiquei meio casadinho assim com a antropologia... e... e nesse sentido para

mim entra muito a coisa...da cultura... no sentido de como as pessoas se vêem naquele espaço... como elas orientam suas práticas, como elas se mantêm nas relações num determinado espaço e tudo o mais e... a pergunta que eu quero colocar para o grupo é essa, se é isso que a gente vai discutir, né...

— Como é? Eu não entendi!

— Se a gente vai estar discutindo um pouco sobre a maneira como as pessoas se vêem dentro daquele espaço... da periferia... como se constrói esse tipo de relação né, onde o grau de tolerância é praticamente zero, onde a arma de fogo é utilizada como um instrumento que faz a mediação entre os conflitos... é... como isso foi crescendo (?) sabe... eu vi uma propaganda na televisão dos candidatos que era um jovem falando que apenas o que ele queria era isso, e aí na hora me lembrei desta reunião e aí fiquei pensando... será só aquilo... que a gente tinha discutido... ah! E ele dizia que o que ele queria era um sapato... que ele queria era poder vestir uma roupa bonita, poder sair com a namorada... na hora achei meio simplista tudo isso... para mim é muito mais uma questão cultural... não só de ter acesso a bens materiais...

**Jorge:** A gente vai poder conversar sobre isso aqui...

— É... também... se a gente quer discutir o simples acesso a bens materiais ou se se está querendo discutir maneiras como de alguma forma as pessoas se organizam, se entendem... se relacionam...

**Jorge:** Bom, se a bola rolar... se cada um vai falando, o que vai passando pela cabeça, sem preconceito e a gente vai botando nas (?)

**Osmar:** Mas também (?) futura né, porque... aonde eu nasci, cresci (?) zona norte de São Paulo, né, Jardim (?) Maria, (?) tipo a questão da cultura (?) da periferia assim (?) na vivência das pessoas, das crianças também que vem crescendo, que tipo assim... aonde eu cresci foi um lugar assim aonde não tinha nenhuma atração cultural, não tinha nenhuma coisa assim que pudesse você se espelhar numa coisa boa, tipo... um esporte... que tivesse uma associação que tivesse... algum lugar assim que ensinasse alguma coisa boa, né, que pudesse te dar um espelho de uma outra forma do que ela já mostrava, né? Assim aonde eu nasci...no fim era muito assim... triste... quando eu fui crescendo eu fui entendendo as coisas assim, era muito forte assim do que já é a violência, né, a droga... então tipo... eu fui crescendo sempre se espelhando na (?) sempre vendo homicídio, sempre vendo comércio de droga... sempre vendo o assalto, sempre vendo a situação diária que de infelizmente é muito fácil você ter acesso a uma arma, né, então isso influencia a cultura porquê? Porque tipo... nos bairros de periferia não tem um lugar aonde os jovens possam aprender uma cultura, uma capoeira, possam aprender um futebol, um basquete... possam praticar uma natação, um teatro, aprender a tocar a manejar algum instrumento, né. Então isso faz parte da cultura né, você cresce tendo uma

cultura, tendo uma visão diferente do que é mostrado, que é o lado ruim né, porque sempre... eu acho que sempre é mostrado assim bate bem forte o lado ruim, prá você achar uma coisa boa dentro do ruim é difícil, né! Mas sempre tem! Dentro da coisa ruim, se você procurar, e dá prá procurar, você vai ver que tem alguma coisa boa ali que dá prá você tirar dela, dá prá você colocar em andamento aquela coisa boa. Então acho que a cultura assim falta muito ainda assim nos lugar que... nesses quintal (?) assim de periferia (??) e em outros lugar que eu ando, que eu vou assim, eu vejo que é muito fraco assim, não tem um centro cultural... não tem uma atração boa, uma coisa que os jovens possam se espelhar, crescer uma mente... vai prá frente, né, com uma evolução para o bem, não para o mal. Ter um tênis bom, ter a roupa, sair com a mina, ter o carango, a moto... é diferente porque mesmo que vá a cultura, eu, jovem, assim, falando em nome de alguns jovens que tá lá, em algum bar, que agora choveu, a rua tá cheia de lama, então você vai para o bar ou para o flipperama, ou vai lá prá...(?) então, se chegou a cultura, agora, para mim, para ele, para o Mário, para o Ri, a gente não vai dar tanto valor porque agora a gente não quer mais a cultura, agora a gente quer um tênis, a gente quer uma roupa, a gente quer ter uma namorada, a gente quer sair, entendeu? A gente... quem vai oferecer essa cultura, devia oferecer desde as crianças devia dar assistência desde as criança porque agora... ah, vamos fazer um projeto de cultura, disso, disso, daquilo... (?) com os jovens... poucos jovens ele vai querer continuar entretido naquilo ali, porque não vai ser uma mulher que vai dar estabilidade para ele aqui né, por exemplo, vai dar uma aula... não vai ter como se sustentar só participando daquele projeto. Ele vai ganhar conhecimento, ele vai pegar várias influências no meio, só que nem todos conseguem ser... ter uma atividade remunerada depois que passou por isso. Hoje a gente vê, vai ter um projeto lá... o pessoal quer participar de alguma coisa só que... ah, vai ter algum peso no meu currículo? Ah não... ah então eu não vou ficar perdendo meu tempo aí... ele prefere perder o tempo lá na rua, prefere perder o tempo no bar, ou na casa dele, prefere perder o tempo aonde for e... foi até... hoje eu até falei isso porque hoje foi a inauguração desse pátio, hoje o Secretário da Cultura foi lá, não sei se foi o cara que vai tomar posse... ou o novo ou o que já é...

**Jorge:** Municipal ou Estadual?

**Osmar:** Estadual. Ele foi lá, porque a partir de hoje também começou um projeto de cultura lá no CI faz uma semana. Só que hoje ele foi lá falar, foi inaugurar o pátio...

**Jorge:** CI o que é?

**Osmar:** Centro de Integração. Então ele foi lá inaugurar, de modo que agora tem cultura e tal, e eu antes de sair, eu peguei lá e falei no microfone e falei que não é agora que a cultura está chegando não, a cultura já está lá prá quem quer já faz algum tempo, entendeu, tem a cultura hip hop já tem a capoeira que a gente... nós levamos para lá, já tem o cine clube, que o

pessoal pode estar indo lá assistir um filme, teve alguma atividade pelos jovens, não são todos, não são a maioria, são alguns jovens da comunidade que proporcionou algum momento de cultura, algum momento de lazer para os pais, para os filhos, para os irmãos, para quem estava ali, entendeu, só que acabou aquele momento de cultura, é a realidade que você vai viver ali fora... você não pode (?) de lá porque está tendo briga lá na quebrada, então eu não posso ficar indo prá lá, se o meu amigo que mora lá, na outra estrada, depois do show vamos lá em casa lá, vai ter um... não é jantar...(?) prá ninguém, tem cultura, tem tudo, mas a preocupação dele ainda prevalece, a preocupação com a violência, a preocupação aonde ir, com quem andar, ainda prevalece, e você nunca sabe o que pode acontecer. Então ou o cara (?) trabalhando, fazer um curso profissionalizante, sabendo que já vai arrumar emprego, que é difícil, ou então ele está bem assim ... que é acomodado. Então, o que que ele quer? Ou ele quer um curso profissionalizante que vai fazer ele arrumar um emprego, ou ele quer ficar um pouco acomodado e ver como é que (?). Então a cultura vai fazer muito sentido, vai influenciar muito mais ele tem que vir desde as crianças, influenciando aquelas crianças para que futuramente elas não precisem ficar nesse jogo. Eu não quero mais cultura. Agora eu quero roupa, quero tênis, quero sair... eu acho que é isso.

**Angola:** Até encima do que você está falando assim, eu tive uma experiência de dois contrastes, né? Até os 21 anos, eu nasci, né, e morei até os 21 anos num bairro considerado meio classe média, assim, Vila Prudente, próximo Jardim Avelino, ali, uma região considerada classe média. E aí lá era uma região que... enquanto eu vivi lá, sempre tinha... não tinha na periferia aquela informação, quer dizer, sempre estudei em colégio público mas (?) você sempre tinha um emprego legal, você sempre tinha informação chegando, sempre tinha coisa rolando, você tinha Centro de Esportes da Prefeitura, que funcionava, você tinha acesso à informática, você tinha acesso a uma série de coisas que não tinha na periferia. E aí com 21 anos eu mudei para Tiradentes, e aí comecei a sentir um pouco da dificuldade do que é realmente ser um jovem da periferia, né. Aí quando eu mudei para lá, quer dizer, eu fazia dois SENAI, trabalhava, aí então estudava em duas escolas, trabalhava, fazia nos finais de semana uma série de coisas, daí começou as primeiras dificuldades, a questão da distância, entendeu, porque demorava 20 minutos para poder chegar até o centro, para depois você levar uma hora e meia, duas horas, para chegar no centro. Quer dizer, nisso já caiu o primeiro curso, né, foi ficando no meio do caminho, aí com o passar do tempo, caiu o segundo curso, fiquei só com o trabalho, porque não dava para poder sair tão cedo de casa, chegar em casa a uma hora da manhã, para acordar às 5 e continuar com a rotina. E aí... a questão da informática também acabou, porque você não tinha acesso à informática, não tinha acesso à Internet como tinha no bairro onde eu morava. Mas mesmo assim, pelo fato de ter vindo de um outro bairro...

**Emilia:** Como você se sentia vendo essas coisas acontecendo... como é que você se sentia, o que passava por dentro de ti, assim... o que você sentia?

**Angola:** É então, era assim, quando eu morava nesse primeiro bairro, eu tinha toda uma idéia de planejamento de vida para os próximos 10 anos, né... Depois que eu mudei e comecei a ter as primeiras perdas, né, a partir do momento que comecei a morar em Tiradentes, eu comecei já a não ter mais um planejamento de 10 anos, comecei já a ficar preocupado com o que eu ia ter para comer, ou como é que eu ia sobreviver daqui a uma semana, tipo... planejamento já não era mais de 10 anos, era de 7 dias, tipo... daqui a 7 dias será que eu vou estar bem, será que eu não vou estar, porque também tinha que conviver com coisas do tipo toque de recolher, guerra de quadrilha, você não pode andar na rua tal, quem é da rua x não pode entrar na rua y, você não pode subir no bairro vizinho porque você é de outro bairro também (?) problema... você de repente era (?) escola de má qualidade, então tudo aquilo que eu tinha colocado como meta, perspectiva, planejamento, eu comecei a sentir... comecei a ter aquela perspectiva de que eu não conseguia construir mais nada estando na cidade de Tiradentes. Então como forma de tentar buscar, de não me sentir totalmente perdido, eu comecei a freqüentar mais a zona sul, morava na cidade Tiradentes mas comecei a freqüentar mais o Capão do que eu freqüentava uns anos antes, porque sempre na zona sul senti que a oportunidade dos jovens sempre foi maior do que na zona leste. Porque tudo o que surgisse de trabalho social, organização, criatividade do governo, tudo caía para onde? Para a zona sul, né, por conta daquele estigma da periferia, de que é um lugar violento e tal, sendo que a violência na periferia é uniforme, né, mas focava (?) para lá. Aí eu comecei a sentir, a voltar a sonhar a ter perspectiva de novo, estando na zona sul, estando no Capão Redondo, conhecendo outras pessoas que também trabalhavam com transformação através de uma rede juvenil que tinha naquela região do Capão Redondo... mas ao mesmo tempo triste por não poder contribuir com a minha comunidade, triste por não poder naquele momento estar ajudando os jovens que dividiam espaço comigo lá na cidade Tiradentes, por ver aqueles jovens todos derrubados, sem opção de lazer, sem opção de participação, sem opção de informação... isso sempre me deixou muito agoniado, né, hoje eu moro... continuo morando na cidade de Tiradentes mas em outro bairro, um pouco mais... mais pobre do que onde eu morava, porque antes eu morava na Cohab e hoje eu moro numa parte mais pobre ainda, na cidade Tiradentes, onde a situação é mais triste ainda do que onde era antes, né, porque aí você tem uma série de problemas de infra estrutura na região...você tem, assim... jovens que continuam sem perspectiva, nos últimos dois anos vem tendo uma guerra de quadrilha muito forte, ali onde eu moro, a dois quarteirões do meu bairro, num prazo de 8 meses morreram 12 pessoas, assim em 4 ruas, assassinadas, (?) não escolhiam horário, se é de noite, se é de dia... aí você conviver com isso, você não poder falar sobre o assunto na rua, você conviver com a questão

do medo, também você tem que ter atitude, né, de se relacionar com as pessoas, para que você tenha o que se busca muito, essa questão do respeito, né, você pode buscar de duas maneiras, através da posição, da postura que você tem dentro da comunidade, junto aos jovens, e aí assim, da maneira como você interage com cada um, na conversa, no modo de ser, naquilo que você pensa, naquilo que você realmente tem e a outra que muitas vezes você acaba seguindo na forçada, por conta de “n” fatores, fatores externos que muitas vezes não tem como você controlar, meio que de instinto e aí vence essa balança, (?) dois lados respeito.

**Jorge:** Você está falando, e está me vindo duas coisas, né, além de você estar descrevendo, eu acho que muito bem, a situação, e está me vindo duas coisas que você está fazendo muito bem, que imagino que sejam também situações muito significativas para as outras pessoas, eu acho que uma situação que você traz, que é muito importante, interessante, que numa mudança de um bairro para o outro, você foi perdendo a possibilidade de construir um projeto, enquanto você pensava em anos, você começou a pensar em semanas, em dias, e como é que isso foi acontecendo, como você foi perdendo a possibilidade de construir um projeto. Eu acho que uma outra coisa que você colocou, como a gente está falando da violência também, é a questão do respeito, né, como é que você se vira, diante de uma situação de tanta violência, como você descrevia com todas essas mortes, como é que você se vira, como é que você navega nesse universo, como é que você navega nessa rua, como é que você navega nessa quebrada, de tal maneira que você imponha respeito. Como é que você se vira diante disso. Ou eu imponho respeito ou eu tenho que fazer alguma outra coisa, né, acho que são situações importantes, você impor respeito porque você tem moral... ou você vai impor respeito porque você tem uma arma... é possível que essas questões que você traz, possivelmente tem muito a ver com uma experiência que as pessoas daqui, estejam elas diretamente inseridas na periferia, estejam elas entre o pessoal que não está na periferia, né...

— (?)

**Jorge:** Sim, mas eu só estou colocando, fazendo uma pontuação, uma marcação do que você falou, sequer estou dirigindo a conversa, quer dizer, cada um foi associando com alguma coisa, né...

**Emilia:** Você vai todo dia da Cidade Tiradentes para o Capão?

**Angola:** Não, no Capão, atualmente mais quando tem alguma reunião ou a trabalhos do meu grupo (???) então eu vou semanalmente para o Capão...

— Que é longe prá burro, né?

**Angola:** Quando eu vou de metrô prá lá vai um pouco mais rápido, né, umas 3 horas de transporte, né.

**Mario:** Essas coisas são muito malucas, né, quando eu ia lá encontrar o André, que eu moro na Pompéia, eu ia para Suzano,

*(Fim da fita)*

**Angola:** No início o trabalho lá no Capão foi muito difícil... por mais (???) ser um bairro meio classe média, o fato de eu chegar de Capão, durante uns dois anos tinha aquele ar de desconfiança. Qual que é a desse maluco aqui na quebrada? *(risos)* Se eu era de outra quebrada, (?) é, não, porque é assim: talvez se eu fosse para a cidade de Tiradentes naquela época, não teria essa divisão, (?) Vila Prudente, era um bairro que tinha estrutura, tinha uma série de benefícios, né, para cada comunidade, a hora que eu cheguei no Capão, meu, fiquei dois anos sem conseguir conquistar a confiança realmente e o respeito das pessoas dentro daquele espaço, demorou um pouco, né, precisei trabalhar a questão... trabalhar a idéia... a gente tem que saber qual que é a sua, então foi durante dois anos indo todo final de semana para poder trocar idéia, trabalhar atividades, trabalhar com (?) vendo a disposição que eu tinha para poder trabalhar naquele espaço, depois de um grande tempo eu consegui conquistar a confiança dos meus amigos que hoje moram no Capão. Esse monte desses amigos que hoje estão presos, outros morreram, nesse período de 10 anos trabalhando no Capão, mas... esse trabalho demorou um pouco para ser conquistado, assim... não foi tão fácil assim...

— Um projeto nesses moldes lá, na cidade de Capão, a grande dificuldade é o que? não ter o espaço...

**Angola:** Então, na realidade a proposta é tipo, levar o trabalho da (?) né, e o trabalho que fazemos no Capão para outras regiões que também, além de mim que era de (?) tinha outras pessoas que também eram de outras regiões, a proposta era criar uma raiz da (?) forte, né, fazer uma (?) para depois multiplicar isso para outras regiões, para outras quebradas... na época, na cidade de Tiradentes eu tinha parentes que moravam lá... e a gente tinha idéia de levar para lá, também tinha a idéia de levar para outras regiões, mas esse papo foi desse período... aí o lance tipo desemprego, violência social, então uns camaradas vão presos, outros camaradas morrem, outros camaradas... tipo aí vem a calhar a gravidez, tipo na adolescência, indesejada, as garotas da (?) foram saindo... os caras tipo... outros acabaram tipo viciando na droga... quer dizer, de um mundo sem tanta droga acabou (?) de dez. Talvez o trabalho que está assim ficando tipo cada vez mais começou a ter uma redução brusca mesmo, num processo de três anos teve uma redução muito brusca de trabalho... né... por conta de vários fatores, e eu ainda consegui multiplicar isso para a minha comunidade, e para outras pessoas que faziam parte de outros lugares, como Taboão da Serra... Embu das Artes... que não puderam (?) trabalho (?). Hoje em dia a (?) se resume em 7 pessoas, tá, são três grupos de Rap, cada um trabalhando individualmente, mas com o nome da (?), mas cada qual numa região de São Paulo, até eu que trabalho (?) eu trabalho com

carro no Capão, tem outras pessoas que trabalham em Heliópolis, tem outras que fazem um trabalho lá no Morro Velho, mas são 7 pessoas hoje (?).

**Ana:** Uma coisa que eu estava pensando, também, seguindo a associação de idéias do Osmar, né, como algo muito semelhante ao caso que eu tinha falado, do distanciamento (?) tem essa questão da contradição, né, ou o cara quer o primeiro estágio para ter o primeiro emprego ou então ele se acomoda, de um jeito que fica contraditório, né, como é que é isso, como lidar com a violência, e ao mesmo tempo com a iniciativa (?) de participar de determinado grupo. Como lidar com a violência interna desse próprio grupo e com o investimento que se faz; como lidar com o cara que quer ao mesmo tempo uma chance para ter um estágio, para ter um emprego, mas que se não é isso, se não é o que ele quer, não é o que pode propor, estar propondo, entendeu, acho que essas diferenças, essas contradições que vocês estão lidando no dia-a-dia, é que faz com que a tolerância também vá se esgotando. Eu estava falando da distância e da falta da dimensão, da perspectiva, eu ia pensando que com a distância a tolerância também ia se acabando, né, quer dizer, tudo o que a gente tolera mais, e vai, e quer investir mais, quanto mais difícil vai desgastando o fio, né, a distância também desgasta, cansa, dificulta... talvez pudesse pensar a distância como a questão da tolerância, entendeu, a gente também vai enchendo o saco, né, muitas vezes de investir, as pessoas desistem, ou o conflito interno aparece no grupo e aí a gente desanima... quer dizer, como é que é também, acho que é uma coisa importante para dizer, que todas as coisas que vocês falaram estavam me dizendo assim... bom... de lutar contra a maré, né, quando eu era criança, o Caco falava, não tinha nenhum investimento, agora que tem algum eu já sou grande, quer dizer, sou eu que tenho que transmitir isso, já passei por isso, e bom, tem que achar que é isso e fim, ajudar os outros, né, quer dizer, como é que é estar nessa contradição, lutando contra a maré, e nessa contradição acho que um pouco para a gente poder ver como é que agente avança...

— Deixe eu falar uma coisa... tem um sentimento também, na imagem de quem... nessas coisas que a gente lida, que é... acho que é muito difícil também, você nunca sabe para que lado ir, assim, quando a gente vai conversar com um determinado grupo, em geral, quando a gente vai encontrar com alguns políticos, (?) a gente fica tentando mostrar como... nossa! São Paulo, uma cidade violenta assim... mas (?) ou se envolvem na periferia, são os jovens, (?) as pessoas não morrem em Pinheiros, né, isso é exceção, por outro lado, onde se (?) é em Pinheiros, não é no Jardim Ângela, então a gente fica tentando um pouco conversar sobre isso, até para justificar que os investimentos devem ser feitos, se você tiver.. você pode decidir se está mais preocupado com a vida ou com o patrimônio, mas se você é mais preocupado com a vida das pessoas, o investimento tem que ser feito nas periferias porque é lá que as pessoas estão morrendo e tal, a gente sempre fica tentando chamar a atenção para todos esses

lugares que são mais violentos, como o (?) é mais problemático e tal, por outro lado, a coisa da contradição, a gente sempre fica tentando, e eu falava isso com o (?)... tentando chamar a atenção de, pôxa, não é... e a gente ouve isso, e ouve outras coisas naturalmente, é muito maluco, né, e como assim — ah...mas as pessoas falam assim, mas a gente não quer falar que a gente mora no Jardim Ângela quando vai fazer uma ficha de emprego, porque aí acham que a gente é ladrão, e é um absurdo, porque no Jardim Ângela não é tão de ladrão, não é tão de (?) ... então a gente fica horas querendo falar que nossa, é violento e é importante não banalizar porque é mesmo, é muito sério o número de mortes que acontecem nesses lugares, não dá para achar que é normal, são números de mortos de guerra, né, não é assim, ôpa, é normal... não é! Tem que ficar indignado, tem que achar um absurdo e tal. Por outro lado é isso também, tem muita gente que pôrra! está até convivendo assim com todas essas histórias e tocando de um outro jeito, que se envolve sim, em projeto cultural, ou que não se envolve...enfim, acho que tem isso, são as contradições, né, um lado e outro, eu perguntava isso para o (?) outro dia, falava pôrra (?) quantas pessoas lá na sua comunidade se envolveram ou não se envolveram com o crime, quer dizer, para a gente pensar pelo menos em mudar esse contexto, então quer dizer, tem contradições, e aí também, nisso às vezes parece que então você vai falar, que se você for então um bom caráter, você... daí cai também nessa coisa que a gente não acha que é legal entendeu, porque a gente vê diversidade acho que em todos os grupos, a gente vê, sei lá, pessoas... né... não é todo mundo que estudou comigo, na minha escola... sei lá não sei nem se estudou, na minha casa, você pensa, eu tenho irmão que vai por um caminho, tem outro que vai por outro e gosta de uma coisa, gosta de outra... quer dizer é difícil um pouco... identificar... (?) dizer que o problema é da pessoa porque é também não é possível que a gente olhe nos lugares onde tem mais exclusão, onde tem menos espaço cultura, menos escolas legais...menos...que nesses lugares que aconteçam mais isso... é claro que tem a ver também com essa coisa social, mas também tem a ver com as pessoas... então acho que fica às vezes... e aí a gente... fico assim num sentimento muito confuso mesmo, é tão angustiante... é angustiante a hora que acontece uma história dessas nos projetos, eu e o Carlos a gente só faltou chorar, que era um negócio assim... caralho! acho que a gente está fazendo tudo errado, uma puta de uma vontade da gente conseguir fazer uma coisa legal... de trabalhar, tal, e a gente fala, meu, é... que aí a gente resolveu investir numa coisa que... são as histórias públicas, os grupos juvenis, os espaços de cultura, os espaços de lazer, e de repente você vê tudo isso e às vezes você não dá conta... acontecem umas histórias num mês, você fica super angustiada, será que a gente está olhando errado para o problema, como é que se cuida dessa contradição... você vai mais para um lado, vai mais para o outro... trabalha mais... sei lá, com as pessoas... ou mais com projetos sociais, coletivos, então eu acho que é também bem angustiante para todo mundo

porque é também conforme o que a gente quer conversar... se a gente usa um discurso, será que a gente quer valorizar a violência, tem hora que a gente quer valorizar o que acontece, que é legal, positivo, porque tem as duas coisas mesmo, né!

**Jorge:** Deixa eu fazer uma colocação... interessante essa contradição que você aponta... eu queria dizer que nesse grupo aqui, a contradição TEM que ter lugar. Tem que ter um lugar. A contradição tem que ter um lugar. Quer dizer, não tem problema ter contradição, tem que ter lugar. Então, não se preocupem com isso. Uma outra coisa, ainda quanto à dinâmica do grupo e da contradição, é muito interessante também o que (?) apontou, que se a gente... que é uma situação... ele estava falando lá de fora mas ele estava falando deste grupo também, do meu ponto de vista. Então ele dizia o seguinte: quando ele foi de Vila Prudente para cidade Tiradentes, ele teve, ele fez uma passagem, e para ele ser recebido na cidade Tiradentes ou lá no Jardim Ângela, ele teve que provar determinadas coisas, ele teve de passar por uma situação onde ele pudesse obter confiança das pessoas. Vocês vejam, nesse grupo aqui, pode ou não se dar a mesma situação, porque aqui nós temos pessoas de classes sociais diferentes, nós temos pessoas de inserções sociais muito diferentes, né, então se você traz isso para cá, você está trazendo uma situação do grupo também, da dinâmica grupal, porque é assim, o pessoal que está mais no... dentro da... está ligando, está morando na periferia, como é que o pessoal vê, o pessoal que não está morando na periferia, como é que o pessoal vê, os intelectuais aqui presentes, ou as pessoas que são de... como é... isso é muito interessante que você trouxe, como é que o outro pessoal, que mora aqui, vê o pessoal da periferia, e como é que o pessoal vê... enfim, isso que ele trouxe, né, exatamente desse encontro, desencontro que é a contradição, ao mesmo tempo quer o desafio que esse grupo tem, que é um desafio maravilhoso, vocês vejam, quer dizer, você não têm dois anos, nós não temos dois anos aqui, nós vamos ter que vencer esse desafio com muito mais rapidez, até o final de dezembro e muito antes disso... [???] sim, tempo, né, para vencer. Nós estamos nisso aqui presentes (?), tanto é que vocês percebam que o pessoal, é um diálogo muito cuidadoso, muito interessante, e ao mesmo tempo, como é que esse mundo da contradição de classe social, esse mundo da contradição da cultura, esse mundo todo da contradição da experiência de vida... como é que tudo isso pode estar cabendo neste grupo? Isso é uma coisa maravilhosa que este grupo pode fazer, que se tenha um diálogo absolutamente, ou cada vez mais aberto sobre isso.

**Clara:** Foi bom você falar isso porque eu estou tentando isso o tempo todo. Desde que começou... gente eu não sou (?) mas eu não deixo de me ver (?), não deixo de achar que eu quero fazer alguma diferença, eu quero... não tipo eu, pessoa física dê minha nota, (?) não é isso, mas é uma coisa muito de... não é uma coisa de... exatamente... coisa de olha... essa coisa meio... não é por aí... é porque me dói, é porque eu olho e até justamente por eu ter tido

uma outra realidade, completamente diferente, todas as oportunidades que faltaram eu tive, é... todos os acessos que foram negados para os outros eu também tive... ãh... e o meu primeiro contato, na verdade, com uma pobreza extrema, foi quando eu comecei a fazer (?) na faculdade e eu fui fazer uma entrevista com o Terso... e aquela coisa de... no momento em que eu entrei ali, eu olhei... falei... mudou! Porque é impossível você conviver com aquilo, e eu estou vivendo com essa contradição desde que o grupo começou e está todo mundo falando, porque é um momento que já não é do cotidiano e nunca quando eu chego para querer trabalhar e eu acho que vocês vão ter uma visão muito importante de como as pessoas que estão (?), pessoas como eu, que não sou de lá e eu sei que rola uma puta desconfiança, uma mulher diferente, a fala que vai ter comigo vai ser muito diferente com a pessoa que é da comunidade... mas é uma coisa assim... que eu vivo essa angústia, que eu gosto da minha casa, e essas pessoas com as quais eu convivo assim... óbvio que o meu ciclo de amigos eles vão se tornando cada vez mais parecidos comigo, então a pessoa que consegue um convívio mais próximo elas estão também fazendo coisas diferentes (?) também buscando essa coisa de tentar achar ou melhorar, construindo alguma coisa. Mas (?) trabalha num banco na Paulista, meu pai... você entende? É uma... é uma... isso geralmente me dá uma certa... e eu vou querer colocar isso como alguma coisa de... puxa... eu não sei... no fundo é assim... eu não queria... acho... no fundo é assim, acho que uma questão que no fundo fica batendo na minha cabeça o tempo todo, que é, eu acho que existe aqui dentro deste grupo uma puta colaboração (?cobrança?) sim, eu acho que a gente vive em realidades tão diferentes, sim,... eu acho que assim, uma coisa que eu queria deixar meio clara, (?) trabalho coletivo, quando eu chego em algum lugar, quando eu pego minhas coisas ... trabalho ainda muito em pesquisa... ainda faço (?) final de semana... é de que se pelo menos uma pessoa como eu (?) eu não quero chegar e falar para pessoas que estão... por exemplo, tenho uma entrevista (?) no Chico Mendes, então vou entrevistar lá as meninas, vou conversar... a realidade delas é diferente da minha, tudo rola diferente, mas o que eu queria na verdade, depois dessa entrevista, é começar a pensar e desenvolver coisas, nisso eu acredito que eu luto pela vida, estava falando com o Arnaldo outro dia numa oportunidade mais informal, de... eu acho muito mais revolucionário, por mais que a gente tenha problemas, por mais que as coisas não sejam iguais, eu acho que quando você pega um grupo de classe média, porque eu sei que quando a gente chega (?) Centro Vida ainda vem essa imagem de grupo de classe média que está chegando aí... mas eu acho meio revolucionário e muito legal de conviver até com as pessoas que eu convivi no colégio, que não estão muito aí, que não estão se lixando, (?) dentro da minha casa, de querer quando eu chego para fazer um trabalho, quando eu chego para pensar junto, é isso, para pensar junto, é prá... entendeu, não é... então eu sou da Universidade de São Paulo, (?) e aí vão chegar e eu vou... entendeu, é uma de vez em quando

muito doída e difícil prá mim também, muito contraditória porque eu sei que a realidade não é minha. Eu volto para a minha casa, o meu prédio tem grade, eu sei que não faço parte da realidade do outro, você entende, mas é uma angústia que eu vivo, e é difícil... e de vez em quando eu sinto dificuldade de chegar nas pessoas com as quais eu trabalho, nos bairros que já me (?) e eu sei que vão conduzir uma fala contrária, né, mas me (?) quando me olham porque está na cara que eu não sou dali, é... enfim, de chegar de um jeito de (?). Posso não estar aqui mas me dói, me dói porque me incomoda saber que até por um contraste de tudo o que eu tive, saber que é uma realidade completamente diferente, é muito doído também. Eu olhar e falar... puta, sabe... tudo o que eu tive, toda a realidade que eu vivi, todas as coisas são muito diferentes, eu aí que me dói mesmo, essa ausência, a fala dele é muito clara quando ele fala (?) cortiço, periferia, (?) e essa coisa do distanciamento e a criação de uma maior atividade até para poder sonhar e atuar, quando você está se distanciando em tudo. Do centro para a periferia, além da questão da violência, acho que essa questão é uma questão também...(?)

**Jorge:** São quinze para as sete... (muitos falando ao mesmo tempo)

**Osmar:** É tipo assim, né, porque ele perguntou assim como assim a periferia assim vê as outras cidades assim... tipo eu vejo assim até como um modo não como a periferia vendo as outras cidades e sim as outras cidades a alta a média, assim vendo a periferia, que é tipo um cara tá com um Astra, tá com um carro novo, vai chegar lá no meu bairro. O cara fala não, aqui só tem ladrão, vou fechar o vidro, isso, isso e aquilo. Mas tipo assim, no meu bairro assim que eu vivi assim eu sempre tenho respeito, sempre tem respeito, não vai falar que não vai ter um respeito porque vai, o que não tem assim na periferia assim com as outras classes assim é uma confiança. Eu respeito, tipo assim, vai lá um cara de uma... de uma... do Morumbi. Vai lá na minha área, vai pedir uma informação. Eu vou respeitar ele, mas jamais vou dar confiança prá ele, jamais vou confiar nele. Tipo... é uma coisa que... uma coisa gera a outra, tipo essa falta de confiança gera a violência. Que é tipo...tem uma turma de... de colega, o cara pode até... eu respeito o (?) aí eu entro em atrito com ele, aí resolve trocar uma idéia só que eu não vou confiar nele, o que ele vai fazer depois, né. Não vou ter uma confiança com ele. Que tipo eu acho que... o respeito num tá faltando, que nem ele falou que demorou assim para ele conseguir assim, eu acho que, eu acho que o máximo assim que ele demorou foi conseguir uma confiança, porque jamais ele vai num bairro diferente, alguém já vai atacar 10 pedras, atacar nele porque ele é diferente, né meu! Os cara vai saber primeiro o que ele tem, o que ele veio fazer naquele bairro vai saber a origem dele, pra depois saber se vai atacar as pedras ou se não vai.

**Emilia:** Acho que você está colocando uma outra idéia, acho que a questão da confiança... muito bem colocada.

**Pedro:** Tem que respeitar, posso chegar, bom dia, sem conhecer, eu entrei aqui... cumprimentei ela... espero cumprimentar ele também, vou estar respeitando uma pessoa que... respeito eu acho que tem em tudo quanto é lugar. Mesmo nessa falta de cultura, porque tem, que nem ele falou assim, o cara quer um tênis, quer um rádio, sei lá, mas se ele tivesse uma cultura assim ele ia perceber que ele pode ter mais do que isso, ele não precisa ter só um tênis, que ele pode ter uma casa, ele pode ter uma família, ele pode ter um filho, ele pode ter um futuro, né meu, porque isso aí é a falta de cultura eu acho que gera isso, porque o cara não vai ter um estudo, o cara não vai saber que... se ele trabalhar ele pode entrar no dinheiro, ele sabe fazer uma conta, prá ele falar, se eu juntar tanto, nós vamos fazer isso, se ele tem uma cultura melhor, eu acho que...uma coisa gera a outra, se caso a violência que nem essa... tipo não gosto muito assim de tá comentando, que nem ele falou que faz um mês e pouco (?) que aconteceu essa... violência...que nem... por falta de confiança... (?) mas... sei lá, pela vida.. e é isso aí... mas por falta de confiança nós acabou tipo matando uma pessoa, tirando a vida de uma pessoa que nós conhecia, nós respeitava mas não confiava. Que nós não sabia tipo o depois. Se ele ia chegar e ia cobrar prá nós tipo... eu acho que o que gera mais violência é isso aí, a falta de confiança...

**Osmar:** E voltando ao que você falou, falar assim da roupa, o cara quer um tênis, uma coisa, eu acho assim que... que é assim (?) tem um grupo de reggae (?) e tipo... tem (?) que eu canto, (?) que fala um pouco dessa parada de marca, que tipo não tá nem assim, os homens, o pessoal da periferia assim sabe, abraça muito esse marketing de que sabe... um Nike, um Reebok, uma calça de marca, que tem uma marca forte, vale mais do que tipo... vamos supor havaianas e um Rider, tá... Não é porque um Rider ali, às vezes tipo... ele trabalha prá depois gastar 200 reais... Ele gastou aquele mês inteirinho, mano, ele vai lá pega aqueles 200 reais, e dá num par de tênis em vez de ajudar a mãe... (?) em vez de comprar um (?) só prá ele, não vou comprar um mais barato, vou dar um para o meu irmão também... ou então vice-versa, ou então... que eu acho assim, né, eu acho que a cultura ia valer mais né, o conhecimento prá ele do que o boot da hora, que ele quer mesmo aquele boot, né, que às vezes não pode nem ter... mas que ele quer mesmo... tá, eu acho que o que ele vai ter, o que ele vai aprender de bom, vai servir muito mais ali prá frente, porque aquele tênis vai acabar...

**Jorge:** Mas será que isso que você está colocando, de alguma maneira não está muito ligado ao que a gente está conversando aqui, ele está dizendo o seguinte: que uma das, que a questão não é o respeito, que a questão é a confiança, e que a confiança, como ele está dizendo, gera a violência extrema, a ausência de confiança, né, e é muito interessante, porque você traz a questão do tênis, por exemplo, e é como se não houvesse confiança em mais nada, então você tem o tênis, ou você tem... são coisas muito imediatas, fora do projeto de vida, né, e parece que o tecido da confiança

não é só aquele das classes presentes no grupo, da gente estar trabalhando, estar podendo falar, depois vocês vejam que foi muito interessante, na medida em que a gente pôde falar, essa questão (?) fatores sociais, classes sociais aqui no grupo, e a questão da confiança, que você tão bem falou, foi um momento onde vocês dois puderam dizer, que mataram uma pessoa, quer dizer, quando você diz... olha a gente matou uma pessoa, porque não havia confiança, na verdade vocês estão dando confiança ao grupo, né, estão confiando no grupo para poder trazer uma situação como essa. Por isso que eu digo, é uma contradição...

**Pedro:** Eu acho que é uma confiança, mas mais prá desconfiança... (risos). Eu falei um caso... só que é tipo... eu não dei detalhes...porque se eu for dar detalhes aqui, aí eu acho que aí eu vou tá confiando demais. Eu falei o caso mas não expliquei o caso... seria tipo... uma contradição minha também, porque eu acho que... você tem que ter um limite pra você confiar numa pessoa, se eu conheço... vamos supor, tô conhecendo você há uma hora, não vou poder contar minha vida todinha, porque te conheci agora... (riso) tem que ter uma confiança, que eu acho que é uma coisa que gera tempo...

**Emilia:** Mas tem uma porta... tem uma porta que essa confiança pode te dar o direito de entrar no grupo... essa situação tem uma porta, tipo... joguei o anzol, vamos ver se vai ter peixe nesse rio aqui, quer dizer eu acho que também isso é importante... Que caminhos se tem prá poder, digamos...angariar essas confianças, quer dizer, se existe tão pouco, se o tênis fica ponto temático, eu não confio em mais ninguém mas então eu vou cada vez mais incorporar emblemas em mim, então o tema de sucesso, é o tênis é Reebok, porque aí eu mostro prá todo mundo que eu me basto, e aí eu não preciso mais de ninguém. E agora como é que a gente joga essa isca da confiança, vamos ver se aquele cara é... como é que isso se dá nas relações cotidianas (?) como se prepara essa situação ou em outros lugares, como é que... há uma sensação de estética(?), quer dizer, (?) olha, meu, tive que passar por um certo ritual para ser aceito, como foi bem colocado, não no respeito mas na confiança, mas tipo fui batizado no sentido de... tive um ritual a atravessar... como são esses rituais, como a gente estabelece essa confiança com os outros, ou não... ou como é que a gente rompe...enfim...

**João:** É uma tentativa assim de... você saber a origem da pessoa, que nem o Angola, ele era novo assim no lugar assim, aí ele chega e já começa a se enturmar com as pessoas. As pessoas não vai dar muita intimidade prá ele, mas com certeza vão perguntar de onde você veio... o que você faz, você trabalha no que... com certeza as pessoa vai chegar em você, vai te conhecer hoje, vai chegar no Angola vai falar então, você morava aonde? O que que você fazia? Vai procurando conhecer, vai pescando a idéia dele, prá ver o que que ele tem prá falar, com certeza se ele for um cara falativo, da onde você veio, o que você fazia lá, aí você pergunta algo a mais, só vai pescando a idéia dele, aí vai conhecendo a pessoa, tipo vai conhecendo

ele, vai querer saber da vida dele, só que não vai contar da dela prá ele. É tipo... com o tempo assim ele vai ter curiosidade, perguntar, né, coisas sobre o bairro, sobre as pessoas que moram lá, aí um vai conhecendo o outro assim, só que naquela, dele falar da vida dele e a outra pessoa naquela também, né, aí quanto o tempo que vai prá ter aquela coletividade, vai tá tendo uma amizade assim.. com o tempo uma confiança vem...

**Emilia:** Quando então tem a violência é quando acaba essa possibilidade de ir pescando o que o outro tem prá dizer, quer dizer, não tem mais conversa, aí tem violência... Então acho que essa coisa da gente poder estar pensando e falando a questão da palavra aqui é muito importante.

**Osmar:** Eu acho tipo assim, né, vendo por esse lado, às vezes não tem confiança mas tem o respeito, tipo, eu não confio no Angola mas eu respeito ele. Tem esses lado também. Aí tipo, na hora que quebrou o respeito, meu pelo Angola ou o dele por mim, com certeza, né, já não tem confiança, aí quebrou o respeito...ou vai ter uma briga, ou um atrito, um bate boca, aí nesses bate boca ou a gente resolve no diálogo, ou a violência já né, meu...

**Pedro:** A violência porque o respeito chegou no limite, né...

**João:** Já chegou no limite, né, se você não tiver confiança, e ainda quebrar o respeito...já era.

**Angola:** É assim, até encima dessa questão que o (?) está puxando, né, que é tipo da confiança e respeito, até antes de trabalhar na ação comunitária, (?) uma cópia, até antes mesmo, quando fazia assim meus boletos nas quebradas lá nos bairros que eu sempre fui (?) assim, uma coisa que eu sempre tentei quebrar pelo lance do estigma, né, eu sempre quis que as pessoas me olhassem prá o que eu sou né, prá quem eu sou, não prá... da onde eu sou, tipo assim, esse é o Angola, não que ele é de algum lugar, e aí se tem que chegar num lugar, e aí mano, você é da onde... prá você conquistar respeito, conquistar a confiança das pessoas você tem que usar o estigma da periferia, né? Eu sou da Tiradentes... eu sou de Capão... é uma coisa que... dá real. Eu até tipo sempre fui contra isso porque eu não gosto que as pessoas me vejam como o cara (?) porque na periferia tem lugares que eu entro, que vão me taxar como o cara que é violento também, eu não gosto de ser rotulado, tipo... essa questão de ser violento mas ao mesmo tempo você também tem que usar isso como forma de você abrir portas, né, prá você poder chegar e conquistar um espaço dentro de uma outra comunidade também, né, porque é assim... meio que vira uma comunidade co-irmã, né, você vai na Brasilândia e diz primeiro: eu sou do Capão, já abriu uma porta, conquistou um espaço, a partir daí você começa a colocar quem que você é. Primeiro você tem que colocar da onde você é.

— Cada um leva seu cacife, né? Nome e sobrenome, né.

— É tipo assim...

**Jorge:** Me desculpe, deixa eu só... me desculpem, mas eu acho importante, nós marcamos o grupo das 5 às 7, e nós vamos encerrar às 7. Porque que isso é importante, de marcar das 5 às 7 e encerrar às 7? Para a gente começar na hora, terminar na hora, as pessoas têm outros compromissos também. Eu acho que a gente tem que fazer uma pequena síntese, eu acho que você queria dizer alguma coisa, né? Diga lá que você estava super tocada para falar.

**Joana:** Não, à medida que foi falando eu fui lembrando, na época que eu trabalhei na FEBEM, um dia eu estava lá e (?) e eu ia embora e acabou e daí um dia eu estava sentada e veio um menino perguntando: você não tem um carro verde? Disse tenho. Ah, você não estava ali, em tal rua? Eu estou sempre ali naquele farol (?) Daí me dei conta que na verdade a gente vive exatamente o mesmo cotidiano só que em lugares totalmente diferentes (?) eu acho que eu tomo esse problema como um problema meu, também, porque eu moro nesta cidade, é um problema ...

(Fim da Fita)

**Joana:** ... Deixa eu falar uma coisa que me incomodou muito (?) não me incomoda isso porque eu acho que tudo bem, é uma questão de tempo e tem os dois lados, então eu acho que prá mim está muito na coisa de viver o mesmo cotidiano e que é um problema que eu acho que é meu também, não é só problema do outro (?). E outra coisa que eu queria falar é que eu acho que a riqueza de fazer isso num grupo como o Centro Vida está menos em enxergar uma realidade como o jovem reage a isso, mas é como os jovens reagem de maneiras totalmente diferentes, porque senão a gente já determinou qual é o caminho, já deu o diagnóstico e não tem (?) para isso. Eu acho que tudo bem, eu estou falando de uma realidade, o Angola, o Caco pintando um quadro, mas eu acho que o que a gente vê no Centro Vida é que não tem reações normais, a gente sabe disso, as pessoas reagem de maneiras muito diferentes dessa realidade, eu acho que a riqueza desse grupo é justamente poder achar essas diferenças.

**Carlos:** Eu queria falar também, aproveitando essa coisa do grupo, eu acho que é uma coisa que eu queria falar faz tempo, eu táva pintando, é que eu acho que a gente precisa sacar é que tipo de relações que vêm dos lugares que a gente trabalha. Como é que é essa relação (?) como é que é a relação das pessoas num lugar onde a violência é tão grande, a vida é uma coisa banal, de repente morre por qualquer coisa, depois você tem que ter uma confiança do cara porque senão de repente o cara de quebrada te derruba, então você tem que saber essas coisas. Então de quem tem que entender isso nada melhor do que escutar o pessoal que mora lá, trazer isso prá gente. Então, quer dizer, montar esse diálogo, criar esse diálogo com o pessoal que tá lá, prá gente entender o que que acontece lá, prá gente poder, a partir daí, a gente poder entrar lá e apresentar os projetos da gente. Pô, tenho um projeto que eu quero levar lá mas de repente esse projeto que eu levo lá, que nem ele falou agora, de repente o cara não quer o projeto, onde

ele vai aprender a dançar ou fazer um grafite, de repente ele quer uma outra coisa, quer uma coisa que ele vai ter uma sustentabilidade, vai ter um ganho depois, esse tipo de coisa. Acho que a partir de entender esses locais onde a gente está atuando, é que a gente pode pensar até toda essa coisa de projeto, pensar até o perfil da gente, pô, quem vai trabalhar, quem vai mais no campo, né? Como é que se sente, como faz para ganhar a confiança que nem eles falam do pessoal que você está trabalhando, prá você poder fazer o seu projeto legal e dar continuidade dentro da comunidade. Eu acho que abrir essa discussão aqui vai dar para mudar muita coisa, mudar a cara de muita coisa!

**Emilia:** Eu acho que a gente tocou em temas muito interessantes, foi a questão do projeto de vida, foi a questão da distância, a questão de como a coisa tá encolhendo o projeto de vida, só tomando algumas porta-vozes, né? A questão de como o sujeito fica encurrado a ser um tênis, ele não pode ser nada mais do que um tênis, né, a questão do respeito e da confiança, que é uma questão muito interessante, quer dizer, como é que o respeito tudo bem, mas a confiança é o que te faz matar o cara, e quando perde o respeito e a confiança você atira, né? Parece que ficou uma coisa interessante isso, vocês perceberam? Não sei se vocês concordam mas primeiro: a gente matou porque não tinha confiança, mas depois perdeu o respeito e a confiança, aí parece que não tem mais alternativa, não sei qual é a experiência de vocês nesse sentido; se é igual para os dois?

**João:** É que nem eu falei com o Angola, você não tem a confiança do cara, você respeita ele, você perdeu o respeito aí eu falei ou você vai dialogar com o cara ou você vai ter um atrito com ele. E foi tipo... você tinha uma outra assim, aí você vai ter essas duas alternativas, tem casos que você vai ter apenas uma alternativa, ou conversar ou o atrito, né? Aí vai depender, tipo isso aí é por caso, mas sempre tem um diálogo. Entende, por mais que tipo às vezes tem como ter o diálogo, às vezes tem uma tentativa só que nem sempre as duas partes que tá procurando aquele diálogo.

**Jorge:** Uma última coisa que eu queria comentar também, é como foi interessante essa questão que você foi porta-voz, as diferentes situações sociais, como é que isso vai se construindo, esse diálogo louco, né, e ao mesmo tempo como todos estão implicados, independente da situação social que cada um está, como cada um está implicado, faz uma rica diferença, né? É como se a gente pudesse abarcar uma situação social mais ampla, por causa disso até.

**Osmar:** Quero falar só que com respeito e a confiança (?) da onde a gente vive e em qualquer lugar, dependendo da... da... das condições, rico, pobre, tem que ter o (?) aquela palavra, se tem que ser tudo certo, né, porque senão... só de faltar o proceder, (?) faltar a confiança, que nem o respeito (?) (?) aquele diálogos certinho do jeito que tem que ser também.

**Jorge:** É que a (?) estava dizendo, também, né, a questão que a gente está vendo, aí a palavra adquire uma importância absolutamente fundamental, quer dizer, o fato de encontrar ou não a palavra é que vai decidir a vida e a morte.

— Pode até estar querendo uma coisa mas não tem o proceder, né? Ele não consegue proceder...

— Que nem ele perguntou esse negócio das placa aí, que nem eu falei eu respeito, se o cara tiver lá a placa de jardim ele vai ser respeitado, mas se ele chegar lá e não tiver humildade, se tiver placa de jardim e não tiver humildade, (?) (risos)... vai ter confiança, né, vai ter confiança...

*(Muitas falas)*

— Palavra mal colocada, de repente...

**Jorge:** Então a importância da palavra, legal, acho que a gente pode ficar por aqui. A questão da importância da palavra, né. Segunda feira às 5 horas, está legal para todo mundo? 5 às 7 e o cafezinho está rolando agora...

(...)

*Todos se arrumando para começar a segunda reunião.*

**Jorge:** Muito bem, gente. Então, vamos começar. A gente tá atrasado já e... temos uma situação aqui... que o Felipe vai explicar...

**Felipe:** Então, é... eu vou tentar relatar rapidinho... vocês viram o que tá tendo lá... uma conversa aqui embaixo com o Angola, a Ana, o Carlos... e os meninos do PROCVI... e... está se dando em função de... de algumas coisas que a gente conversou semana passada, e que estão sendo relatadas pra eles, conversadas com eles. Além de abrir esse grupo, eu não participei semana passada, então eu não sei o quanto vocês discutiram, mas... além de abrir esse grupo, foram discutidas várias coisas que... esse grupo tem por objetivo a partir do caso que aconteceu, pensar políticas gerais, pro Centro Vida, procurar subsídios para políticas gerais que o Centro Vida possa adotar quando começa a ter situações como essa. Mas, cê tinha um caso concreto, cê tinha estratégias para lidar com o caso concreto dos meninos, é... como é que seria feito. Uma das coisas que se pensou, além de ter esse grupo, que eles participassem desse grupo, por mais que tivessem saído do PROCVI, envolvê-los em algum outro projeto do Centro Vida, pra ter algum vínculo mais... alguma coisa que garantisse esse vínculo permanente. Como tava começando, essa semana passada, o mapeamento que o Núcleo Jovem vai fazer lá no Jardim Ângela, se pensou de colocar os meninos no mapeamento do Jardim Ângela, e eles receberiam numa bolsa do Centro Vida, um vínculo formal com o Centro Vida. É esse assunto, é... foi conversado entre... com os dois Carlos, por conta do Núcleo, o Roberto e a Ana, e eles encaminharam essa conversa e semana passada, enfim, outras pessoas começaram a tomar contato com essa estória e se resolveu fazer uma reunião, então, pra discutir esse assunto, uma reunião de gerentes e diretores do Centro Vida, cujo maior objetivo era pra decidir as coisas mais estratégicas aqui do Centro. Pra conversar se essa era uma boa opção ou não, porque tinha soado uma certa estranheza. Então, pôxa, mas se se fala que o PROCVI não daria pra continuar e tal, logo em seguida a gente contrata os meninos numa outra iniciativa? do Centro Vida, mantém vínculo formal etc. E nessa reunião participou a Isabela, Joana, eu, a Ana, o Arnaldo, o Angola, e a gente ficou discutindo aqui até altas horas, segunda-feira, e

chegou a conclusão que não seria legal... que seria legal manter esse grupo, que eles participassem desse grupo etc. Mas que, por uma série de coisas que a gente discutiu, talvez... são parte da pauta pra discutir aqui, mas... até os princípios gerais mesmo, nosso compromisso com legalidade ou não legalidade, a mensagem que a gente tava passando, enfim, pra comunidade em volta, pra outros jovens... aconteceu mas é... enfim, tudo bem. Desenvolve um outro projeto logo em seguida, no Centro Vida também, aprovado pra eles mesmos, quer dizer, a gente diz “não” pro PROCVI, logo em seguida diz sim prum outro negócio. Enfim, com essa discussão, a gente viu que não seria uma boa idéia envolvê-los no mapeamento. Essa decisão... mas houve foi recurso, digamos assim, a Ana levou isso pros dois Carlos, e pra o Roberto, eles tavam preocupados que... *Pôxa, mas tem uma série de argumentos que a gente quer colocar, tem o porquê a gente ter tomado essa decisão de envolvê-los no mapeamento, a gente quer levar isso pra esse grupo.* E aí sexta-feira então teve uma reunião ampliada, dos gerentes, diretores, com o Roberto, aliás, com o Carlos baiano e o Carlos paulista, onde eles colocaram, por três horas e meia em discussão e por uma série de argumentos que: faltaram muito essa coisa do simbólico, da mensagem que você passa, do contexto em que você está inserido, é... do contexto que a própria comunidade está inserida enfim, de se decidir por manter a decisão, unanimemente, foi decidido manter a decisão de não ter participação no mapeamento, mas, até... manter o grupo, intensificar o processo de buscar enfim, apoio psicológico, buscar outras... no futuro, outras frentes que possam absorver é... os jovens, enfim, mas não nesse momento, logo imediatamente que a gente tem o caso, envolver eles num outro projeto do Centro Vida. Os dois grandes palcos da discussão, um foi a questão mesmo jurídica, mas mais ampla, quer dizer, de legalidade, agir dentro da legalidade ou... fazer justiça com as próprias mãos. Não é só defender o linchamento mas pode ser também , enfim... achar que você tem a melhor solução pra um determinado caso, e esse foi um tema que tomou várias horas, principalmente na segunda-feira e na sexta-feira, na segunda reunião, o tema que mais tomou tempo foi realmente a questão da mensagem simbólica, do posicionamento, de como é que isso se enquadra no relacionamento do Centro Vida com a comunidade, enfim, entrou uma série de coisas. E é isso... acho que não vale a pena entrar em todos os detalhes, eu nem lembraria, nem conseguiria entrar em todos os detalhes, e eu acho que certamente as coisas que a gente discutiu lá, são coisas que a gente discute lá,

ajudam a gente a discutir aqui. Então, agora, eles tão falando isso, é... pros meninos, porque não teve tempo. Foi sexta, então só agora eles se encontraram, pra conversar, pra ver e pra... enfim, incentivar que eles continuem no grupo e continuem... tendo vínculo, mas que não seja esse formal do mapeamento.

**Jorge:**

O Felipe estava me contando essa situação, até porque que eles não estavam aqui nesse momento, e eu estava dizendo a eles que era... a ele, que era muito importante que ele colocasse isso no grupo, porque, na verdade, esse fato foi o que motivou de alguma maneira a constituição desse grupo, e esse grupo tem, por estar aberto exatamente, que estar elaborando esse tipo de situação, essas e outras, que tem a ver com a estória de vida de cada um e com o conhecimento da vida de cada um. Então, é muito importante que isso seja uma coisa aberta aqui nesse grupo. Quer dizer, só traz a importância da tarefa desse grupo, o tipo de enrosco que está se vivendo é exatamente o motivo desse grupo. Quer dizer, como é que isso produz conhecimento, para se ter clareza em situações como essas. O que fazer? Por isso, acho muito interessante, inclusive, que terminando eles a reunião lá embaixo, que subam todos pra cá, e que a coisa continue, porque esse é um tema candente. Com certeza, o fato de eles subirem ou não subirem, vai afetar de uma forma ou de outra o trabalho do grupo. Então, é isso que eu estava conversando aqui com o Denis, por isso que eu pedi para ele avisar, inclusive, o pessoal lá embaixo, e que eles subissem...

**Felipe:**

Eu falei lá, eles devem estar subindo daqui a pouquinho. Estão acabando de conversar.

**Jorge:**

Isso. E aí se a discussão de lá servir aqui, muito que bem, se não servir, muito que bem, entendeu? Vamos ver o que que acontece.

**Mosquito:**

Seria no caso, são dois meninos... dois rapazes... eles desistiram de fazer e vão continuar com o grupo.

—

(???) comunidade (???) que ele tava sabendo se qual parte era referente à situação.

**Emilia:**

Como você se chama?

**Mosquito:**

Mosquito.

**Emilia:**

Mosquito?

**Jorge :**

Mosquito!

**Felipe:**

É... acho que... é esse... O caso que a gente tá falando é esse caso. São... que foi meio... meio não, totalmente é... que levou

a gente não pra por mais um pra decidir, sobre o caso, mas pra decidir ajudar o Centro Vida a pensar, trocando experiências, como as que se tem aqui, como é que o Centro Vida pode, no futuro, lidar com um projeto, que é de Prevenção à Violência, e que, de repente, tem jovens se envolvendo com violência, como é que isso se dá, como é que é a melhor estratégia...

**Jorge:** Vem todos? Ana? Vem todos? Então, talvez o pessoal pudesse subir com a sua própria cadeira.

*(Várias falas juntas, para arrumação com o pessoal que vai subir)*

**Jorge:** Aqui, eu vou seguir gravando. Aqui é muito interessante até na questão espacial. Como é que a gente consegue encontrar o nosso ponto de conversa? Porque vocês vejam que aqui vai ficar o grupo fragmentado. Então, nós estamos lidando com planta fragmentação do grupo desde o início. Não sei se vocês estão percebendo. É um emergente grupal muito interessante, muito interessante. Sabe como é que o grupo está uma parte embaixo, outra parte em cima. Daí não tem espaço na sala, depois fica uma parte, o outro não vê o outro. Eu acho que são todas questões sobre as quais nós estamos trabalhando mesmo. Como é que chega no olho no olho do outro?

*(Considerações sobre o espaço físico, feitas por todos)*

**Jorge:** Ok! Então agora conseguimos. É interessante que vocês vejam que essa conversa nossa, é uma conversa muito complexa, de verdade, porque a gente está tratando, está meio brincando aqui, como tem toda uma questão de fragmentação, como é difícil fazer todo mundo sentar olhando um no olho do outro, para falar sobre essa coisa. Estava uma parte lá embaixo, outra aqui em cima, depois uma parte do grupo estava pra lá, outra pra cá. Quer dizer, eu acho que esse é... meio uma figura do esforço que nós estamos fazendo para poder conversar sobre temas que são tão difíceis. Então, por isso que eu fiz questão, também, que vocês subissem. Fiz questão que o Felipe contasse o que que estava acontecendo lá embaixo, para o grupo todo saber, porque o sentido do grupo é exatamente estar tratando desses temas. Esse é o sentido do grupo. A gente está reunido aqui para isso. A bola está rolando.

**Mosquito:** Bom, eu acho que no caso dos maninhos aqui, é mais um que existe entre milhares da periferia. Infelizmente que a gente convive lá, é contra as realidades que fogem do padrão de qualquer ser humano que possa vir a racionar. Infelizmente o sistema lá é pau/pedra. Os problema aqui dos mano são... os caras que pô, tem um talento, entendeu? São, infelizmente, pô,

tão aí, aconteceu... pode acontecer com qualquer um, visando a região até aonde a gente mora, do espaço geográfico, assim ironicamente falando, muito maravilhoso, entendeu? Mas, pô... pode acontecer, entendeu? Poderia acontecer comigo. Também tive uma vivência difícil, vários também. A gente tem muita estória, entendeu? Nesse contexto todo, são apenas dois rapazes que mereciam realmente, tipo, um crédito, um bom crédito porque na mão deles tem uma fortuna, na mão dele tem outra fortuna, e de repente, pô... maior saudade dos mano... a gente passava, se trombava na viela, mapeava, parecia um show tudo. Infelizmente aconteceu o que aconteceu, não vou entrar em detalhes, mas assim, é isso cara... eu, por mim assim, se eu tivesse condições assim de... de, tipo, falar: *Ó, vamo colar lá, aconteceu umas coisa muito louca lá na quebrada, e olha, vocês podia até tá com nós... mas, quando foi acontecer, cês já não tavam mais lá e... é isso.*

**Jorge:**

Aconteceu lá por perto?

**Mosquito:**

Ah! muito louco, assim, bem dizer foi uma ação no caso de jovens, de ex-detentos, com esses muito jovem aí, ex-detento, usuários, uns até trabalhava com doze, ou trabalha ainda, infelizmente, não sei. Mas assim... ele se mobilizou e começou fazer pequenas ações que tá mudando o contexto, entendeu? São pequenas coisas assim, que pô... a gente sabe a dimensão de desafios, a gente tem pela frente, mas isso tá causando alguma... tá contagiando... já contagiou dois, três, entendeu? De repente, se isso tivesse acontecido há mais tempo, eles já tariam contagiado, eles tariam vivendo uma outra realidade hoje em dia. E, pô... é fogo, cara. Me dói o coração, entendeu? Já perdi vários... vários amigos assim, na periferia. Tinha um amigo meu, o Robinson, lembra do Robinson da (?), grandão. Aquele cara era um artista nato, um ator, interpretador assim nato. Morreu, entendeu? Foi ali com o mano ali, pegá uma troxinha, sabe, de droga, não voltou pra casa. Isso são fatos freqüentes que acontece, entendeu? Aquela pessoa era uma pessoa... uma pessoa maravilhosa, se ele tivesse aqui com a gente aqui, todo mundo ia ficar até ganhando o estilo dele, que ele um... ele já era um próprio artista, entendeu? Ele tinha já uma marca registrada. Infelizmente, não tá mais com a gente, tudo... é complicado. Essa questão realmente é uma questão muito complicada. Eu tava vindo conversando com o Osmar, falei: *Osmari, isso aí influi muita coisa, política econômica, influi a índole, a criação, que foi oferecida pra essa pessoa, influi, também, o mercado de formação de marginais.* Parece que a gente vive no mundo, parece assim, pô... não existe... lógico que tem, pô... pô, a violência é dinheiro, quem não sabe

o que é dinheiro? Sabe? Onde são os barões da violência? Entendeu? Se acha que esse... esses caras são de hoje? Não, são de muito tempo atrás, e eles usam mecanismos de formar marginais que são oh!... tem que bater palmas. No dia que eu tiver esse conhecimento, se revertesse para o lado bom, *putz* cara, de repente até pode pensar até no... assim, uma coisa legal. Então, são muitos fatores, né? e eles são vítimas desse fator, assim como eu já... já fui vítima também... entendeu? A violência segue no contexto. Eu falei pra ele que, tem um rapaz ali trabalhando no farol, vendendo bala. Aquilo ali é uma violência. Pô, imagina a auto-estima daquele cara, meu, sabe? Tipo, *compre a minha balinha, me ajuda*. Cê acha que ele quer isso? Não, tem muito que querem isso, vivem disso, ganham... tem até a capacidade de ganhar dinheiro com isso. Mas muito tão ali numa condições que... a condição que encontra no momento, entendeu?

**Ana :** Como você chama?

**Mosquito:** Mosquito.

**Ana:** Mosquito. Então, Mosquito... eu tava... a primeira vez que a gente conversou... isso é um bom exemplo, é o que você falou. É um exemplo importante, acontece, está perto da gente, então... mas, acho que é mais amplo do que isso. Por isso, acho também importante isso que você fala assim, tem mais gente e tal. Mas, só para te dar um exemplo: acho que a primeira coisa que a gente conversou, e é isso que eu... acho que pode ser a riqueza desse grupo, era a gente tentar, é... sair do lugar comum. E o que que eu estou querendo dizer com isso? Acho que tanto tem a fala, uma fala que é assim: *Ah! na periferia só tem assassino! Só tem chacina!*, como tem essas falas de: *Ah! todo mundo é vítima, não tem o que fazer!* E acho que é isso que a gente tem que tentar entender, um pouco, sei lá... um pouco mais, mais complexo. Por que? Você fala assim: *Ah! lá é assim mesmo, e tal...* Por outro lado, a gente fica... *Mas, será que é?* Porque você acaba de repente cruzando com gente que você vê que, pô, está no curso, é alguém que você consegue bater papo. Não é que assim: *Nossa, não consigo dialogar...* O criminoso é alguém que não conversa com ninguém, não tem relação, não é legal. Tipo, não é isso. Você vê que tem uma estória. Por outro lado, quer dizer, você encontra um monte de gente que mora nos mesmos... pensando aí o que você falou das questões econômicas, essas coisas mais gerais: as questões econômicas, sei lá, não tem uma escola legal, não tem centro de cultura, não sei o quê. Independente, muita gente que mora nesses mesmos lugares, aliás a maioria, e que não pratica ato

de violência. Então, um pouco que acho que... a coisa para se entender, não é nem fazer... nesse grupo acho que a gente não tem... não é no sentido de julgar. Acho que depois, é importante cada um olhar e falar: *Olha, isso eu acho um absurdo, isso eu não acho*. Faz seu julgamento. As pessoas são movidas por isso. A gente já... *Isso eu topo, isso eu não topo, isso é bom de mídia, isso não é*. Mas, eu acho que é conseguir entender e não... acho que não é nem justificar. É da gente considerar, falar: *Pô, o que que é então que leva um jovem que tem, que é legal, não é legal, quer dizer, enfim, sabe, que é ser humano...* Porque o ser humano tem qualidades e defeitos, certo? E que alguns, “puta”, acham que esse é um caminho, olham, falam assim: *Ah! é assim mesmo...* E aí está. Por outro lado, você tem razão, quer dizer, acontece muito mais disso, nesses lugares. Não é igual a realidade de Moema, lá do Jardim Ângela. Então, quando você fala assim: *Realmente, quer dizer, tem uma estória aqui que pode acontecer com muito mais frequência*. Acontece mesmo. Então, por um lado é entender isso, mas por outro lado falar também não acontece. Então, que cara? O que que é? A pergunta que fica em mim é assim: *O que que é que faz um fulano falar: ‘Eu vou por aqui, ou eu vou por aqui’*. Ou se de repente nem é. De repente, cai... eu não sei. Mas a questão que fico é...

**Jorge:**

É interessante, porque nós estamos falando de uma coisa muito... Detonador disso, dessa conversa de hoje é particular, diz respeito aos colegas que estão aqui, está certo? E ao mesmo tempo nós estamos falando de uma coisa geral, que é isso que você está dizendo. E aí, a única marcação que eu queria fazer é que quando você pergunta isso: *O que é que leva a isso?* Que eles dois se sintam à vontade, se quiserem, se quiserem... dizer ao que que levou. Se tiverem desejo, se tiverem vontade, evidentemente, porque... ou como outras pessoas que... enfim, pensem nisso, que a gente possa falar verdadeiramente disso. Acho que esse é o grande esforço, que nós temos que fazer nesse grupo, que eu tenho colocado o tempo inteiro, que exige da gente um grande esforço: esforço de coragem, de debate, de posições distintas, enfim... Queria contar isso.

**Mosquito:**

Aí, no caso, me expressei falando... focando um pouco mais pra... a parte violenta. Se for ver as coisas boas, meu, é maravilhoso. Parece que Deus... com certeza, Deus existe mesmo. Eu não sou ateu, acredito em Deus...

Se você for ver as coisas boas, são muitas, entendeu? São muitas, graças a Deus. Rola, rola, entendeu? Eu não sei o que aconteceu no caso dos manos, mas eu já vi muitos casos onde você parava pra pensar e fala: *Não, não acredito que isso*

*aconteceu com fulano. Eu não acredito que fulano fez isso. Porque você via ali, naquela pessoa. Aquela pessoa, meu, de bem. Acho que a situação faz o homem na periferia, entendeu? O momento, entendeu? Pô, eu saio de cada, rezo todo dia pra mim não arrumar treta com ninguém. Porque se eu encontro um louco e fala assim: *Oh! Eu vou te matar!* Meu, se me desculpa, mas eu vou fazer o quê? Entendeu? Ou eu saio da minha quebrada, ou eu pego e zoou o cara primeiro, zoou o cara primeiro. Essa é a lei, tá ligado? Não adianta... se tiver de pensar, não... não, é isso. Ou você sai, ou você mata.*

**Jorge:** Quem faz a lei são homens?

**Mosquito:** São os homens, lógico. Você vai chamar a polícia pro cara, você vai abrir um processo pro cara, você vai...

**Jorge:** Estou perguntando se não dá pra fazer outra lei. (???)

**Mosquito:** Com certeza, com certeza dá. Com certeza. No caso, os jovens tem a oportunidade de focar a energia, entendeu, deles, em descobrir coisas novas. Você tem uma mente bem jovem, que ele descobre que ele... que ele pode aprender. Se você... abre o olho dele e fala: *Meu, sai daí, meu. Além de você ser um maconheiro, você pode ser um maconheiro, mas você pode ser escritor, tá ligado? Você pode cheirar uma "coca", mas, meu, ô, você pode, pô, ser um futuro empresário, cê pode ter tudo que você quiser a sua volta.* A gente sabe que a... pô, a gente tem um presidente da República que era metalúrgico, pô, sabe. Isso é um bom exemplo até... tomara que essa juventude pegue de exemplo e fale: *Pô, eu posso ser o presidente.* Ele pode não chegar a ser presidente, mas ele vai evitar muitas cenas banais, entendeu? e mesmo assim...

*(Fim do primeiro lado marcado com uma bolinha)*

— *(a voz está longe) ... é o seguinte... (??) e aí... (barulho de cadeira atrapalhando).*

— *Duas coisas: uma delas chama-se Academia de Ações Comunitárias, né? Aaa... que a gente chama de (???) primária. (?) a existente, para você criar o (??) social, (uma parte da fala está confusa, não dá para ouvir direito).*

**Jorge:** Não acha que isso é uma exceção, escolhas tão divergentes dentro de uma mesma família, de uma mesma classe social? Você ter a possibilidade de ter um cara que é ladrão, polícia, padre ou empresário, e office-boy. Eu acho que...

**Carlos Baiano:** É, você tem... mas você sempre tem uma escolha. É aquela velha estória que o Gordinho fala assim: *Você abre todo dia de manhã o seu guarda-roupa, você tem alguma escolha.* Você pode ter duas ou três possibilidades, mas você tem, alguma... algum tipo de escolha você tem. Até para morrer você tem uma escolha, entendeu? Você pode morrer de um jeito, ou você pode morrer cuspiendo na cara de alguém. Só que você tem sempre uma escolha.

— Então, o Carlos Baiano pegou um (?) acho que bem caricato. Policial, um padre, mas é o que senão... imagina, é... os internos da FEBEM, todos, sei lá... a grande maioria tem esse valor. Por que (???) o dobro, ou o triplo, enfim. (??) pessoas que dividem o mesmo ambiente...

**Carlos Baiano:** Isso que está falando é autonomia do indivíduo, quer dizer, a gente tem um monte... a periferia é muito mais do que (???)

**João:** Na minha família mesmo, rola isso. Meu avô é ex-delegado, meus tios são os maiores traficantes que eles trabalham no Nakamura, os maiores matadores são (???) entendeu? (???) na televisão, e... e aí agora é crente, a maioria dele... dos (???) são crente e rola nisso. Tem tio que é polícia. Rola tudo isso. A minha família tem isso. Minha mãe é evangélica, meu tio é evangélico, quer dizer, não rola... na minha família se (??) amigo da família, a não ser meus tios de lá, né, meu. Aí assim, eu não pensava assim não...

— É uma briga... bem preconceituoso, né... um policial...

**João:** Eu sempre... não podia tá envolvido na criminalidade, eu sempre procurei tá limpo, (??) oferecia carro, oferecia. Tinha sempre coisa, ficar esperto, é o conhecimento. Tanto que a gente ia embora, policiais falou que... *a gente quer te falar sobre o que levou a fazer isso*, foi igual (???). Ele é traficante lá.

**Jorge:** Quem?

**João:** O moleque, lá do lugar donde que eu moro. Agora, ele é traficante, eu tava trocando idéia com ele. Ele perguntou o que levou eu a fazer... eu cometer o homicídio? Levou... uma parte... não foi nem pelo medo, foi mais pela lei memo, que eu sei que se eu não cobrasse, a pessoa, no caso, taria cobrando eu, sabe? Porque dependesse de mim, quer dizer, dependesse da minha (???) com o Carlos no meio de nós, a gente foi pra conversar com o rapaz, só que ele não quis, sabe? Como ele tava sem maioria, ele pensou: *Não, os cara tão em quatro, os cara são besta*, pela humildade. Então humildade ninguém é

besta de... tava ali pra viver (???). Foi isso que eu pensei na hora. Meu amigo deu o primeiro tiro, eu fui lá... nós... quer dizer, eu não... nós tudo fizemos... tivemos que fazer o serviço por ele, né. Porque... se os cara... do mesmo jeito que... no caso... foi ele que deu o tiro. Só que a gente tava junto na hora da briga. Se a gente não cobrasse, a gente ia ser cobrado. Memo jeito, batendo no cara ou não. Que a gente não deu uma porrada nele, mas a gente fomo obrigado a fazer isso.

**Emilia:** Mas, pra mim, talvez a questão que fica é antes desse momento, entendeu? Porque... porque eu fico pensando... talvez quando chega, sei lá, isso que você descreve é muito da hora “aga” assim, né. A hora que estava lá, já frente a frente, estava (*barulho de carro passando*)...

— Mas, mesmo pensando é meu?

**Emilia:** Que, que leva... por exemplo, a gente já tem a arma em casa, entendeu? Essa é uma primeira...

— Pergunta...

**Emilia:** Assim é... são coisas que, no fundo, facilitam. O que leva, de repente de chegar a um grau de discussão que... nesse mundo... acho que talvez, discutir a hora “aga”, em vez de ficar sou eu ou ele, aí que tá. Faço... sei lá... pá, pum... aí não tem o que fazer. Mas, eu... o que que leva o jovem a ir... uns que vão nesses bailão, outro que não vai. No fundo é entender, que tem um grupo que participa... tem um perfil que gosta de tais coisas, que tem tais mulheres, movido, não sei... é de entender isso. Quem é que de repente... quem é o cara... por que que uma pessoa... por que um jovem tem arma em casa e outro não tem? Tem outras questões que são anteriores a esse momento da hora “aga”, que eu acho que ajuda a gente a tentar compreender...

**João:** Assim, assim... eu... eu... assim... eu tive... a primeira arma que eu tive na minha vida, foi por causa de uma coisa, porque meus irmãos tavam dormindo em casa, um cara pulou dentro da (?) de repente, e a gente era pequeno. E a minha mãe... meu pai era o maior “bunda mole”, não conseguia fazer nada, a minha mãe era a única que lutava por nós, entendeu? Até hoje luta. E assim, o que me levou foi o seguinte. Foi pensando desse jeito: *Pô, o cara é maior ladrão, entrou aqui dentro de casa, deu tacada em todo mundo aqui, quase matou meu irmão. E eu... vou defender minha família, meu. Minha família taí, meu, são meu sangue, vou defender.* Qualquer um que pular no meu quintal, que não ser convidado, saber que tá com maldade pro lado da minha família, vai se ferir. (?) porque foi

nisso que eu pensei. Eu tive... tive, depois larguei, aí aconteceu... vem acontecendo coisas de nego, nego vim querer te bater, coisa de moleque, coisa de moleque, mas... cê não confia, né. No lugar onde que a gente vive, o mundo de hoje... não é igual antigamente. Antigamente... igual eu falo pros meus camarada assim: *Antigamente, a gente saía na mão, passava três dias, já tava conversando de novo.* Só que hoje não, passa três dias, cê tá lá, jogado no (Monhisão?), noutro cemitério por aí, estirado. Então, foi nisso que eu pensei, quando eu tive a minha primeira arma, tipo, num queria pra mim matar ou roubar. Eu queria defender a minha família, pra me defender, porque eu memo... eu tive um revólver, mas nunca foi pra (*tosse, impedindo de ouvir*) (??), não, jamais.

**Mosquito:**

Eu lembro ser uma pessoa... ele ser uma pessoa super digna, um cara capaz, entendeu? Capaz mesmo de realizar, de correr atrás, postava maior (corridela?) no “rap”, cê era maior feliz, chegado, tá ligado. Isso que aconteceu foram cenas dramáticas como todas outras. Poderiam tar no seu lugar, aí sentado, tá ligado. Eu não vou falá pra você que *Pô, foi uma parada legal?* Não, tá ligado. Não vou falá pra você que foi a melhor solução? Não. Mas, você dormir, tá ligado, pensando que amanhã cê vai comprar um pão e o neguinho pode estar de tocaia e te matar. Quantas tocaias já não... já não teve, no gueto? Quantos moleques que eu conheci, de 15, 16 anos... conheci um amigo meu, de 14 pra 15 anos, que ele perdeu a vida por causa de cinco reais. Sabe, por que? Porque tinha dado um “bonde” numa pedra de craque, o cara... são... são... fatos que acontecem, tipo, não é às vezes, é numa escala alta na nossa região? Não. Mas tem essa região e têm outras... como outras... muitas outras. É confuso, complicado. Agora, eu falo: de repente se pode abrir uma pergunta em cima de um tema. *Por que que o jovem vai roubar?* Ah! não foi bem educado, não levou uma boa surra. No meu caso, a surra resolveu. Mas, eu já conversando com um amigo meu que foi ladrão, sabe o que ele falou pra mim da surra que a minha mãe me deu quando eu roubei a primeira... primeiro delito que eu cometi? Sabe que ele falou? Eu depois não roubei mais. Mas, sabe que esse cara falou pra mim: *É, as palmada da sua mãe adiantou, né. Da minha mãe não adiantou,* entendeu? É complicado. Agora, você tem uma criança, filha de mãe solteira, tá ligado, que fica na TV, entendeu? assistindo TV o dia todo, porque... geralmente não tem opção de lazer... geralmente, essa criança tem. Depende da sorte, que lá tem pessoas que trabalham pelo social. Essa criança fica ali anos e anos, cara, consumindo propaganda. Acho que todo mundo aqui, tem a noção da

função da propaganda: é estimular o consumo. É um “puta” dum mecanismo econômico do “caraco”. Eu trabalho com isso, adoro propaganda. Mas, pô? Você vê lá, ele sente estimulado o cérebro dele, anunciando: consumo, consumo, consumo... “caraco”, não tem pão, nem leite pra mim comer. Quando chegar numa idade, 16, 17 anos, pode ser que esse jovem reverta todo esse tra... todo esse mecanismo pra lutar, pra pegar e falar: *eu vou conseguir... chegar a uma presidência*. Pode ser que outros não...

**Jorge:** Agora, tem uma pergunta...

— É complicado...

**Jorge:** Mas eu tenho uma pergunta pra fazer pra vocês: É a mesma coisa se um moleque, um adolescente, que vai roubar... da cena que aconteceu com eles... é a mesma coisa ou é diferente? É uma pergunta. Seria interessante a gente vê isso.

**Pedro:** Eu acho que eu vou tentar (*barulho na sala atrapalhando*)... tipo, assim, ele vai roubar. Às vezes, o cara fica a vida dele toda: tá na escola, tá estudando, aí vai procurar um trampo, não acha. Aí vai desanimando, vai procurando trampo, vai desanimando. Aí, ele já vai ter aquelas influências, do bairro que ele mora. Porque nem todos vai ter amigo bons... só amigo bom. Porque tem aquele lado podre também da sociedade. Vai ter as influências: opa, por que cê não procura um trampo? Vai ter aqueles que vão dá um conselho bom pra você. *O quê? Tô roubando aqui, num preciso trabalhar, tenho dinheiro no bolso. Vai lá, (?) que nem morto, ignorante*. O cara já vai ficando confuso, vai ficando desesperado, já confuso, não vai ter um pão pra dar pro filho dele, ou então pra levar pra mãe dele alguma coisa, assim pra ter um pão. O cara vai se desesperar, qual a primeira coisa que ele vai fazer? Vai juntando um dinheirinho, vai ser burrice dele, em vez dele ajuntar o dinheirinho pra ele comprar um (bolo?) pra ele comer, não, ele vai lá, compra um revólver. Vai sentar o cano, vai assaltar, vai roubar, vai matar, tá ligado, pra poder levar o dinheiro pra eles, levar o sustento pra eles. Só que aí, tipo, eu acho que vai ser por causa da influência, porque se tivesse mais influências boas, assim: *Aí, ô, vai estudar, fazer um curso, vai ter um curriculum melhor...*, tá ligado. Se ele... porque não tem muita influência assim. Ninguém vai se abalar na periferia, ninguém vai bater na sua casa: *Ô, vamo ali trabalhar ali, vamo ali que tem um trampo ali pra você*. Ninguém faz isso. Agora, se for pra roubar, vai lá cinco horas da manhã na sua casa, vai lá acordar você cedo pra ir trabalhar, na hora que acordar você cedo: *Vamo ali que vai passar o “buzão” ali*. Cê vai subir, já

vem a culpa. Agora, nessa pergunta que você tinha feito, lá pra matar. Tipo, acho que o que gera mais morte, essas coisas assim, acho que é o medo. Porque eu... eu tenho medo de morrer, sinceramente. Agora o cara falou que vai me matar, e ele vai me desesperar totalmente: *Vou morrer...* já vou ficar lá inconsciente do que eu vou fazer. Mas, não sei o que eu vou fazer. O cara vai me matar. Que nem esse homicídio que aconteceu. Eu fui mais pelo medo assim, de morrer. Porque eu não quero morrer. Se for eu e ele, meu. Entre eu e ele, pode me escolher... jamais vou escolher a minha pessoa.

— *(Várias falas juntas)*

**Jorge:** Mano, mano, mano. Vocês se viram aí pra falar...

**Carlos Paulista:** Emergiu...

**Jorge:** Emergiu...

**Carlos Paulista:** O companheiro emergiu...

**Jorge:** Vê se você segura...

**Carlos Paulista:** Não, eu só queria... é... que a gente tava falando também... fiquei pensando... o que veio na minha cabeça é o seguinte, pô... é... está com menos medo agora, o ca... pra mim o que vem muito na cabeça é isso, porque... cê tem (?) em várias escalas diferentes, em várias áreas da sociedade aí. De uma maneira ou de outra, o cara aí che... enfim, tá cheio da grana aqui, blinda o carro, ele blinda o carro pra não ter medo, e aí na hora que ele desce do carro...

— Ele tá com medo...

**Carlos Paulista:** Ele tá com medo. E aí ele bota... né, ele começou botando alarmizinho, a trava no carro, e ele vai... essa escalada do medo não sossega nunca e parece que o carro tá com potencial mais nenhum, num tá... esse caminho aqui num tá resolvendo, né. É... e a minha pergunta é essa: parou de ter medo, cê tá mais... é... Claro, o medo imediato daquele momento cê num tá mais? Daquele cara, mas isso num gera... os amigos dele, amanhã... porque eles tiveram que se mudar, enfim, não sei daí. Isso é só pra vocês, mas começa... se alguma hora isso pára? E se na hora de fazer isso dá pra pensar que não vai parar ou...

**Emilia:** É... eu tava na mesma dúvida... pergunta (???) enfim, porque você (*o barulho de carro passando atrapalha a escuta*)... se o cara ia atrás de mim, você vai atrás do cara. É que nem agora (???)

— Onde pára?

**João:** Acho que assim... gera uma guerra. Essa guerra aí... num pára, a não ser que... né, se tivesse o que? Porque num adianta só eu, igual isso que teve com o (?), com Luciano, não adianta só eu querer parar, certo? e os cara amanhã tá na minha casa. Polícia entrá, pra me deitar no chão e mandar eu, pra conhecer Jesus de perto. Então, é o seguinte: eu penso assim, o meu medo... o meu medo, que eu sinto, eu não sinto medo de mim. De cara vim, me matar. Eu sinto medo de cara ir atazanar minha família. Esse é o meu medo. Foi o que eu falei... eu falei, eu não tenho mais arma em casa, mas só que eu falei, isso é uma coisa que a gente consegue fácil. Só que eu falei, só que eu falei pros meu tio, como participou com o Luciano um dia falou, baseado no caso, vamos lá detoná todo mundo. Não, nós num quer. Nós num quer isso. A gente quer acabar o barato, foi uma coisa que aconteceu, que a gente não quis. Eu falei pra ela, até me senti o próprio ser humano de tirar a vida de alguém, certo?... isso é uma coisa que eu não queria... que alguém... minha mãe vesse eu chorando, pô, quer dizer, vesse... eu vesse ela chorando... ela fala, a partir de amanhã, né. Só que assim, a gente... a gente tem...

**Jorge:** Deixa, deixa eu te contar uma coisa... desculpa... Você falou assim: *Eu não queria que a minha mãe visse eu chorando, não, ela chorando...*

**João:** Ela chorando...

**Jorge:** Sim, mas o que seria a tua mãe te ver chorando?

**João:** Assim, vamos dizer... como se fosse... no caso desse rapaz, na hora que eles foram... eles foram tudo buscar arma pra matar nós. Eles tavam pegando arma dentro do carro. Só que quando eles ouviram os dois tiros, se desesperaram, falaram; *Todo mundo tá armado, os cara vão sentar o pau em todo mundo aqui*. Eles começaram a correr. Eles começaram a correr. Eles iam matar nós, eles foram na maldade pra matar nós. Ainda tem muito. Nós não saímos primeiro do salão, e fomos lá pegamo o mano, soltamo um monte... demos um monte de tiro na cara dele, não. A gente fomos, chamamo o cara. Um foi que chamou pra... (?) o outro pra conversar, só veio um. O que tava... que tomou tiro. O resto tudo foi por trás de nós, foi pegar as armas nos carros... pra matar nós. Então, a gente se... assim, no caso da minha mãe ver eu chorar, foi aquilo... eu pensei assim: não, minha mãe não ver eu... não, quer dizer, a minha mãe não vai chorar pelo meu corpo ali. Isso é uma coisa que falei pra ela que jamais ia acontecer. A minha mãe me ver, morrer, pelado, doente, mas, de tiro, não. Isso é uma coisa que eu prometi pra minha mãe, eu falei e eu vou cumprir. Mas só

que não... não, não porque eu prometi pra minha mãe, tanto que eu vou zelar a minha vida. Eu falei, eu tô... eu tô no risco de morrer de dois jeito: um dos cara ir atrás de mim e outro de eu ser preso e morrer lá dentro. Depois eu sair... né. Então, foi ne... foi ne... assim, assim, que eu penso, assim, a minha mãe... a minha mãe tá chorando amanhã em cima... os meus irmão. Meu irmão ser revoltado por causa disso, porque... me mataram... lá, na porcaria de um salão. Que eu mal... que eu... que eu fui duas vezes na minha vida. Outra vez que eu fui na minha vida, arrumaram encrenca comigo, da última aí, deu no que deu. Então, assim... eu... tipo, assim, no meu lado assim, oh!, eu penso assim: o meu maior... (?) violento, não é os cara vir amanhã. Eu sei que eu tô correndo esse risco, deu tá... posso até sair daqui, eu Sou da Paz, aqui, eu vim na pizza ali e tombá ali na frente. O mundo gira, as pedras são (?). Eu sei que cedo ou mais tarde, nego vai me tombá. A não ser que ele fale assim: *Ó meu, já era, acabou isso, eu não quero... eu não mexo com você, e você não mexe comigo mais*. É isso que a gente tá procurando. Que a gente é... assim, vice-versa, assim, acabar com isso...

— Só que no momento, agora, virou pra saída agora...

— Acho que não...

— Tinha um medo naquele momento, que te deixou lá...

**Pedro:** Há muitos tem medo assim... de sair na rua assim, andar. Andar assim tranqüilamente por causa de um assalto. Só que esse medo aí seria maior porque o cara chegou em você, vai falá: *Ó, vou te matar*. Vai apontar pra você, falar *vou te matar*. Você sabe que é com você. Aí você vai sentir um medo maior porque você sabe que o perigo vai vim pra você. Agora, você tá andando na rua assim, você corre o risco de assaltar você. Vai ter um jeito, mas... quando você tá sabendo que a coisa vai ser com você, o seu medo multiplica, triplica, sei lá... aumenta cada vez mais de tanto que você, vai ser excessivo pra sua cabeça, só é ver a primeira coisa que vem na sua cabeça, primeira... como é... primeira forma assim de resolver o problema, que vem na sua cabeça, você vai usar. Se vim dialogar, você vai dialogar. Se vim matar, você vai matar. Mas, você vai tá...

**Jorge:** Vamos ver isso que ele está dizendo... Faz tempo que está querendo colocar um negócio que tem a ver com isso que vocês estão dizendo.

**Osmar:** É... como, como... como aconteceu com eles... sempre isso que se coloca, poderia acontecer com qualquer um. E podia mesmo,

porque eu, particularmente, tinha tudo pra tá com medo hoje, tinha tudo pra tá morto, tinha tudo pra tá preso, entendeu? O meu caminho era... não tinha seguimento, entendeu? Naquela placa ou escolhe esse, por que faz você pegar isso, pegar isso? Você exprementar um pouco e dê sorte neles, porque eu com 11 anos de idade, eu via os rapazes pichá. *Nossa, que da hora, os cara pichando lá, oh! (?)*, escorria, “puta” deve ser a maior adrenalina. Primeira coisa que um veio fazer: *E aí Mau... e aí Maurício quer pichá? Ó, quero... quero pichá, deve ser da hora.* Fui pichá, formei grandes amizades na pichação e muitas inimizades também. A droga, eu conheci na pichação, o roubo eu conheci através dela também, porque você começa pular... começa pichá parede, depois você não quer mais pichá parede. Você quer pulá, a cerca do prédio. Você quer pulá o muro do prédio. Então, tem a (?), você ia pichá prédio, e dentro do prédio você encontra bicicleta, roupa, tênis e começa a furtrar pequenos objetos, vai levando dentro da mochila. Até chegar um dia que eu quis sair com uma bicicleta, então... na frente do porteiro, e quis pular a grade do... e quis pular o portão do prédio com a bicicleta na frente do cara. E consegui, por incrível que pareça. Tive que voar...

*(Vários comentários juntos)*

**Osmar:**

Eu acho que ele ficou com medo, porque dava como que ele se mexer. Ele falava pro outro rapaz: *Vai lá, mano.* Aquele cara tá acordado, não é possível ele tá dormindo. E eu... nós, todo cuidado, levantava a bicicleta, eu e mais cinco, colocamo lá embaixo, fomos embora. Vendi a bicicleta, o dinheiro sumiu em três segundos, aquele risco ali, que eu corri, que eu passei, não ia valer na... nem, nem se fosse uma bicicleta de ouro, entendeu? Então, a partir daí, eu comecei a refletir mais, comecei a escutar mais minha mãe e tal, e comecei a dar um tempo em casa. Só que era um vício, cê queria pichá de novo, se viesse na cabeça altos prédios, cê queria voltar. O dia que eu voltei, um dia comum, fui inventar de invadir o prédio ali da São Gabriel com a Cidade Jardim, e com a Nove de Julho ali. E... subi, fui preso, fui pra FEBEM, virei... a partir dali eu virei um ex-interno, um jovem em liberdade assistida, e poderia ter a falta de sorte de encontrar qualquer pessoa que fosse vigiar minha libe... cuidar da minha liberdade assistida, poderia encontrar uma pessoa totalmente... que não fosse é... estudada, tivesse... o cara entende de drogas pode tá ali naquele local ou vigiando minha liberdade assistida, mas eu ao contrário. Tive sorte, encontrei duas pessoas geniais que conseguiram, a partir daí, me tirar dessa situação. Até então, nunca tinha ido numa reunião na minha vida, só falava gíria, era totalmente

desestruturado, num tinha um diálogo com a minha família, e comecei a participar das reunião. Fui lá... a gente tava comentando com o Angola, que as reuniões eram perto da casa dele lá no Setor “G”, lá na Cidade Tiradentes, e falei com um rapaz que conheci lá, ele também falou que ele tem um conhecimento desse pessoal, e a partir daí, ela falou: *Ó, agora a gente vai ter que... na realidade, a liberdade assistida acabou.* Então, não tinha mais opção, não tinha quem me levava pra reunião de carro, não tinha quem me dá passe pra mim voltar, porque até então nunca tive passe pra andar de ônibus. Então, eu tava... eu tava novamente exposto à criminalidade, à violência, à droga, a tudo. Tava exposto a tudo que a partir daí, minha costa quente tinha me abandonado, certo? Aí um dia eu liguei pra ela, falei assim: *Ô... depois de uma semana, eu liguei pra ela, falei: Ô, e aí, meu, meus dia tá se tornando maior chato de novo, tô voltando a colá com os cara, tá embaçando tudo aqui de novo pra mim.* E ela só falou assim: *Ó, infelizmente não posso tá com você, mas tenta seguir no caminho certo.* Me deu algumas indicações, eu comecei fazer um curso, outro. Mas, até então, eu não tava mais com elas. Eu comecei a fazer um curso, mas não com o interesse que tinha de ficar do lado delas. E mesmo fazendo esse curso que ela me indicou, a droga começou a voltá, pichação começou a surgir de novo, e várias coisas. Só que eu não abandonei o curso, eu tive no curso até o fim, era um curso de um ano, pra gente jovem, continuei até o fim, e comecei a conviver com outros jovens que tava em (?)..

**Jorge:**

Que grupo que era?

**Osmar:**

O grupo chamava “Gente Jovem”... é o mesmo na época que o PROCVI. E... então eu... num consegui me... me ver ali naquele grupo de jovens que tava a fim de montar um projeto, de fazer alguma coisa pela comunidade. E... teve um dia e tal, que... toda noite eu... eu che... eu fazia assim, eu ia pro curso de manhã, ficava andando de skate à tarde, à noite ia pra escola e voltava onze horas, num tinha o que fazer, não queria ficar que era chato pra caramba, ia pra rua. Então... essa saída depois de onze horas, foi que eu vi que tava me atrapalhando, porque eu pensava: *Pô, de manhã eu faço maior corre pelo PROCVI, vou visitar entidade, vou ter reuniões, tenho contato com o grupo, tem o maior... ideologia,* e à noite totalmente o contrário: *eu vou pra droga, vou pros mano da bocada, vou pros mano não sei daonde...* entendeu? sujeito a matar qualquer pessoa. Porque ali você tá conversando na esquina, aí passa um carro: os cara, *eta mano, e aquele carro? (?), vamo se armá, vamo se armá...* De repente, num é ninguém, o carro vira em direção a você

com tudo, e você quer matar o cara sem saber nem quem tá dentro do carro, entendeu? Então, eu acho que é esse é o outro lado, que ela... que ela falou que faz a gente pegar esse ou esse lado. É ele ter sorte, pá... e se ele pegou o caminho errado, ele tem que ter sorte e começar a enxergar o caminho certo, porque... e num é de uma hora pra outra também. Desde da época que eu tentei levar o caminho certo, vários altos e baixos já tive na minha vida. Eu já ten... eu já pensei em matar um cara porque: minha namorada chega todo dia oito horas do serviço, o cara tem um bar na... do lado do ponto de ônibus, e todo dia quando minha namorada chega, ela fala: *Ah, aquele cara mexeu comigo, aquele cara mexeu comigo*. Nossa, isso aí pra mim, pra ele, pra ela, pra qualquer um ali, meu, é o fim, é o fim. Eu vou matar aquele cara agora. Então, eu levantava assim, tal, ficava desnorteado, ficava falando com ela: *Eu vou matar esse cara e...* Ela, *não, vai (?)*... tudo bem. Aí eu ia... ia, falava com uma professora que eu tinha, comentei com um amigo e tal, e não. Fui falar com o irmão do cara, o irmão do cara do bar, que eu conheço ele. Eu disse: *Ó mano, ó... sei que não é fácil, num quero... seu irmão tá mexendo com a minha namorada direto, tal, dá um jeito lá pra ele parar porque é minha namorada, aí é embaçado, né*. E... ele falou: *Não, tudo bem, eu vou conversar com o meu irmão*. E eu não falei mais nada, só que continuou, continuou e continuou. E eu pe... comecei a pegar o hábito de perguntar pra ela toda... todo dia que ela chegava: *E aí, hoje o cara mexeu com você?*, tá ligado, pra que um dia que eu tivesse mais revoltado eu fosse lá fazer alguma coisa no cara. Então... aí eu... com... com essa conversa que eu tive com amigo, com familiares, com a minha namorada e com lideranças comunitárias que eu cheguei a citar. Porque tinha dia que eu tava transtornado com isso, aí... era... eles falaram: *Não, mano, desencana, pega não e tal*, e eu acabei esquecendo. Hoje, ele pode mexer ou não mexer, não vai acontecer nada, ele vai continuar na dele lá, e eu na minha.

**Jorge:**

Deixa eu perguntar uma coisa. Eu estou pensando aqui um negócio. Queria perguntar pra vocês: Ele falou... quando ele estava falando, estava dizendo que não queria ver a mãe dele chorar, mas, na verdade, ele disse que não gostaria que a mãe dele visse ele chorar. E me chamou a atenção essa frase, que você falou. Eu estou pensando nela, nessa frase que você falou. E eu estou pensando o seguinte: Será que uma coisa que não gera muita violência... porque quando uma criança chora, um homem chora, e mãe vê esse homem chorar, é porque esse homem está sendo humilhado. Vocês estão falando do medo de humilhação (?) (*há barulho atrapalhando a escuta*), ou de

fragilidade, ou de humilhação, ou de estar abandonado, estar fraco, estar desesperado, ou estar com medo. Todas essas... o que vocês estão trazendo, é mais ou menos como uma... uma... de ser ver nessa situação de medo, de humilhação, de violência, enfim, de não pode mais se conter na situação. Então, é como se... e daí a tua frase, quer dizer, a mãe de vocês ver vocês nesse desespero. Como é triste vê-la vendo vocês, mas como é vergonhoso, humilhante essa coisa de você chorar, de desespero de não saber o que fazer ou de humilhação. O que eu estou me perguntando, se quando você estava dizendo, você não estava nisso também? Se a sua mãe te ver chorando, é porque você está humilhado, está desamparado, está com medo, está com isso, está com aquilo. Que é mais ou menos o que ele está dizendo também, que é uma coisa meia comum que vocês estão falando...

**João:**

A questão é o seguinte: é...quando eu falei assim ver minha mãe chorando, foi assim... é... vamos dizer, o cara me mata aqui, meu, minha mãe... (?) é uma pessoa doente. E ela está se sentindo (?) do mesmo jeito. É difícil de explicar, porque quando você tava falando ali, eu tava pensando aqui: esse caminho... ele to... que... larga você na mão do mesmo jeito, tanto porque... tanto do mesmo jeito que eu não queria que ela chorasse dela ver eu morto, mas ela tá vendo agora eu longe de casa. Eu corri, (?) foi ela correr (?) de madrugada, e um abraço, *tchau mãe, tô aí...*, nego sai e ó... (???) Porque é assim...é nisso que... tipo, assim... eu me espelhei assim pra falar... tipo, assim, ver minha mãe chorando é sinal... eu pensei... chorar em cima do meu corpo, de... de ver como muitas mães taí na rua, o filho passa baleado, (?)jado com a bala, ó... frio... igual o meu amigo morreu... eu fiquei chorando a noite todinha com as (?) dele lá, meu. Tava o maior frio, eu pensando assim comigo: *Pô, será que p mano tá sentindo frio?* Tomou uns tiro, meu. *Será que ele tá sentindo frio?* O pai dele lá dentro do (?), o pai dele lá chorando. E aquilo foi... foi nisso que eu pensei... nisso que eu pensei. Falei: *Tantas pessoas boas no mundo morrendo aí, fácil, né, meu*, eu também quero procurar alguma coisa boa pra mim. Eu nunca vou deixar esse cara acabá com meu sonho. Eu não vou deixar ele acabá com meu sonho. Eu vou acabá com o dele se ele acabá com o meu, foi nissi que eu pensei... Eu não vou deixar com a minha felicidade, sei que a minha felicidade agora não é a mesma igual eu tinha, igual quando eu comecei a ir cantar no “rap”, pra ela tava feliz. Mas, nunca tinha ido num palco, entendeu? Hoje, se eu for cantar, eu tenho que cantá assim ó... ver quem é o público, tem que ficar olhando pra cintura do público, assim ó... com a mão no público. Olhava no

rosto do público, agora tem que olhar a cintura deles, pra ver. Até que o DJ... (?) o DJ não tá com umas (??) queria me fuzilar... (*barulho*). Então é nisso que eu penso assim... foi nisso que... assim, foi por isso que aconteceu... foi o fato assim de eu cometer o que eu cometi...

**Ana:**

O João, mas deixa... tinha... tava pensando aqui uma coisa... descreveu a estória da pichação, (*alguém tossindo junto com a fala*) Uma coisa que deve ficar... olha que loucura, né. Pichação é uma mania, você vai, tipo é meio... essa coisa de pular... o muro com a bicicleta e o cara não vê. Acho que isso tudo vai... meio filme, sabe? Você vai sentindo ele... *uau, nossa, olha como eu sou (fudidão?)*, sabe? tipo consigo, falo, pulo rápido, desce mais ou menos na adrenalina... Eu, às vezes, fico vendo assim... alguns projetos que você vai... começa no meio da discussão, enfim... aí falo: *Não, será que não tem...* mais que isso. Lembrei até de uma coisa, de uma pesquisa que a gente fez lá no Núcleo Jovem, que a maioria dos jovens que tinham al... tinham tido algum envolvimento com crime, na verdade, a gente viu isso, né Carlos? No Núcleo eles tavam envolvidos na área do Esporte, assim... eles tavam no futebol... não é umas coisas que rolavam lá, assim, de Educação, mas tinham (*duas falas juntas*)... mais a ver adrenalina, sabe? de um negócio. Que também... eu fico tentando pensar o quanto...

(*Fim do primeiro lado marcado com duas bolinhas*)

**Jorge:**

(??) Tem que estar nisso, tem que estar nesses lugares também. Por isso que eu achei que...

— É, eu também achei (*a fita dá uma escorregada*)

— .... de ficar ouvindo e construindo um....

— Um imaginário (*fita escorregando de novo*)

— Eu sou da terra, um pessoal que veio lá... outros projetos faziam... eu faço isso, eu faço aquilo, não sei, pra mim, pelo menos, foi uma.... foi muito... a primeira visão foi muito uma visão de que... não uma visão de que... ah! não tem visão de área, não tem nada, é preciso fazer alguma coisa. A minha primeira visão pelo menos foi, *cara, tem muita coisa e ninguém sabe*. E se tivesse o mínimo de... ajudar em algumas partes desse processo aqui, a gente poderia... dinamizar esse processo do (???)

— E é importante também não chegar com tantos dedos, também, né, por um outro lado. Se a gente chega, também, num acordo, a gente chega numa boa, e tal, tal.

— Só uma (?) assim...

*(Vários apartes juntos)*

**Felipe:**

Não, acho que é uma coisa... um tipo de... tem alguns também fáceis, que é primeiro. Porque o trabalho começa antes do projeto. Quer dizer, antes de... de... nos propormos a intervenções etc., você tem uma coisa de mapear o que está acontecendo e mais experiência integral do que está acontecendo e esse é um trabalho que... a gente aprendeu no (“Telhado Um”?)... que aconteceu como você disse... eu, por exemplo, acho isso meio... que é um trabalho da gente tecer relações, de passar a fazer parte daquele ambiente. Hoje, quando a gente vai no (???) da Vila, a gente já vai visto como *Oh, os cara que vieram salvar a Vila... Madalena etc., (???)*, mas como alguém que é parte do grupo, que é parte do time etc., se colocarmos essa postura. Então, você tem um trabalho, que é o Fórum de Educação não sei do quê, você tem o Fórum de Coisas da Vida, você tem as Associações, você tem as falas das Associações, quer dizer, é um trabalho um pouco que... que 1. pra criar situações, pra esse relacionamento de troca, e aqui quando eu vi vocês falando essas posturas, não é só princípios. Acho que é prático, quer dizer, são algumas atitudes, quer dizer, eu tenho uma postura... fazer isso é reconhecer que você é... eu sei que não é demagógico, quer dizer, não é uma frase bonita dizer: *Olha, a gente tem um conjunto de experiências, a gente tem um determinado acúmulo de experiências teóricas, um estudo que está olhando para acesso a um todo, não só focado numa região etc.*, e esse eles tem todo um outro conjunto de referências etc., conhecimento daquela realidade, daquela (necessidão?). Quer dizer, isso não é simplesmente um lugar onde você retorna pra legitimar o que você está fazendo. Isto é fato, né. O importante é essa relação tem que se dá em termos de intervenções recíprocas, do que cada um tem que... tem que... pode agregar nesse processo. Eu acho que tem uma postura de respeito pelo... pelo que está sendo feito, quer dizer, eu lembro outro dia, no Fórum, um cara da Câmara Americana de Comércio, ele chegou lá e falou que o Fórum tinha fazer um planejamento estratégico e tal, porque eles não tinham, então, quer dizer, (??) absolutamente crítico. E eu me vi na obrigação de (?): *Olha, eu acho também que tem que fazer um planejamento, agora, se você está na (?) aqui, agora, nesse momento, é porque a gente tem cinco anos de um trabalho que*

*é fantástico etc. e tal*, e o dilema do planejamento, o dilema do passo seguinte, não é um dilema do Fórum, da comunidade onde nós agimos, (?), da Câmara Americana do Comércio, do (?) Centro Vida, da... sabe, Comissão Parlamentar, quem seja, quer dizer, você tá o tempo inteiro vivendo esse dilema, então, calma lá, não assume essa postura de que a sessão (???), ou seja, não sabe o que você está fazendo. E é difícil, mas as pessoas fazem. De novo não é só postura, é uma prática. *(Há um cachorro latindo insistentemente. Ele atrapalha muito a fala)* Achem uma coisa que (?) vocês instrumentalizadas pro teu projeto. Quer dizer, tem um caminho de mão dupla, às vezes eles têm uma agenda, né, que já está elaborada, e você tem que ter a humildade e a sabedoria de procurar se somar àquela agenda e auxiliar etc., mesmo que você no processo queira submeter um pouquinho a melhorar alguma coisa, tal, né. Porque senão você faz tudo isso, mas... o teu rumo final, no fundo, é poder cortá-las... aquilo que você acha que tem que fazer. Lá no íntimo, você está tentando fazer isso, né. De novo uma coisa que a Ana... sempre bateu e eu, (?) de quem aprendeu isso. Então, acho que a melhor especificação na questão de postura, é de não haver princípios. Se traduz numa metodologia mesmo. E aí eu agregaria uma coisa, além dessa participação, é o componente do diagnóstico, quer dizer, é... é... esse processo, ele já desenha o processo que é um processo de que? Bom, então, pra fazer isso que a Lucia falou. O projeto (Sanatório?), o projeto do Centro, o projeto... são todos projetos que envolvem antes, quer dizer, um envolvimento... o começo deles é uma câmara conjunta, quer dizer, tem o Centro Vida, tem a comunidade, pra ação diagnóstica. *(Novamente o cachorro entra em cena)* Refletindo sobre a realidade, refletindo sobre casos, (?) compondo essa agenda comum, que é o que, né... dá o formato concreto para esse procedimento.

— Basicamente... (?) o projeto que a gente tá focando... Porque não tem nada lá...

*(Falas conjuntas)*

**Ana:** ... não, acho (???) tá bastante tiririca, acho que... na prática, quer dizer, é... que acontece? Acho que a gente tem tentado... no fundo, antes era uma coisa assim: a gente faz e dá certo. Que que será que é isso que dá certo? E acho que uma das coisas, na hora que você tá profissionalizando, que a gente tá montando uma área, tal... a gente tem que refletir. Foi... a gente começou assim: *Meu, vamos começar a sacar o que que é... que a gente tá fazendo que tá rolando certo, que não tá dando e que... qual é o ponto que a gente saca teorica... mais...*

*acontece e dá liga e cê vê que dá pra começar a trabalhar e tal.* Eu tenho assim... chegado a algumas conclusões de ver... quer dizer, que são as coisas legais. Uma, é... eu acho que é um pouco o que o Felipe e os Carlos trouxeram... essa coisa do mapeamento é muito legal. Então, assim... você chegar em coisas que já estão acontecendo. Então, um processo... “puta”, vim te contar o que... o que a gente faz, onde a gente tá, as coisas que a gente imagina... mas, e vocês... essa... esse reconhecimento. Então, você também não chega... a gente nunca chega num nada. Acho que tem início, e... por incrível que pareça, assim, isso é um negócio que possibilita, quer dizer, é... dialogar com alguém que efetivamente você vai ter um diálogo. Porque o cara tá fazendo coisa, quer dizer, né. É... é próprio, efetivo, uma coisa concreta, tal. E aí acho que tem algumas coisas que... que até essa tua pergunta, que é um pouco assim de... a hora que surge, né, alguma tensão do ponto de vista... eu me vi assim numa... numa conversa uma vez com o Ferrez. Cês sabem o Ferrez, do Capão. Enfim, é um escritor lá do... lá do Capão Redondo, enfim, que eu fui bater um papo com ele, de um projeto e tal, e ele começou com uma série de coisas assim: *Mas, é que eu fui playboy, que não sei o quê... vem de lado.* Aí, eu virei... e um pouco assim, desde um, né... ou, quer dizer, (???) uma coisa assim: muita gente lá na festa: *Ai que bonito!*, né. Nunca assim... é um pouco acho... essa coisa da honestidade, pra ser sincero, cê tem que ser. Não é chegar detonando, quer dizer, *a (?) é muito ruim*, mas tem coisa que eu acho que cê tem que se indignar e tem que mostrar pro pessoa que tá indignada. Eu já fui com pessoas assim visitar a casa do outro, que é... um... assim, é quase despencando do lugar... e um pouco assim: *Ah! mas aqui é tudo tão bonito também!* Eu assim: *Não é, cara. Nem “fodendo” que é bonito, sabe?* O melhor que tem, essa coisa da honestidade, você também não precisa chegar lá detonando, mas acho que também é um pouco de poder se indignar e compartilhar essa indignação. E aí nessa situação que a gente foi, (???), é um pouco de compartilhar a responsabilidade da transformação. É assim: *Bom, pá... sou mesmo.* Assim... não vou esconder, ficar assim, ah! falando mal das pessoas que estudaram na Universidade, porque estas pes... estes que vêm aqui com projeto de cima abaixo. *Ochê, meu, a gente tem um fato que é esse, cara.* Efetivamente, eu fiz Faculdade, eu, sabe? Não passo fome, moro bem, tinha até (?). Mas, e aí? Eu tô preocupada...

*(Alguém fala junto)*

— ... Como é que a gente faz? Que que cê acha? Que que cê propõe? Quer dizer, é um pouco de compartilhar as tensões que, às vezes, te colocam, um pouco assim: *Ah! cê é um playboy ou pô, cê está vindo de fora...*

— Você é de (???)?

— Tô, tô... to... de (???). Não é fugindo, cê é de lá? Ah! não, aqui agora vou vir morar no Jardim Ângela. Não, cara. Moro lá. E aí? Como é que dá pra gente trabalhar desse jeito? Com todas essas coisas que eu tenho assim, que você tem outras. Quer dizer... eu nunca... acho que uma coisa que a gente vê que dá certo, é de nunca querer também dar todas essas respostas, não, entendeu? Dessas tensões, não sei, que... é de poder efetivamente falar: *Meu, é... e aí, como é que a gente faz?* Eu imagino que, talvez, dê por aqui. Que que cê acha, sabe? É... e isso acho que... que é fundamental assim, sabe? Não tem, é...

**Jorge:** Tanta resposta pronta... você vai construindo...

— Não, tem... cê vai... cê vai construindo, né. Acho que tem... que tem essa coisa de... é... de conseguir também discordar. Isso eu acho que é uma coisa muito difícil, muitas vezes, quer dizer, a hora que cê tá lá, que cê tá me ouvindo...tem uma coisa, às vezes, uma tendência, né... Eu até brincava às vezes, falava que essa tinha sido a minha frase durante um tempo, mas que eu ficava assim: *Num é construindo a periferia que é legal, porque às vezes começa um processo...*

— ... você começa a entrar numa pegação...

— De assim...

— Pô, mas eles querem...

**Ana:** “Putá”, a gente tem que reconhecer... ah!... mas isso que eles tão fazendo... Olha como eles se mobilizam. Meu... é aí eu vejo que é uma coisa muito assim: se eu achar ruim, eu vou achar que todo mundo (?) um treco aqui na Vila Madalena. E acho que essa coisa meio de poder falar assim: *Olha, acho que é ruim*, e sem isso significar você é um idiota, não dá pra começar, não dá pra fazer, não sei o quê. Faz toda a diferença, entendeu? Acho que é... de poder criticar mesmo. Tem coisa que a gente fala mesmo: não acho legal, sabe? Agora, quando você fala isso... acho que... esse cuidado que o Arnaldo tá dizendo, né. Cê não chega criticando, não sei o quê. Cê chega ouvindo, quer dizer, você começa um diálogo, e tá onde você poder efetivamente discordar, criticar, divergir, quer dizer, isso tudo acho que aproxima. O pessoal vê que você não tá olhando pra ele com um lance: *Ah! qualquer... se você não sabe falar.*

*Ah! qualquer coisa que você falar vai ser tão bonito! Nossa, coitado...*

— É a mesma coisa de ou você... ou as pessoas vêm como um monstro, então você fecha o vidro, você se esconde, você passa lá no meio, morrendo de medo, blinda o carro, sabe? Vê um cara... vê uma pessoa meio... ou cê vai lá e é uma criancinha. Cê trata igual bebê. O cara tem, “porra”, uma “puta” vivência, uma “puta”... aí cê fica assim: *Ahhh! Eu...* sei lá, salvando uma boa alma no meio do inferno, sabe? Você tá lá e, né...

— ... se sentindo extremamente inferior àquela pessoa...

— É, é isso aí. É... um ato de bondade, eu vou aqui te...

— ... receio de estar sentindo pena...

— Se bem que eu fico “puto” quando tem gente que... “n” pessoas... todo mundo aqui já ouviu isso, que é... *Nossa, você é do Centro Vida, eu acho tão bonito esse trabalho que vocês fazem!* Não é pra ser bonito, entendeu? Ele pode até ser bonito, mas ele... vamos dizer, não é porque é um bando de gente que tem boas intenções... “porra”, uma coisa pensável, a gente gasta tempo pensando nisso, a gente discute, a gente lê, a gente trabalha efetivamente porque... normalmente se o trabalho é tão bonito, é seguido de... mas, *o que você trabalha mesmo*, né. Então, é um pouco esse...

*(Várias falas juntas)*

— ... falou pra mim: é, mas aqui caridade...

— E além disso, você fala assim: *Pô...*

— ... você tem que fazer alguma coisa na vida. Caridade...

*(Confuso, todo mundo fala junto)*

— Isso tem muito a ver com o... modelo de... de terceiro setor, que é... está mundo no país. É... e o Centro Vida, por ser jovem e de ter nascido há dois anos, nesse contexto, não se propõe... não... *Pôxa*, eu tive que passar já várias vezes, de quando perguntam: *Ah! mas o pessoal é tudo voluntário?* Dizer: *Não, não, pessoal é profissional, ganha salário para fazer aquilo.* E tem muita gente que olha torto. *Pô*, mas... perdeu metade da beleza, porque bonito é você fazer assim... desprendido de coisas materiais. Agora, você optar por isso como profissão, ganho de fato pra sua vida inteira, e não só se você pusesse rico, filhinho de papai, ou mulher dum grande empresário, dum grande... né. Essa coisa de Assistente Social é coisa de Primeira Dama, que

a gente tem ainda no... no Poder Público, né. É... num... num pode, que você tem muito...

— ... coisa de mulher...

— É... de mulher... de voluntário... de... é... é... a gente brinca das ONGs, das grandes... das velhas senhoras, entendeu? Que tem lá... é a herdeira de não sei quem, é a mulher de não sei quem, que faz... que monta o seu programa social, e que não tem o menor compromisso em ser eficiente, em ser avaliado, em ser... porque eu tô fazendo bem, pô... cê tá ajudando, cê tá dando comida... Então...

(*Várias falas juntas*)

— Não, tem... tem ONGs sérias, que a grande... assistencialistas, mas sérias. Mas, o que eu acho é que, sei lá, você entendeu?

(*Risos*)

— Você tem uma ONG, inclusive eu faço parte dela... diga-se de passagem.

(*Risos*)

— ... a gente tá fazendo um jornal. Eu queria falar disso com vocês... chegaram que... Então, o que tem nesse jornal, assim, tudo bem, o jornalismo... faz alguma outra coisa que traz verdade, né.

— Editorial, o mito, quer dizer, eu tenho duas condições de tomar uma atitude, no (??) não dá, mas é... A primeira é contato que o Centro Vida faz pra ajudar pes... que a gente consiga superar essa primeira fase que foi campanha. E o jornal acho que ajuda muito nisso. A segunda, e aí tem uma vertente que é importante, que é mostrar pra quem nos dá dinheiro, quem contribui, quem pode vir a contribuir, quem pode ser voluntário, que que a gente faz com isso. Quer dizer, tudo... né. Que que a gente faz com esse dinheiro...

— Quer dizer, mostrar de uma forma sucinta, (?), então, caminho que a gente tava tomando.

— Então, eu acho...

— Isso...

— Eu acho que...

— Em cima desse, assim. Aonde a gente acertou mais, aonde a gente errou mais, pra que lado a gente vai...

— Eu... eu... acho que...

- Acho que o Arnaldo também tem dúvida, pra gente... elaborar...
- No primeiro jornal, a gente fez um balanço bom, eu acho. De... é... institucional, quer dizer, projetos, tal, que a gente faz e a nossa parte de opinião...
- *(Fala junta, fica confuso)* ... de panfletagem, porque a gente corre um pouco esse rico.
- É...
- ... mas eu acho o seguinte: vou ter... eu acho que eu vou... vou te contar, vou dar detalhes, (?) integralmente não.
- Não, só pelo seguinte: eu acho que... assim... eu não vejo o jornal por esse lado. Eu acho que...

(...)

**Jorge:** Vamos começar...Vamos lá então?

— A gente pode começar falando?

**Jorge:** Lógico! (risos) cá estamos!

**Ana:** Eu queria trazer uma coisa para vocês, que eu queria dividir com o grupo, que eu achei muito interessante a abordagem que eles trouxeram, no final da nossa conversa da última segunda-feira, essa... esse cuidado, para de fato a gente conseguir trabalhar melhor essa idéia de qual a diferença, como é que o Centro Vida, ou enfim, como é que até a gente pode pensar em projetos, em coisas que funcionem, que atraiam mais o jovem para que ele não... enfim, não faça besteira, e eu achei interessante isso que eles fizeram de evitar que a conversa caminhasse para esse momento... em que nós (?) ficássemos assim observando, ouvindo e... de repente dar de Deus, que ele apontou da última... no final, eu achei que tinha muito a ver, que é um risco que a gente corre a todo momento, quando a gente está ouvindo, de se deixar levar e acabar... e isso não vai agregar provavelmente, se a gente ficar só nessa postura de ficar ouvindo, fala puta, é tudo uma merda, não tem jeito mesmo, eu achei..enfim, só queria contar que achei que como terminou na semana passada me deixou pensando, como de fato a gente tem que estar sempre nesse cuidado mesmo.

— Eu queria contar...

— Talvez podia (?) , né?

— (...) acho que é legal “fuçar” daí, né, porque também desde a semana passada também estava com essa... assim, achei ótima... eu não tinha vindo da primeira vez, achei que foi super útil a segunda-feira passada, e acho que talvez seja uma... tem coisas para se discutir hoje, não sei se tem alguma notícia, se eles vêm, (?) se eles não vêm, outras pessoas que estavam, o Matuta, o Guga...

— O Matuta deixou um recado que hoje não podia vir... mas que estará aqui na segunda feira que vem.

**Felipe:** Mas enfim... podemos continuar... a princípio eles deveriam estar aqui, (?) mas eu acho que esse caminho aí que ficou do final é... bom... seria bom, não sei também como é que funciona isso mas, começar a pensar alternativas de respostas, o quê que a gente tirou

até aqui... fazer pelo menos um...este é o terceiro, né, é o encontro do meio, são seis, tentar usar como um balanço, um pouco a gente ouviu, muito trocou experiências e ouviu experiências práticas, e acho que as pessoas devem ter idéias hoje, devem ter coisas que pensaram quando... muito menos do que... ah, o projeto fala... não é isso, não é *brainstorm* do projeto, mas sei lá, talvez seja um caminho pensar o que passou pela cabeça nesse processo... o quê que tem... não sei também... porque... eu fiquei pensando, como é que você muda de estágio, né, como é que você caminha para sair do papel de... ouvir experiências das pessoas... porque foi muito isso, pelo menos na segunda feira passada, eu não vim na primeira segunda feira, eu não estava, mas foi muito ouvir as experiências, foi super importante, um dos motivos deste grupo existir, mas...

**Joana:**

... mas eu tenho uma sensação exatamente oposta... eu acho que... sei lá, (?) tem muito o que contar, entendeu, não acho que isso seja... não quero isso não, mas eu penso muito no processo, eu acho que é um processo, e tem uma parte nesse processo que é sim, olhar com estranhamento, olhar com distanciamento, meu, prá mim é chocante! eu nunca fiquei na frente de uma pessoa que falou: eu matei alguém, e acho que faz parte disso, e o que estava me incomodando na reunião, é que era justamente a tranqüilidade como o assunto ia, entendeu, ah, eu matei, ah, ele matou... prá mim faz absolutamente parte, ficar chocada, ter um distanciamento, ter (?) de tudo isso, sem deixar cair na Cidade de Deus, não acho que isso leve necessariamente à Cidade de Deus, mas uma das coisas que me deixou profundamente incomodada na primeira reunião foi como o assunto foi pouco (?), é óbvio, também é um processo, na segunda acho que teve esse momento, tal, mas acho que faz absolutamente parte, porque senão a gente banali... é muito fácil, entendeu, eu acho que... é óbvio que isso é uma... é um atrito por “n” motivos, porque a gente vem de (?) diferentes, porque é uma situação delicada, porque senão era muito tirar todos os problemas e... tratar o assunto como se ele estivesse fora de um contexto, eu acho que... também você encarar com naturalidade... (?) também eu acho que é uma coisa que não te faz crescer muito. Eu não tenho nenhum (?) com trabalhar (?) com (?) porque não acho que é corriqueiro... perpetuar isso, estender isso por muito tempo também não vai levar a gente a lugar nenhum, mas até essa etapa do processo a gente vai precisar de um cadáver... e também não tenho essa vontade de... encaminhar... acho que esse preconceito, eu vejo muito... não vejo com... como.. um processo tão funcional assim, não vejo que tem que ter essa finalidade, no sentido de fim mesmo, eu não vejo esse aspecto tão claro de que a gente tenha necessidade de

encaminhar... pelo menos como as coisas estavam indo... acho que é uma forma...

**Emilia:** Deixe eu fazer uma pergunta... porque paralela à discussão que estava circulando aqui no grupo, tinham encaminhamentos práticos... com os meninos, estava constando que ia ter uma reunião que... quase meio paralela, depois da reunião subiram, junto com a Ana, na semana passada, quer dizer, como é que está sendo esse processo de (?) com esse espaço de interlocução aqui para ajudar a pensar institucionalmente essa questão que faz com que uns não desistam da violência, outros saiam, outros não entrem, quer dizer, todo esse processo de pensar institucionalmente isso, com o Centro Vida, mas também eles terem uma situação que exige o Centro Vida se posicionar, tanto em relação ao trabalho deles com continuidade, quer dizer um pouco talvez para a gente poder trazer para o grupo essa... como é que é lidar com esse espaço onde eles articulam com a instituição um programa para jovens de outra instituição ter que lidar com eles um pouco como... enfim... como... tem que se posicionar.

**Felipe:** Eu acho algumas coisas, assim... prá mim... quero falar... acho que é uma coisa primeira...que...concordo muito com o que a Joana colocou, existe assim a chamada para você olhar, a gente na mesma reunião e as coisas terem significados absolutamente diferentes para as pessoas, porque... eu também acho, enfim, talvez tenha a ver com o corporal, assim, né, de como a gente se posicionou para ouvir o que estava sendo dito, porque na minha cabeça não... não tinha uma coisa de vangloriar... as coisas aliás acho que muito pelo contrário, a gente problematizou muito as pessoas, em alguns momentos, senti que no final da reunião, depois que foi feita a chamada de atenção é que se teve, em alguns momentos, uma postura de ficar perguntando muito mais de como aconteceu, para ficar parece que vendo um filminho, do que propriamente discutindo as questões que o filminho traz. Essa esfera é absolutamente diferente quando você ouve aquilo, né, talvez o corpo diga alguma coisa mas eu acho que nas falas isso prá mim apareceu muito mais como um problema (?) do que... CONTE MAIS, COMO FOI... COMO É QUE É ISSO... onde isso tem a ver com entender uma situação... acho que isso, enfim, prá mim isso é diferente, só que... uma coisa que é para mim bastante preocupante, talvez isso seja uma das coisas que a gente tem que pensar muito, que a gente pensou num primeiro momento em quantas reuniões, eram três ou quatro... para uns é três, depois aumentou para dezembro, porque aí a gente achava que não dava conta, né, e ainda assim, quer dizer o processo interno do que a gente estava precisando pensar um pouco na linha (?) a gente falou pôxa, o grupo vai dar conta de pensar uma parte da história, não dá

outra, a gente tem que trazer outros horários, tem a ver até com uma leitura jurídica de como a gente pode se posicionar do ponto de vista legal, até, né, (?) e aí a gente já vê com outros olhares, a gente já vê com... nesse espaço específico, eu acho que é uma coisa, e aí eu acho que esse espaço (?) neste momento encaminhar alguma coisa, não concordo tanto com isso que o (Dante?) coloca, mais que isso, eu acho que a gente não esgotou nem um pouco o que este grupo poderia dar e aí é que entra a minha questão do que eu acho que a gente tem que olhar neste momento, prá mim é: putz... das pessoas que a gente trouxe para o grupo, para ajudar a gente a pensar, eu acho que olhar a composição do que é hoje, e do que era no começo, para não deixar isso passar batido, e não falar disso hoje, ou a gente pode achar que é uma série de coincidências, podemos, talvez até seja, mas acho que outra coisa é a pergunta, até que ponto também a gente conseguiu... sei lá... dar conta do procedimento... como é que a gente podia fazer... eu não sei até que ponto não tem a ver o fato dos meninos estarem aqui com o fato de a gente ter falado, ó, eu vou tratar do projeto... e acho que a gente pensou até nisso, quando a gente tomou essa decisão, a gente chegou a avaliar tudo... pode ser que a hora que a gente falar... rompeu o projeto eles falem, bom, então eu também não vou participar do grupo porque aqui tinha um efeito que é muito mais para o Centro Vida do que para eles, né, porque na realidade é uma história que tem a ver para eles, para a formação deles, então que fosse, mas tinha a ver... e aqui era um espaço, um dos instrumentos que o instituto ia ter para poder pensar numa posição... do que ia fazer... de repente eles não estão aqui, os dois, o Caco, por exemplo, não consegue vir por conta da locomoção, com a cadeira de rodas e tal, não consegue vir, e a gente tentou chamar o Rogério, o Emerson, que é uma pessoa com quem o Julio trabalha, que não estão aqui, quer dizer, eu acho que tem um... algumas coisas para a gente pensar, que era também a grande valiosidade do grupo, que era essa composição, era esse encontro, que era essa possibilidade, que eu acho que... limitou muito, né, a gente está bastante diferente, né, e eu acho que isso é uma questão, porque esse Centro Vida, o pessoal já está bem de muito tempo com isso, eu acho que justamente o que nós propomos é que a gente mudou muitas coisas, a gente reúne todos os diretores, todos os gerentes, todos os coordenadores de projeto, a gente mudou o horário da nossa reunião diária, que é uma coisa tipo... um ano e meio existe, sabe, nesse mesmo horário, de segunda feira, porque a gente achava que valia a pena, que era uma coisa muito importante, a gente gastou um puta tempo, esforço nisso, e de repente... quer dizer, eu acho que não olhar hoje para essa coisa que está acontecendo aqui no grupo, refletir e tal, como a gente

encaminha, quer dizer, encaminha nesse sentido, qual a proposta disto aqui, né, o que a gente quer fazer, porque eu, honestamente, não sinto essa coisa de esgotou, nossa ouvimos muito, nós... eu tenho vontade de ouvir muito mais, eu preciso aprender muito mais, eu tenho essa demanda assim, de... e não consigo, com o que a gente discutiu, em dois encontros, achar que já dá para tirar alguma coisa; acho que nem em seis encontros, acho que é um bom primeiro passo mas não acho que... e eu fico assim... entendeu? O que a gente faz...

**Emilia:**

Queria perguntar qual foi o procedimento com os dois...

—

Com os dois? Foi a de rompimento, assim...

—

De rompimento do projeto em que eles participavam e ganhavam, tiravam remuneração por conta disso, tinha uma posição social no lugar... etc...

—

Queria só... duas coisas... a primeira em relação a ...o quê que é o encaminhamento que eu falava e a segunda é o quê que eu acho que a gente colocou, que a Clara colocou, que você tinha colocado, que eu tinha colocado na reunião passada e tal, que eu acho que era uma coisa de... bom estou começando pelo encaminhamento, a minha proposta no encaminhamento, até nem era... então a que conclusões chegamos, era assim, acho que a gente ouviu muito, a gente aproveitou muito da diversidade do grupo na reunião passada, do pessoal da (?), é... fundamentalmente, a gente ouviu os jovens, de vários jovens, os dois meninos, o Mosquito, o Osmar, colocaram muitas coisas que foram, vamos dizer, as maiores falas, as maiores contribuições de conteúdo, de jogar dados, de trazer realidade para a mesa, foram colocados ali. E eu acho que foi MUITO válido, é claro também, gostaria de estar... mas eu acho que é assim, o grupo tem outras vozes, outros conhecimentos, outras experiências, outras coisas que... ou pelo menos ele foi concebido para ser isso, para trazer várias experiências, porque de fato o problema envolve... precisamos pensar o que aconteceu e tal, mas um pouco do encaminhamento que eu dizia era da coisa do ouvir a história, ouvir e discutir a história do que aconteceu daquele caso... eu nem estava falando com tom valorativo, de estar... dizer que a gente valorizou, não acho, eu acho que o grupo não fez o papel de botar na altura, eu só acho que a gente ficou no papel, em algum (?) na reunião passada, era assim, às vezes a gente se pegava capturado, pelo menos parte do grupo, talvez não todo o grupo, capturado pela... porque é... pôrra pela (?) e eu não estou criticando isso, eu também estava capturado nisso, só estou dizendo que a gente tem que se capturar por outras visões também, para agregar, porque é um caldeirão, não é um depoimento que a gente está tomando, é

um processo de discussão e era isso só que eu queria trazer, jogar o encaminhamento, era... jogar mais contribuições para isso, ver o que as pessoas pensaram encima do que foi falado, (?) fiquei pensando durante a semana o que... no que eu ouvi, muito menos desprezar e mais jogar na mesa, a gente ouviu uma série de coisas que a gente não está... uns estão mais outros estão menos acostumados a ouvir ou a falar ou a participar disso e tem outras contribuições a dar. É nesse sentido que eu jogava a coisa do encaminhamento. A segunda, e ainda acho que é válido, e a segunda coisa era... eu acho que essa discussão do que fazer, por onde partir, decidir, pensar porque as pessoas não estão, eu acho que tem muito a ver com pensar o grupo mesmo, pensar o quê que ele pretende... o que quê ele vai... não sei, sei lá, eu não consigo lembrar quem estava aqui que não era do Centro Vida, além, eu sei que não tava o Carlos e o Roberto...o Carlos...não estava, o paulista não estava, o Isaac, a Cuca, quer dizer, pessoas... o Angola... também são pessoas do Centro Vida, de fora, que não está aqui, tem o (?), tem o João e o Pedro, o Portuga, então, aí eu não sei se vieram na primeira ou não mas talvez seja o caso de trazer mais gente de novo, senão, enfim, trabalhar com o que a gente tem aqui, acho que tem bastante coisa aqui que dá para sair de interessante para ir somando, também não acho que tem que acabar, e ter um relatório final, conclusões do grupo tal, aliás, na discussão que a gente teve (?) paralela a isso é... a gente até discutiu isso, isso é grupo de subsídios, de trazer informações, é um instrumento poderoso para buscar informações e não para... ah, então tá bom, a partir de amanhã o Centro Vida vai fazer isso, acho que não é nem assim que se bola a coisa... eu prefiro jogar, e eu acho que o estranhamento, Joana, essa coisa toda, eu tive também, não dá para passar por cima disso, que bom, legal, agora vamos... de jeito nenhum, era só um...

— Eu acho até que só para acrescentar... se não existisse um estranhamento, ninguém estaria aqui, por exemplo... eu acho que isso...

— Eu também acho que ninguém está aqui por uma postura que possa ser ... relacionada com... Cidade de Deus. Eu acho que tipo acho que a gente parte disso já, não existe isso no Centro Vida...

— Eu discordo um pouco... mas... continua...

**Rafael:** Não, então... eu vou dizer... o que para mim foi da segunda feira até hoje, menos ficar retomando as falas das pessoas porque também não é tudo o que eu penso, e não vou ficar discutindo o que eu penso, o que deixo de pensar, com relação aos outros. O aspecto que mais cresci, quer dizer, o que foi mais importante para mim, inclusive até no sentido profissional que uma coisa não está

desvinculada da outra, foi que do depoimento dessa semana, uma série de coisas que para mim estavam no âmbito abstrato, e que mesmo de formação humana eu tinha um discurso de autoridade maior e vi que nada... eu me choquei com esse discurso, quer dizer, quando você, como a Joana colocou, é difícil você procurar... e eu sentia muito o discurso de vítima, que nós somos vítimas de um processo, até falei isso na reunião diária, somos vítimas de um processo de exclusão, somos vítimas de vários processos que fizeram... que colocaram nós na frente dos outros, né, colocam nós na frente dos outros, até esquecendo do caso dos garotos, quer dizer, que é o discurso que a gente ouve sempre — e aí eu não tinha outra alternativa a não ser apertar o gatilho — quer dizer, eu fiquei pensando, mas será que apertar o gatilho era realmente a única alternativa? Quer dizer, será que é só essa a realidade, será que esse discurso de vitimização, quer dizer, uma vitimização que é o (?) mais fala, teoricamente passivo, será que esse sempre é o grande caminho? Quer dizer, a única alternativa? E aí, ao mesmo tempo, eu falo bom, é a alternativa que se diz, porque eles, no caso prático disseram, quer dizer, num caso real, disseram, e a gente pensar, e aí desde então, tive uma série de conversas com a Clara, que trabalha comigo no projeto, e nessas conversas eu ficava o tempo todo me debatendo, mas qual a melhor alternativa, qual a melhor abordagem que eu faço para colocar nas escolas onde eu trabalho, que essa não é alternativa, que esse clima que muitas vezes parece até... não propositalmente... mas inconscientemente de faroeste, acaba acontecendo, quer dizer, é aquela coisa de um atirar e... aí depois você cria um ciclo de vingança... que você tem que dar conta desse ciclo, se você pára com a guerra na verdade você nunca tem certeza de que a guerra foi parada... quer dizer, as coisas estão ali acontecendo... E... até hoje, por isso eu concordo aí só... a Mônica... eu... para mim as coisas não estão respondidas porque essas dúvidas desde então não saem da minha cabeça, quer dizer, eu peguei lance de dormir, chegava lá o bicho pensava em... futebol, quer dizer, em várias outras coisas, e isso foi tão forte para mim que eu não consigo pensar em outra coisa, quer dizer, a única coisa que ficou para mim é isso, como eu vou trabalhar, quer dizer, qual é o pacto social possível, qual é o processo que a gente pode iniciar para quebrar esse discurso da vítima, quer dizer, será que esse discurso da vítima (?) tem que ficar... e eu não tenho respostas, por isso que para mim, no sentido de formação humana eu cresci, quer dizer, de uma semana para outra, eu não posso mensurar o quanto foi esse crescimento, mas eu cresci no sentido de encontrar novos elementos para pensar e com esses elementos eu não consigo colocar no dia a dia, embora eu sempre tente estar

colocando, quer dizer, e isso... eu fico triste, inclusive, dos meninos não estarem aqui, de outras pessoas não estarem aqui, porque para mim era importante ter esse diálogo, eu queria dizer para eles, mas será que essa é a única alternativa? E o duro é que quando o Guto tentou colocar, a resposta sempre era: — É! é a única alternativa! Quer dizer, ou é a minha vida ou é a do outro... e é aí em que mundo que a gente trabalha, onde que o nosso tipo de intervenção acaba influenciando dentro da região...

**Jorge:**

Talvez essa questão que você está levantando, seja uma das questões centrais do grupo, senão a questão central do grupo. Quer dizer, há alternativa a esse “dedo no gatilho” ou não? E eu acho que está bem colocado por você no seguinte sentido, olha, me veio a questão que acho que a gente tem que pensar mais nisso, eu acho que sim, eu acho que tem que se pensar profundamente nisso, porque geralmente as abordagens que se fazem nessa questão da única alternativa ser ou não ser o “dedo no gatilho”, elas costumam ser superficiais, por um lado, por outro lado costumam ser assustadoras, o indivíduo se defende, as pessoas se defendem e fogem disso, porque e se a gente chegar à conclusão que não tem alternativa, vocês já pensaram? Pode ser que a gente chegue claramente que não tem alternativa, isso é uma coisa muito, muito grave! É como se a gente não conseguisse entrar em contato com um fato por inteiro, eu acho que é uma dificuldade entrar em contato com um fato por inteiro, e geralmente é uma discussão superficial, tanto da parte... esse discurso vitimizado, como você fala... quanto o discurso de quem escuta... porque é muito difícil aprofundar isso, é muito difícil, quer dizer, na medida em que a gente for aprofundar, e de alguma maneira se aprofundou na semana passada, o quê que nós vamos ter que falar? Nós vamos ter que falar sobre a vida verdadeira das pessoas, os verdadeiros sentimentos das pessoas, a verdadeira história de vida das pessoas, aquilo que o cara sente de verdade, né, não é mais falar sobre aquilo que eu sinto, é mostrar aquilo que eu sinto para a gente poder pensar isso... então eu acho que é de fato um negócio... pesado...

—

Então, sobre tudo isso porque na semana passada eu fiquei... fiquei calado... na semana passada eu resolvi não ter muitas emoções... precisava dar um tempo... e também porque assim eu não gostei do encaminhamento que o grupo deu à discussão da semana passada e lembro que assim que acabou eu ainda falei para a Ana, talvez a gente precise chamar outras pessoas para aqui porque... eu acho que uma coisa que é natural, tanto no estranhamento e nessa coisa que a Joana fala, né, isso é uma coisa até meio visceral, assim, e... porque no início desse processo todo a primeira vez que

eu me deparei com isso foi muito forte, foi uma coisa... sei lá, foi uma coisa muito forte e que não foi um bom sentimento na prática, mas por outro lado... e acho também que é uma certa... aquilo que ocorreu na... que a Ana falou assim... começou rolar um papo assim que... a coisa foi se atendo a detalhes e eu comecei a sentir uma coisa assim como se tipo... me preocupar, como se de repente eu estivesse vendo... do alto das pedras, né, e eu sei exatamente que em absoluto não é esse o objetivo do grupo e sei que de maneira alguma era a idéia de ninguém aqui fazer isso, mas de fato eu acho que acabou... eu senti um pouco isso, né, e o que é natural, porque na primeira vez que a gente conversou e eu, inclusive, no meio da conversa disse, olha, mas está aqui um clima de que a gente está atacando vocês, e de certa forma a gente está, porque é uma coisa que confronta muito com a gente, mas na realidade o mais importante é que vocês entendam que a gente está querendo criar um espaço para dialogar, e para isso a gente vai ter que se posicionar e vocês vão ter que se posicionar, e há um confronto que é natural... e aí eu achava que... senti que isso estava rolando no encontro passado, eu senti um retrocesso muito grande na fala deles é quase que era um outro grupo, eram pessoas que eles não tinham contato, quer dizer, nas duas ou três primeiras conversas com eles, e eu era uma pessoa que eles já conheciam, já estava com eles em outro curso... na conversa, a primeira coisa que a gente teve aqui dentro desse grupo com a Ana, que a Ana, ela não os conhecia mas assim, foi um grupo menor, que eu me lembro que não tinha o Carlos, tinha o Cebola, não lembro, tinha a Rosângela, mas mesmo aquele dia, o papo deles foi... foi muito melhor do que foi dito aqui... eu me lembro que teve um dia que sentou só eu e a Ana, e foi uma outra coisa, e assim, eu acho que ali a gente se aproximou muito assim da... daquilo que realmente interessa num grupo, porque...

— Mas o que seria isso que interessa, não estou entendendo...

— Eu acho que o que interessa é a gente conseguir perceber as nuances e não é isso que o Rafael fala, né, ter o discurso da vítima, — somos frutos de um meio e não nos deixam outras alternativas — que é um pouco assim... é uma maneira de você dizer assim, não, de fato eu fiz, quer dizer, eu tenho até os meus motivos mas eu sei que... então foi o que a gente conversava hoje, né, que o Rafael colocou num primeiro momento, até eu não entendi, retruquei, mas de fato, que é uma coisa dos valores universais, quer dizer, são coisas que podem estar menos em um, mais em outro, mas...entre uns e outros, todo mundo pactua dessas coisas... e eu até falei para a Ana, olha, eu acho que a gente precisava pensar outras pessoas, porque assim, eu acho que hoje... eu não

imaginava que eles não viriam... mas eu sei que eu... na hora que eu fui me despedir na segunda feira com um... não sei, acho que pode ter o fato da conversa que a gente teve... mas as conversas que a gente teve lá embaixo não são muito diferentes da que a gente vinha tendo, entendeu, elas só tomam um outro rumo mas ela continua conversando da mesma forma..

- Tomam um outro rumo em que sentido?
- Ah, a gente falou prá eles que a gente ia ter que na realidade abortar um processo que a gente estava iniciando... é, mas dentro da mesma linha de conversa que a gente vinha tendo até então, sempre com muita clareza, pontuando as nossas dificuldades, a gente nunca deixou de comparar as dificuldades que a gente tinha, não só dificuldade com relação ao fato propriamente dito, mas também do que... da gente não saber qual a melhor forma da gente lidar com tudo isso.
- Não, eu tinha falado isso também, da construção de um discurso, entendeu, eu acho que você pensar também como a pessoa constrói essa (?) sei lá, da vítima, também é um dado super importante, eu acho que o (?) então é fato, eu não vejo tanto (?) acho que é uma fase, talvez vocês já tenham passado por essa fase com eles, é óbvio eu não queria que fosse, sei lá eu não senti isso ainda, você sentiu isso e tal, uma coisa talvez agressiva, mas acho que a construção dos discursos também é uma coisa importante porque a gente também, óbvio que nesta reunião eu não vou falar, eu não tenho também menor liberdade, nem me sinto confortável de falar exatamente o que eu acho, então eu acho que (?) no meio de tudo isso, (?) ainda era eu ele, sei lá, meu, antes a gente discutia... sei lá, no máximo brigava, no dia seguinte a gente estava se falando de novo, e eu senti isso, é uma coisa prá mim, que pegou muito, porque meu, (?) o cara é jovem, (?) como que antes resolvia, tipo no bate boca, no dia seguinte já estava se falando, era uma coisa tipo, fiquei pensando num envolvimento que era muito mais infantil, uma briga, normal, coisa de briga normal entre pessoas, aí virou, meu, tiro, entendeu, um matar o outro... isso para mim foi super forte, e o cara falou aquilo, é o que a gente fala o tempo todo no Centro Vida. Ele é um cara que vive solto aí, (?) ele mesmo, ele surpreso, então eu acho que... por mais que, tudo bem, tem essas dinâmicas de encontro, (?) a pessoa se defende e tal, mas eu acho que é um processo...
- Não tem nenhuma dúvida nisso, e também não estou acusando ninguém... só estou dizendo que na segunda feira eu saí daqui sentindo isso...

**Ana:** Sei lá, eu fiquei pensando isso, que talvez, muitas vezes ficou muito crítica ao Centro Vida... enfim, isso faz parte, né, e eu até coloquei prá eles na verdade o assunto, quando eu sai do Centro Vida, puta, como eu sentia falta da (?) Centro Vida, de elogios, assim, mas só para estar no contexto (?) uma crítica bastante forte... (risos) não...

*(Fim lado "A" da Fita)*

**Ana:** (...) na forma que a gente se relaciona com o outro, porque se existe a posição de vítima, de um lado, existe a posição de quem sabe de outro, entendeu? A posição do professor de outro, e eu acho que a gente às vezes se coloca nessa posição e eu acho que isso não atrai as pessoas... para mim talvez tenha a ver isso aqui, com isso, cara, das pessoas... bom, então se é para ouvir discurso, então vou ouvir no curso, vou ouvir... eu não vou ouvir aqui, neste espaço...e acho que isso é um negócio que talvez...é para reflexão mesmo, porque eu senti isso na última reunião, sabe, que a gente não consegue compartilhar quais são... e é um pouco... eu vi assim, né, de quando... na primeira reunião, acho que em algum momento o (?) ou o Pedro, alguém colocou, — é, porque prá gente é muito difícil não fazer tal coisa... — e eu lembro que apareceram outras falas que é assim, prá gente é muito difícil OUTRA história... e colocar qual é a sua dificuldade, colocar quais são as nossas questões referentes a essa história, isso eu acho que neste grupo eu tenho sentido muita falta, porque começou me dar a sensação de, bom, sabemos tudo, então, o que a gente precisa é ouvir, só isso! No fundo, a sensação que me dá é assim, eu preciso só de provas concretas para melhorar o meu discurso! E eu, honestamente, gente, num primeiro momento, eu entrei para esse grupo, muito desarmada, porque tinha lidado com a situação frente a frente, de falar, não sei o que fazer, caralho! Não sei o que fazer, entendeu? E de tentar fazer alguma coisa e levar uma cacetada porque tinha feito errado a coisa, daí a gente ter que voltar atrás e ter que explicar para os meninos que nós fizemos errado, então assim, era um pouco assim, desarma, cara, tá errado, talvez que a coisa tenha que ter tido um (?), e eu lembro que assim, era a única coisa que eu conseguia sair da última reunião e falava pro Rafa, olha Rafa, esse grupo precisa aprender a ouvir, esse grupo precisa aprender a ouvir, era a única coisa que eu conseguia formular, não sabia direito o que era, mas eu saí um pouco com essa sensação, entendeu, de que a gente não conseguia assim... ouvir, nesse sentido que eu estou tentando fazer agora, sabe, de conseguir olhar, cara, que tem as NOSSAS questões em jogo, tem os NOSSOS valores, tem os NOSSOS (?)... tem os . (muitos ruídos) (?) e tem esse

lugar que a gente quer (?) de vítima e eu acho (?) porque senão talvez o que a gente faça é não conseguir atrair, trabalhar, conversar, com as pessoas, uma coisa que para nós talvez seja mais crucial nessa história, né...

**Emilia:**

Eu queria colocar uma coisa que os dois aqui disseram e que eu acho que é importante, que... há um confronto... então eu perguntaria como o Centro Vida lida com o confronto... me parece um pouco... quer dizer, confronto, é sempre mal visto, me parece, mas eu queria colocar essa questão, porque houve um limite dado aos meninos, quer dizer, olha, abortamos um projeto, perdemos um limite, colocamos uma marca, isso é visto como um confronto? Porque as diferenças são tomadas muitas vezes... porque o que eu escuto muito é o seguinte: um espaço para compartilhar... um espaço para ouvir o outro... um espaço... como se o limite e a marca fossem muito difíceis, quer dizer, ele dizer assim: não consigo lidar no dia a dia com essa questão freqüentando o grupo, quer dizer, os meninos disseram: não consigo lidar no dia a dia com o não apertar o gatilho, quer dizer, aí tem uma coisa muito semelhante, do não conseguir lidar do Centro Vida com suas questões e dos meninos lá com a violência de outra forma, quer dizer, no confronto não conseguem lidar de um outro jeito... Queria pensar um pouco essa questão do confronto...

**Jorge:**

Pois é, mas a questão aí que vocês estão falando também, eu acho que a verdade, eu acho que não está muito correta essa questão, de que na verdade o que nós estamos pedindo, o que o grupo está trazendo aqui, é que está começando a perceber que existe uma real dificuldade de comunicação. Existe uma REAL dificuldade de comunicação. Dentre as distintas experiências, que são de distintas classes sociais, que são de distintas culturas, que são de distintas vivências do cotidiano, porque é muito difícil não fazer uma leitura do que eles trazem, que não seja uma leitura aplacadora, de tentar aplacar, ou uma leitura culpada, ou aplacar ou ter culpa, e aí não se pode falar da lei, por exemplo, porque tem uma puta dificuldade de falar da lei, bom, matou, matou... o que se faz com isso? Parece que isso não dá para ser falado, matou, matou, todos nós estamos aqui diante de um crime... todos nós estamos aqui diante de um crime... não se trata, parece que está claro para todo o mundo, não se trata de uma acusação, não se trata de fazer uma acusação banal a essas pessoas. O que nós estamos colocados é diante de uma questão ética muito profunda, uma questão social, e de uma questão de como é que a gente se posiciona, isso é o que a Emília está dizendo também. Bom, então, porque a gente conhece os caras, aí não tem lei, ou qual é a lei? Como é que eu acordo isso? Eu acho que tem uma dificuldade de comunicação real, sabe,

e que aí as defesas contra essa comunicação não são só de um lado, são de vários lados, então a defesa, por exemplo, da comunicação, por parte dos meninos, que a gente está vendo, pode ser o discurso de vitimização. Pode ser uma defesa contra uma real comunicação, a defesa contra a comunicação pode ser ficar fixo no olhar, fixado no olhar do crime, também, porque eu fico fixado no olhar do crime e eu não vejo o crime, na verdade. Eu não vejo realmente o que aconteceu. Eu também fico cego com isso. Então o que parece que surge, que se coloca é que existe uma dificuldade de comunicação mútua, né, e fica muito claro a questão de diferentes classes sociais, diferentes situações sociais, diferentes experiências de vida... como é que o Centro Vida consegue trazer essas diferentes experiências de vida, diferentes vivências, realmente para a conversa, enfim, essa conversa num sentido, quer dizer, aqui, neste grupo, ele dramatiza uma situação absolutamente essencial, que a gente tem vivido, que é o quê? Que a sociedade tenta... existem determinados setores da sociedade que tentam ter uma real conversa e não conseguem, como o grupo aqui não consegue, ou que é muito difícil, consegue em determinados momentos, outros momentos não consegue, evidente que não é uma coisa uniforme, consegue tudo ou não consegue nada, porque se não houvesse uma real comunicação, também as pessoas não estariam aqui. Elas estão aqui porque existe alguma coisa que as traz aqui, mas existe também uma dificuldade dessa comunicação, dessas experiências distintas. Não sei se é claro o que eu estou dizendo... E talvez essa seja a dificuldade que os meninos sentiram. Porque a gente percebe quando o outro está se colocando no lugar de vítima e também ele está falando mas é um clichê, eu acho que é muito menos clichê, por exemplo, um ato falho, como a gente ficou trabalhando com essa questão da relação com a mãe já que não é tanto um clichê, mas tem a questão do clichê e nós também temos uma visão cheia de clichês: puxa... mas você matou? puxa, mas você atirou? puxa... nossa... Me lembra muito bem essa questão, da morte do menino, foi uma situação que a gente estava comentando depois, que eu vivi há muitos anos atrás. Eu trabalhava na rua e estava com um dos rapazes que a gente trabalhava, nós tínhamos um grupo na rua, e ele disse assim: — pô Jorge, vou te contar um negócio: sabe que eu vendi minha televisão e comprei um 32 — pô! você vendeu sua televisão e comprou um 32? — eu vendi porque o cara, vizinho do meu barraco, acha que eu estou comendo a mulher dele e ele disse que vai me matar. Eu disse: mas você comprou um 32, vendeu sua televisão... Ele falou: Jorge, eu moro na favela, cara, você mora lá em São Paulo! Aí eu pensei... talvez eu tivesse comprado um 32 também! Quer dizer, como essa questão, nesse momento tudo se

relativiza, né, como fica tudo... e talvez essa movimentação seja um negócio muito interessante do grupo conseguir fazer.

—

Eu queria falar uma coisa também...

**Jorge:**

Vão falando, não tem censura, é associação livre!

**Felipe:**

Eu não fiquei com uma impressão de que houve um retrocesso, do primeiro encontro para o segundo, pelo contrário, eu achei que houve um ganho, talvez porque eu conhecesse os dois meninos antes. Eu achei que no primeiro encontro o grupo evitou falar do crime que eles tinham cometido. Achei que no segundo momento eles se sentiram talvez mais à vontade no grupo porque houve uma situação que permitiu à gente ouvir eles falarem sobre o que aconteceu e eu acho que isso é importante, se eles tivessem se sentido cerceados de falar o que aconteceu, eu acho que teria sido uma pena porque a gente não teria, por exemplo, sabido da preocupação do João com a mãe dele, por exemplo... Tem uma coisa, por exemplo, que eu fiquei muito... assustado, assim, porque eu fiquei impressionado com a necessidade que eles tiveram de pegar justamente, de pegar as armas para irem conversar com o outro grupo, eles já foram conversar com o outro grupo armados... como se a arma fosse um passe que possibilitasse o diálogo, ou que possibilitasse o encontro dos dois, quer dizer, sem arma é impossível, não dá para se encontrar. E eu estou pensando também a ausência deles aqui. Quer dizer, para fazer uma presença, o cara precisa ter confiança suficiente de que ele vai ser reconhecido, de que ele vai ser olhado, né, e para isso ele precisa estar armado, quer dizer, e hoje a gente pode especular que eles estão aqui ou não, mas o fato é que há uma ausência deles aqui, né, então talvez pensar também — será que eles não se sentiram desrespeitados, ou diminuídos, e eles não puderam se apresentar, quer dizer, desarmados?

—

Mas eu acho que aí tem uma questão também de você assumir o que você fez, afora do discurso que eles assumiram, assume que ali eles ali eles fizeram sim uma escolha. É difícil! Eu acho que é uma questão mesmo de... eu estou com várias idéias na verdade, mas eu acho que na postura deles eu consigo ver um monte de coisas que somam e que eu acho que não cabe aqui ficar colocando, porque vai ser especulação, a partir do momento que eles não estão aqui e não vão poder falar o que aconteceu, mas eu acho que tem isso, quando você começa a chegar próximo, como o Juarez falou, em um contato mais real, de não ficar só no discurso... então, porque onde eu moro, porque o que acontece... porque lá é assim... porque olha como eu vivo... de ficar construindo isso, e aí eu acho que a fala do Mosquito fica meio completamente nesse sentido, de ficar fazendo uma... cenas

dramáticas, não sei o quê... ele já tem uma construção de uma fala que é isso, que é uma coisa mesmo de... mostrar a realidade e já com ... (?) estava contando, quando ela fez o mestrado dela da FEBEM, tudo o que você conversa com o menino o menino vai construir, não tem uma invenção de quem está falando, o menino vai lá e se apresenta no vídeo como o menor, não sei o quê, ele sabe... as pessoas sabem construir as suas falas de acordo com quem elas estão falando, então acho que o grupo chegou... o grupo chegou num momento, em relação aos meninos, que eu sinto que quando eles começam a falar e a gente diz olha, mas existem outras coisas não sei quê... eu acho que pode criar uma situação de acuado... que acho que você falou...

**Jorge:** Mas me veio forte uma coisa agora que eu quero colocar. E se..e se... ao invés da gente falar dos meninos... a gente falar da gente? (risos) Entendeu? Qual é a nossa experiência?

— Eu queria falar (???) relativizar, e eu acho que isso é... talvez o maior enrosco da gente do Centro Vida. Eu acho que um plano individual talvez seja um desafio, (?) seja um crime, sei lá, uma agressão, matar alguém... do ponto de vista individual já é um problema, acho que cada um (?) vai dormir e fica pensando nisso, e tal. Do ponto de vista de uma ONG, por exemplo, você tem uma agenda, você tem uma pauta, você tem coisas (?), relativizar isso... onde é a linha do... eles fizeram um crime mas a gente sabe quem é... a gente não quer... totalmente falar... olha, então tchau, a gente quer acolher mas e a legalidade, (?) porque exatamente, relativizar qualquer um pode fazer, entendendo aquele contexto, (?) se eu morasse na periferia talvez eu também comprasse um 32, mas o fato é que a gente não mora e mais que isso, a gente trabalha numa ONG que tem uma agenda bem clara, e se fosse um policial que tivesse matado um cara da periferia, a gente não ia acolher o cara (?) a gente ia querer, meu, ir atrás do policial até ele ser preso, julgado, e até ele pagar pelo crime que ele cometeu. Então eu acho que é justamente fazer essa relativização é um enrosco!

**Jorge:** Quer dizer que os meninos nos colocaram num puta estado confusional, não é isso?

— Totalmente! E para a gente decidir os procedimentos, o que a gente fez fora desse grupo, discutir o que fazer com eles, já foi uma coisa gigantesca, mas que é realmente um enrosco, porque o que você faz para uns...

**Felipe:** Eu acho que até algumas coisas que foram... que vocês falaram, ah, porque não vamos discutir a questão da ... porque não aparece a questão da legalidade... porque que não aparece... eu acho que nas paralelas aí, nas conversas paralelas, de gerentes e diretores de

instituto para discutir isso, gerando encaminhamentos e tal, isso teve uma nuance que foi só legalidade, o pessoal foi todo encima de legalidade, a segunda discussão foi muito mais, foi pouco legalidade e muito encima de simbólico, de o quê que você está passando, foi um pouco pedagógico, um pouco... enfim... se discutiu muito a nossa relação diante do fato, muito mais do que o fato, muito mais de querer saber como é que foi o crime, querer colocar, o foco da discussão foi: olha, como é que a gente age numa situação dessas, como é que... temos um caso concreto, agora o quê que a gente faz? Talvez um dos motivos que não tenha... que isso não tenha aparecido, e isso apareceu também (?) falou, pô, mas eu não tenho coragem de virar e falar, meu, mas eu quero discutir aqui primeiro se você tem que ser denunciado ou não. Até uma coisa de medo, pô, você está... o cara matou, sei lá, foi um caso lá, mas isso gera... está tão fora do nosso universo, a Joana falou é a primeira vez que eu vi alguém falando, e tal, esse reconhecer que está fora do nosso universo também limita uma série de coisas no grupo, na medida em que você está diante das pessoas que é o que motivou, ativou um negócio que tinham acabado de matar. Então isso gera... esse é um lado que a gente discutiu, uma outra coisa que eu queria colocar agora que...na coisa de relativização, que se morasse na favela também comprava um 32, e tal, (?) e a gente quer pensar, nós temos uma agenda e tal, eu acho que com isso, a gente está ignorando, deliberadamente ou não, outras posições que foram faladas, de pessoas, como o Osmar colocou, como... enfim, o Mosquito colocou, parte da fala dele, e outros poderiam ter colocado, e que a gente até estatisticamente não tem como não saber, que é pessoas que vivem a mesma realidade diante dos mesmos desafios, dos mesmos problemas, não compram 32 ou se compram, não disparam ele na cara do cidadão porque jogou uma lata de cerveja, então eu acho que o risco, e eu procurei me policiar muito contra isso na reunião passada e eu imagino que outras pessoas aqui também, porque uma coisa que os rapazes falam, Ana falou muito isso lá, sempre ouvi falar, ela estava falando muito isso, que era: tem ONG que chega na periferia, e pode ser na periferia, pode ser na Amazônia, pode ser... as pessoas que são da classe alta que se diz classe média e que são estudados muito (?) enfim, tem uma série de coisas, chegam e querem resolver: eu tenho a solução para o seu problema; e a gente sempre falou, a gente não quer ser isso, a gente não quer ser salvador da pátria, a gente não quer chegar com solução pronta, a gente não quer enfiar as coisas na goela abaixo de ninguém. E aí a Ana sempre falou, só que tem um contraponto aí nessa fala, claro que a gente não quer ser isso, a gente também não quer ser aquelas pessoas que falam assim: ah, tudo o que eu...

vou trabalhar numa colônia de... sei lá, numa aldeia indígena, tudo o que eles falarem está absolutamente certo, eles têm toda razão, se eles jogam lixo no... a lata no rio, é porque eles têm uma sensibilidade maior sobre a relação da lata com o rio e não sou eu que posso dizer que jogar a lata no rio está enferrujando a água e que eles vão morrer amanhã porque a água tem ferrugem, entendeu? Então o que a Ana falava e que eu também concordo muito, que eu acho que falta muito a posição que o Centro Vida tem ou deveria ter na hora que se relaciona com seus projetos, acho que na maioria das vezes tem é: **troca**, a palavra chave aqui é troca, e nessa troca você tem que saber puxar coisas de um lado, jogar coisas do outro, então quando eu estava na reunião, eu me policiava muito para não entrar em... nossa então, puta, meu, não é que você tem razão, claro que pesam os meus valores pessoais, pesam os valores da instituição e pesa para mim muito por ser diretor da instituição, mas pesa também eu não vou resolver, (?) eu dou valor a uma série de coisas que eu achei super importante que é agregaram muito para mim, uma série de outras experiências que a gente já ouviu de outros lugares ou que a gente leu, ou que a gente viu, enfim, tem um outro mundo, eu não preciso cair no mundo e para mim me dá uma certa aflição o grupo ficar o tempo todo girando em torno dos meninos e do crime que aconteceu, isso eu acho que ainda está... acontecendo aqui mesmo, tanto que o Cebola está aqui, o Osmar está aqui, eles moram em bairros...

**Joana:** Ai, deixa eu falar uma coisa, eu acho que isso a gente já sabe... eu acho que justamente, que tem pessoas que vivem nessa realidade (?) e que não concordo...

— Com o quê que você não concorda?

**Joana:** O que me dá um pouco de aflição, é de a gente achar que esse grupo não enxerga que existem pessoas que vivem naquela realidade... e

— Pelo contrário! Está todo mundo...

— Você quer fazer um debate, Joana, na hora que (?) e fazendo a conversa (?) tom professoral, tem uma série de coisas que estão acuadas aí que eu acho que de fato podem ter acontecido mas acho que se a gente quer fazer essa conversa que é para dar (?) e tal, é... para mim uma coisa que falta é... enfim... para mim não é ah, então você tem uma justificativa, eu não acho que é para ninguém aqui. Bom, mas a condição lá, e tal, eu tenho que... puxar o gatilho, por exemplo... eu não vou me pautar por essa, isso é uma coisa que agrega muito, tem uma série de coisas, tinha mais de 70 mil perguntas para fazer, para os dois sobre o que aconteceu, sobre o negócio ali, focado naquilo, porque eu tenho um monte de coisas

que eu quero saber ainda, como é que chega a arma, da onde veio, porque que vai, um monte de coisas que interessa para o meu trabalho, não é curiosidade pessoal, um monte de coisas, mas eu estou tentando, o que eu tentei fazer, era não, vamos tentar confrontar as várias visões que estão presentes no grupo e não ficar olhando só para aquela visão, e era isso, a gente sabe, e tal...

— A gente já fez um grupo (?) sabe que quem mora na periferia... a gente nunca fez um grupo e discuti pessoas que moram na periferia e nunca se envolveram com criminalidade...

— Mas eu acho que essa questão...

— (?) pessoas que moram na periferia e se envolvem com criminalidade

— A gente fez desse grupo... discutir dois meninos (?)

— Exatamente, eu não tenho essa visão que você tem, a minha visão é bem diferente dessa...

— NÃO, não é discutir os dois, mas o grupo surgiu porque aconteceu isso...

— Mas é diferente **por causa de para que**.

— Mas eu acho que vocês estão se prendendo nessa discussão...

— Mas isso...

*(Pessoas exaltadas, falam ao mesmo tempo)*

**Jorge:** Atenção, atenção... atenção, este grupo... gente... a questão, esse grupo ele surgiu **a partir** deste fato mas não **para** este fato. Tá certo? Então, a partir de um fato, que é na verdade, nós estamos conversando aqui e tratando de ver como é que a gente aborda esse fato e como é que este fato nos... nós estamos falando o tempo inteiro o quanto os meninos estavam mobilizados, eu estou dizendo aqui o quanto **nós** estamos mobilizados por esse fato, o quanto **nós** estamos com uma dificuldade muito grande de se comunicar com esse fato que não é o fato dos dois meninos mas é como é que se relaciona uma coisa com a outra. Então, o grupo não é por causa dos meninos, o grupo é: o que se faz com situações de violência, o que se faz com situações que não têm soluções prontas, como é que faz, como é que o Centro Vida pode estar constituindo um espaço de reflexão profunda sobre situações que são absolutamente comuns e ao mesmo tempo inauditas. São comuns, e são completamente... complicadas, está certo? Como é que o instituto lida com isso, mas não só como é que lida com esses meninos, o que me parece muito importante, é como é que o instituto lida consigo mesmo, como é que o instituto lida com a

comunicação entre os fatos, com a comunicação entre essas duas populações de uma extraordinária diferença, que é pautada pelas relações econômicas e sociais e que vão dar uma diferença cultural, de classe, de conhecimento, de cultura e tudo isso, e de experiências distintas, como é que isso pode se comunicar. Então, me parece que o que nós estamos conversando aqui, pelo menos uma parte daquilo que nós estamos conversando aqui, é o seguinte: essa situação nos mobilizou um montão. Quer seja por a gente falar, quer seja por a gente não falar. Eu não consigo falar porque me mobilizou e eu falo porque me mobilizou. Num primeiro momento, o grupo estava colocando, estava depositando essa mobilização nos meninos, quer dizer, os meninos... o grupo estava pegando a sua confusão, estava pegando a sua angústia, estava pegando o seu enrosco, e colocando nos meninos! Eu não acho que é isso! Eu acho que a gente tem que ver porque eles não vêm, possivelmente eles não venham porque esse problema da comunicação que nós estamos falando, esteja latente! Isso que a gente tem que equacionar, que conforme a gente vá equacionando essa comunicação, talvez os faça vir mais, eles vão se sentir mais escutados, e também o fato de a gente trabalhar sabendo que nós temos esse problema, poder ligar para o cara e dizer, olha, é importante você vir, meu, é importante você estar aqui, por causa disso, disso, disso. Então, o que eu quero dizer para vocês é o seguinte, nós vamos avançar muito na hora que cada um ficar com aquilo que é seu.

—

Não entendi esse final...

**Emilia:**

Cada um ficar com o que é seu... deixa só eu falar e depois você completa, porque... volto na questão do confronto, como uma questão importante aqui, porque o confronto ele está pautado hoje em vir armado, quer dizer, e aí o discurso... bom, nós estamos tão desarmados, querendo aprender, querendo ver como é que resolve, nós estamos desarmados e eles vêm armados num certo sentido, na medida em que aderem aos projetos mas não largam a violência, não largam as armas, então eu acho que tem que tirar um pouco a polaridade entre o armado e o desarmado no confronto, que é um pouco isso que o Jorge está falando, reintroduzir a palavra: porque que eles não foram lá conversar, porque que eles tiveram que ir com as armas, quer dizer, como é que pode pensar isso aqui no grupo? Quer dizer, como é que pode introduzir a comunicação de uma forma que não seja na ausência e presença, na arma ou ausência da arma, na presença física real ou na ausência, como é que se pode fazer, de alguma forma *marcas*, que não sejam tatuagens, que não sejam coladas no corpo, mas que sejam marcas simbólicas...

**Jorge:** Então, só para completar: você falou uma coisa **muito** interessante que é... levantou um negócio **muito** interessante, que tem a ver com a coisa da palavra, você diz, olha, eles foram pegar as armas para conversar, quer dizer, é muito interessante, é muito... a gente pensar nisso, né, como se a palavra tivesse que ser avalizada pela arma, e nesse sentido, a palavra perde a sua força, né, uma coisa assim. Mas eu acho que a gente pode...

— Perde aqui no grupo...

**Jorge:** Perde aqui no grupo mas lá não, enfim, não importa, mas o que eu estava querendo dizer, cada um tem o **seu**, é assim: nós não podemos depositar a nossa angústia, as nossas dificuldades de comunicação, nossa ansiedade, a nossa confusão, tudo isso, nos dois meninos, porque isso é demais para eles. Nós temos que pegar... eles têm os conflitos deles, tem os desejos deles, tem... ao mesmo tempo que tem a culpa e isso e aquilo por ter matado, por ter se metido em uma puta complicação, eles têm os prazeres disso também e têm o quanto eles se... tem prazer nisso e isso tem que caber no grupo! Nós temos que poder falar disso, para o cara poder chegar, qualquer um de nós, assim: não, eu não entendo o que você fala, perder a vergonha, eu não estou entendendo pôrra nenhuma do que você está falando, e o cara poder dizer, olha, eu matei e agora tenho uma puta moral, certo? Eu tô promovido! A hora que o grupo for um espaço que permita, e eu acho que esse é o nosso grande trabalho, que permita que essa verdadeira e profunda fala venha aqui...

— Isso é o grupo não é a instituição, essa é a diferença...

**Jorge:** Não, é este grupo aqui, que a gente vai trabalhar com essas dificuldades de comunicação é como se a gente perdesse os nossos pudores, entende, para o cara dizer assim: cara, eu não entendo, eu não entendo porque você fez isso, eu não entendo! Ou o cara dizer: meu, eu não entendo porque você faz isso! eu matei e fico horrorizado e ao mesmo tempo fico fascinado, e um outro de nós diz e eu fico fascinado de escutar também... a hora que a gente “tirar a roupa” nesse sentido, e poder estar falando assim, as pessoas vão vir para cá. E eu acho que esse é um puta de um trabalho, um grande trabalho desse grupo... é um ENORME... isso é mais difícil do que falar do fato em si.

— Eu acho que desde a hora que se definiu as duas posições, eu acho que ele define e prá mim não vai ser fácil para a gente trabalhar aqui porque... não chegar e falar... hej, amigões, estamos aqui... olha aí... (?) deixa eu passar meu (?) então vai ser assim, ou, também, ficar aquela coisa de... o que você disser, ou o que você fizer, tudo está valendo, tudo é lindo, tudo é maravilhoso, porque

eu estou aqui neste momento de... eu quero me redimir... eu quero... eu acho que esse nó que a gente quer desfazer no meio do caminho, que eu acho que é assim: é... e aí eu posso (?) disso que da minha...fala do primeiro encontro, que essa angústia de como trabalhar, ao mesmo tempo sabendo que isso não adianta, eu acho que a gente tem uma tendência... e aí não sei...

**Jorge:** Posso só... posso só marcar uma coisa que você falou que eu acho super importante?

— De negar a diferença?

— Não, o nó clássico do trabalho social, isso é um puta de um nó clássico, não sei se vocês concordam com isso, essa impossibilidade de uma verdadeira conversa, não sei se vocês acham isso, eu acho que é...

— Eu acho que passa por aí, e aí eu não quero voltar, não estou querendo de novo, mas só para...

**Felipe:** É que eu acho assim, na verdade esse ponto da Clara ele reflete mais... aí eu acho que... a informação de que isto é um grupo, isto não é um instituto, isto não é um projeto, é relevante para responder, o objetivo assim num projeto eu acho que essa questão é um pouco mais forte, entendeu, aqui não precisaria ser mas eu ainda tenho um pouco nebulosa justamente o objetivo do que é, e porque eu acho que isso pode ser menos aqui, entendeu? Porque eu até, vamos dizer, eu tenho o ímpeto de... na hora que se colocam algumas coisas, se eu não concordo, levantar a mão e dizer: eu acho que isso está errado, entendeu, acho que você não deveria ter feito assim... acho que ele fez melhor, ele escolheu um caminho melhor do que o seu... tentar me controlar assim e o meu objetivo não é dizer isso agora, depois a gente pode ter até um projeto para dizer isso do melhor jeito, mas o meu objetivo não é dizer isso agora, entendeu? Aqui, por mais que eu ouça barbaridades, tem coisas que eu não concordo e não sei o que... não é o momento de educar, agora. Agora o momento é de outra coisa. (?) e ainda é um pouco nebuloso isso então para a gente, então o quê que a gente quer neste momento? Se o momento é tirar... as... reais... reais impulsos para uma pessoa optar por aqui ou optar por ali... em paz, com enfoque no pior que está por aqui, não no pior que está por ali porque isso a gente conhece, mil jovens que não optaram por esse caminho, que fazem projetos e que têm uma história diferente, que de alguma maneira... ãh... talvez a gente entenda mais, ou então a gente vai colocar essa pauta também, saber porque que a pessoa ficou por aqui, mas se a pessoa, se a idéia é justamente tirar o quê que rola de verdade na hora que a pessoa vai fazer isso, eu acho difícil... a gente não cair

na questão de ficar trabalhando no papo, ou quem fez, alguma vez, porque fez... o que sentiu, como não sentiu, e eles são os únicos que estão aqui para falar, então ou a gente convida mais pessoas que tenham feito, para que outras pessoas possam falar e aí gente faz encima deles, ou então... talvez...

*(Fim da Fita)*

**Rafael:**

(...) pelo menos o que eu entendi no início, qualquer um, quem que está por trás disso tudo, entendeu? Quem está por trás desse discurso que é da vítima... tem muito mais coisas atrás e eu acho que...e aí, ouvindo muito o que Jorge falou, e ouvindo muito o que eu... ouvi na quinta feira lá em Sapopemba, eu estou (?) boas, lá em Sapopemba também ... é que eu acho que é um pouco isso, eu acho que a gente tem que... cada um cuidar de si, entendeu, e todo mundo vir para aqui desarmado, porque é assim, eu... vou ser bem rápido, é... lá em Sapopemba a gente tem uma turma como a gente tem lá no São Luiz e tinha um Centro de Convivência chique lá, de um conjunto habitacional enorme que foi tomado pela galera que usa droga, e a galera já estava fazendo lá um ponto de track, e essas coisas... duas meninas do curso, que estavam no meio ali, nem estavam no momento do projeto... duas meninas do curso, cujo o irmão de uma delas estava lá, elas simplesmente pararam na frente dos cara e disseram: olha o lance é o seguinte, a gente está a fim de fazer com que esse espaço seja de todo mundo, pode ser de vocês também, agora o que não dá é para vocês fazerem isso e ficar o resto... todo mundo sem poder utilizar... dá para a gente fazer alguma coisa juntos? Os caras... a coisa foi amarrada mas eles fizeram... e aí quando eles fizeram e que todo mundo se apropriou, a primeira atitude das pessoas que puderam se apropriar do espaço, foi isolar os caras de novo... e aí as meninas tiveram um puta insight e disseram — não, o que é isso? Na prática a gente tinha abandonado, os caras estavam ocupando, a gente conseguiu fazer um acordo e aí vocês ocupam e põem eles para fora de novo, né, então... quer dizer, querem iniciar uma guerra, então? E eu acho que é um pouco isso, quer dizer, eu acho que muito mais nesse grupo, que eu acho que hoje... para mim isso ficou muito claro, e aí um pouco com a fala da Joana, eu acho que a gente tem que discutir, a gente, eles, trazer para eles discutirem aqui, entendeu, e assim, eu também não sei como seria se estivéssemos dois de nós aqui, numa sala, né, com 20 outras pessoas, que todos dissessem, você está louco! Como você quer que eu não mate, o cara está me matando, não sei como que a gente se sentiria, entendeu?

— Então, eu acho que tem jeito até de trazer essa informação, acho que talvez essa coisa de um tom professoral, eu acho que...

**Carlos Baiano:** Eu acho que... eu volto a uma coisa que eu falei com a Ana no primeiro dia, assim, que eu saí daqui com a sensação e falei no dia da reunião aqui de gerentes, aqui, eu acho que essa situação leva todo mundo a limites que são seus e a limites que... são (?) das coisas que você acredita, como você vê o mundo, entendeu, você fala das coisas que você ama, e... eu acho que o fato de todo mundo se confrontar aqui, deveria... pelo menos eu estou utilizando isso, essa experiência que eu estou tendo, estou utilizando muito para poder aceitar que isso existe, isso é um fato, eu queira ou eu não queira, é um fato que assim... um dia desses eu estava falando com minha gata, ela disse assim, olha toma cuidado, se não você vai começar a defender esse tipo de coisa! Mas assim, eu entendi, mas eu não acho que aquelas circunstâncias transformaram especificamente aquelas pessoas entre nós, entendeu, não vejo a opção, não há uma opção, eu acho que não estou fazendo... não faço a apologia da vitimização... do poder social, do drama como o Rafael coloca, mas existe uma coisa que é FATO... e tanto é fato que as estatísticas dizem isso, a diferença é que a estatística entrou no Centro Vida, a gente, de alguma forma chegou nela e...

**Ana:** O Felipe, sabe o que é? Honestamente, assim, eu acho que não é...

— Então... só para concluir...

**Ana:** Não é para te convencer de nada, é muito... eu sinto que são POUQUÍSSIMAS as oportunidades que a gente tem, e porque é óbvio, grande parte do nosso trabalho tem que ser, eu acho que essa é outra coisa que a Isabela traz, digo meu, a gente vai pegando subsídios, subsídios e vai atuar, cara, que é o que a gente se propôs a fazer, é o que a gente tem vocação para fazer, é isso! Só que a gente só... de repente, se der problema numa situação que era tão grave, porque eu acho que a maior função na verdade desse grupo que para mim vai além da função específica de trazer essas informações para situações lineares, *bararã, bararã*, é de conseguir ter um espaço onde a gente pode problematizar e relativizar, porque aqui eu acho que cabe, as nossas certezas. Então assim, é por isso que eu falo, é menos até... eu acho que o tom profissional espanta os meninos, (?) dramatiza também, a gente pode pensar, eu acho que é importante aparecer porque aparece a gente percebe e conversa sobre isso, acho super ok, entendeu? Só que eu acho que é assim... caralho, é perceber que eu tenho um pouco a mesma sensação que o Carlos, para um determinado grupo, sim, cara, e é um grupo grande de pessoas, pode não ser a maioria mas é um grupo grande de pessoas, dá um

pouco essa sensação de que muitas... das coisas que a gente concebe como crime etc., são feitas para a sociedade onde a gente vive, assim, sabe, aonde, porque essa coisa do (?) que o Jorge fala, a... a reunião não conseguiu lidar com... nossa, eu não consegui, tipo eu não tive opção, eu fiquei com essa coisa na minha cabeça, tentava resolver, não consegui, não consegui sair desse lugar... eu falei ótimo! os meninos também NÃO conseguiram não apertar o gatilho, só que as conseqüências são as mais diferentes, não é ele não pensar, tipo é a vida da pessoa, claro, e isso para a gente caralho, do jeito que a gente pensou, pensa, não sei o que, é... é óbvio, é um absurdo, eu acho completamente absurdo e tal, mas é conseguir encarar, em alguma medida, assim... repensar as suas questões e eu, honestamente espero, que a gente não saia daqui com nenhuma das posições muito diferentes, porque puta, encaixa direitinho o mundo que a gente faz, do discurso do que a gente quer convencer, do que a gente quer educar, acho do caralho! É por isso que cada um de nós faz isso, só que eu acho assim, poder garantir em algum momento, cara, que seja duas horas por semana, a possibilidade da gente repensar... acho que é difícil que a gente saia daqui defendendo armas para as pessoas ou que o homicídio não seja mais crime ou quando for homicídio com crime organizado tudo bem, mas quando for... de sei lá, relações interpessoais a situação já... sei lá! Acho difícil, mas eu não acho nem um pouco “insaudável” a gente poder repensar essas coisas, além do que uma das discussões mais legais que a gente, para mim pelo menos, teve no Centro Vida, foi uma vez que o Túlio foi conversar com a gente sobre desarmamento, e ele começou a fazer questões sobre as coisas que a gente falava no discurso sobre o desarmamento, olha gente, tem lugar, caramba, que as pessoas andam armadas e não é a (?), é óbvio que eu sei, não precisa explicar, mas, tipo trazer algumas questões que era... fora daqui, o que a gente tem que falar não tem nada a ver com isso que a gente está discutindo aqui, mas pôrra, garantir o espaço para a gente pensar as coisas que a gente tem como certeza, e é por isso que me dá um pouco de aflição quando a gente já vem com essa questão das estatísticas... ôrra meu, você (?) isso, eu acho que a gente está... PERDENDO TEMPO, que a gente então precisa fazer uma capacitação para ensinar as outras pessoas do instituto, o que a gente sabe... eu acho que a gente, é a sensação, eu acho que a gente não sabe tudo, que a gente se deparou com uma situação absurda e que não sabe o que fazer! E eu acho que tem MAIS coisa, por trás do simples fato de... nós estávamos despreparados, se tivéssemos conseguido que algumas das pessoas que pensaram um pouquinho não ficassem envolvidas emocionalmente, a gente estaria... eu não acho, cara, acho que tem mais coisa por trás que

talvez a gente possa explorar e garantir os espaços nas incertezas institucionais até, né...

**Jorge:**

Bom, o que você está colocando, eu estou entendendo o que você está dizendo, do seguinte jeito: que esse grupo, ele, na verdade, ele é mais importante do que pode-se pensar num primeiro momento. Em que sentido? Há um convite, a todos nós aqui, que a gente possa se arriscar a pensar, não é isso que você está dizendo? Se arriscar é como ele estava dizendo, como estava falando com a companheira dele, se arriscar a pensar, então eu quero pensar se na periferia o negócio não é andar armado, (?) como eu quero pensar, ninguém aqui, o grupo... quanto mais o grupo for permeado a isso mais ele vai produzir, mais nós vamos produzir, quanto mais ele for permeado a esse tipo de vivência, e quanto mais ele for permeado a esse pensar sem ter o compromisso de estar certo, mas simplesmente pensar, mais ele vai poder incorporar e receber, ser continente das outras experiências, porque eu vejo, que o outro pessoal não está aqui, não sei o que, olha gente, muito bem, então se o grupo tem o compromisso e está vendo a dificuldade que é para essa comunicação, tudo isso que nós estamos falando, não tem problema! O grupo se mobiliza e vai chamar os cara! Diz o meu, tem que ir lá, vamos conversar, é importante prá cacete você vir! Está com problema com a cadeira de rodas, a gente dá um jeito de trazer o cara aqui com a cadeira de rodas! Está com um problema de não sei o que... se o grupo tem essa importância, o outro está lá, com problema no trabalho, vamos negociar isso aí, enfim, de poder o grupo se dar a verdadeira importância que tem. Chamar as pessoas para cá e ter essa abertura para incluir as experiências de todo mundo, da classe alta, média, baixa, o cacete!

— Não é um problema individual, a ausência, né (?)

— Mas é que eu acho que tem uma coisa talvez que me incomoda bastante, e aí quando a gente fala esse grupo ele é um grupo... a gente tem que pensar aqui dentro esse grupo e não como instituição, mas eu acho que todas as coisas que são subjetivas... que são (?) ... que são inegáveis que é o fato de a maioria dos presentes aqui sai e ocupa papéis dentro dessa instituição e aí me vem à cabeça, uma coisa de como é para... para os meninos que vieram e enfim, para todo mundo que está aqui, porque por exemplo, eu sou uma pessoa que eu falo, então eu vou falar, eu trabalho com o Rafael e eu não deixo de apontar, por exemplo, as minhas questões com o Rafael... Rafael, eu penso diferente, a gente já teve... entendeu, eu me posiciono mas eu acho que as pessoas não necessariamente elas trabalham dessa maneira e eu acho que é inegável, e é por isso que eu discordo da Isabela, de que — aí aqui somos um grupo e fora... não é! Todo mundo aqui

tem um papel, a gente levanta daqui e a gente fica... ainda é difícil olhar para você e pensar ah, é a Isabela... entendeu? Eu acho que a gente não pode se... furtar de pensar a dificuldade que é isso que você falou, do “se despir” e entrar nesse grupo e que vale para todo mundo, enfim, mas a gente... enquanto a gente não assumir que isso também é difícil, que isso também é um processo desse grupo de nos despir, então é assim: estamos aqui despidos e vamos falar... eu acho que é uma questão que, por exemplo, aí de novo não quero parecer que eu estou pensando nos meninos mas até nas outras pessoas também que são do Centro Vida e que não estão presentes aqui hoje, o quanto elas também se sentiram confortáveis ou não, não vou falar que, por exemplo, de uma tal de uma pessoa da instituição, eu não vou dar o nome, e aí a pessoa veio comentar comigo a minha fala do primeiro, da primeira reunião — é, você falou, não sei que... eu falei, olha tem uma coisa, eu sempre fiz terapia, eu gosto muito, eu confio...nã, nã, nã... ele falou é... eu falei é, me senti meio exposta... ele falou, não, mas eu gostei não sei que... aí ele olhou e falou, é, porque eu, por exemplo, estava pensando um monte de coisas e não falei... então eu acho que a gente não pode se furtar de pensar que as pessoas aqui ocupam espaços, então a gente achar que vai ser tudo uma grande felicidade, que a gente vai se sentar e vai todo mundo falar, também a gente tem que...entendeu, a gente tem que... não sei se isso vai ser problematizado, senão isso vai virar uma discussão tipo... entendeu? mas isso é uma questão, isso aparece!

—

Eu acho que... quando a gente fala... o que eu acho só é que... é complicado, que mexe com um monte de coisas, mas assim, de novo eu faço uma coisa de um extremo ao outro, ah então, se a gente não pode entrar com todas as certezas, então a gente é obrigado a não ter nenhuma e aí a partir daí todo mundo tem que, né... eu acho que... não, por exemplo, você tinha falado isso... faz parte do jogo, a gente tem posicionamentos, a gente imagina o porque das coisas, eu acho que o que a Isabela, o que eu li do que a Isabela falou, é um pouco assim: tudo bem, a gente fez uma série de coisas enquanto pessoa, e fez uma série de coisas enquanto instituição, enquanto a discussão que a gente teve na reunião de gerentes, paralela (?) o Centro Vida não pode contratar esses meninos num outro projeto. O Centro Vida não pode porque ele vai estar passando uma mensagem assim, assim, assim, isso vai ter um resultado de tal forma, e até apareceu uma coisa assim, ah, mas e... pô, eles vão ficar sem grana... eles vão largar essa história... como é que a gente faz, e apareceu até uma coisa que eu acho, individualmente, pessoa física, a gente pode tomar uma série de atitudes e até coisas que a gente estava tomando conta a nível institucional, a gente ficou discutindo, mas será (?) do ponto de

vista de pessoa física, para não prejudicar a instituição? Quando a gente olha aqui, falando com as pessoas é o seguinte: se aqui a gente, às vezes sim, eu imagino que tenha gente que se sente obrigada a dizer, bom... sabe, tipo, tá errado, virar para um dos meninos e falar: não, tá errado o que você fez, ou não devia ter feito, você tinha sim opção, ou bá, bá, bá, fica naquela coisa de tentar ensinar, ensinar acho que não é a palavra, mas tentar convencer de determinados valores que você acredita e que você acha que dão mais certo, não só os valores mas na prática, você acha que ia morrer menos gente se fizessem isso... fica esse conflito entre... a instituição seria obrigada a dizer isso, ou ela faz campanhas para dizer isso, ou faz projetos para passar uma série de coisas e aqui a gente teria que tentar ignorar que a gente faz parte disso, e pensar, não, isso aqui é... por isso é importante a discussão, que parece besta mas ficou... (?) — é um grupo de subsídios ou é um grupo para tomar decisão? É um grupo que dá subsídios. Porque isso é importante? Dar subsídios, tomar depoimentos, ouvir opiniões... convidar outras pessoas, cruzar informação... (?) cresce, com isso, pode crescer nessa medida, não é uma questão de pensar como é que ela vai... que projeto ela vai fazer, como é que ela vai agir, bá, bá, bá... é uma outra discussão, é um outro (?) é um outro momento, outro... pesam outras coisas. Agora, é difícil fazer isso, acho que é difícil, é um... não é uma... (?) a gente não escolheu estar aqui. A gente está aqui porque a gente... você está aqui porque você é assistente de outros projetos do Centro Vida, você não é obrigado a se sentir à vontade de falar tudo o que você pensa, e ficar peladona... (?) eu achei até interessante... peladão mas é... na frente de pessoas que você está... aqui, né e que você tem outras relações, não (?) o grupo 71, tem outras relações... então... (?)

— Porque eu acho relevante a gente discutir isso até... voltando numa das coisas que abriu a reunião que é a falta dos meninos aqui, dos meninos eu digo até (?) enfim... coincidência ou não, são justamente eles que têm mais dificuldade de pintar aqui, e não são dificuldades irrelevantes, acho que são bastante relevantes, acho até que a gente podia ajudar a resolver. Arrumar emprego, a cadeira de rodas, o não sei o que, não sei o que lá...mas esses meninos são os que me fazem mais falta, porque como a gente está discutindo aqui, e praticamente hoje foi o dia de ninguém falar nada, isso perde muito na verdade, é por isso...

**Jorge:** Mas a gente podia perguntar, porque que eles não falaram nada...  
Dá uma força...

— Ah, bom, assim... eu fico... nesses debates, (?) meu limite, como o Ary falou, vai até o ponto que o... Rafael citou, na real... será que

tem solução? Eu ouvi muita gente falando, a maioria das pessoas da periferia não tem envolvimento, ou só uma parte que tem envolvimento, e tal, falando desses casos particulares, mas é assim, pelo menos do que eu vejo, a minha visão, posso estar errado e tal, eu acho que assim nesse tipo de situação, todo mundo está envolvido, na minha visão...

— O problema é de todos...

— É, não... todo mundo lá está envolvido com isso entendeu, porque aí entra o tal (?) vai fazer você conseguir... assim, porque a situação que se aconteceu com eles... poderia ter acontecido com qualquer um, aí é a questão de... puta mas eles são (?) é porque os homens, todo moleque (?) ah, mas a gente tem que mudar isso para não virar regra e ser exceção. O que aconteceu não é uma exceção, acho que a exceção, também é uma realidade (pessoal? especial?) e que não tem nenhum tipo de envolvimento com esse tipo de coisas. Eu poderia colocar um exemplo meu aqui... ou pode vir qualquer... o Osmar com exemplo dele, pode vir qualquer outro cara e colocar um exemplo, porque infelizmente é uma coisa comum lá... essa saída é a única que a gente vê, então... quando eles vieram falar comigo, eles vieram falar logo depois do dia na madrugada que aconteceu e eles falaram prá mim, eles vieram... eu até liguei com o Alê, à tarde, liguei prá ele e falei tipo, meu... eu não sei o que falar! eu não sei o que fazer! Porque... quando eles falaram comigo, eles falaram é meu, você sabe que... foi a saída, nós tinha que fazer isso. Assim, eu não sabia como falar não, não é a saída, não sabia o que falar, até hoje eu não sei o que falar, qual que é a saída... porque assim, tem todo um contexto, tipo... se você não vai lá, e atira no cara, o cara vai te encontrar na rua e ele não vai saber se (?) pode não ser nada, ou se você (?) esperando ele dar as costas para atirar nele... entendeu? Então assim... (risos)... (algumas falas juntas) é o que eu sinto... e... é o que eu vejo que está meio travado também, como em outras reuniões que eu participei, a gente trava nisso... eu, na reunião, eu não sei, eu não tenho outra visão, eu não saberia o que falar prá eles... eu não soube o que falar prá eles... eu não soube na hora nem o que sentir, assim... porque a gente fazia um trabalho...e tal... e eu não sabia o que falar, me senti MAL porque não tinha uma outra... não tinha uma outra visão para dar...

**Jorge:**

Será que o que “trava” como você está dizendo, é que... assim, a gente se exige a dar uma resposta, talvez trave, você entende? Talvez se a gente agüentar, eu não sabia o que fazer, cara, um chegou prá mim e falou (?) eu não sabia o que fazer. Vamos *agüentar* o não saber, porque talvez isso trave, porque como a gente se obriga a ter e a saber, entende, então você teria, você fica

obrigado de chegar aqui e dizer: pô, então o que eu disse foi certo! Não sei, mas nós estamos mexendo com um negócio que todo mundo, aparentemente, sabe, mas ninguém sabe pôrra nenhuma. Aparentemente a gente sabe, mas de verdade a gente não sabe. Então acho que a grande... uma coisa legal para o grupo, é a gente agüentar não saber... é agüentar como você disse: cara, lá é tudo assim... eu não sabia o que dizer para o cara. E a gente ficar junto nesse não saber dizer para o cara, entende? E deixar rolar e agüentar isso até que alguma hora talvez a gente saiba...

— Eu coloquei, não só (?) eu fiquei pensando uma coisa que eu conversei com a Ana depois, que eu fiquei pensando... ãh... no caso do João querer (?) para depois... e tal... que até eu comentei com a Ana, ele falou é, mas (?) e tal, fiquei pensando até o ponto de que se de repente é um amigo meu, sei lá, que eu cresci junto com o cara, então se ele... eu fiquei pensando até que ponto eu não estaria no carro também, entendeu, porque saber disso é uma coisa de (?). Por isso que eu falei (?) prá ele que eu não sabia o que fazer, porque você sabe... tipo assim, eu sei que é assim ... (riso) e não consigo ter uma outra visão, entendeu? Não sei se por estar dentro, ou se alguém tem uma visão fora, (?) mas eu não sei, eu não sei... não sei até que ponto eu também não entraria no carro e não faria a mesma coisa.

— Mas entra aí também essa questão de salvadores da posição institucional. Não sabia o que falar desde o Arnaldo do Centro Vida, como (???) (mais gente falando junto) porque aí fica uma divisão também...

— Ah, então, daí seria os dois, (?), eles vão até o curso, depois do que aconteceu, eu entendi como um pedido de ajuda, né, porque pô, você matou alguém, você vai lá no curso fazer o quê? Me chamaram para conversar, e tal, acho que meio que... naquela tipo... alguém deve ter uma saída ou o que se pode fazer... nessa situação que eles vieram me falar, eu também fiquei na situação de que... meu, não sei (?), eu com outro amigo meu, não sei se eu voltaria ali também, se eu tivesse puxado algum gatilho, nunca nessa situação eu iria fazer isso. Aquele lance de... não sei quem falou, ah você, falou que o vizinho comprou arma... infelizmente, até hoje, se resolvem as coisas assim lá. (???) não tem (?) quebrada, se pisaram no teu pé... (???) você dá o troco, entendeu, (?) você não sabe se o cara... eles sabem que você pode conseguir a arma então você também vai atirar nele (?) ou não. Porque a gente entrou na guerra, tá na guerra.

**Osmar:** É assim... a pá da última reunião, como a pauta dessa reunião foi ouvir os dois lados, ouvir mais, (?) eu vim pensando em falar pros moleque, ia vim um outro amigo meu, o Manuel, só que eu... que

ele já foi vítima da violência, já tomou... passou dois anos preso, saiu da cadeia, ele conheceu um cara lá dentro da cadeia, e o cara sabia que ele era primo do fulano. Quando ele saiu, ele morou no mesmo barraco que o cara lá dentro da cadeia e quando saiu lá fora, o cara que morava com ele táva atrás do primo dele. Só que ele não tava nem aí, é, você é o primo... ah, você que é o primo dele, então tá... eu morei dois anos com você na mesma cadeia, e você atirou em mim, por causa do meu primo que eu não tinha nada a ver. Esse foi um ponto, né, que eu ia trazer... ele vinha prá contar isso mas eu falei prá ele não, a última reunião foi assim, foi citada essa idéia, então se você for você não fala nada... espera... que vai chegar a hora de você falar, e é justamente o que eu ia falar para os meninos também, mano, a gente foi nas duas reunião, nós falamos prá caramba, entendeu, foi até uma coisa boa, eu falei com ele depois, quando eu entrei assim e tal, pô, meu, foi a melhor reunião que eu já tive, entendeu, a gente conseguiu falar, tive a oportunidade de falar das coisas que eu fiz assim, sem as pessoa — oh que dá hora, mano! O mano, que nem eu falei prá você, ai cara, (?) tal, tal, tal, eu fiquei na minha né, tipo eu sou... mas tu é burro, você não matou o cara, mano? Vamo lá, vamo matar esse cara agora, entendeu... então eu quis escutar mais, eu vim nessa reunião mais prá escutar mesmo, entendeu, e até refletir um pouco porque no dia dos finados agora, eu moro na frente do cemitério, então (?) fez a caminhada pela Paz, mas não deixei de ganhar meu dinheirinho também, né, porque a gente vende vela, arruma a cova, pinta as cruz... cuida de carro, entendeu, e quase teve um homicídio no dia dos finados, depois da caminhada, depois de tudo, pela Paz, quase teve um homicídio na frente do cemitério, porque lá é concorrência porque (?) os melhores pontos, prá cuidar de carro, quem chama o carro, quem vai receber o dinheiro, quem vai dividir o dinheiro, e numa dessas, tava vindo um carro e... vamos supor que esse poste é a divisão entre mim e ele, o espaço de lá é dele, o espaço de cá é meu, eu que chamei o carro, só que... ele chamou o carro, só que o carro parou aqui, no meu espaço, e eu que ia receber esse carro, entendeu, eu vou receber, não, parou no meu, não fui eu que chamei não, parou no meu espaço... ah, você vai querer receber? Então tudo bem, depois nós conversa. E ele veio armado, só não matou o cara porque nós chegou, demos um (?) com ele, o mano, vai matar o cara por causa de um real, mano, se liga! Quem matar é um afogado, entendeu? Então justamente assim, o motivo de eu não ter falado hoje, foi esse, eu queria escutar mais, entendeu, queria escutar o ponto de vista de cá também, porque eu percebi que a minha fala, a fala do Mosquito, a fala do... de nós todos, porque é do lado de lá, ficou assim como ponto de reflexão... o pessoal...

**Jorge:** Como você sentiu que ficou nas outras pessoas, no lado de cá, no lado de cá da gente?

**Osmar:** Eu percebi que há uma preocupação de não ficar só escutando um lado, escutar o outro também e é o que eu queria também, escutar o outro lado... escutar qual é a preocupação do outro lado... qual é o ponto que o outro lado quer observar melhor... nos jovens, nas pessoas que cometem crimes, no que leva uma pessoa a cometer um crime... (Prá onde que ia?) rolar pau. Sem eu falar, sem eles falar, eu queria ver para onde ia rolar a conversa...

**Felipe:** Porque uma coisa que eu acho que é legal, assim, tipo, por exemplo, é que... quando você está numa situação dessas, de você ter um outro lado para você ouvir, entendeu, eu lembro que o João falou, falou olha, aqui foi o único lugar que... alguém (?) da vez que a gente conversou, foi o único lugar que a gente... ouve uma outra fala, uma outra coisa prá gente, porque todos os outros lugares, seria tipo: olha, vamos lá, vamos levar os caras antes, entendeu, eu acho que é assim... (vamos só querer?) vocês... (?) se na periferia não tem tanto medo, porque todo mundo anda armado, então? Aí que tá... mas é que eu acho que fica esperando a resposta sempre... lá de repente até hoje você conseguiu ter.. quer dizer, nunca... pelo menos as experiências que eu tive, eu nunca tive um lance de alguém conseguir ficar... pode ter escapado por um lado, mas se derrotou no outro, e tal, e nunca teve uma saída. Aí, o que a gente espera talvez seja isso, né!

— Agora eu fiquei curiosa com uma coisa, esse “até hoje” desde que você se recorda é sempre assim, é uma coisa que prende...

— (...) antigamente (?) era porque você era moleque, acho que porque você era criança, porque acho até que está mudando o limite, porque tem moleque de 10, 11 anos que está no tráfico, que anda armado, que também é muito fácil conseguir uma arma, é só por causa de uma briga, e...

— Então tipo, desde, sei lá, os pais, os (?)...

— Que eu me lembre, a minha visão é essa... eu posso estar errado, e tal, não sei, mas a visão que eu tenho é essa, de se resolverem as coisas desse jeito.

**Jorge:** Bom, faltam 5 minutos, eu queria fazer... o Felipe quer falar alguma coisa, mas eu queria aproveitar esses 5 minutos e o Felipe fala também, então é o seguinte eu acho que nós estamos chegando num momento muito interessante do grupo. Porque que é interessante do grupo? Porque antes a gente estava depositando tudo nos dois meninos, é como se eles... e agora nós estamos vendo que eles falam e nós falamos, e cada um fala de sua

experiência, desde o seu próprio lugar, desde o seu lugar na instituição, desde o seu lugar social, desde o seu lugar de cultura, desde o seu lugar de grana, desde o seu lugar de (?) cada um fala desde o seu lugar, e aí “dá samba”... mas a gente trabalhou também a dificuldade que tem nesse diálogo de quando a gente pode cada um falar do seu lugar com certeza a gente está ampliando a possibilidade dessa conversa, que é isso que cada um podia trocar experiência de verdade e de agüentar não saber. Porque realmente é muito complicado, somos colocados diante de situações-limites em que a gente tem que agüentar não saber, a situação-limite dá uma puta angústia, você quer resolver de uma vez por todas, não é? Mas se a gente conseguir agüentar o não saber nessas situações-limite e se cada um falar desde o seu lugar, é capaz de dar uma conversa muito interessante que é o que esse grupo se propõe. Então, eu tenho um pedido para fazer, acho que é mais do que uma sugestão, é um pedido. Que a gente se mobilizasse, para a semana que vem trazer a moçada, eu acho que vai ser muito importante a gente trazer a moçada. E foi muito importante hoje, até vocês, que estão em contato direto com eles, (acabou a fita) então, se vocês puderem trazer e o Centro Vida também ajudar nisso, então a questão da cadeira de rodas, é um problema a questão cadeira de rodas então vamos ver como é que a instituição resolve esse problema da cadeira de rodas, vamos ver como é que você consegue trazer esse teu amigo, vamos ver quem mais você acha legal de trazer... esse pessoal, essas meninas de Sapopemba, por exemplo, interessantíssimo o que elas fizeram, cara, uma coragem... maravilhosa, maravilhoso o que elas fizeram. Se essas meninas pudessem estar aqui junto com a gente, nos ajudando a pensar, com uma experiência como essa, puta coragem das meninas, chegar ali, entrar naquela boca e dizer o que elas disseram e bancarem, e conseguiram mudar, é maravilhoso isso. E outras situações, e outras pessoas que a gente possa estar trazendo, e a instituição, talvez essa é a tarefa da instituição, é poder bancar, dar uma estrutura de logística para trazer esse povo. Eu acho que conforme a gente vai vencendo a resistência da gente de falar disso, cada vez a gente vai aprofundando mais e vão saindo coisas muito interessantes, não é, não sei como vocês vêem isso...

—

O Felipe queria falar...

**Felipe:**

Não... o que eu queria... o que eu vejo é que tem um... um caminhão de coisas para entrar aí, eu acho que tem muita coisa que a gente fala (?) eu acho que... não podia ser... se você estivesse no meu lugar você faria a mesma coisa... né, todo mundo fica dizendo... a maioria não se envolveu... mais ou menos... a maioria teve envolvimento, eu acho que também é isso, entender do... também tem os limites aqui do quê que é admissível do se

envolver, do que não é... onde é que você traça a linha... é o apertar o gatilho... ou é tá... o que é esse envolvimento? Só quem matou teve envolvimento? Porque eu acho que a gente está discutindo aqui uma dimensão super difícil, super abstrata, e talvez a mais importante de todas, que eu acho que... é obviamente a dimensão econômica social tem um peso grande isso aparece prá caramba na fala, mas aparece muito como discurso de vítima e tal, mas para mim a coisa mais forte que aparece é uma coisa... cultura da violência versus cultura de paz, como se resolve esse conflito, certo, para mim o foco que está toda hora batendo na porta é isso, como se resolve esses conflitos, e como é que você convence, no meio de uma guerra, o Rafael que falou isso, quem que garante que... que como você vê que a política é difícil você fazer alguma coisa que seja individualizada... aí nesse meio, porque ninguém garante que os outros vão parar também, não é? Isso bota em xeque uma série de coisas... quer dizer, adianta? Talvez aqui no caso não é nada (?), ou você vai entrar para valer e tirar a arma, que ninguém dá chance do cara matar o outro, ou enfim... como é que você faz isso tem “n” sugestões.... ou você vai entrar numa coisa maciça de mudar a cabeça das pessoas, sei lá como, (?) é isso aí, é difícil... e é super inteligível por isso é que é difícil discutir.

— Tá bom gente, vamos...

*(Fim da fita)*

(...)

**Jorge:** Vocês conseguiram, estou vendo que houve uma mobilização do grupo. Como é que foi? A gente tinha ficado, o grupo passado, de fortalecer...

— Falar com o povo.

**Jorge:** Falar com o povo, como foi isso?

— É, o João e o Pedro falaram que não tinham vindo na última sexta-feira porque eles estavam mudando. (?) abrindo e a sexta-feira é o dia que eles tavam envolvidos nesse processo e que viriam. Você falou com o (?)

— (???) eu tô checando, entendeu? Agora...

— Eu falei com o chefe do Mosquito, hoje à tarde, e ele queria... ele ficou um pouco preocupado de quantas eram ainda. Falei que eram duas ou três. *Ah! tá bom!* Não sei se foi também o chefe que liberou ele, às vezes colocamos muito cedo, vai ver (???)

— (?) num sei, colocaram no Diário Popular.

— Tem o..., (??), “Amiguinho”, da Ação Educativa, que é um trabalho do projeto semelhante ao PROCVI, quer dizer, é PROCVI também. Eles tão fazendo arte na Instituição e ela ficou de pensar se viria, de pensar o que isso tá fazendo pra ela.

**Jorge:** Ótimo.

— E o André.

— É, o André está vindo, deve estar chegando.

— E o Dino, veio completar o grupo.

**F:** Eu faço parte do (?) continuação do PROCVI, junto com o Bere, nesse primeiro (?), continuação.

— O Felipe pediu pra avisar que vai chegar mais tarde.

**Jorge:** Muito bem, então, a bola está rolando.

**Isabela:** Eu não sabia se eu ia trazer ou não esse assunto, porque às vezes eu tenho medo de ser caranguejo, andar pra trás. Mas, é porque durante a semana em outras conversas paralelas, de algumas pessoas que estão aqui, que se encontram em outras reuniões, que me pareceu que não tinha ficado super claro a questão do objetivo desse encontro. Afinal, como a gente ia estar satisfeito depois de

seis reuniões, se a gente tivesse conseguido exatamente o quê? Então, até pra pensar na motivação mesmo. Começou um pouco por aí, desviou, mas eu acho que acabando a motivação, passou pra avaliação mesmo, como que, afinal, a gente vai fazer, se a gente cumpriu, se a gente está feliz com o nosso sucesso. E aí, eu não sei se não é legal a gente trabalhar um pouco... não sei, voltar um pouco nessa questão, antes de começar, pra ficar claro pra todo mundo exatamente qual que é o nosso objetivo. E, enfim, eu tinha essa impressão de que ele era um cara (?) de... enfim, que a gente fosse muito mais ouvir ao invés de falar. Eu sei (??), porque o Felipe uma vez teve uma fala no sentido de *Ah! eu acho que a gente deveria até falar mais, não sei o quê*. Isso eu não sei se eu acho tanto, porque eu acho que eu estou aqui pra ouvir mesmo, a não ser que ele não esteja aqui pra isso. Eu tenho pouco pra falar se o objetivo foi realmente ouvir essas experiências e esses estímulos e essas... enfim, como e por quê as coisas acontecem. Claro que o diálogo é permitido, mas taria mais pra ouvir mesmo do que pra falar. E até isso eu posso começar a rever se, na verdade, o objetivo for outro. Mas a sensação que eu tenho é que eu tô mais ouvir e...

**Jorge:**

E a tua expectativa era ouvir sobre o quê? Ouvir o quê?

**Isabela:**

Sobre um pouco aquele é... a colocação que eu tive não é por aí não. Eu acho que numa mesma situação, num mesmo estilo de vida com as mesmas dificuldades e tal, alguns jovens optam por um caminho A e outros pelo caminho B. E a nossa grande questão e até nossa frustração e a nossa angústia já era um pouco por que às vezes alguém vai pelo caminho B e até que ponto a gente não poderia interferir mais forte nessa opção? E um pouco esses estímulos, tanto de quem vai pro A como de quem vai pro B, tando nessa mesma situação e tando na mesma... no mesmo momento, na mesma idade, com os mesmos estímulos visuais e simbólicos e tudo o mais. Então, eu acho que era um pouco isso, essa decisão, esse momento e aí eu acho que tava até indo um pouco por esse lado, por isso eu não tava muito achando que eu tava errada, porque a gente começou a discutir até quando... às vezes você encara o mesmo momento como *sim, tenho várias opções*, e você chega no mesmo momento e fala *não, eu não tenho opção*. Então, isso até tava dentro. Mas é que, de repente, quando a gente levantou a discussão, aí a coisa ficou mais confusa na minha cabeça.

**Ana:**

Depois da gente ter tido a conversa. Então, era isso. Não sei, mas eu, por exemplo, encontrei uma (?), uma pessoa que tinha tido uma estória um pouco parecida, que a gente tinha meio que baderneiros e tal. E eu acho, realmente, quando a gente se propôs,

num determinado momento, a fazer o grupo, a gente tinha uma concepção. Só que eu acho que tem uma coisa que é, conforme vão se desenrolando as estórias aqui dentro, você vai tendo mais clareza de quais são as questões. Eu acho que esse... eu, pra mim, até o jeito hoje de escrever qual é: *eu vim por isso*, tava com toda segurança. Mas é por isso, porque eu falei de um jeito e na verdade quando eu escrevi, e quando encontrei... a gente começou a conversar sobre como tava sendo, eu escutei de uma outra forma. Então, eu acho que realmente teve um movimento, mas eu acho que é um movimento inclusive de respeito ao como a gente vai participando. Acho que a gente se colocou num primeiro momento assim como precisava, depois falou, a gente não tem respostas, sei lá, olhei um pouco desse jeito assim. Falei, então, quan... uma situação foi muito específica na verdade, se levantou: *Putá, essa situação é específica, mas talvez é...* as pessoas que estão envolvidas, o público que atira cada uma. Então, a gente precisa, claro, como ela pode deixar de ser específica, dependendo da nossa decisão a gente precisa olhar pra ela. Acho que a (?) nem é a questão, mas quer dizer, pra este mundo, pra esta estória que você vai caminhar, vai viver, é... de repente, você se colocou então, nesse lugar de *pô, a gente precisa conseguir entender como isso funciona, qual é dinâmica disso, tal*. E a sensação que eu tenho, quer dizer, pra mim o que mudou é que conforme o que a gente foi conversando sobre isso, conforme a gente foi ouvindo as estórias e tal, eu vejo que mais do que ouvir estórias é um pouco como se a gente se ouve nessas estórias. Então, pra mim, acho que isso é que acrescentou, entendeu? Pelo menos pra mim, tem esse elemento a mais que antes eu tava muito mais no lugar de expectadora e, hoje, eu acho que eu tô um pouco mais no papel de... e aí não é... acho que assim, não é falar até da dificuldade disso, quer dizer, como é que a gente se coloca nessas... a gente tem alguma coisa a dizer. E aí como é que se vai... e acho que isso tem um pouco a ver com o jeito que foi tomando a fala da conversa aqui. E acho que eles, no fundo, entenderam que o fenômeno passa por entender a gente nesse fenômeno, entendeu? Por isso, talvez... e aí é... eu disse: *Porra, talvez seja muito mais complexo...* Se seis encontros é um prazo muito grande, antes parecia (barulho atrapalha) (???), com uma certa ansiedade de como é que você encaminha isso depois e tal? Talvez, vai colocando mais ligeiramente, (?) *Bom, também qual que é?* Mas pra mim, pelo menos a ficha que caiu e talvez isso já é suficiente até pra pensar em encaminhamentos é um pouco que não dá pra pensar a estória, sabe. Como é que se dão as redações se a gente repensar o nosso trabalho, se a gente não conseguir, como é que se dá os nossos horários, o nosso diálogo com isso, a nossa capacidade ou não de fazer isso, quer

dizer, eu não sei. Pra mim, veio isso a mais num grupo, eu não sei se eu tinha claro isso no começo?

**Jorge:**

Não, eu acho que não. Mas eu acho que é um grande... é um momento de virada do grupo, no sentido onde ocorre uma transformação da maior importância. Quer dizer, quando parece que começa a se perceber que uma coisa é a gente ficar como expectador de uma vivência ou de uma experiência que nos interessa. Outra coisa é a gente admitir que nós também fazemos parte disso e que isso nos toca e que nós somos parte integrante disso. Até como retrato, que aqui não é absolutamente fiel, porque faltam partes, mas no encontro social que existe, quer dizer, dentro da própria limitação da questão, e se o pessoal que está metido vamos dizer, na trincheira pesada, ele não pode estar nesse grupo. Se estiver nesse grupo como “zoológico”: estão sendo observados, olhados, que tipo de pessoas são, esse grupo não tem o menor sentido de ser, porque ele simplesmente reproduz uma questão de classe e uma questão de um examinando o outro. Não sei se está claro o que eu estou dizendo. Outra coisa é o encontro, como você estava dizendo, uma coisa é quando começou você veio pra escutar, agora você diz assim: *Não, mas eu acho que não é bem isso, acho que eu estou absolutamente envolvida nesse troço, e esse conversa me toca profundamente e, talvez eu não tenha aqui só que escutar, talvez eu tenha que falar como sujeito, como ser humano, como é que essas experiências e como é que isso que surge no grupo, não só deles, mas em todos, como é que emerge do grupo tanta experiência deles como a experiência de vocês?* Porque aí o grupo adquire um outro sentido. Aí o grupo adquire o sentido do verdadeiro diálogo e de pensar verdadeiramente juntos, porque senão não dá, senão não rola. Não sei se está claro o que eu estou dizendo. Vocês percebem isso, não é? Senão, vocês ficam aqui: *Bom, então vamos ver como é que o cara é...* Claro, você tem todo o direito de comentar como que o cara é. Eu acho que aí muda muito. Como é que somos? Que mundo que estamos? Que encontro é esse? Esse encontro que está aqui, que encontro é esse? Esse encontro dessas experiências de vida tão distintas que de alguma maneira nos une, nos separa, o que que a gente pode fazer juntos. Estamos pensando juntos. Não é que nós aqui estamos produzindo mais do que eles, ou eles mais do que nós. Eu acho que é uma coisa comum, com um objetivo comum: todos nós estamos aqui querendo descobrir coisas a mais que sirvam pra todos nós. Não sei, o que que vocês acham disso? Senão fica uma coisa desigual e repete de alguma maneira – é importante a gente assinalar aqui, como isso que ela foi a porta-voz, mas eu digo que é só porta-voz, somente e nada mais do que isso –, repete aqui, se dramatiza aqui uma questão de classe, percebe. Se dramatiza aqui

um negócio de classe, onde eu observo o outro, não sou observado pelo outro, onde eu vejo o outro de uma distância determinada, que isso é uma separação de classe que está dentro de nós e que se dramatiza aqui no grupo e é legal que a gente possa falar disso. É fundamental que a gente possa falar disso com toda abertura pra que o nosso diálogo seja verdadeiramente aberto. É diferente ter uma estória, outra estória. O que que nos une? O que que nos separa?

**Emilia:**

Contando né Jorge, essa questão dos contornos, por exemplo, que em relação aos meninos foi dado um limite no tipo de seção institucional que eles tinham, mas isso não significa um rompimento. Significa uma outra relação que teve que ser pensava a partir do que aconteceu. Então, como é que se define o no... quando a Ana tava falando o nosso olhar, quer dizer, nosso de quem? Quer dizer, quantos a gente conta? Quer dizer, quando há um incidente como o que houve, eu acho que teve uma fala na semana passada que se repetia muito: *É dos nossos, ou não é dos nossos?* Se houve um acontecimento grave como esse, como é que se coloca, se inclui, se não inclui. Como é que se lida com esses contornos que vai se estabelecendo, porque são limites. Com essa questão de *Bom, então se liga pras pessoas que nós queremos construir este projeto*. Então, foram atrás do Mosquito, foram falar com o chefe dele, fazer contato com os meninos. Você viu quantos que a gente tem que puxar, o quanto que o movimento é espontâneo, que eu acho que é a mesma coisa que você reproduz no trabalho cotidiano. Quando se espera que emergja algum movimento, o quanto a gente tem que ir lá buscar e ajudar.

**Jorge:**

Então, só para completar isso, porque o que está posto, o que a gente está acostumado é que esse grupo seria, de alguma maneira, um grupo de dominação. O que está dado é isso, de alguma maneira. Uma dominação no sentido de eu (?) observar, eu não sou observado. Eu vou te observar.

—

Dominação de quem? De todos?

**Jorge :**

Não. Uma questão que está dentro de nós, inconsciente. Nem estou dizendo que essa é a intencionalidade das pessoas. Eu estou dizendo que nós nos construímos dentro de um meio social e que isso nos constitui enquanto sujeitos de determinadas classes sociais. Então, o que a gente tem observado aqui, que é muito importante até que a gente falou no grupo passado, a coisa do fascina, de ficar o fascínio da experiência ou ficar capturado por mostrar a experiência, que é uma forma de impedir o diálogo. Outra forma de não ter diálogo é ter um diálogo a partir de não falar sobre as diferentes classes sociais, mas agir como se estivesse nas classes sociais. Então, nós, vamos dizer “nós, brancos”, classe

média, classe alta, vamos escutar e ver as experiências que eles vivem na periferia: *deve ser super romântico*. Só estou caricaturando, mas é assim que a mídia trabalha, é assim que a sociedade: *deve ser super importante, puxa vida!* Isso, evidentemente, está em nós de alguma maneira, mesmo que a gente não queira fazer isso. Não é que a gente veio aqui pra isso. O que eu estou dizendo é que isso... e eles percebem de alguma maneira isso.

—

Olha. Jorge, posso falar uma coisa?

**J:**

Pode.

—

Eu acho, não sei, eu penso nisso muito como uma via de mão dupla. Eu acho que, longe de mim querer imaginar um mundo utópico, de uma (???) vamos colocar, a gente vive em mundos diferentes no dia-a-dia. Mas, eu que também você criar uma situação onde você tira das pessoas qualquer possibilidade deles terem em pensamento essa suposta dominação como você está colocando, eu acho que o que a gente vive também aqui no Centro Vida no dia-a-dia é as pessoas colocando limites. Assim, a periferia coloca limites no Centro Vida, e não limites de: *Ah! não sabemos o que é, então a gente...* as pessoas criam uma residência e elas, hoje, todo mundo, não tem ninguém que não decida quem é que vai entrar lá, quem que vai fazer trabalho social, quem que vai fazer pesquisa, quem que vai... Existe, então, eu vejo como não há, não há, não existe, aconteça. Ele está colocado, mas eu acho que ele é uma via de mão dupla, acho que não é... não existe... eu não vejo tão clara essa situação de dominador, não ignoram, eu acho, que você, seria ridículo falar *não, o lance de papo sério não se coloca*. Mas, eu vejo também que existe uma resistência, e não falo isso no sentido de se opor a... de criar um núcleo. Eu consigo, eu decido o problema: (???) ia vir aí, e é uma coisa que eu vi, a gente sabe. Hoje em dia, as pessoas sabem, já viveram muitos anos com pessoas indo fazer pesquisa lá, o tempo todo. Então, justamente, essa coisa de *Ah! eu vou lá pesquisar, conhecer, porque é super interessante, diferente*. Milhares de ONGs que vão lá e elas pautam que tipo de trabalho elas vão fazer lá, independente do que elas vão dar (?), e eu acho que hoje mesmo estão se estruturando muito pra justamente é o que a gente vai passar. É a gente que mora aqui, você quer saber sobre a gente, a gente vai decidir o que você quer saber, como você vai poder mostrar isso. Acho que, óbvio, não é tão simples assim, mas acho que agora, o assunto não tá colocado assim. Eu sinto muito isso com uma via de mão dupla. Colocando em termos bem simplícios: eu acho que se a gente, sei lá, Centro Vida tenha... ou qualquer outra ONG, ou qualquer outro pesquisador tem o meio, tem o

dinheiro, tem a estrutura, tenha como entrar fácil lá, eu acho que uma das alternativas que tem, acho que já viveu tantos anos, já conviveu com isso tanto, que pede uma transformação se dá com a convivência, já aprendeu a viver com isso, já aprendeu a usar isso também a seu favor ou não, porque está certíssimo. Então, acho que acredito muito como uma via de mão dupla. A gente tem uma gerência de relações comunitárias, que acho que é um pouco de garantir uma boa relação, não vai ser qualquer (?) que (??). E aqui, eu sinto muito isso, acho que você colocou ótimo: o fascínio de um cara ouvir e o fascínio de contar também, acho que ambas as coisas são fascínio de se manipular. Então, vejo menos como uma dominação, mas como um encontro que pode ser compridoso ou não, mas tem a força dos dois lados.

**Emilia:**

Como é que vê essa dominação? É interessante que é a primeira vez que está aparecendo aqui no grupo esta... Teve muito na outra reunião, a coisa do vitimizado, da periferia como vitimizado. Você está colocando um pouco a questão também de ser refém, de alguma forma, do trabalho, do próprio trabalho que vocês tentam fazer. Que dificuldades são essas?

—

Talvez eu nem seja a melhor pessoa assim. Eu nem sou uma pessoa que trabalha igual uma tonta. Eu trabalho aqui no Instituto, na área de Pesquisa, talvez pela minha experiência pessoal. Mas, acho que uma dificul... igual a gente falou isso na primeira reunião: primeiro, vamos conseguir confiança, que eu acho que talvez seja o (?) mais (?) de saber, então, o que que você veio fazer aqui, no interesse ou no desinteresse, ou a serviço de quem ou do quê, uma série de benefícios. Acho que, você trabalha numa região que é mais carente, tem uma disputa... enfim, tem uma série de... talvez eu não seja a pessoa mais adequada pra falar, mas é assim: você entra, tem uma coisa meio uma postura que... e eu lembro de ter falado isso numa das outras reuniões, como a pessoa que chega, que não é um problema do outro, que eu ia lá, o problema é sério, problema meu também. E qual a possibilidade da gente ver todo mundo compartilhar desse problema? Comunidade como (????) Você vê isso (????) ou de alguma maneira assim. Mas, mesmo que não seja eu que esteja morrendo ou matando, ou isso, eu vejo como problema meu também. Essa dificuldade de compartilhar um problema desse nível não é nada... não é fácil.

—

Quería falar. Quería falar sobre a (????), (????) tipo, é... foi uma das coisa que eu senti aqui, foi quando eu argumentei com ele, uma coisa que eu comentei, foi uma das melhores reuniões que eu tive, aquela primeira, porque eu tive, sei lá, algum tempo da minha vida, entendeu? pra pessoas que tava aqui pra esse tipo, pra escutar mesmo. Avisei pra minha mãe, pra mim contar isso pra minha

mãe, pra mim contar isso... juntá rodinha dos amigos, pra mim me crescer lá, porque se cê sai contando isso na favela, cê tá se crescendo contando, entendeu? Cê tá contando, tem pessoas que tão interessadas em estudar como foi, como é essa vivência aqui. Como é sua vivência lá com as pessoas daqui. E... quando ela fala que as pessoas gostam de escutar mas, tem vergonha de falar um pouco, mas não gostam de ser... não gostam de falar sobre elas, entendeu? Vamos supor: as pesquisa: várias pessoas foram fazer pesquisa no lugar onde eu moro e tem regras pras pessoas fazer pesquisa lá? Tem regras, quer dizer, a gente que mora lá não sabe das regras que tem pra fazer pesquisa lá. A gente sabe sobre o quê o pessoal gosta de falar, entendeu? Porque, várias... vamos supor: a gente vai fazer uma pesquisa pra ver é... quantas pessoas... que nem agora tá tendo uma pesquisa lá... quantas jovens de 0... de 12 a 18 anos tão na escola, quer saber se tão cursando, entendeu? E muitas pessoas tão se omitindo a fazer essa pesquisa, porque a política... foi freqüente, acabou agora, entendeu? Que pra você fazer uma coisa na época da eleição ou bem depois da eleição, fica então porque as pessoas tão naquele pico... naquela ideinha ainda de eleição, de *vote em mim* e tal, não sei o quê. E às vezes, no caso, vamos supor, Centro Vida chega através de uma ONG, vai procurar uma ONG pra fazer uma pesquisa na comunidade. Às vezes nem é nem a comunidade, é a própria ONG, porque ela tá representando a comunidade, aqui ali, pro Centro Vida pode ser reflexo da comunidade, mas muitas vezes não é, porque é um exemplo que eu tenho concreto. Se o Centro Vida chegar numa entidade X, ela pode se omitir a fazer esse trabalho em parceria com o Centro Vida, colocando, muitas vezes, que a comunidade não tá interessada nesse tipo de trabalho que a entidade... que a comunidade não se interessa por isso, entendeu? Às vezes, só vai com isso daí, a gente vai com uma visão assim, e não é, entendeu? E a comunidade que nem sabe, é em razão que a liderança anda fazendo por (?), entendeu? Comunidade, então, não tá a par do que tava recebendo, porque passa por um filtro, e o filtro é quem? As lideranças, mais antigas, que estão querendo fazer a (?) comunitária pense daquele jeito, (?) tem como missão.

**Jorge:**

A gente está falando aqui pode ser um pouco também o que a gente fala em pesquisa, esse tipo de situação, é o seguinte: quem participa está medindo uma cabeça. De quem vai ser o produto desse grupo? De quem vai ser o produto desse grupo aqui? Que nós estamos aqui nos abrindo, nós estamos aqui nos expondo, nós estamos aqui nos esforçando. De quem vai ser o produto desse grupo? Quem é o pesquisador aqui? E vai ter liderança nesse sentido que vai segurar, que vai reter, que vai isso, que vai aquilo? O produto é o seguinte: eu acho que o legal seria a gente conseguir

pensar, quanto mais gente conseguir pensar. Pesquisadores, aqui, somos todos nós, e o produto vai ser de nós, vai ser nosso, quanto mais a gente tiver isso claro, mais legal vai ser. Mas, o que está acostumado, a experiência que nós temos, é que um pesquisa o outro, e um se apropria da pesquisa, do material do outro. Eu acho que é uma boa pergunta essa, talvez. Como é fica esse produto? De quem é esse produto? E vai ter manipulação da pesquisa, não vai ter. O cara chega lá na periferia diz: *não, não precisa*. Ele responde por você. São temas legais, que a gente sabe que isso acontece.

**Eduardo:** Eu sei que, a reunião que eu participei aqui, o que eu gostei muito, foi dessa possibilidade de você, por universos culturais terem se encontrado, e esse encontro, acho que é muito positivo, porque embora nós não consigamos alterar as marcas que a cultura deixa em nós, a gente consegue ser mais compreensivo com o outro, quando se faz esse encontro de universo. Lá onde eu trabalho, aconteceu uma coisa que houve esse encontro também, mas com os garotos, que foi um pessoal da escola Nova foi passar uma semana lá na periferia. Foi muito interessante acompanhar isso, porque no começo, o preconceito existia em ambas as partes. O pessoal lá do grupo, que eu sou facilitador, falava: *Puxa, que os “boys” vieram fazer aqui?* E, do outro lado, eles tinham medo dos garotos, meio insegurança, a mãe deles foi lá no primeiro dia pra ver se eles não iam ser roubados...

*(Fim do primeiro lado)*

... foi muito bonito que, muito rapidamente... que os garotos começaram... eu convidei eles para participarem dos encontros. Eles fizeram teatros com o pessoal do PROCVI, e muito rapidamente eles descobriram que não importa onde você nasceu, não importa a classe social, se você tem o humano como uma perspectiva maior e isso foi muito emocionante. No final, no último dia que eles ficaram lá, eles convidaram os garotos do grupo pra passar uma semana na Vila Olímpia, e criaram uma relação de amizade que até hoje eles se visitam, que eu... me tocou bastante. A gente às vezes vê coisas que deixam a gente pessimista quanto ao futuro da humanidade, mas esse fato me deu muita esperança. Eu acho que a gente tem uma possibilidade de parti...

**Ana:** Eduardo, eu tava... acho que tem uma coisa que aconteceu, (?) até pensar na estória do Centro Vida, que durante muito tempo, assim logo que começou, o que a gente fazia não eram projetos na periferia. A gente compartilhava, sei lá, participava de espaços onde as pessoas tavam fazendo coisas. Então, sei lá, a gente ia no Fórum de (?) da Vida e ficava ajudando a pensar como ia ser a

caminhada. A gente ia no CEDEC, que é uma outra instituição, ficava ajudando eles a pensar como é que ia ser o Curso de Formação de Agentes que eles faziam, e aí a gente ficava ajudando a montar um negócio que era a parte de Direito, enfim, mas não tinha nenhum projeto do Centro Vida. Era uma montanha de coisas que eles faziam onde a gente meio tava. E acho que isso propiciou uma coisa que era meio da convivência, que acho que isso que eu hoje falo que é... eu sinto, talvez esse seja um evento pra mim, maior tempo possível desse grupo, que acho que é complicado mesmo isso que a Isabela fala que a gente, quer dizer, tem essa coisa de pensar a convivência, as nossas questões, como se dá esse diálogo, tal. Mas, tem um negócio que é duro, a gente tem uma instituição desse tamanho, com projetos em discussão, existe às vezes uma demanda de respostas, que nem você tava falando: esse produto tem que ser de todo mundo. E que acho mesmo, acho que isso é um negócio muito legal, mas tem assim, no Centro Vida não é que pode, a gente precisa decidir se a gente é... montou as coisas pra isso, a gente tá gastando tempo, dinheiro, pessoas, quer dizer, nesse sentido tem um negócio... a dificuldade às vezes de você sair do lugar institucional e ao mesmo tempo de colocar as tuas questões, enfim, disso também poder ser um... a gente ter mais tranquilidade, acho que... vira e mexe vem as duas... os dois sentimentos: de isso precisa ser uma coisa, sabe, que vai servir, um produto imediato, não sei. Tem isso e ao mesmo tempo da gente poder também: *calma, vamos ver o que que dá*, quer dizer, qual a possibilidade, é o primeiro passo, a gente, enfim, conciliar essas duas coisas às vezes é difícil internamente. Acho que isso é, sei lá, eu vejo, porque aparece... tem que ter as manifestações e aí cada hora de um jeito dentro da gente. E aí acho que tem, pra mim, um pouco talvez, como é que eu digo: *puta, hoje eu tô vendo diferente*, como há muito tempo, pelo menos pra mim, eu não me via nesse lugar de (?), quer dizer, do diálogo ou da tentativa de estar como mais um num espaço. Porque como a gente teve durante esse tempo, *lá, tanto junto*, de repente, a gente se sentiu apto, e acho que tava mesmo, a desenvolver algumas coisas que a gente acreditava. É aí a saída desse lugar de quem tá lá junto, pensando coisas e tal, falar: *porra, agora eu já tenho um discurso, uma coisa que eu quero colocar aqui*. Que eu acho que é um pouco essa coisa de como a gente convive socialmente mesmo, a gente tá (?) de repente a gente faz uma escolha de como é que você vai dialogar, como é que você vai se comportar, que coisas você quer convencer o outro, que grupo que você vai pertencer. E acho que o que caiu um pouco a ficha assim, é que talvez, pra o que a gente se propôs a fazer, não sei se a gente conviveu o suficiente na periferia, entendeu? Mas, isso também é um negócio

que me incomoda, que tá na hora talvez da gente de novo se colocar num outro lugar, porque só assim a gente vai conseguir pensar qual é a nossa atuação, entendeu? Porque a gente pautou a nossa atuação por um limite de convivência que, a sensação que eu tenho, não deu conta das respostas do que a gente se propôs a fazer.

**Jorge:**

Legal, muito legal. Acho que a questão quando ela pergunta... A pergunta que você faz e que vai dando essa volta, o (?), como se você estivesse num outro ponto na volta de espiral, num outro ponto mais alto, porque até agora estava colocado no grupo o que “eles” falariam. E, agora o que está surgindo aqui, que é muito interessante, é que nós falaremos. Nós todos. Então, tanto da experiência de vida de quem está na periferia quanto da experiência de vida, como a Ana tá dizendo: *you fala, you fala de quem está aqui*, que é a experiência desse encontro. E eu acho que a experiência, se cada um puder se colocar e falar na experiência deste encontro, não eles falarem, os outros falarem, altera radicalmente a qualidade desse grupo, porque deixa de ser um olhar dominador sobre o outro, mas sim uma possibilidade de se viver um encontro e se pensar nesse encontro, que conseqüências isso tem, o que que me mobiliza, o que que mobiliza cada um. Vocês vejam que muda muito. A gente está tendo essa conversa, eu estava lembrando de uma fala do primeiro dia, que era... eu acho que era tua, a coisa de estar morando na Cidade Tiradentes, e aqui uma fala muito importante você colocou aqui no grupo, como quanto mais longe você estava do Centro, mais pequeno ficava o seu projeto. E essa sensação tão brutal que você trouxe aqui pro grupo, você vê que tem duas coisas: uma coisa como é que você vive com ela, com essa situação, e a gente falar dela. Outra coisa é a gente poder falar desta situação, porque não dá pra você viver sem sentir nada diante do outro que vive no Centro, entende? Não dá, cara, não dá. Se disser que não está sentindo, eu não vou acreditar, está certo? Você foi sendo empurrado pra lá, a coisa foi se perdendo, e eu estou aqui, e você vai dizer pra mim, falando desse encontro aqui, que “*zuzo bem*”? “O cacete, o cacete!” Onde é que está essa bronca? Onde é que está essa dificuldade? Onde é que está, sabe, onde é que tudo isso? E tudo isso faz parte desse encontro aqui, que é necessário a gente falar com toda profundidade, entende? Porque se isso não tiver, se isso não for permitido falar aqui, não tem sentido. Porque você vai chegar aqui dizer assim: *Oh, gente quanto mais eu vou pra Cidade Tiradentes, mais o mundo se esvazia, mas “zuzo bem” viu, aqui entre nós tá tudo legal!* Não é assim. É sempre (?). Não é. Então, o que eu estou propondo é que a gente possa falar disso também. E eu acho que é isso que a Ana está dizendo: que é uma outra volta

de estar nessa experiência, escutando mesmo um outro lugar e cada um podendo falar de um outro jeito. Porque isso é uma conversa séria, porque não adianta... senão eu fico incólume nessa experiência, entende? Campo Limpo, “*zuzo bem*”. “O cacete!”, você está aqui, meu. Peguei meu carro, fui pra casa, fui pra Cidade... Onde fica isso? Esses encontros e que sentimentos e que coisas acontecem nesses encontros? Estão aqui, estão acontecendo aqui no grupo. É isso que a Ana está dizendo, que ela está dizendo, que cada um fala.

**Emilia:** (?) está inclusive na polaridade, que a gente estava falando, do caminho A, ou caminho B, quer dizer, entre A e B tem tantos caminhos, significa o que eu acho que é isso que a gente possa estar pensando, quer dizer, que um crime não defina um caminho final, ou não-crime como... que o Cebola estava falando da outra vez: *Bom, se fosse meu amigo, talvez eu tivesse junto com ele. Possivelmente estaria junto com ele.* Quer dizer, então não é o fato do não-crime que vai marcar o caminho dele, e o crime o caminho A. Então, quer dizer, entre A e B são tantos caminhos que são possíveis.

**Mario:** ... que nem ela falou da distância, na primeira reunião, que participamos juntos, foi uma coisa que me chamou bastante a atenção. E era uma das minhas grandes dificuldades quando eu estava fazendo o trabalho com o Plínio, a gente escreveu tudo junto e tal, que a gente mora de fato muito longe um do outro. Eu moro aqui no Centro, na Pompéia, e ele mora em Suzano. Então, dá duas horas e meia de trem. Eu tinha essa disponibilidade de ir até lá, com frequência, porque eu tava desempregado na época. Eu tinha uma grana que eu tinha guardado do meu emprego anterior. E aí eu tava guardando... até eu acho que eu tava guardando esse dinheiro pra poder ficar esse tempo pra desenvolver, pra achar as coisas que eu queria fazer da minha vida. E eu acabei encontrando o Plínio, e durante muito tempo foi muito difícil assim pra mim ter que ir pra lá toda... porque foi... que era um deslocamento que me tirava do meu mundo. Eu tinha que ir pra outro lugar, um lugar que eu não conhecia, a ponto de chegar um momento que eu fiquei preocupado, que eu comecei a achar: *Bom, mas daqui a pouco os meus amigos não vão me reconhecer mais!*, porque eu estou de tal forma envolvido com uma situação que não é a minha. Comecei a ficar distante dos meus amigos de faculdade, dos meus amigos, do meu meio, que algumas vezes eu ia em festas do meu ciclo antigo de amizades, que eu achava sem graça, quer dizer, de tal forma que eu tava envolvido por essa nova experiência de ter conhecido uma pessoa de uma realidade bem diferente da minha. Só que aí, agora, eu acho que a gente tá vivendo uma situação bem diferente, assim. Porque eu voltei a trabalhar, arrumei um emprego e tal, e

agora eu sinto a falta... sinto essa falta de poder, de continuar livre pra periferia. Porque assim: o meu projeto de vida tá meio dividido agora, porque ao mesmo tempo em que eu continuo com vontade de ir, sinto falta de encontrar pessoas que não estão no meu ciclo de classe social. Eu não tenho mais essa possibilidade com a frequência que eu tinha. Aí eu fico me perguntando de que maneira eu poderia equacionar essas coisas. E aí eu fico pensando em como esse aqui é um lugar pra isso. E uma outra coisa que mudou, depois que eu conheci o Plínio, e não só o Plínio, comecei a conhecer muita gente da periferia, de bairros mais pobres, é que eu comecei a reconhecer, uma coisa que a gente... eu acho que quem mora no Centro e é de uma classe um pouco mais alta vive de forma muito forte assim, é que a gente às vezes ignora pessoas de outras classes. Faz isso com uma naturalidade assim incrível. E aí, sei lá, o cara que trabalha, por exemplo, na garagem do meu trabalho... Antes de conhecer o Plínio, eu acho que vivia com uma naturalidade muito maior esse abismo que há entre as classes sociais. Depois de ter conhecido o Plínio, eu acho que isso é uma coisa que me agride hoje, quer dizer, eu chego pra trabalhar todo dia lá no prédio onde eu trabalho, no Itaim, e eu sei que todos os manobristas moram na periferia, e eu não conheço aqueles caras e eu não consigo ter um diálogo pra botar um (?) mais, os caras... a gente aqui... Aquele encontro com aquelas pessoas não me proporciona um diálogo verdadeiro, um diálogo de conhecer a vida da pessoa, porque o cara tá na função social dele, ele é o manobrista, e eu tô na minha função, quer dizer, eu trabalho naquele prédio. Então, os momentos de conversa são muito raros. Então, esses momentos de diálogo de fato só podem acontecer se a gente suspender essas funções sociais, acho que são importantíssimos, porque eles vão ter desdobramentos que às vezes a gente não conhece até. Eu hoje me sinto, apesar de sofrer talvez sofrer mais com isso, eu me sinto mais completo, porque às vezes paro num sinal com meu carro no farol, eu fico olhando pro cara que tá vendendo bala, e quero saber quem é esse cara. Quero saber quem é. Quero saber onde o cara mora. Eu tenho essa vontade. Às vezes não dá porque o farol abre. Então, o condicionamento da cidade obriga a gente meio que separa isso. Acho que esses momentos de convívio que não são naturais do dia-a-dia, mesmo pra quem está na periferia, acho que não são. Pensando noutro lado, imagina os caras, lá os manobristas do prédio onde eu trabalho, que moram na periferia. Eles também não têm um momento pra eles, pra que esse diálogo possa acontecer. Então, essas distâncias, quando elas se... são diminuídas, às vezes elas são diminuídas só aparentemente. A gente não consegue

diminuir de uma forma mais completa. Isso pra mim é um... é uma grande questão na minha vida, assim.

**Jorge:** Eu acho que você está falando uma coisa, deixa eu ver. É legal você está dizendo isso, e a hora que você chega (?). Você está dizendo que o teu encontro com ele te humanizou. É isso que você está dizendo. Te transformou, te levou prum lugar até então desconhecido, onde você se sente mais humano e você se sente inclusive mais amplo e mais profundo.

**Mario:** E eu me sinto mais inteiro, acho isso, porque a separação que a gente vive, eu acho que não é boa pra nenhum dos lados. Diria que eu me sentia que faltava um pedaço de mim. E tem uma... o pessoal do rap sempre fala que *os companheiros não são companheiros, são irmãos, são manos*.

— São aliados.

**Plínio:** É, mas mais que aliados até. É um laço mais forte até, quase um laço de sangue. É um irmão não sangüíneo, um irmão... um laço que não...

— É, o irmão tem a lealdade que um aliado tem com o outro. Então, às vezes... desculpa, né, interrompi...

— Não, só estou participando.

**Jorge:** Você está participando. É, é isso mesmo.

**Plínio:** Quando eu falo de aliado, é mais que um irmão. Infelizmente, irmão nos trai, né, cai (???). Agora, o aliado jamais vai tirar a vida do aliado.

— Como é que o aliado fica aliado?

— Ah? Pela lealdade...

— Isso eu acho que é importante pensar também, porque essas coisas são construídas, né. Então, pensar também...

**Plínio:** ... que, assim, a gente não faz as coisas de alpinismo. O negócio é que, dentro do sistema, não existe lugar no mundo que tem mais lealdade e respeito, né, e solidariedade. Se você cai doente, o cara tem que ser seu médico. Não é que ele é obrigado. É lealdade e respeito, tem que cuidar de você.

— Pois é, mas aqui fora, essas coisas não são dadas, né?

— Aqui fora, a mídia passa totalmente diferente.

— Não, mas digo, no nosso convívio.

— No nosso convívio também.

**Mario:**

Por exemplo, eu e você. A gente se encontrou, a gente trocou telefonemas, a gente foi construindo essa amizade, que é uma coisa difícil da gente construir. É difícil, talvez a gente tenha conseguido porque a gente tinha um projeto comum. A gente tinha uma coisa que a gente queria fazer junto. Agora, tava pensando também no respeito, na idéia do respeito, que sempre vem aqui e tal. E às vezes eu fico com a impressão, fico com a impressão quando o (?), o outro menino falaram, assim, uma necessidade de dizer: *Não, a gente respeita o outro, a gente respeita o outro*. Mas, às vezes, parece que o respeito é uma coisa meio imposta, meio... que não é conquistada. Por isso até que eu perguntei pro Osmar numa das outras reuniões: *Ah, por que que não foi conversar com o cara? Pô, as conversas constróem respeito, respeito não é... Ah, porque você é homem, eu sou homem, a gente vai se respeitar*. O respeito tem que ser conquistado, tem que ser construído junto. Também conquistado não é assim: *Ah, eu tiro o respeito de você...*

**Ana:**

Mas, eu acho tão... uma coisa assim, ouvindo vocês falarem, de novo, coisa do sentimento dúbio, duplo. Isso pra mim, acho que é a coisa mais recorrente, assim, aqui. Que por um lado, acho que é exatamente, quer dizer, a humanização, o que a convivência, talvez o que ela mais traga, essa, por exemplo, você... quer dizer, sei lá, conseguir relativizar noutras coisas, humanizar as coisas e tal, e a dificuldade, quer dizer, de como é que um espaço humanizado, que acho que é fundamental, acolhe um discurso institucional ou vice-versa, sei lá o que vem primeiro. Mas, eu acho que foi isso assim que a gente viveu, quer dizer, de repente a convivência com o João e o Pedro fez a gente falar: *Meu Deus, como é que o discurso institucional...* porque eu acho muito equivocado abrir mão também, quer dizer, sei lá, enfim, eu tô chamando de discurso institucional as coisas que a gente quer falar pro mundo e acho que é importante a hora que você monta um... uma ONG, quer dizer, a gente precisa saber o que que a gente quer, como a gente vê as coisas, porque a gente gostaria de lutar até pra ter uma causa, quer dizer, então é isso que eu acredito, a gente faz um esforço juntar pessoas que tenham sensibilidade, acho que tem um negócio assim de você montar um grupo que tem que saber esse é o caminho, a gente fica o tempo inteiro tentando. E acho que mais do que isso, a gente trabalha com um tema, quer dizer, que é a violência, que se a gente... acho que essa é uma pressão que a gente sofre aqui. Acho que a Isabela enfim, materializar isso ainda mais que é a gente conseguir fazer um discurso de envolver os jovens, de que a periferia seja reconhecida, de que a gente não faça esse discurso autoritário, polícia repressiva, não sei o quê. Não adianta a gente vir com um discurso de bom mocismo, de as causas sociais, emprego, não sei o que que tem. A gente não

enfrenta essas coisas desse jeito, o Centro Vida podia inovar nesse sentido, de conseguir fazer uma coisa, de convencer mais gente, porque a gente fica ao mesmo tempo não querendo ser ingênuo, virar um negócio assim: *Ah, pode tudo, tudo é legal, não tem importância nada.* Acho que a gente não consegue, e acho que, enfim, não vejo nenhuma das pessoas aqui que tivesse se colocando nesse lugar de falar: *Não, nossa, tudo bem.* Ou é coisa do vítima, que a gente ficou (?) não quer esse discurso de vitimização porque isso talvez seja a pior coisa que pode acontecer numa periferia. Das pessoas se sentirem atores de transformação, de conquista. Cara dando uma de vítima, a gente quer fortalecer o potencial, o que tem de legal, que não sei o quê. Então, a gente fica nesse negócio de tentar também encontrar um discurso que seja, quer dizer, que a gente seja reconhecido não como alguém ingênuo, alguém que, enfim, que faz um discurso social genérico e tal. Por outro lado, quer dizer, eu acho, a dicotomia não tá aí. É o fato de que a gente aprendeu, de repente, a fazer uma fala de que: *Pôxa, tem sim que trabalhar com segurança pública, com polícia, com sistema prisional, com uma série de coisas,* que tem uma coisa de aceitar um determinado modelo, um jeito de conviver. E, por outro lado, acho que tem um negócio que é na hora que você convive... minha sensação, por isso que eu falei que a gente precisa estar aberto, é que eu não consegui ainda vivenciar coerentemente assim, o discurso que a gente faz institucionalmente hoje e a possibilidade de conviver com essas pessoas. Por isso que eu falei no começo, agora pra mim vai ficando mais claro, falei: *Putá, será que a gente conseguiu escolher um trabalho que dá pra tá junto,* porque é muito difícil. Por isso que eu vivi essa angústia, porque eu sou diretora da instituição, eu tenho que fazer um (?). Óbvio, contribuo pro institucional, quer dizer, está enraizado em mim, eu tenho que ser meio porta-voz disso. E, por outro lado, “caralho”, tipo eu convivia muito com essas pessoas, e convivo. Então, é um negócio assim, falo: *Meu, isso que a gente tá fazendo, é praticamente insuportável pra quem tá convivendo,* porque te humaniza, e não é que um é melhor que o outro, é isso que eu tô dizendo. E não sei como sair desse dilema. Mas, pra quem convive com as pessoas, às vezes não faz sentido, não tem significado o que a gente está falando pra o que a gente tá vivendo, entendeu? Quer dizer, eu não sei assim, eu cheguei a pensar, fiquei pirando, minha cabeça estava tão louca que tava assim: *Não, então crimes contra... homicídios que sejam por motivo fútil, é muito mais tranquilo,* tranquilo entre aspas assim, morrer não é nada tranquilo não é, de jeito nenhum. Mas acho que assim, o que mata, quer dizer, pra mim tinha um significado completamente diferente de um ladrão e

de um cara de crime organizado, porque pra mim tinha uma coisa assim: *Pô, tem a ver com as relações*, que não é de uma escolha de vida. Tem a ver como se dão as relações. (?) tá certo, e não é isso. Mas, eu comecei a tentar entender o que que era aquele negócio que eu tava vivendo e por um lado, “caralho”, eu digo acredito no que a gente faz, ajudei a montar essa “porra” desse discurso. Faço ele quando vou nos espaços e tal. Mas, quando eu tô convivendo com a pessoa, num tinha significado. Olhava pro João e pro Pedro, falava: *Num tem sentido eu falar essas coisas pra esses garotos*.

— A realidade é outra, né.

— Eu não sei se é outra, entendeu? Agora eu não sei como é que se convive, cara, é um negócio de origem, assim.

**Joana:** ... eu senti muito isso, porque eu acho assim, é o tal problema da situação limite, que (*moto passando*) (??). O Mario tava falando, desse grupo de vocês lá e conhecer. Eu tava lembrando, quando eu dava minhas aulas na FEBEM de vídeo, a gente tava fazendo um vídeo sobre (?) e a gente se divertia pra caramba, só que não tinha... era ótimo, porque (??) totalmente anti-FEBEM. Só que não tinha uma aula que eles não falavam: *Mas, a senhora é maior boyzinha*. E eu ficava “puta”, saía todo dia mais “puta”, falava: *Meu, que saco, faz um mês e meio que eu dou aula...*

**Plínio:** Quer ver um exemplo: sabe o que é isso? E depois? É isso que eu tava querendo falar pra ela, que a realidade é mais nua e crua. Porque é fácil você ter um discurso, entendeu? e você não vivenciar aquilo, né. Porque, hoje em dia, você vive no centro da cidade, na periferia você sobrevive. Então, dentro da (FEBEMS ?), que é um trabalho dentro da FEBEM do Tatuapé. Nós fomos impedidos de fazer um trabalho lá por que? Porque os próprios meninos tava indo por uma outra linha. Por que? Foi aquilo que eles aprenderam. Então, é tudo um processo. Então, quando você entra dentro de uma entidade, que você tá transformando algo, são seres humanos, você concorda? Só que você tá vindo de fora. Então, você entra e sai, eles ficam ali. Então, eu até peço desculpas por eles, porque a linguagem do sistema é totalmente diferente. Aí você fala que *eu fiquei p. da vida porque o cara me xingou de boyzinha*. Mas, ele...

— Mas não toda vez.

— Ah?

— Não, todo dia. Mas deu pra tirar satisfações.

— Sim, deu? O menino que tá ali, ele vai te ver como uma *playboyzinha*, porque, infelizmente, é o que ele vai... é o que você vai mostrar pra ele, que você vai fazer um trabalho legal, só que

saiu dali, ele vai tomar canada de ferro, ele vai ficar de castigo, ele vai ser torturado. Aí ele vai lembrar de você, vai falar: *Pô, aquela tia lá, ela veio aqui, e passou a mão na minha cabeça, mas depois que ela foi embora, os cara me quebraram no cano de ferro.*

**Dino:**

A voz dele aqui, no caso, (?), eu já fui preso na FEBEM, entendeu? E o que ele falou aí é verdade, é real. Que nem eu convivi lá, eu sei como é que é. Lá tem os bonzinho, tem os mano que respeita as pessoas, adora quando vem uma visita assim diferente. Eles fica feliz pra caramba. Mas, tem outros que já, já quer se crescer, conseguir o chefão, o X de lá de dentro, entendeu? Já tem a organização deles lá dentro. Então, você tem que ficar pianinho, então eles tem que ser o que eles querem lá dentro. Se você de repente, se você foi agredido lá dentro, chegar uma tia lá visitar você, uma... (?) caso, mantiver coisa desse tipo, cê fazer uma acusação, eles podem até ficar na deles, eles não perturbam. Mas, quando vocês saem, lá dentro eles cacetam os moleques, sai sapecando pancada mesmo, não quer saber. E aí, nós desconta isso quando tem rebelião, que teve uma rebelião lá na Imigrantes, que eu participei dessa rebelião. E o mano que deu uma cacetada no meu ombro, que eu saí caindo assim no chão, só esperei a oportunidade certa. Eu não matei ele, mas ele ficou bem feio no hospital. Porque fez revolta, ele fez que eu tivesse revolta dele.

**Plínio:**

Isso é a causa do efeito, né? Que é a tal (?) que nós faz. É o efeito colateral que o seu sistema me fez. Por que? Como que você vai recuperar um ser humano, oprimindo ele. Então, é complicado, porque sempre a pessoa vai te ver como uma *playboyzinha*. Até que você mude essa situação. Porque a nossa realidade não é todo mundo que entende. Para nós, até hoje o convivo com vários egressos, eu vou dentro do sistema, e muitas vezes os cara não deixa eu entrar dentro de uma cadeia. Porque os cara sabem que eu tive dentro dela e sobrevivi a toda aquela opressão, e eu sei como funciona, como eles sabem. Então, é um sistema totalmente diferente, porque é até complicado quando você fala porque que que acontece? Os cara passa na televisão que o cara... o menino custa R\$ 1.700,00 por mês, o preso custa R\$ 1.500,00, certo? Mas o cara não tem nada se a família dele não levar, entendeu? Então, isso é... é utopia, é hipocrisia, entendeu? Então, outro dia eu perguntei prum... aquele deputado (?). Eu fui num debate com ele, aí eu falei pra ele: (?) *só vou perguntar uma coisa pro senhor, não tenho nada contra a política, nem contra a polícia. Eu tenho contra a ação criminosa de qualquer ser humano, que a gente defende o direito à vida.* Eu falei pra ele: *Pôxa, se um preso custa R\$ 1.500,00, o salário mínimo é 200,00, aonde que tá a contradição? Qual é, aonde que vai o resto do dinheiro?* Aí eu falei pra ele: *Pôxa, o senhor matou 250 bandidos, certo?*

*Bandidos, que tá lá entre aspas “bandidos”, quantos pais de família? Quantos negros? Quantos (?) o senhor matou?* Então, aí ficou, ele falou: *Ah, mas, eu matei, fui, fui eleito.* Então, a nossa sociedade não está aberta, não está aberta. É legal esse espaço, porque tem várias pessoas, num mesmo objetivo. Mas, quando você sai ali fora, o preconceito existe.

**Jorge:** Da licença, deixa eu comentar uma coisa. Só uma coisinha eu queria colocar. A resposta que ele te deu, uma resposta interessantíssima. No sentido, *eu matei, fui eleito.* Fui eleito no sentido que eu tenho legitimidade, fez com que as pessoas apóiam ter um mártir. As pessoas apóiam ter um mártir. Então, isso é uma coisa muito evidente...

— É preocupante isso, é preocupante.

**Jorge:** Pra não dizer que aqui no grupo não é um retrato inteiro, porque faltava essa parte, porque eu sei que ninguém pensa isso aqui.

— Trazer o (?) Lopes aqui.

**Jorge:** Não, seria divertido, seria muito divertido. A gente ia se divertir com o cara. A gente fechava a porta ali, fechava aqui. Se fechar lá e fechar aqui, eles conversam bem. Fechar a porta, eles conversam bem.

**Plínio:** Qual o nome do senhor?

**J:** Jorge.

**Plínio:** Então, o que é complicado quando se fala isso, porque o cara (?) programado pra matar. Então, hoje em dia, você vê, o coronel Ubiratan, né, o cara se elegeu, o cara é deputado federal, ele ganhou imunidade. Estadual, né. Ele ganhou. Outro dia teve um jornalista que me convidou pra mim ir dentro do gabinete dele debater com o... meu amigo, que que eu vou fazer lá, amigo? Eu sou apenas o Plínio. O cara que canta rap, o cara que tá ralando com a molecada, um ex-presidiário, um filho bastardo, eu sou neguinho (?). O cara é o coronel Ubiratan, amigo. Ele chega lá me coloca um quilo de droga, me mete na cadeia. Cadê meu advogado? Cê concorda comigo? Aí disse: *Não, mas vai ser a matéria do ano.* A matéria do ano pra você, e pra mim depois?

**Jorge:** Mas isso que você está contando, é exatamente isso que o grupo tava colocando aqui. Qual é o produto disso? Quem vai ser dono, de quem é o produto desse grupo? Diga, Angola.

— Então, que assim...

— Oh, queria só complementar uma coisa, pra você ter uma idéia. Quinta-feira passada....

(Fim do lado A)

**Plínio:**

Você pode dar risada assim, que é meu jeito mesmo. Eu sofri uma opressão da polícia, eu vendo meus livros, né, nas boas intenção na rua. Eu tava com R\$ 150,00 que eu ia pagar a editora também, pra pegar mais livro. Os policiais me tomaram meu dinheiro, rasgaram meus livros e me espancaram. Eu fui no médico, sabe o que o médico falou pra mim: *Ah! Se cuida aí, tó uma lista... tó uma receita aqui pra você se cuidar*, né, eu tô defecando sangue. Eu cheguei, liguei lá prum motorista, o cara falou: *Violência acontece todo dia, amigo. Se você for denunciar os cara, os cara vai te perseguir*. Eu pedi uma audiência com o promotor, ele falou que a semana que vem nós vai atender, cê entendeu? Então, isso é opressão, isso é a realidade. Eu tenho meu braço quebrado. Naquela mega rebelião lá que os cara inventaram, no dia 18 de fevereiro de 92, eu tava dentro do Pavilhão 7 visitando meu ex-cunhado e alguns amigos meus. Dia 20... (*alguém tossindo em cima da fala*). No dia 20, um policial foi quebrou meu braço. Então, isso é opressão, isso aconteceu comigo. Aí, as pessoas: *você tem coragem de chegar na televisão e falar?* Eu falo, a qualquer momento os cara podem me matar. Então, a nossa realidade é totalmente diferente, você entendeu? Porque o preconceito vem em primeiro lugar, entendeu? Então, a gente tem que procurar mudar isso. Quando eu for na televisão, falar: *Meu, gostaria que todos os sobreviventes viessem e falassem sobre a situação*. Porque não é só porque eu sobrevivi ao massacre do Carandiru, que mataram mais de 600 pessoas. Mas, cada minuto, a cada quarto de hora tem uma pessoa assassinada na nossa periferia, né. Quem mata? A polícia mata mais do que a doença, mata mais que a AIDS...

—

Mas, não só a polícia.

—

Não só a polícia. Ladrão também.

—

Isso é importante colocar.

—

Não só a polícia, né. Posso falar?

—

Fala.

—

Fala. Não só a polícia, né. Mas, ladrão também mata. Por que que o ladrão mata? Outro dia, um jornalista perguntou pra mim se existe bandido bom. *Ô meu, quando eu era bandido, não era bom pra ninguém*. Cês concordam? Existe bandido bom?

—

Ah, não sei.

—

Eu não sei.

— Não, eu falo porque... eu falo por mim, porque se eu entrasse dentro de um banco, se eu fosse roubar, e um policial sacasse pra mim, eu teria que tirar a vida dele, senão ele tirava a minha. Você concorda?

**Jorge:** Essa diferença...

**Joana:** Então, era da... isso, que ele tava falando da FEBEM, que eles tavam (?) na *boyzinha*, e que eu falei que fiquei tão incomodada, até o dia que eu resolvi falar isso, agora disse então o quê? (???) você são o quê, então? Por que na verdade, são bandidos? É isso, é isso que eu tenho que achar de vocês? Eu tenho, toda vez que eu vier aqui, lembrar vocês disso? O que eu... eu entendo isso que você me falou e eu acho que o que a gente está discutindo aqui, era justamente que chegou num impasse limite, porque isso é uma coisa que eu posso compreender. Que a gente se julgue uns aos outros, acho que é absolutamente compreensível, é inevitável isso. Mas, daí aos poucos acho que você consegue ir fazendo outros julgamentos, cedendo, sei lá. Você vai re-significando... Só que eu senti, você colocou uma situação aqui, pelo menos pra mim, pessoalmente, individualmente, acho que, como eu falei, eu me furto de falar que meu, não tô acostumada com uma coisa dessas, tanto que eu levantei uma questão: foi um impasse, meu? É difícil você sair desse julgamento, tanto institucionalmente quanto pessoalmente junto. Meu, não consigo andar, porque você consegue (?) segunda, terceira, quarta impressão, que eu acho que a primeira impressão é (?), mas é... é difícil.

**Jorge:** (?) está aqui na lista.

— É, então. Desde o primeiro encontro que nós tivemos aqui, sobre as muitas falas que foram faladas e foram passadas aqui, o que mais noto que acontece é a questão da relação de confiança, né, das pessoas. E se tá tratando aqui do assunto que passa pela relação pessoal das pessoas, geração de confiança que aí o Mario já coloca isso, a falta (?) isso. O Wellington e o João também fizeram a posição deles, esta questão de você ir até algum lugar, ser mandado por uma pessoa, e quando você, de repente, consegue manter esse espaço de confiança. O Mario, o Plínio tiveram articulando um contato inicial e tal, e encontraram um treco em comum de vocês dois, conseguiram se aproximar, mas se não tivesse a confiança das pessoas envolvidas, esse fruto não seria realizado. E passado, depois de finalizar esse projeto, cês tão aqui ainda. Depois de um tempo com o produto já (?), produto realizado, cês tão tendo uma amizade. Essa confiança simbolizando a amizade. Já na questão que se coloca: o Centro Vida ou qualquer tipo de organização tem uma dificuldade de entrar na periferia, tem a dificuldade de lidar com lideranças

muitas vezes, também passa pela questão, tipo da relação pessoal, porque as pessoas não confiam na Instituição, na Organização. Elas confiam na pessoa. Quando uma conversa, quando você falou pro Angola, você falou comigo, e que eu sempre falo, uma coisa que eu sou desconfiado. É de antropólogo, e aí fica...

—

Por que você é?

**Angola:**

É antropólogo. E assim, isso por que? Porque toda vez que aparecia um antropólogo no (?) pra fazer entrevista com a gente lá na posse, os caras iam lá, certo, faziam tipo levantamento, montar um produto, fazer uma tese, os caras voltavam pra UNICAMP, voltavam pra PUC, voltavam USP, e era pra prêmio na certa em cima da experiência que nós tínhamos lá e esse produto não era retornado, você não tinha o retorno da experiência... (?) da tese, e mandavam convite pra ir na festa da tese, da premiação, você não sabia porcaria nenhum de resultado e o prêmio resultava (?), você ficava de bobeira depois que o cara publicou aquilo. O cara foi lá, tipo duas, três vezes, buscar experiência, e aí depois o cara não retorna pra poder falar assim: *Meu, putz, não tinha um vínculo... não tem um vínculo de confiança*, então só se torna um produto, né. É diferente quando, de repente, a Ana fala que: *Putá, assim não dá, faz desfeita, tá p. da vida, faz desfeita, (?), faz desfeita e uma série de coisas*. E assim, o Centro Vida tem dificuldade de entrar na periferia? Tem. A instituição tem, porque mudou inúmeras pessoas e aí assim, por mais que o discurso do Centro Vida seja um discurso formado, mas, se a Ana falou, da fala dela, vamos dizer algumas coisas, lá na periferia, as pessoas vão entender, porque já conhecem, já tem uma relação com ela, pessoal. É outro tipo de relação. Tipo diferente se você fosse, funcionário fosse, se o Felipe fosse, a possibilidade é diferente. Não tem uma aproximação, uma relação de confiança. É a mesma coisa, tipo, uma reunião eu comentei que assim: moro na Cidade Tiradentes, mas até eu poder iniciar um trabalho no Capão demorou um tempo por que? Porque tinha que criar uma relação de confiança. Independe de eu ser igual, de morar na periferia, mas era de uma outra periferia distante, então o jeito era criar uma relação de confiança entre eu e o cara que mora no Capão, pro cara poder confiar no meu tipo lá: posso confiar naquilo que eu penso e poder abrir caminho. Então, acho que tudo passa pela relação de confiança, né.

**Jorge:**

Isso passa por nós aqui também. Eu acho que é isso que o grupo está experimentando hoje. Você tem um fato novo que está ocorrendo hoje no grupo. O fato novo que está ocorrendo hoje no grupo é o seguinte: até agora falavam mais o pessoal no mais

direto da violência. E hoje, está ocorrendo uma coisa muito interessante, a partir da tua fala que é assim...

— A questão do produto.

**Jorge:** Não, não. Mas, é isso...

(*várias falas*)

**Jorge:** Mas, é o emergente que surge no grupo, que isso denota o que? Que as pessoas querem estar juntas de alguma maneira e não de um jeito babaca, não de um jeito babaca. Que ninguém...

— De um jeito formal.

**J:** É, de um jeito formal, de um jeito engraçadinho ou babaca, coisa assim. Eu até brinco, vocês me desculpem aqui a expressão que eu uso lá, que eu tenho uma faixa invisível na minha porta, que diz assim, vocês me perdoem: *as moças de cabacinho não entram, não podem, aqui não tem lugar pra isso*. Não tem, a coisa é muito séria aqui pra ser falada. E, de repente, o grupo está dando um avanço muito grande quando as pessoas estão se colocando como vocês se colocam, com a clareza que você colocou da experiência com ele. E deixa de ser só a tua experiência, ou a tua, ou a tua, ou a tua, e começa a ser a nossa experiência e o que que nós fazemos com esse encontro. Que que nós fazemos com esse encontro? Quer dizer, o que que isso nos transforma? Não é mais que nós estamos estudando e nos apropriando de um percurso que é da vida dos outros. Evidente, como o Angola tá dizendo, espera-se Angola que desse grupo aqui pra ter resultado, pra ter produto, vai ter que ter texto. Agora, a questão é como é que se faz esse texto, como é que se escreve esse texto. Isso, tudo bem. A questão como é: se é um produto coletivo, se não é um produto coletivo. Mas, vai ter que ter texto e é importante que tenha. Então, o que eu estou dizendo é o seguinte: isso é um negócio super significativo que eu queria marcar. Deixa de ser o olhar pro outro, mas assim, eu te olho, você me olha. Quem eu sou? Quem é você? Puta, nossa vida é diferente, mas a gente... Evidente, que eu vou na FEBEM, saio e você fica. Está claro isso. Se eu não levasse em conta, não está tendo conversa. Não está tendo conversa. É uma realidade. Mas, o que a gente está tentando é construir um diálogo profundo e real, *a partir da vida como ela é*, como diria o Nelson Rodrigues. Aqui, a vida como ela é, sem frescura, sem adoçar nada.

— Acho que a ausência do Mosquito seria um problema daqui, de todos.

**Jorge:** Do grupo.

**Plínio:** Quem que é o Mosquito?

- O Mosquito trabalha...
- Jorge:** A Ana que se mobilizou pro Mosquito vir.
- Mosquito:** É... tem até, tem uma coisa pro Carlos. A gente tava falando classes social, classe baixa. Esse problema é o seguinte: é bem claro isso. O povo do gueto, povo pobre, tipo, uma boa parte, pô, vê diferente a classe alta. A classe alta boa parte vê diferente o povo do gueto. Isso já são desde as senzalas e isso tá explodindo, porque, porra, a molecada tá com ganância. Outros tão focando essa ganância pra coisas positivas, pra, tipo, meu, vou me jogar, vou entrar numa USP, eu vou ser o cara, e outros quer que se exploda, meu. Fala aí: *não tô valendo mais nada memo, mil e ano aqui nessa porra dessa favela, nada muda*, chega uma hora que pipoca, tá ligado? Sua cabeça funde, né. Que nem comigo mesmo passei uma neura essa semana que pô, fiquei no foco, assim, tipo, no meu barraco lá, falação, falar daquele jeito, quase teve um curto, né. Eu cheguei em casa, o chuveiro pra variar pingando. Pô, cara, a noite assim, daqui a pouco, fiz uma gambiarra lá, explodiu o chuveiro. Cara, fiquei muito injuriado assim, pô. Agora imagine, imagine moleque que tá... isso é um problema básico do... particular até, meu, mas, pô, me deu uma neura. Imagine um moleque que vê a irmã dele que se prostitui pra poder trazer comida dentro de casa?
- Queimando o chuveiro.
- Queimando o chuveiro.
- Queima mesmo?
- Mosquito:** O caraco! então, pô, isso tudo é muito complicado, entendeu? É... pô, as diferenças são muito grandes e, realmente assim, uma pessoa da classe alta chegar até o gueto, tem que ser que nem ele, por intermédio dele ou (?). É mole, pessoa chegar lá do nada e vazando qual é que é a sua?
- Osmar:** ... uma coisa engraçada que quando o Mosquito fazia a instalação, a gente tava se preocupando era com os projetos que a gente... eu fui (?) PROCVI, eu tenho um projeto de vida também. O meu ideal é o ideal do Mosquito, é o ideal do Dino, é o ideal dos soldado de baixo escalão, é o ideal do pessoal que corre com nós na periferia.
- Ideal do soldado?
- Osmar:** Soldado de baixo escalão. Aí, eu fui chamar o Mosquito pra ir prum show no Campo Limpo, né, meu. *Pô, aí, vamo pro show, vai ficar Brasil, e tem o grupo da quebrada, do Angeli e tal, vamo pro show.* “Ah, meu, tô aqui fazendo, vou continuar fazendo minha

instalação, se eu terminar a tempo, eu vou”. Eu fui pro show, aconteceu várias coisas, choveu, eu passei por um local que lá na (?) com a (?) Filho, o córrego aqui, o barraco é aqui, em cima do córrego aqui, em cima do córrego. E, acho que não tinha água na favela, e agora que eles fizeram metrô, tem vários canos de água caindo acima dos barracos, entendeu? Então, os moleques tava usando aquela água pra tomar banho, porque não tinha... acho que não tinha água na favela, com uma chuva daquela, e não tinha água. Então, os morador tudo com os balde vindo lá pra pegar o que tava escorrendo, entendeu? E eu voltei, o Mosquito tava fazendo a instalação ainda, duas horas da manhã, ele tava fazendo a instalação. O show foi três horas da tarde, entendeu? Então, imagine, eu... eu não tava naquela situação, eu não tava sem água em casa, eu não tava... não dava tempo de arrumar nada em casa, que já passei por coisas muito parecidas ou piores ainda, entendeu? Mas, eu fui e no meu caminho eu vi os mano no mesmo local de sempre na esquina, os tiozão no mesmo boteco de sempre, um dos mano fazendo melhoria no barraco dele, um dos mano passando veneno como sempre, entendeu? Então, é uma coisa que a gente sempre bate na mesma tecla. As coisas vão andando, a espiral vai circulando, mas a realidade nossa demora pra mudar. Isso que o Mosquito fala que tem hora que explode a cabeça do cara, porque a gente tenta, em vários pontos diferentes, a gente é muito flexível. Agora, a gente tá pensando aqui, pra pensar de lá. Na hora a gente vai tá ali, outra hora a gente vai tá lá. Só que pra nós, e temos uma série de paciência, e temos uma série de consciência que é difícil, temos como objetivo temos que buscá-lo, a gente tem a mais uma... uma assim... vamos esperar, temos uma paciência pra esperar. Agora tem outras pessoas que já vai por lá, já é diferente. *Ah! cansei de esperar*, porque só vai encerrar, uma das coisas que a gente escuta muito na periferia e num entende, nem a gente entende, é porque tantos mano, tantos jovens, 15, 16 anos falam: *Não tenho nada a perder*.

—

Pô, você só tem amigo (?). É isso?

—

Só isso.

**Plínio:**

Mas, isso é preocupante, tá ligado? Eu vim da periferia também, tá ligado? Moro na periferia e a nossa realidade é a mais nua e crua. Capão, conheço o Capão, Jardim Ângela, tá ligado? E é complicado porque a gente tem um projeto na periferia. Quando eu saí da cadeia, nós fundamos a Oficina de Hip-Hop, tá ligado? Então, a gente dá aula pra molecada de rua. Mas, tem dia que você não tem um café pra você dá pro moleque, certo? Então, muitas vezes, você vai dentro da comunidade, e vamos conhecer o nosso trabalho, tá ligado? Várias pessoas conheceram, mas tinha uma

entidade lá que os cara, né meu, antes de eu ir pra cadeia fazia parte dessa entidade, quando eu saí, os cara vieram, falaram assim: *Oh, tá aí, tó*, tipo desacreditado. Nós colocamos a Oficina lá, começou a virar, começou a dar Oficina de Costura, que a gente faz roupa pros hip-hop. Só que quando a gente entrou na mídia aí, os nego falando da periferia, a diretora chegou falou assim: *Oh, não é pra você pedir dinheiro, não, porque o filho dum polícia, o pai dum menino é policial e não vai aceitar*. Os cara queria que você usasse uma maquiagem, entendeu? Então, pra nós, entendeu? Os cara fala: *Ah, mas você é muito (?)*, você... Dentro da detenção, o cara tá aberto ao público, o cara me proibiu de entrar porque o adolescente tiramo foto dentro de uma cama, em cima do (?) de uma cama onde que vários mano morreram de AIDS, tuberculose, sem nenhuma assistência médica. Aí fui falar com os... *Pô, meu, não faz isso não, meu. Pelo amor de Deus, aí morreu mais de 100 pessoas* e o monitor aqui não quis que (??). O cara comia um cardápio diferente por dia na cadeia, entendeu? Então, nossa realidade é totalmente diferente, cê entendeu? Então, a gente vive isso. Hoje em dia, a gente num tem um espaço físico, a gente dá aula pra molecada no meio da rua, por que? O pessoal da comunidade tirou o espaço, querendo oprimir a gente. Só que nós não deixou o movimento morrer, entendeu? A gente busca doação ali, a gente busca parceria, e a gente tá lá. Então, a gente é o grito da periferia, não só da periferia, mas do povo, né. Outro dia, eu perguntei pra uma juíza numa palestra, se quando ela nasceu tiraram de dentro dela uma receita. Porque ela falou que simplesmente o cara que tá no farol roubando, tinha que ir pra cadeia. Perguntamo: por que que vai me levar o moleque pra FEBEM, ao invés de colocar ele numa escola? Dá uma estrutura pra família dele. Se a senhora tem uma resistência, se a senhora nasceu sabendo que a senhora ia ser juíza, pô, passa pra todo mundo aí, que tá todo mundo aí... a senhora chega no centro da cidade, tá todo mundo lá procurando emprego. Eu tenho amigo meu que é formado em Engenharia, o cara tá catando papelão no meio da rua, porque não tem. Eu acho que vocês conhecem várias pessoas que... a crise tá tão feia, cara, que a gente vê pai de família chorando no meio da rua. E é fácil o cara fazer discurso.

— Então, mas eu acho que isso também Plínio, não é só a periferia, né.

**Plínio:** Não, é todo...

— Você falou assim: *nossa realidade é totalmente diferente*.  
(*Os dois falam juntos*)

— ... às vezes eu chego em casa e... sabe, eu estava desempregado também.

**Plínio:** Mas, eu não tô falando só da periferia. Eu tô falando a nossa realidade, porque o povo hoje em dia, quem tem um emprego fixo hoje em dia? Tem que cuidar, né, porque hoje em dia se um adolescente tem 17 anos, ele é novo demais. Se o cara tem 40, é velho demais, não é verdade? Os cara contrata, tem um vizinho lá, meu, o cara trabalha 10 anos numa firma, os cara contrataram cinco adolescentes, cinco estagiários e mandaram o cara embora. O cara tentou se suicidar. O cara com três filhos pra criar, desempregado, como que o cara vai sustentar? Então, quando a gente fala nós, não é só a periferia. Se você for ver, o parâmetro é maior, cara. Só que pra nós na periferia, o Jardim Ângela mesmo, se você for lá no Jardim Ângela, você chegar e arrumar um emprego, aonde você mora: Jardim Ângela, Capão Redondo. *Ah! preencheu a vaga.* Isso é preconceito. Ainda mais se você é ex-presidiário. Eu já tive situação, eu tá trabalhando dentro de uma firma, o cara chegar *meu, cadê seu atestado de antecedentes pra eu levar (?)*. *(?) seu salário é de R\$ 800,00 mas se você aceitar R\$ 150,00 nós pode pagar pra você.* Por que? Porque eu sou ex-presidiário, quer dizer, fica com a sua firma amigo. Isso é preconceito. Lá na firma tinha mais de mil esperando a minha vaga. O que que adianta? Eu tenho várias profissões. Na periferia, aí tem vários manos, não só na periferia. Cada um tem sua profissão. Mas cadê o emprego? Que que as pessoas fazem? Se você for ver direito, for lá analisar, cê vai ver várias pessoas se suicidando, porque não tem emprego...

**Jorge:** Mas, Plínio, talvez tenha várias formas de suicídio. Talvez uma das formas de suicídio seja essa que você estava dizendo, que vocês estavam falando. Que é o tipo assim: *Olha, não tem mais nada a perder.* Talvez essa seja uma forma de suicídio.

— Mas é.

*(Várias falas)*

**Plínio:** Isso é um processo. A gente tem que procurar mudar isso, vocês concordam?

**Jorge:** Isso passa por nós aqui também. Eu acho que é isso que o grupo está experimentando hoje. Você tem um fato novo que está ocorrendo hoje no grupo. O fato novo que está ocorrendo hoje no grupo é o seguinte: até agora falavam mais o pessoal no mais direto da violência. E hoje, está ocorrendo uma coisa muito interessante, a partir da tua fala que é assim...

— A questão do produto.

**Jorge:** Não, não. Mas, é isso...

(várias falas)

**Jorge:** Mas, é o emergente que surge no grupo, que isso denota o que? Que as pessoas querem estar juntas de alguma maneira e não de um jeito babaca, não de um jeito babaca. Que ninguém...

— De um jeito formal.

**J:** É, de um jeito formal, de um jeito engraçadinho ou babaca, coisa assim. Eu até brinco, vocês me desculpem aqui a expressão que eu uso lá, que eu tenho uma faixa invisível na minha porta, que diz assim, vocês me perdoem: *as moças de cabacinho não entram, não podem, aqui não tem lugar pra isso*. Não tem, a coisa é muito séria aqui pra ser falada. E, de repente, o grupo está dando um avanço muito grande quando as pessoas estão se colocando como vocês se colocam, com a clareza que você colocou da experiência com ele. E deixa de ser só a tua experiência, ou a tua, ou a tua, ou a tua, e começa a ser a nossa experiência e o que que nós fazemos com esse encontro. Que que nós fazemos com esse encontro? Quer dizer, o que que isso nos transforma? Não é mais que nós estamos estudando e nos apropriando de um percurso que é da vida dos outros. Evidente, como o Angola tá dizendo, espera-se Angola que desse grupo aqui pra ter resultado, pra ter produto, vai ter que ter texto. Agora, a questão é como é que se faz esse texto, como é que se escreve esse texto. Isso, tudo bem. A questão como é: se é um produto coletivo, se não é um produto coletivo. Mas, vai ter que ter texto e é importante que tenha. Então, o que eu estou dizendo é o seguinte: isso é um negócio super significativo que eu queria marcar. Deixa de ser o olhar pro outro, mas assim, eu te olho, você me olha. Quem eu sou? Quem é você? Puta, nossa vida é diferente, mas a gente... Evidente, que eu vou na FEBEM, saio e você fica. Está claro isso. Se eu não levasse em conta, não está tendo conversa. Não está tendo conversa. É uma realidade. Mas, o que a gente está tentando é construir um diálogo profundo e real, *a partir da vida como ela é*, como diria o Nelson Rodrigues. Aqui, a vida como ela é, sem frescura, sem adoçar nada.

— Acho que a ausência do Mosquito seria um problema daqui, de todos.

**Jorge:** Do grupo.

**Plínio:** Quem que é o Mosquito?

— O Mosquito trabalha...

**Jorge :** A Ana que se mobilizou pro Mosquito vir.

**Mosquito:** É... tem até, tem uma coisa pro Carlos. A gente tava falando classes social, classe baixa. Esse problema é o seguinte: é bem claro isso. O povo do gueto, povo pobre, tipo, uma boa parte, pô, vê diferente a classe alta. A classe alta boa parte vê diferente o povo do gueto. Isso já são desde as senzalas e isso tá explodindo, porque, porra, a molecada tá com ganança. Outros tão focando essa ganança pra coisas positivas, pra, tipo, meu, vou me jogar, vou entrar numa USP, eu vou ser o cara, e outros quer que se exploda, meu. Fala aí: *não tô valendo mais nada memo, mil e ano aqui nessa porra dessa favela, nada muda*, chega uma hora que pipoca, tá ligado? Sua cabeça funde, né. Que nem comigo mesmo passei uma neura essa semana que pô, fiquei no foco, assim, tipo, no meu barraco lá, falação, falar daquele jeito, quase teve um curto, né. Eu cheguei em casa, o chuveiro pra variar pingando. Pô, cara, a noite assim, daqui a pouco, fiz uma gambiarra lá, explodiu o chuveiro. Cara, fiquei muito injuriado assim, pô. Agora imagine, imagine moleque que tá... isso é um problema básico do... particular até, meu, mas, pô, me deu uma neura. Imagine um moleque que vê a irmã dele que se prostitui pra poder trazer comida dentro de casa?

— Queimando o chuveiro.

— Queimando o chuveiro.

— Queima mesmo?

**Mosquito:** O caraco! então, pô, isso tudo é muito complicado, entendeu? É... pô, as diferenças são muito grandes e, realmente assim, uma pessoa da classe alta chegar até o gueto, tem que ser que nem ele, por intermédio dele ou (?). É mole, pessoa chegar lá do nada e vazando qual é que é a sua?

**Osmar:** ... uma coisa engraçada que quando o Mosquito fazia a instalação, a gente tava se preocupando era com os projetos que a gente... eu fui (?) PROCVI, eu tenho um projeto de vida também. O meu ideal é o ideal do Mosquito, é o ideal do Dino, é o ideal dos soldado de baixo escalão, é o ideal do pessoal que corre com nós na periferia.

— Ideal do soldado?

**Osmar:** Soldado de baixo escalão. Aí, eu fui chamar o Mosquito pra ir prum show no Campo Limpo, né, meu. *Pô, aí, vamo pro show, vai ficar Brasil, e tem o grupo da quebrada, do Angeli e tal, vamo pro show.* “Ah, meu, tô aqui fazendo, vou continuar fazendo minha instalação, se eu terminar a tempo, eu vou”. Eu fui pro show, aconteceu várias coisas, choveu, eu passei por um local que lá na (?) com a (?) Filho, o córrego aqui, o barraco é aqui, em cima do

córrego aqui, em cima do córrego. E, acho que não tinha água na favela, e agora que eles fizeram metrô, tem vários canos de água caindo acima dos barracos, entendeu? Então, os moleques tava usando aquela água pra tomar banho, porque não tinha... acho que não tinha água na favela, com uma chuva daquela, e não tinha água. Então, os morador tudo com os balde vindo lá pra pegar o que tava escorrendo, entendeu? E eu voltei, o Mosquito tava fazendo a instalação ainda, duas horas da manhã, ele tava fazendo a instalação. O show foi três horas da tarde, entendeu? Então, imagine, eu... eu não tava naquela situação, eu não tava sem água em casa, eu não tava... não dava tempo de arrumar nada em casa, que já passei por coisas muito parecidas ou piores ainda, entendeu? Mas, eu fui e no meu caminho eu vi os mano no mesmo local de sempre na esquina, os tiozão no mesmo boteco de sempre, um dos mano fazendo melhoria no barraco dele, um dos mano passando veneno como sempre, entendeu? Então, é uma coisa que a gente sempre bate na mesma tecla. As coisas vão andando, a espiral vai circulando, mas a realidade nossa demora pra mudar. Isso que o Mosquito fala que tem hora que explode a cabeça do cara, porque a gente tenta, em vários pontos diferentes, a gente é muito flexível. Agora, a gente tá pensando aqui, pra pensar de lá. Na hora a gente vai tá ali, outra hora a gente vai tá lá. Só que pra nós, e temos uma série de paciência, e temos uma série de consciência que é difícil, temos como objetivo temos que buscá-lo, a gente tem a mais uma... uma assim... vamos esperar, temos uma paciência pra esperar. Agora tem outras pessoas que já vai por lá, já é diferente. *Ah! cansei de esperar*, porque só vai encerrar, uma das coisas que a gente escuta muito na periferia e num entende, nem a gente entende, é porque tantos mano, tantos jovens, 15, 16 anos falam: *Não tenho nada a perder*.

**Plínio:** É que nem a gente sempre fala, né meu. A gente dentro do sistema, a gente tem alguns dialetos. Então, quando a gente fala que o processo é lento, porque pra nós é sempre mais lento. Então, por exemplo, ele hoje em dia é ex-presidiário, então, num trabalha. Alguns aqui tão trabalhando e aqueles que não tem? Então, eu bato sempre nessa tecla por que? Eu sou ex-presidiário, não sou mais presidiário. Mas, é como se fosse uma doença incurável, entendeu?

**Jorge:** É uma marca.

**Plínio:** É uma marca. Então, o que que acontece? Hoje em dia, não tenho um emprego. Eu confecciono camiseta, eu estampo camiseta. Eu vendo meu livro, o dia que eu não vendo um livro, que eu não vendo uma camiseta, eu não tenho o que comer dentro de casa. A minha mãe...

**Ana:** Mas, eu acho, Plínio, que assim, as marcas de algum jeito, elas são... todo mundo acho que é meio do ser humano isso, acho que é importante também olhar, sabe, um encarando no outro. Então, assim, do mesmo jeito que você falou: *Não, eu sou ex-presidiário*, a hora que, você mesmo falou pra Joana, você falou: *você sempre vai ser a playboy*. Só que, as conseqüências disso acho que é diferente. O que que é ficar com a marca, e acho que é isso que talvez seja importante olhar, entendeu? É mais do que... porque acho que esse discurso, assim, fica nisso: a periferia e o centro. Essas coisas meio acontece. Agora, eu fico... acho que a contradição tem a ver também, uma coisa que é assim: sei lá, como eu tava falando, o negócio do emprego, não sei o quê. Isso é uma coisa meio, fenômeno geral, acontece na periferia, acontece na classe média, acontece no mundo, quer dizer, isso é um negócio pra todo mundo. Claro, quer dizer, o cara que fez Engenharia, ele não vai procurar emprego no supermercado, quer dizer, a perspectiva da onde você vai procurar emprego, que emprego você procura é outra, mas que falta emprego, é uma coisa generalizada. Quando o Plínio fala, o Mario fala: *o meu chuveiro também pinga não, sei o quê...*, mas assim, o que eu acho é que a gente, as conseqüên... E qual a conseqüência? Eu se ficar desempregada, pode acontecer, não sei o quê, o que vai... vou ficar super mal, vou provavelmente assim, a dor que eu vou sentir não é diferente da dor que... ou talvez... (*Fala junta*) Exatamente, acho que a questão da rede de relações, a questão de como é a condição dos meus pais, não dá pra negar que isso é diferente. Isso acho que é um negócio assim: também é...

**Jorge:** É radicalmente diferente. É outra coisa.

**Ana:** É radicalmente (?). Não dá pra negar. Agora, a sensação que eu tenho, assim, é que apesar disso tudo, o difícil é, muitas vezes, perceber que quando você acolhe, quer dizer, você fala assim: *Putá, caralho, é isso aí, talvez matar nessas condições tenha uma outra referência*, é aquilo que eu falo: às vezes, a sensação que vai me dando, ainda mais porque eu estudei essa porcaria de Direito, então, é um negócio que assim, às vezes, você olha, você fala assim: *Não, essas leis do jeito que foram criadas, é pra um determinado tipo de convivência, pra um determinado tipo de contrato social*, e aí você olha, só pra provar você fala assim: *É, será que o errado... o certo, na verdade, não é mudar?* Então, vamos mudar a legislação. Vamos dizer que “tudo bem, matar”, mas falar: *Não quero dizer isso, pelo amor de Deus*, porque aí cê fica pensando: *Meu, e a mãe do fulano que morreu, e...* sei lá, as relações desse cara, e a vida, quer dizer, que valor também tem isso. Você fala assim: *Não quero dizer tudo bem matar. Eu quero é que valha o contrato...* só que aí acho que isso tudo (?), por que

qual é o tempo disso? Quer dizer, talvez isso seja muito testar a paciência. Então, a gente começa a entrar um pouco acho que nessa coisa de como é que ao mesmo tempo você compreende que realmente, quer dizer, o jeito que a gente combinou de viver, tem a ver com determinado tipo de relação, de jeito, de acordo, de condições econômicas, sociais e tal, e por outro lado, quer dizer, a gente fala assim: *Pô, eu não posso abrir mão disso, porque eu quero é poder não matar*, quer dizer, que as condições sejam condições onde eu falo: *Não pode*. E acho que é por isso que a gente fica tentando buscar dentro das mesmas coisas, quando você fala: *Porra, mas na periferia que tem essa...*, aí você tenta relativizar, então: *que tem essas mesmas condições*, tem gente que mata, gente que não mata. Aí vira...

**Jorge:** Só uma coisa

— ... alta burguesia.

**Jorge:** Tem lá, tem aqui é legal que vai subindo. Manda, e eu fico quieto.

**Rafael:** Tem uma... porque dentro do grupo, que o grupo começou a conversar, e depois tive uma conversinha com o Angola, e a (?) divulgou a primeira fala que, pelo menos que eu ouvi, a partir da segunda foi quando o Mosquito também veio a primeira vez. A gente fica nessa discussão toda, quer dizer, existe um... me pergunto: *Que que eu tenho?* Eu tenho princípio, tenho formação, vontade de construir situações diferentes. E eu sempre fico: *Mas, qual é a alternativa?* Quer dizer, como que a gente vai incrementar essas alternativas? Porque, pra mim, por exemplo, pra minha estória de vida. Eu, meu pai ficou desempregado uma época, ele se formou na Faculdade com 40 anos, então significou que ele era uma pessoa que era filho de migrantes, mas o pai morreu com dois anos, arrimo de família, a mãe é filha de empregada doméstica tal, a gente morava em Pirituba, mas naquela parte da classe média que cresceu com o regime militar, quer dizer, o regime militar criou uma expansão econômica, teve trabalho, tal, tal, aí ficou desempregado meio tempo, em 83, 82, foi a crise. A gente foi morar no Jaraguá. E aí assim, era muito estranho, porque eu sempre ficava ali na situação limite. Na situação entre ser de classe média de periferia e atrás da minha casa, ter favela e tudo mais. Jogava bola com os cara da favela, eu sabia que era diferente, não vou ser nunca igual. Uma coisa que eu aprendi na minha vida: não adianta ser hipócrita. Eu sabia que era diferente. Eu era bolsista, mas numa escola particular, quer dizer, eu tive aí uma mudança de... uma mudança clara de capital, quer dizer, eu convivia, tinha a possibilidade de estudar, passei depois no colegial técnico, fiz faculdade, entrei direto, nem precisei passar por vestibular porque tinha que... investimento da família

tudo em educação. Aquele jargão: filho de operário tem que ser doutor, quer dizer, dentro deste (?). E aí assim, toda minha vida, toda minha trajetória foi baseada nisso, marcada por isso. Via gente mudar, várias atividades ligavam o pessoal que morava atrás da minha casa. (??) . Eu vinha pra, por exemplo, eu ia pra USP, e eu achava um absurdo monte de amigo meu achar que a vida era consumir e tratar o Shopping Ática como Shopping Morumbi, que dizer, eu conhecia gente que entraria no Shopping Morumbi pra comprar, comprar, comprar e eu conhecia gente que ia no Shopping Ática pra comprar livro e dizer e tratar com o mesmo parâmetro de consumo. Me revoltava, me revolto, quer dizer, ainda tenho essas marcas muito fortes. Mas, é sempre pra mim, até porque uma situação intermediária, assim: *E aí, como que a gente vai conseguir encontrar uma alternativa? Onde que existe um ponto de diálogo?* Porque a estória do metrô, eu até fiz uma consul...

*(Fim do lado B)*

**Rafael:**

Eu acho que nós estamos julgando essas pessoas, e ao mesmo tempo, enquanto a gente não faz isso, como lidar com essa questão, quer dizer, de não achar que (?) vão matar, quer dizer, de não viver. Compreendendo sempre, porque eu tenho limite de compreensão. Eu não consigo. Eu falei isso pro grupo. Até por ter valores muito cristãos, quer dizer, de família cristã, não consigo compreender. Aliás, consigo compreender, mas não consigo aceitar o fato de uma pessoa ter uma vida (?). E é difícil isso, e eu me envergonho de verdade de achar isso difícil. E pra mim é difícil de fato. Mas quando a gente vai conseguir mudar? Quer dizer, humanizar essa relação, falar: *Bom, tudo bem, aconteceu, vamos trabalhar daqui pra frente*. Não adianta ficar também pirando naquilo que aconteceu e tudo o mais. Por mais que seja difícil pra mim. Agora, quais são as estratégias aí? Como que a gente faz pra mudar? Como que a gente faz pra dar o passo seguinte? Eu sempre posso estar colocando uma coisa pro grupo que não seja princípio agora de discussão, quer dizer, o grupo tava indo pra outro lado, mas essa é uma angústia que tá dentro de mim e se eu não colocar ela também eu vou ficar incompleto nessa relação que a gente está estabelecendo. E essa era a angústia que eu sempre conversava com o Angola assim. A gente algumas vezes sai daqui e eu acabo conversando com ele sobre essas coisas.

**Carlos Baiano:**

Eu queria... (?) se eu falava sobre isso, mas, enfim, no processo eu resolvi falar porque esse final de semana passei por uma situação assim, muito surreal, porque eu fui num lugar, passear, descansar,

encontrei um amigo meu de infância, que tava tomando conta de uma pousada, né, num lugar chique. E aí a pousada tava fechada e por isso que eu podia ficar lá, na (?) pousada, não sei o quê. E aí quando eu acordei na segunda-feira, na verdade, foi uma disputa de terra ali entre do dono da pousada e o vizinho. E aí tinham dois amigos deles que eram garimpeiros, disse: *Pô, tô precisando ficar uns dias escondido num lugar*. O cara: *Ah, tô precisando de alguém pra resolver esse meu problema aqui com meu vizinho, das terras*. Aí, juntou a fome com a vontade de comer, eles foram lá, no sábado, meio-dia já tava tudo resolvido, né, porque a gente acordou na realidade (?) comentaram o que tinha acontecido. E a gente tava no mesmo lugar, e a gente começou a conversar. Tava eu e um outro figura, colega meu, e aí a gente começou a conversar, né. Eles tavam na mesma pousada, o dono da pousada era amigo deles, enfim, estávamos no mesmo lugar. E na realidade os cara eram garimpeiros, donos de garimpos e matadores. E eu fiquei, (?) parados. (*Risos*) Assim, resolvi rachar cachoeira, rio, mar, não sei o quê. Fiquei na minha, e aí em alguns momentos a gente se encontrava ali na área social da pousada. E aí a gente foi conversando, aí entrou pra contar caso de garimpo, contar caso de vida, não sei o quê, aquelas coisas todas, e aí ontem um dos caras, pô, fui descobrir que o cara é geólogo formado pela USP, trabalhou no IPT, um cara super letrado, começou a contar altas estórias do processo de ocupação do território brasileiro, quer dizer, aí eu fiquei, disse assim, e no meio das estórias, teve um momento, foi essa hora que eu achei mais surreal, que o cara chegou e disse assim: (?) *porque animal e planta são duas coisas que eu não mato, assim. Só mato homem, porque assim, nunca vi um bicho tão miserável como a espécie humana*. Quer dizer, e aí eu fiquei assim meio que sem entender, quer dizer, porque o cara não mata um animal, não mata uma cobra que tá no meio do caminho dele, mas mata um homem porque não presta. E aí assim, eu tô contando isso porque o que me convenceu falar foi um pouquinho das coisas aqui que, enfim, eu falei um pouco na semana passada, né, sobre essa coisa que eu achava que não dava pra se ver da mesma forma o que tinha acontecido com os meninos, o que acontece com boa parte dos caras da periferia e o que o Código Civil se (?) pra poder ficar crime, que tenha todas essas coisas. E o que me convenceu, porque assim, o que eu percebi na fala do Milton lá, o que eu percebi um pouco hoje, uma coisa assim: é que existe, acho que tem toda essa situação que cê cita, cê também cita Plínio, mas eu acho que antes tem uma descrença no humano. É o que o cara falou, quer dizer, pra ele o animal ali, animais, porque...

**Plínio:**

É o ser humano, ser humano, independente de cor, raça ou religião, nós somos o ser humano. Você concorda? Só que hoje em

dia, a violência tá tanta que você vê, dentro do sistema, (?) dentro do sistema. Se o cara olhar pra sua mulher, você tem que matar ele, meu, cê entendeu? Infelizmente é assim. A lei do crime é assim, cê entendeu? Na periferia, a lei da favela...

— Mas aí é que eu acho que junta essa estória da periferia com a estória da decisão (?) foi uma convenção do garimpo.

— Então, cê vê... cê vê cara usando o movimento sem terra pra se autopromover. Você concorda? Cê vê cara usando a política pra se autopromover. O ser humano se auto-destrói.

— Eu acho que é exatamente isso, quer dizer, é a crença na condição humana. Agora, eu não sei aonde que ela se perdeu, aonde que se perde essa crença na...

— Eu acredito, eu acredito na recuperação do ser humano. Todos nós que estamos aqui acreditamos nisso. Mas, o que fazer?

— Ele não tá falando bastante também dessa coisa da instituição e do individual? Desde a hora que a Joana começou a falar da (?), dos meninos da FEBEM falavam que ela era *playboyzinha* e tal. Fiquei pensando: puxa, mas até que ponto ela era uma pessoa de dentro. Se ela não era a voz de uma instituição lá dentro, ou então quando você fala: *Ah, o crime é assim*. Porra, mas o que que é o crime, entendeu? É toda uma instituição que se criou e que os homens não são mais homens, são o que? Bandidos? Quer dizer...

— Mas aí...

— Onde é que está o ser humano nessa estória? Cadê... é a lei do garimpo?

— Então, pra você ver. O homem faz as suas próprias leis. Que são leis, cara?

**Jorge:** Sim, mas ele está colocando, ele colocou um negócio muito interessante, que ele diz assim: *Oh, o que me deixou absolutamente perplexo é que o cara era da USP, era geólogo, era culto e era do IPT, tinha sido do IPT.*

— É, já tinha trabalhado no IPT. E aí...

**Jorge:** Aí desbundou.

— Mas, é um ser humano.

**Jorge :** Isso, isso.

— Um ser humano.

— Então, mas... aí que está.

- Você fica abismado, cê fica abismado porque é que nem o (?) diz: (?) (?)
- Mas como ele conseguiu descobrir que uma cobra vale mais do que um homem?
- Não é complicado?
- Mas, aí volta a questão da instituição, da instituição e da (*Várias falas juntas*)
- ... eu acho que, no fundo, é claro. É que eu acho que são valores que não soam... porque a instituição garimpo ele é feito por gente, sabe.
- (???) humano.
- Não, garimpo funciona mesmo.
- Não, o garimpo funciona sim, mas quem estabeleceu isso dentro do garimpo, entendeu? Quem estabeleceu que dentro do garimpo, todo mundo tem que andar armado? O cara pisou na pedra que você pegou e deixou cair, você tem que dar um tiro?
- Ana:** Agora, por outro lado, tem um lance que eu acho que o Angola trouxe também, que é a confiança aí quando se dá, se dá na pessoa. Porque grande parte do meu discurso, que eu saí... fui a primeira pessoa do Centro Vida que tava fazendo (?) de redação comunitária. Aí a gente mudou, formou outra pessoa que era a Amanda. Aí depois virou o Angola. E a nossa grande dificuldade nesse trocar era dizer: *Mas, é a mesma coisa*. Não é. E era... e aí, um pouco da gente falar: *Mas, eu não tô aqui, eu, Ana, eu tô aqui eu, portanto, diretora do Centro Vida*. Só que aí eu já vi, Angola e o Cebola já presenciaram isso algumas vezes, que por um lado, quer dizer, e aí acho que também tem uma coisa que é dúvida, né. (?) falam assim: *Não é não, a gente confia em você, mas a gente não confia no Centro Vida*. E assim, pra mim, não é pra dizer, pro Angola acho que eu ouvi falando isso pro Angola, pra mim é uma coisa que assim: *Pô, o Angola vem da periferia, vem não sei que lá, tal*. Mas, assim, eu já ouvi um monte de gente. E aí é o sentimento dúbio, que um lado fala: *Nossa, viu como eu é que sou, eu é que sou sensível, entendeu? Eu é que sei conversar*. E por outro, falar: *Não, não quero nada disso porque, tipo... falar assim: Não, se isso ficar personalizado, até que ponto dá pra gente pensar numa estória, quer dizer, que não dependa da gente, que as coisas possam ser mais do que só você também*. As duas coisas, entendeu? É meio isso, de um lado é *onde é que estão as pessoas* e por outro, *onde é que está a possibilidade de se personalizar*, quer dizer, de conseguir também entender...

- Tipo institucionalizar.
- Ana:** É. E aí assim, a mesma coisa também que, às vezes, isso eu acho que é o contraditório no discurso às vezes, também, de quem mata. Porque é um negócio meio assim, por um lado é do indivíduo, da relação (?), mas na hora de explicar tem a ver com *nossa*, com o sistema, não sei o que tal. Mas, será que pro outro ter feito o que ele fez também não tem a ver com o sistema? Quer dizer, essa dificuldade, sabe, de ora vai numa regra, ora vai noutra. Eu não sei direito como que a gente... o difícil é combinar regras...
- Parece, sabe, isso que você está falando porque o Dino falou, quer dizer, que ele falou da experiência dele quando deu a rebelião por lá...
- (*Mistura de falas*)
- Dino:** É tipo assim, né. Eu aproveitei pra poder ter um momento mais oportuno, pra eu acertar ele, porque ele já me espancou sem eu ter feito nada, nem sequer responder ele. Então, se eu usar (???), você tem que pedir licença. Se você vai sem você pedir licença, eles deixam você ir, entendeu? Mas, quando você senta, a bordoadada é nas costas, é na cabeça...
- Eles vão te buscar lá dentro mesmo.
- (*Mistura de falas*)
- Vão te deixar ajoelhado, e toma na cabeça, gelado...
- Dino:** Nossa, eu passei diversas situações difíceis, mas eu procurei aquele caminho que (?) deu. Não foi minha mãe que me colocou ali, ou meus amigos me colocou ali. Eu procurei essa maneira, eu escolhi esse caminho. Então, se eu tava ali é porque talvez eu quis por onde tá ali dentro, entendeu? Se eu tivesse ido por outro caminho, se tivesse parado pra pensar na minha família...
- Mas, nada que justificasse o cara te humilhar e te tratar dessa maneira.
- F:** Claro, claro, não.
- Sem roupa, você pode ser privado de suas verdades, que é assim que a gente acredita que a gente vai tentar evitar que uma pessoa não ache que banalizar alguém... você entende? Acho que a gente vive uma, enfim...
- Eu acho que essa questão...
- Plínio:** Qual o seu nome?
- Clara:** Clara.

**Lino:** Clara. Hoje em dia, quando a gente vai falar sobre o sistema, a gente procura falar sobre os direitos violados. Hoje em dia eu posso dar curso em Direitos Humanos. Então, eu escuto direto: *Ah, você defende bandido, cê faz apologia ao crime*. Por que? Porque quando o cara pára na cadeia, o cara não tá na cadeia pra fazer uma rebelião. Ele tá reivindicando direitos que são violados. Porque nós somos cidadãos aqui fora, todo dia é violado um direito nosso. Só que dentro da cadeia, dentro da FEBEM, aquilo que eu falei pra vocês: independente de cor, raça ou religião, ninguém tem o direito de oprimir, de humilhar o cara que tá preso ou a mina que tá preso, ou o adolescente...

— Eu acho que também rola uma inversão Plínio, por exemplo, outro dia... Só rodando o canal, que eu vi uma (?) que eu fiquei chocada com o (?) da novela que era assim, da Rede TV que era um negócio de: *enquanto o trabalhador comum nem sempre consegue comer, olha aí o desperdício na cadeia*. Aí eles pegavam umas quentinhas e jogavam fora. Aí teve toda uma inversão de pensamento: o que tá errado não é o que (?) comer. É quem tá fora não tem o acesso...

— Não tem a informação correta.

**Jorge:** Um minutinho só. Que nós estamos na hora, nós estamos super na hora. Eu só queria fazer um comentário. O que talvez a gente possa pensar que essa questão do crime ou do assassinato ou da questão da instituição que vocês levantam, ou que se fala em nome próprio, porque, na verdade, quer dizer, o tempo de se ter que se falar em nome próprio o tempo inteiro, você encurrala a violência. Vira uma questão de honra, uma questão de lealdade, de traição. É o tempo inteiro, é um com um. Na verdade, o que nós, talvez uma hipótese que nós tenhamos que pensar seriamente é que isso, a ausência de tecido social. A ausência de tecido social, quer dizer, instituição, quer dizer, tecido social. Uma coisa que permeia o nosso vínculo, que permite com que a gente não se choque diretamente sempre. Com que haja, que nos dê uma mobilidade, faz com que eu possa falar em nome de uma instituição, não em nome próprio. Porque se eu tenho que falar em nome próprio, é sempre no individual, na confiança, que é como se coloca que você tem o respeito e a confiança, como vocês estavam colocando. Sempre fica em nome pessoal. Não fica mais em nome social. Não fica mais em nome...

**Emilia:** Eu queria fazer uma pergunta: Como é que é falar em nome social assim? Quer dizer, porque o Angola não tava aqui semana passada, quer dizer, a gente assistiu o vídeo institucional, também não tava, mas a gente assistiu o vídeo institucional onde ele aparecia.

—

Quem?

**Emília:**

O Angola aparecia no vídeo do Centro Vida, que está passando na televisão. Quer dizer, como é que é isso? Surgiu um comentário que *bom, agora ele vai ser tachado de Centro Vida*. Quer dizer, como é que é também fazer essa transposição, pára de falar no pessoal, e ter que falar em nome institucional? Porque deve sofrer opressão também, no sentido de *bom, ele está lá com os boys dizendo que não tá mais sofrendo*, quer dizer, isso há ou não há? Porque acho que a gente tá trabalhando com a questão da entidade também. Enquanto o (?) Angola, dependente, não sei o que, é uma coisa. Mas, quando eu tenho que pertencer a um grupo, às vezes aquilo que nos parece dar mais força, fragiliza. O vídeo parece gozação.

—

Tem as duas moedas, né. Ao mesmo tempo que tem o lado tipo, você é o vendido, tem o lado que você é vendido, mas também tem, tipo, o outro lado, que é o lado: *Pô, meu, finalmente tem alguém do gueto que chegou lá e pode abrir portas pra gente aqui*.

**Jorge:**

O mano vai contar na televisão também. *Eu te vi na televisão aqui*, é mais ou menos isso que acabam falando.

**Plínio:**

É, e eu pegando o gancho dele e o seu também. O que que acontece? É uma responsabilidade maior por que? Muitas vezes, o que que acontece? O cara te vê na televisão, o cara, tem cara do hip-hop fala pra mim: *Oh, mano, tá quebrando as pernas, tá lá na mídia, se vendendo pra mídia?* Outro dia eu fui na Astrid lá, há um ano atrás, ela me disse que pirou. Aí eu falei pra ela: *Tô com o livro aqui, me ajuda a editar o livro*. Sabe o que ela falou pra mim: *Oh, eu num acredito que você tenha se recuperado*. Ela falou pra mim, há uma hora atrás. (?) do seu lado, ela falou assim: *Oh, eu num... pra mim, você tinha que ficar o resto da sua vida na cadeia, que você matou*. Falei: *eu num matei não, fui acusado do crime, eu num matei o cara*. Ela falou: *Não, fala com minha produção*. Depois de um ano, eu cheguei lá no estúdio lá, ela ficou: *Oh, me dá o seu autógrafa*. Sentou do meu lado, queria me dar um beijo.

**Jorge:**

Porque a mídia te validou.

**Plínio:**

Porque a mídia me validou. Só que eu cheguei num outro evento lá, teve um mano do grupo de rap: *Oh mano, tá se vendendo pra mídia lá, irmão?* Outro dia o cara queria que eu tirasse foto do lado de um político lá que mandou invadir o Pavilhão 9. Falei: *Amigo, cê tá ficando louco?* Independente de eu ser o cara da periferia, meu, eu tive, eu num tô no crime mais, mas graças a Deus e graças à minha lealdade, os cara dentro do sistema me

respeita. Seu eu chego por aí, passo na televisão, *Ah, o sistema é bom*. Como que eu falo que o sistema é bom, sendo que eu só tenho seqüelas? E a cada minuto os cara mata um companheiro dentro da cadeia ou na periferia, ou até no centro de São Paulo. Cê tá ali num farol, o meliante vai, puxa, te dá um tiro na cara...

— Ou uma estiletada.

— Ou uma estiletada. Eu vou falar que o crime é bom? Você concorda comigo?

— Lógico.

**Jorge:** Gente, um minutinho só.

— Acho que é essa e outras questões que esse grupo tem (?), quando começam lideranças construídas no movimento do Centro Vida, como é que se pode dar sustentação também, porque também são oprimidos, que nem ele. Como é que se trabalha com esse sucesso e essa imagem de ser vendido ao mesmo tempo: *Pô, eu tô lá fazendo um trabalho pra todo mundo e chego aqui sou criticado*, quer dizer, como também essa... tão vinculados aqui à instituição e também lidam com isso.

**Jorge:** Talvez para com o institucional e não pessoal, o institucional..

— Bom, de antemão queria agradecer, porque esse espaço aqui, pra mim, pra nós aqui, é super importante, você entendeu?

**Jorge:** Então, vocês são muito bem-vindos.

— Eu gostaria de agradecer, porque eu num pude vir nas outras reuniões, aí por vários motivos, você entendeu? Mas, eu gostaria de estar participando sim, que, sei lá, muita gente fala...

— Nem volta atrás.

— É, a gente fala alguma coisa que é do nosso feitio, é a realidade.

**Mosquito:** É, e eu queria até pedir desculpa lá pra menina que ela não tá presente, mas eu não chamei ela de *playboy*...

(*Risos*)

— Eu apenas coloquei o que o menino lá... porque essa é a reação.

**Jorge:** Gente, é o seguinte: seguimos na segunda-feira que vem. Queria marcar uma coisa: foi super legal o trabalho do grupo. Isso nós precisamos marcar, o trabalho do grupo, que a gente falou a semana passada. O grupo trazer as pessoas. Super legal você estar aqui, Mosquito. Super legal.

— Um cara que deveria tá aqui é o Chico(?).

**Jorge:** Então, traz o cara.

— É que aquele ali é ... (?)

**Jorge:** Traz o cara.

— Casca de ferida mesmo.

**Jorge:** Traz o cara. Legal você estar aqui, Plínio. Legal que o pessoal conseguiu, o Dino também veio agora. Temperatura...

**Dino:** Se for pra ativar... mas não tinha como mesmo.

**Jorge:** Então, vem. E esse negócio quanto ao grupo a semana passada, tinham poucas pessoas e o grupo se mobilizou de trazer, de não deixar o vínculo afrouxar, de trazer as pessoas e é muito legal isso. Porque é um negócio que é um barato, porque é o compromisso do grupo com a sua produção. Quer dizer que tá todo mundo afim desse grupo. E se vocês tiverem mais gente pra trazer, se acharem melhor, tragam, não faltem. A coisa do Mosquito, espero que tenha resolvido lá no teu trabalho.

**Mosquito:** É meio complicado, inclusive amanhã eu tenho que pegar cedinho pra mim terminar lá... pintar...

**Jorge:** Não. Mas, vale a pena.

**Mosquito:** Não vou prometer da próxima segunda...

**Dino:** Tem alguns assuntos aí que falta debater, tipo, pode ser na segunda-feira, porque não deu tempo mesmo. Chegaram, falaram muito sobre matar. Eu passei uma experiência diferente: não de matar, mas de eu quase ser assassinado. Tomei cinco tiro, peguei um na cabeça de raspão, um na barriga e três nas pernas. E o dono da festa também tava no local, que não tinha bandidos nem nada, e eles chegaram atirando, atirando, que ali é um grupo de famílias e só tinha crianças...

**Jorge:** Quem fez isso?

**Dino:** Foi uns marginal lá que tinha treta com outros bandidos da área onde eu moro e tal. E chegou sapecando bala pra todo mundo, e eu quase ia tomando tiro nas costas, de 12, nessa foi na hora que o bando da casa puxou a minha perna, foi aí que eu caí. Só que eu tava assim, (?): *Pô, por que que eu tô tomando esses tiros? Que que eu fiz?* Depois, quando foi descobrir mesmo, eu já vi os cara duas vezes, assim, vários manos, tudo aí: *vamo lá, vamo lá, vamo pegá o cara, vamo sacar onde ele mora, vamo lá.* Então, eu acho que na fase de matar, é mais os camarada. *Que nada! O cara bateu na tua cara, velho. Vai lá e mata eles.*

**Jorge:** Precisa estar (?) pra isso.

**Dino:** *Aquele cara deu em cima de tua mulher, vai lá e espanca ele. Vai lá, mata ele.*

— Você é cobrado sua atitude de...

**Dino:** Vai de você, entendeu? Vai de você se você vai matar aquele cara ou não. Eu não, pelo amor de Deus. Hoje, os três que atiraram em mim, hoje eles morreram pelas mãos deles mesmos. Um matou o outro, entendeu? Porque um queria o poder do outro. Montava uma bocada e o outro queria tomar o ponto dele. Aí falou assim: *Não, minha bocada você não vai tomar não.* E foi matando. Aí o irmão do outro já vingou a morte do outro. Então, assim continuou. Então, não precisou as minhas mãos ser molhadas de sangue, entendeu? Doeu meu corpo, mas minha mão não. Deus me livre e peço a Deus que sempre ilumine o meu caminho e ilumine o caminho de outros mano aí que tão na luta aí pra ter coisas boas na vida, com certeza que vão conseguir, como eu consegui, tô conseguindo.

**Jorge:** Eu acho que esse grupo é muito legal você estar aqui, de você poder falar isso, como todo mundo está podendo falar. Esse é um lugar onde você possa falar com toda liberdade, com toda sensibilidade, como está todo mundo podendo aqui, falar dos seus sentimentos, da sua vida. É muito legal que você esteja aqui, que os outros também.

(...)

**Jorge:** Muito bem... Tem mais gente?

— Posso começar? Então, faz duas semanas que eu não venho, está super difícil para mim conseguir estar vindo, e não é... menosprezo pelo trabalho, pelo contrário, acho uma proposta muito legal mas está difícil ter tempo, disponibilidade (?) e eu não sei se eu vou conseguir estar vindo ou não, daí queria dividir isso com vocês e ver se é possível eu estar vindo quando for possível para mim vir ou se... não vai ser toda segunda feira, então... eu não sei...

— Quantas reuniões a gente tem ainda?

**Jorge:** Nós calculamos até o dia 15, até a metade de dezembro... quantas semanas têm? Mais duas?

— 25 e... a outra...

**Jorge:** 25, 2 e 9 então... três... vamos ter como certo até o dia 15 de dezembro. (conversas) Então vamos até o dia 9.

**Pedro:** Posso falar também, né, que nem tipo... quando a gente veio também... (?) duas semanas, vou explicar porque, né, também não sei se... vai ser possível estar vindo também por causa das condição... nós fizemos uma viagem prá Minas, estava sem recurso mas... estávamos sem dinheiro mesmo prá pagar o aluguel aqui, já tava com duas semanas, e em Minas não foi possível (?) aí arrumamos dinheiro, pagamos o aluguel, tô morando agora no Parque Industrial, fica mais ou menos... é um pouquinho prá lá de Buguaçú... um pouquinho assim distante, prá lá de Buguaçú, fica longe, que nem hoje prá vir aqui, nós saímos de casa à 1 hora, saí de casa assim era 1 hora, que peguei ônibus, prá chegar aqui 4h30... então é um pouco distante, não tem condição financeira prá pagar (?) a intermunicipal... três ônibus... fica difícil. Eu só queria explicar porque faltei duas semanas, porque senão fica chato, né, eu faltar duas semanas e de repente no final estar aparecendo...

**Angola:** Vamos pegar a bola... No final do último encontro, é o gancho, eu falei da questão de como é que... como é que eu via a situação de (?) regra, né, (?) estar... (?) e como é que era visto, (?) durante a semana não deu nem prá pensar nesse assunto, né, mas procurei resgatar e dar seqüência (?) daí vim prá cá e tive tempo prá pensar essa questão, né, que é um pouco... o que seria prá mim estar no (?estupro), ter essa condição tipo momentânea na mídia, de as

peessoas estarem lá na periferia muitas vezes gritando, pôxa milagre, tal, não sei quê... tipo... como é que é ser visto pelo pessoal na periferia (?) foi a Emília que colocou... então aí eu falei que tipo tinha os dois lados da moeda, tinha o lado positivo e o lado negativo. O lado positivo é aquele que você, prá mim, né, eu vendo... você consegue mostrar para as pessoas que estão... estão andando vizinho, tipo... a mortalha que convive comigo... o pessoal (?) cidade, então tem (?) identificação, ver se tem alguém da comunidade também que é uma referência, até uma referência prá trabalho, ou prá orientação da maneira de se lidar com a comunidade, ou convívio social com as pessoas do bairro mesmo, e tem o lado negativo, que é o lado da cobrança por parte de umas pessoas, né, pelo fato de você fazer um trabalho na instituição...as pessoas... tipo... vem questionar aquela questão tipo se você é vendido, né, e tal, que é uma frase que algumas vezes eu já ouvi... (?) você tá trabalhando lá em Pinheiros, (?) pessoal de Pinheiros... tem que trabalhar aqui no Capão, tem que trabalhar na Cidade Tiradentes, quer dizer... depende do trabalho a ser feito nessas regiões, né, com pessoas, com amigos meus, amigas minhas dessas comunidades, as pessoas algumas vezes conseguem enxergar que o trabalho que eu tenho feito lá... e aí tem uma modificação da informação para as pessoas que são da comunidade, as pessoas não conseguem enxergar e acham que é fácil de trabalhar na Sede, que é aqui na Vila Madalena, que está mais próximo do centro, que está fora da comunidade e isso eu acho um tanto estranho, né, toda a relação que se coloca diante da minha pessoa com as pessoas que eu conheço na comunidade, assim... às vezes é um tanto difícil lidar, você tenta explicar, manter um diálogo de não ser bem assim essa questão de ser vendido... mostra uma proposta daquele serviço que você quer fazer, que você quer desenvolver junto à comunidade, junto de seus amigos de bairro mesmo e você fixa uma proposta, mas as pessoas têm que entender essa proposta e fica difícil às vezes...

**Osmar:**

As coisas que aconteceu com o Angola com respeito até de... ser chamado de traidor, essas coisas, é comum, né... Eu lembro quando eu fui assim... o Angola mesmo estava comentando comigo, a gente tava alimentando um pouco a minha esperança de tá trabalhando assim já... fortalecendo a minha vida assim... meu primeiro emprego que eu tive assim foi... assim, um emprego BOM, um emprego que não foi... ajudante de pedreiro... ãh... ajudar a cortar árvore, e tal, teve dia que eu não táva agüentando nem pegar numa colher de tanta dor na mão, aconteceu a mesma coisa, entendeu... até o pessoal da turma mesmo... é, tá vendo, pagou tanto pau pros cara que os cara teve dó e chamou prá trabalhar lá no (?) os cara falava isso... e teve outros que falava: — ó o

mercenário aí ó... agora só vai trabalhar como engenheiro... aí mano, você vai quebrar a tua mão heim! Não vai ser mercenário... sem conhecer eles já julgavam, não vai ser mercenário igual os cara não, heim! Entendeu? Isso é uma coisa que acontece, mas às vezes eu acho que é também um pouco de preconceito, né, parece que os próprios mano da quebrada não quer ver os amigos deles numa boa, entendeu, os amigos deles fazendo uma faculdade, tendo uma formação melhor, entendeu, o pessoal pensa que nós somos da periferia, o povo, o próprio povo pensa que nós somos da periferia nós temos que ficar ali no convívio, se nós sair prá trabalhar em... sei lá, no Centro Vida, nós somos mercenários e agora... não que nós somos excluídos de lá mas... fica escutando essas brincadeiras aí, entendeu, já aconteceu várias vezes de a gente chegar assim na própria organização que eu trabalho, e os cara tipo assim de gozação, olha o mercenário chegando aí ó, olha o mercenário... Agora não, que o Mosquito veio aqui... o (?) veio aqui, o Chico já fez o curso e tal, e os cara então, outra cabeça, os cara comentam, que nada, fica vacilando aí que você vai ver e tal, os cara tipo tem que influenciar os cara também, né, só que... isso é uma coisa que acontece mesmo prá mim... prá mim eu não tô nem aí entendeu, se eu for trabalhar aqui... ou... que nem quando também eu fico fazendo um estágio lá no Palácio dos Bandeirantes, tava eu e o irmão do Pedro, que nos faz um estágio lá no Palácio dos Bandeirantes, então quando a gente foi fazer o estágio lá foi a mesma coisa, o pessoal parece que inveja, entendeu, o pessoal pô, o moleque saiu da droga...parou de pichar... tá saindo do crime... tem que ser dono de um bocado, tem que ser gerente, tem que ser alguma coisa... se envolver com a criminalidade, a gente só pode crescer se for na favela... mesmo se você montar um mercadinho, dentro da favela... independente do que seja, se você está ali... você é um mano e tal... se você saiu e está conseguindo novos objetivos, está conquistando novas coisas, dependendo do que seja, e aonde seja... você muitas vezes é chamado de mercenário.

**Ana:**

Uma coisa que eu não estou... sei lá... que eu acho que às vezes a gente não se dá conta do tamanho da dificuldade que é isso, né. Eu sempre achava que a dificuldade de convencer que o Centro Vida queria fazer, da proximidade, né... que não é... você tem como crescer não só dentro da favela, tem como desenvolver uma coisa legal não sendo... da “quebrada” né, eu acho que essas coisas de ter mais diversidade nos lucros e nas coisas que você faz, então tipo não é todo mundo que mora em Pinheiros que é igual... essas coisas que a gente fala um pouco e aí eu achava que a dificuldade estava porque... a gente lá, quer dizer, com uma determinada condição social, com um jeito de falar, com uma história... e eu

lembro que até quando a gente estava pensando na pessoa para o lugar que hoje o Angola ocupa, né, de relação comunitária, uma discussão que eu, o Felipe e o Arnaldo ficamos fazendo, se tinha que ser alguém da comunidade, ou se tinha que ser alguém da universidade, assim, tentando colocar em duas aspas, duas aspas não, duas categorias, só para simplificar, a gente ficava nessa discussão e eu lembro que eu fiquei pensando... eu falava assim não... porque eu acho que um trabalho em si da relação comunitária é convencer a comunidade, que apesar de você ter vindo da universidade de Pinheiros, você podia desenvolver um trabalho legal, né, e eu lembro que o Arnaldo... não lembro o que você achava no começo...

— Não tenho muita opinião...

— Sem opinião... é... como sempre...

— Eu defendia que fosse o Angola...

**Ana:** (risos) enfim, o Arnaldo ficava meio... batendo... não... acho que devia ser alguém da comunidade e tal... e a gente ficou um pouco pensando nisso... aí eu lembro que eu conversei com um monte de gente e aí no final falei não, tem que ser alguém da comunidade... tanto é que fiquei selecionando um mês (?) 30 pessoas, enfim, aí eu lembro que fui conversar com o Angola, e a gente até falou sobre isso e aí hoje ouvindo assim o Angola, não sei o quê... como na verdade... eu ficava com medo de por alguém da comunidade, porque eu achava que a gente ia se legitimar pelo que a pessoa é. Ou ela é de lá, e então ela vai chegar e falar eu Centro Vida e aí o pessoal vai se convencer porque está na fala da pessoa, né, e que eu achava que talvez isso fosse um erro, que a gente precisava estabelecer uma relação de confiança porque enfim, tinha que ter aquela confiança, não porque o outro é de lá, então pela confiança que já tinham no Angola, NOSSA, imediatamente confiariam no Centro Vida. E olha como inverte, né, não é que confiam no Centro Vida, passam a desconfiar do cara... o negócio... isso é uma coisa meio louca, que, sei lá, acho que isso que o Osmar traz é parecido, e aí é um negócio que você fica... caralho! Tipo, qual a possibilidade de diálogo... qual a nossa possibilidade de convencimento, né, qual é a nossa... como é que você consegue estabelecer aquela tal confiança que tem de algum jeito perpassado tanto a nossa conversa aqui... Assim... o que é que você precisa provar, né... e aí um pouco... você fala porra, mas será que precisa provar... que SACO também, né, um negócio meio de dar um pouco no saco... sabe?

**Jorge:** O que vocês estavam colocando, me parece que é um pouco como é essa interpenetração entre os dois mundos, você está é no mundo

de cá, e vamos dizer, o da universidade, os intelectuais, o Centro Vida, está no mundo de lá. Como é que é essa... dinâmica...

**Felipe:**

Não, quando o Angola e o Osmar estavam falando, prá mim... me veio na cabeça... não sei também, o quanto isso é óbvio ou não é, mas que é um pouco... perante o meu grupo... eu também sofro um preconceito por estar no Centro Vida, perante o lado de cá... não é o preconceito mercenário, é o preconceito do trouxa, do idealista, enfim... de alguma coisa aí que... a tua frase eu brinco aqui mas é uma das frases que eu mais ouço, agora talvez um pouco menos, que a gente está nesse esforço de mostrar que o Centro Vida é um instituto que faz coisas... bá, bá, bá... mas uma coisa era assim, — nossa eu acho tão bonito isso que você faz, você trabalha em quê? (risos) — Aí não, isso é o meu trabalho... Ah... aí o bonito se dissipou completamente... porque porra, quer dizer, eu não consegui o emprego... ou... o contrário... mas é um preconceito fodido, que é... você senta a bunda num jantar com a sua família, ou com os amigos, ou o cara que... tudo bem, hoje eu estou de advogado mas você senta lá e os cara, teus amigos estão lá ganhando rios de dinheiro ou estão, enfim, sendo reconhecidos por outras coisas... normalmente tudo isso tem a ver com capacidade de aquisição... consigo comprar coisas, ter o carro, casa, bá, bá, bá, bá, e você, eu não sei se isso vale para outras pessoas daqui, mas eu estou com essa... questão de a gente sentir também que é porra meu, no fundo, eu acho com isso que esse espaço de ONG, de mais ainda, não a ONG como... eu costumo brincar que a ... sem o risco de... enfim... brincar literalmente, que antigamente vocês tinham as ... ONG eram as ONGS das velhas senhoras, então quem que fazia trabalho social, né, você tinha a Igreja, que fazia, faz trabalho social e você tinha o que eu chamava das senhoras, mulheres que não trabalhavam... dos maridos que eram ricos ou as herdeiras que montavam lá uma associação, uma creche, ia lá dava brinquedo no Natal... ou até coisas menos básicas mas que eram...que era isso... hoje a gente está vivendo um momento diferente, que também é um momento que você não quer... você não está só lá no assistencialismo, você está... construindo um jogo, você está quebrando essas barreiras aí que a gente está falando, tá misturando esses mundos... você começa a ter uma profissionalização, então o doutor é um mercenário porque ele trabalha no Centro Vida, não é porque ele gostou... não, ele trabalha e tem um salário do Sou da Paz, ele é um cara que está lá, como... sei lá... 90% das pessoas ligadas ao Centro Vida... então eu acho que... também um pouco... é novo prá todo mundo, gera estranhamento dos dois lados... tem hora que é estranhamento porque a gente é... não sou... me formei em Direito mas não fui ser advogado... não fui ser Juiz, não fui ganhar dinheiro... tem hora

que é isso... e tem hora que é assim, pô, mas o pessoal não é voluntário? Ah, então não sei também, porque está acostumado com aquele modelo... então é uma confusão na cabeça das pessoas, mas o fato é, a discriminação aí, eu acho que é preconceito, não sei, eu acho que é, e acho que tem dos dois lados, eu acho que é... alguma coisa que talvez em comum, aí de cada um explicar para o seu mundo porque que faz o que faz...

— Posso só... sobre isso que você está falando, porque eu acho que tem esse lado da administração dos espaços (?) dois caminhos que ele falou, além disso ainda tenho que provar que (?) mas acho que tem uma outra situação que é essa dificuldade que a gente tem que a gente mesmo separa, quando você falou... se fosse alguém da universidade ou da comunidade, e aí tem possibilidade de... porque (??) posição ingênua de achar que... porque a gente precisa separar, porque tem que ter necessariamente uma opção, ou da universidade ou da comunidade, porque não pode, a gente já conversou aqui, (?) seja da comunidade e da universidade eu acho que isso também é uma coisa que... meu o cara foi muito... muito violento também, ter que pensar nesses termos, eu acho.

**Carlos Baiano:** Eu queria colocar uma experiência diferente, assim, porque... prá mim... quando eu vim trabalhar no Centro Vida, eu vim trabalhar num outro projeto e aí... enfim, acabou nem dando muito tempo de... a ficha só caiu mesmo quando eu fui trabalhar no PROCVI, fui ser facilitador, trabalhava com Angola, na (?) era a gente, e aí era um sentimento completamente inverso, porque assim, as pessoas falavam assim pô, que bacana, você está lá trabalhando na periferia, formando gente, e prá mim também era um sentimento muito bom, costumava até... na época conversava muito com a (Amanda?) que era gerente, dizia assim porra Amanda, a melhor coisa que aconteceu foi ter ido lá dar aula pra galera da periferia porque assim... aqui é muito mais a minha cara do que onde eu estava. E... um sentimento completamente diferente desse que o Osmar fala, desse que o Felipe fala, enfim, você encontra um amigo ou outro... quando o cara sabe que ele quer te alugar, fala assim... é, mas já viu homem vestir camisa... né, dá comida prá ninguém... mas são brincadeiras, assim, de um modo geral prá mim nesse sentido tem sido muito gratificante, assim, a tal ponto que assim, hoje em dia já não me deixo mais acuar, né, essa situação que a Ana tá falando... do Angola e do... Osmar, porque a gente vive sempre tenso, principalmente na zona sul, que é essa coisa... é, pô, vem aqui querer ganhar grana com a miséria dos outros... e vai embora e a gente continua na mesma merda, não sei que... e assim... (?) durantes três dias e agora já sei (?) ou se eu vou ficar assim... (?) um cliente que diga assim ô meu, (?) eu procuro dizer assim olha, eu poderia estar fazendo inúmeras coisas

na minha vida, inclusive, ter voltado para a Bahia, eu estou aqui por opção, é claro que eu pago aluguel, vivo com a grana do meu trabalho porque afinal de contas o trabalho tem que ser remunerado pois é preciso viver, muitos (?) estão aqui por opção, então esse seu papo aí não é comigo, dia desses (?) separou um dinheiro, não foi, ele disse assim qual é, vocês estão querendo me tirar o que, de patrão, aqui, eu ser patrão e vocês dois trabalhadores oprimidos... estourados? Isso daqui é uma opção, e a gente está aqui prá aprender juntos. E eu acho que isso vem muito assim desse... desse sentimento que eu tive desde o início, né, de estar fazendo uma coisa bacana, de estar sobretudo usando meu conhecimento de uma maneira que eu sempre acreditei que é para o que deveria servir o meu conhecimento quando eu estava na universidade, né, me posicionei bastante na universidade e foi legal, porque de uma certa forma eu acho que as pessoas entenderam um pouco a minha opção e... muito pelo contrário, sempre fui estimulado, né, eu acho que isso me garantiu, colaborou muito para que hoje em dia eu possa fazer esse discurso mesmo, porque assim ó... espera aí... (?) (?) dessa análise de intimidade que eu estou querendo fazer em minha vida...

— Então quer dizer que tem uma coisa assim em comum... que sempre vem alguém encher o saco... e tem que justificar a tua opção...

**Isaac:** Eu não sei... eu tive uma experiência parecida também, porque numa faculdade... sempre que eu volto na faculdade, já estou formado, parece que o pessoal me olha assim de um jeito, parece que o pessoal tem um respeito por eu fazer o que eu faço, assim, porque eu estou contribuindo de alguma forma para a transformação social... enfim, que é um trabalho legal. O meio da psicologia, não sei qual é a sua formação, mas é diferente do meio de Direito, o pessoal... (risos) mas aí prá mim teve um incômodo que foi muito diferente, porque assim, logo que eu me formei, eu também sai com esse negócio, eu aprendi essas coisas e eu estou a serviço de alguma coisa que tem a ver com a transformação social, e saí em nome dessa causa meio que... sem ser por dinheiro, sabe, foi por pura paixão de transformar e me meti no meio de favela... acompanhei ex-presidiário, e tal, e agora eu estou entrando numa fase que eu PRECISO ganhar dinheiro e eu vou ganhar dinheiro e eu não trabalho mais sem ser por dinheiro e isso está me ajudando a organizar tanto as coisas, porque antes era uma coisa que me... tomava conta de mim e eu não tinha escolha, assim, do quê que eu queria fazer, do quê eu não queria fazer, sabe, porque você começa a ver tudo o que precisa ser feito, e você quer dar conta de tudo, sabe, e aí meu encontro foi mais nesse sentido, de repente puxar o freio de mão um pouco e falar assim: meu... eu vou ganhar grana...

sabe... senão não tem... não sei quem são essas pessoas que falam que se tem que trabalhar de graça... tem que trabalhar só por amor à camisa... e vai viver de vento, não sei...

— Não, não, mas o discurso não é que você tem que trabalhar de graça, você vai ganhar dinheiro trabalhando em cima da (?) vai fazer serviços sociais...

(*muitas vozes*)

**Felipe:**

Quando eu falo isso, acho que é um pouco para mostrar que há resistência... estou com você muito no que você fala... puta, cada pedreira que você pega para... de questionamento, de porrada, mas primeiro isso é um décimo do que eu ouço de reconhecimento, acho que a gente tem uma tendência de valorizar as coisas, as críticas e tal... pela nossa formação... mas é um décimo prá menos do que é o reconhecimento, de puxa eu sou do Centro Vida... que legal, bá, bá, bá, e normalmente é isso, e a segunda coisa que é isso, é... quando você tem confiança... imagina hoje se alguém fala né, eu sou do Centro Vida.. se há 5 anos atrás, quando a gente apareceu pela primeira vez na zona sul, lá, entendeu, o Padre olhando torto prá gente... o que esses cara vieram fazer aqui, entendeu, sabe, porra eu cheguei com um monte de camiseta do Centro Vida, e o Padre estava vendendo a camiseta da caminhada, e a camiseta da caminhada era toda... tipo... tal, simplizinha, não sei que... e o Centro Vida na mídia prá CARALHO, aí veio todo mundo em cima das camisetas do Centro Vida, não, eu quero... daí eu peguei e escondi as camisetas, porque pensei se eu começar a quebrar o esquema... e um monte de gente viveu isso, a Ana viveu isso prá caramba, fez, abriu um monte de portas... do Centro Vida... aí era mais difícil... agora... né, pelo menos porra, estamos lá, o PROCVI está lá há quanto tempo? Só o PROCVI, né, então é bom também ter esse tempo de trabalho que... facilita a nossa vida de defender mesmo a escolha que a gente fez, e é uma escolha... é uma escolha, e se continua é porque ESCOLHEU continuar... e sei lá...

— Eu acho melhor (?) do tempo de trabalho, porque eu entrei numa coisa meio... desmesurada assim, uma alucinação de trabalho, e tal, mas que de certa forma serviu para fazer contato com um mundo que eu não tinha contato e eu consegui trazer muita gente, muita gente entrou em contato com esse mundo um pouco através do trabalho que eu estava fazendo e eu acho que... não sei, acho que todo mundo vive um pouco essa história de... de um primeiro contato aí que vocês falam... de estar chegando num lugar e aí cria uns atritos, assim, mas são atritos muito mais fáceis de lidar do que um... do que levar um tiro num assalto, que é uma coisa que aconteceu comigo também, sabe... de repente eu estava numa

favela, estava conseguindo ter diálogos diferentes, outros contatos, sabe, não só aquela coisa maluca assim de repente estar o cara com uma arma na sua cabeça, assim, sabe... e acho que a gente vai aprendendo a trabalhar, não sei...

**Rafael:**

Agora... eu sempre brinco com a equipe dos projetos, (?) “Escola fala” — qual é o projeto? — Escola Fala — de em formação, para as pessoas não confundirem com informa, no sentido de Escola informando alguma coisa... eu sempre brinco com eles que eu sei que quando eu chego nas escolas... independente das pessoas conhecerem minha história elas acabam trabalhando com estigma, isso é natural, eles vêm aquele cara branquinho, com cara de sabonete, que a mamãe cuidou bem, entendeu, aí começam a olhar meio torto, né... e aí até começar a ter a primeira conversa, na primeira conversa a coisa já fica legal, assim, fica uma embolação e aí de repente começa a ter uma relação de... super boa de parceria, de trabalho conjunto e tal. Mas sempre fica marcado isso, né, o cara chegando, inclusive tive vontade de perguntar... porque a coisa que eu acho mais rica desse grupo, que foi um pouco do que eu quis trazer de uma forma um pouco emocionada porque estava contando a minha história, para cá, é a função da quebra do estigma, quebrar esse discurso dentro do próprio Centro Vida, do de cá e do de lá, embora existam esses dois mundos, e a gente não pode ser hipócrita de dizer ah, tem o de cá e o de lá, mas eu acho que já chegou no momento que para o tipo de atuação que a gente está, a gente tem que começar a quebrar isso e assim... eu sempre tive curiosidade de perguntar, de fato, quando o Centro Vida chega na periferia, como é que as pessoas enxergam, porque quando eu vou para a periferia, eu não vou... é o que eu falei para vocês, eu não vejo muito diferente do que eu vi na minha adolescência, quer dizer, eu morei numa região que hoje inclusive tem se perifirizado muito, que é o Jaraguá, e tudo o mais, mas como que é, a gente chega lá, o que vocês sentem, como funciona? Eu acho que isso é importante para nós, assim...

**Angola:**

(?) eu coloco a questão de ter desconfiança, coloco a questão da dificuldade (de envolvimento?) isso é um... é um... particular da zona sul, porque quando eu ando em Sapopemba, Itaim, se eu vou prá Brasilândia, Diadema, qualquer outra região de São Paulo, quando você chega com a proposta do Centro Vida e aí o Angola indo indicar, as pessoas recebem como uma coisa primitiva entrando na comunidade. Já na zona sul tem um papel inverso, né, porque o mais (?gostoso) quando se trabalha de longo tempo lá, mas eu acho que a mídia (?) dificulta muito o nosso trabalho aí dentro da zona sul porque tem que explorar a coisa negativa da zona sul, quando você chega com uma proposta de transformação, uma proposta de informação na região, as pessoas vêm com um

olhar desconfiado porque... todo mundo vai lá buscar... tem um produto do crime contra a morte... vou dar um exemplo, no dia 2, por causa da caminhada, tinha uma parte da mídia lá também que chegou antes, porque ia fazer a matéria sobre a caminhada para falar sobre quantas pessoas que morreram no último final de semana, antes da caminhada, por exemplo, em vez de falar da caminhada, eles queriam é mostrar quantas pessoas que morrem na (?) por semana, quer dizer, quer mostrar, vender um produto negativo da região que muitas vezes dificulta o nosso trabalho, você quer fazer um trabalho de aproximação e não consegue porque as pessoas têm desconfiança... O que esse cara quer? Ele vem (?) da comunidade ou não, mas com outra proposta, o que vocês querem? Nós não quer vim aqui buscar produto e levar para fora? Vai ganhar nome em cima da região aqui, mais uma vez? Aí dificulta, vai ser aula particular de Capão, Jardim Ângela...São Luiz (?) qualquer coisa daquela região, né, e aí vem o pessoal mais novo, com o pessoal mais novo a dificuldade não é tanta, por mais que tenha esse lance tipo “ou vendido”, mas como o pessoal tem... a linguagem é a mesma, tem uma facilidade de poder contornar isso, através de uma conversa, através de mostrar o trabalho, através de mostrar uma proposta, você vai trabalhando a mente do cara em cima de informação cotidiana, é mais tranquilo, mas já a liderança mais antiga, essa é um pouco mais... (?) já vem com um olhar diferenciado, porque o cara já tá no poder há 20 anos, aí você chega com olhares de transformação, de informação, da capacitação da... da...

*(Fim da fita)*

... São Paulo, zona leste, zona norte, zona oeste, seria diferente porque a recepção do Centro Vida onde teve representações é bem vista nesses locais, isso que é estranho né, para mim, para o Osmar, ele que mora lá no Capão, eu moro na Tiradentes, as pessoas quando foram nas reuniões na (Quadra?) da Juventude, por exemplo, recebem muito bem lá, tem sido uma relação ótima com o pessoal em Sapopemba também, quando eu vou lá na PROCVI bater papo com o pessoal lá, e aí tipo tem que voltar lá outras vezes para poder... vamos bater mais papo, queremos mais informação...vamos trocar idéias, então tem uma outra relação, diferente da zona sul.

**Jorge:**

Mas parece que aqui no grupo, hoje, quando a gente está falando dessa questão da interpenetração do mundo de um no mundo do outro, a pergunta que você faz é uma pergunta muito interessante porque tem um jeito de responder, como você está respondendo, que é super correto, coerente, e ao mesmo tempo ele está perguntando também assim: olha gente — acho eu, né — nós

estamos reunidos aqui... como é que seriam (?) é mais sentido... mais no “aqui, agora”... é uma coisa... Angola, como é que você me vê? — mais ou menos assim — como é que você me vê, eu branquinho, com cara de sabonete, aqui, como é que você me vê, cara... né? É mais ou menos... eu acho que essa é a pergunta, né, que é uma pergunta super importante, e é uma pergunta que dá para ter essa conversa já, antes, no começo do grupo, acharia impossível ter essa conversa, certo, mas agora acho que a gente já tem, já construiu algumas coisas que dá para ter essa conversa e é muito importante porque quando ele está lá, porque quem ele está fazendo essa pergunta, porque, acho eu, aqui neste grupo, a gente vai construindo a possibilidade de responder; quando ele está na periferia, ou quando outros estão na periferia, outros com “cara de sabonete” vamos dizer assim, fica o tempo inteiro a pergunta: quem sou eu aqui, o quê que está acontecendo aqui, como é que... quem sou eu aqui, porque eu acho que é uma pergunta também que os outros estão colocando, que o fato de estar nesse trabalho, qual é a identidade que está nesse trabalho, o que se ganha com isso, alguma coisa se ganha com isso, e nós não podemos esconder o ganho disso, porque é como está pautado na relação conflitiva que... vamos dizer, Pinheiros ganha, então muitas vezes o que ocorre é que Pinheiros não pode dizer que ganha e não pode dizer o quê ganha... para estar lá, Pinheiros ganha alguma coisa, como para vocês estarem aqui, vocês ganham alguma coisa, a periferia ganha alguma coisa, talvez também uma conversa importante, quais são os ganhos? Porque Pinheiros não tem que ter medo de dizer qual é o seu ganho, porque se Pinheiros fica acuado de dizer qual é o seu ganho, a relação fica muito complicada e gera muita desconfiança inclusive... o quê que esses cara estão ganhando? Quer dizer, na verdade, o pessoal lá do Capão Redondo pode até estar expressando uma dúvida que está aqui dentro do grupo, então é melhor colocar aqui para dentro do grupo de uma vez por todas... o que esses caras estão ganhando, né? O quê que cada um ganha. Mas essa pergunta também assim, escuta... eu, com essa cara de sabonete Lux... como é que eu entro no teu mundo interno?

**Ana:**

Eu queria falar uma coisa que eu acho que tem uma coisa para mim tão clara... a gente acho que aprendeu numa coisa de trabalho social, sei lá... que é um pouco reconhecendo as pessoas, as comunidades e tal, e uma coisa meio de... de trabalhar, né, porque fala olha, aquelas crianças são lindas... tem um pouco essas coisas... ai, os jovens produzem coisas muito legais... porque acho que é um negócio até para dar conta, quer dizer, do meio social que você está, do questionamento, de como é que é o trabalho, tem possibilidade... a gente explora, acho que no discurso, uma coisa

de... tipo puta, tenho que trabalhar com a comunidade, o que tem de legal, você vai lá... enfim, tem um... esse olhar... e um pouco a sensação que eu tenho, na conversa, é de que assim, o olhar que eles têm para a gente... e aí é assim, até pelo (?) mas antes eu queria dizer assim como eu me sinto olhada, sabe, é um pouco assim, eu vou me convencer de que... porque eu acho é difícil, eu fico pensando... qual a conta pro figura, porque você ainda não está ganhando grana... o que você está fazendo aqui? Eu sinto isso assim, que o tempo inteiro é essa pergunta que eu estou respondendo... e eu lembro que uma vez (rindo) uma piração... eu queria criar um Manual de Estratégias de como você deve usar o Centro Vida, porque eu já sabia quais eram as três frases que se eu dissesse, o olhar mudava... eu sentia, não era na fala, mas eu sentia... que se eu falasse... porque que a gente... já trabalhava com a televisão, se eu falasse o quê que a gente chama de vida, e se eu falasse... tinham três coisas, que se eu falasse, exatamente isso, puta, podia estar ganhando grana com outra coisa, e estou aqui porque... acho... mudava o jeito que a pessoa estava ouvindo a coisa que eu estava dizendo ali. Então eu lembro que tinha assim: “Estratégias de como Divulgar o Centro Vida”, era uma viagem que eu tinha bolado na minha cabeça mas que eu achava que era o sentir o olhar diferente... eu lembro o (?) uma vez, eu senti que ele me testou, o dia que eu conheci ele, ele me levou para dentro da casa dele para ver como eu reagia. Tipo assim... não, Felipe, não é para o quarto, é para a casa dele... (risos)... ele me olha... mas era um pouco assim, como é que você vai reagir a isso, você vai falar: nossa, que casa legal! ou você não vai falar nada, ou você vai dizer o que você achou? Eu sentia assim, em vários momentos eu era colocada em teste para ver como é que você vai falar, qual a tua honestidade comigo, assim, né, e eu sentia... assim... eu também não queria, a todo momento, e acho que era isso que eu falava que enchia o saco, de ter que ficar o tempo inteiro provando coisas, então era um pouco assim... essa coisa da estratégias, um pouco assim, deixa eu dar uma limpada na área porque eu não estou com saco de... do tempo que às vezes você só consegue mudar de verdade isso no tempo da relação e em alguns casos, porque né, Angola, tem coisas que a gente às vezes vive com o Padre que com certeza é a pessoa com quem a gente trabalha a mais tempo, que volta toda vez, você fala, não é possível! de novo a gente vai ter que conversar a mesma coisa! Vejo (?) uma coisa que o Angola fez, falou fiz isso há seis meses atrás, a mesma coisa... quer dizer, um negócio que... vai se repetindo...mas enfim, e eu acho que a DIFICULDADE que tem, que eu sinto, assim, e aí não tem a ver com o olhar, mas tem a ver com sentimento, e isso que eu acho que é uma loucura, é assim, da hora

que o figura começa a sei lá, a falar para você que você é legal, porque eu acho que isso é uma resistência desgraçada, é um pouco assim... ah são os cara da grana... eu sinto isso assim, vamos ver o que eles querem, o que dá para eu aproveitar... qual que é, não sei o quê... são poucas relações que eu sinto realmente que iniciam de uma forma mais honesta, eu acho que no início é um pouco de... deixa eu sacar... e pode ter a ver com histórico, pode ter a ver com como sempre foi explorada essa história, tipo sempre foi um objeto e não uma história de... atuar junto, eu acho que tem a ver com isso, mas então a relação acho que sinto que começa um pouco assim e a hora que de repente vê pô mas vocês podem fazer uma coisa diferente, ou eu gosto de você, independente de... você é uma pessoa legal, eu acho que isso é uma resistência, tem uma dificuldade de poder, sabe eu, eu... sinto isso assim, que às vezes as pessoas trabalham com a gente e têm dificuldade de falar porra esses caras são legais! Isso é um negócio que pouquíssimas vezes eu ouvi, das pessoas que a gente trabalha há muito tempo, pouquíssimas assim, e de você até sacar que a pessoa gosta e eu acho que o contrário, que eu sinto também, de como para a gente é difícil reconhecer que tem gente na comunidade que é um saco, é assim, sabe, você fala PUTA, QUE SACO! O cara é um CHATO não dá para trabalhar com ele! Assim, parece... eu não sei se tem a ver com culpa, o quê que é, mas eu sinto que a gente sempre fica na condição de quem tem que provar que é legal, e sempre na condição de.. não poder fazer um julgamento ruim do outro, porque ah ... afinal, sabe, tipo... sei lá, o cara... é legal, são as condições, não sei quê... a gente não... acho que a dificuldade de pôr limite na relação, sabe, estava conversando isso outro dia, como de repente as pessoas começam a te pedir dinheiro emprestado, você vira... pessoalmente, não é para a instituição, e aí como é que você sai disso, e como é que você diz... pode dizer... é um... eu acho que tem uma mistura assim, e para mim fica essa sensação de que você tem que provar o tempo inteiro que você é legal, e que para o outro admitir isso é muito difícil e que também, assim, a gente não consegue talvez limite, assim a gente fala meu, talvez com esse cara não dê, puta saco, a pessoa é chata, eu não sei assim, é um negócio que eu sinto que passa um pouco por esse sentimento assim, sabe, da relação...

— (?) é um saco (risos) (?) uma liderança lá da região, eu acho que é um saco!

**Jorge:** Agora olha só que coisa interessante... o caminho que esse grupo faz, é bem interessante, porque começou o grupo, o grupo... o olhar, começou com aquela coisa que nós começamos a trabalhar, interpretar, a dificuldade dos olhares, né, então vamos olhar para os caras da periferia, vamos olhar para os caras que mataram... e

agora está sendo... como isso vai mudando, a partir da conversa que a gente vai tendo, e agora assim... escuta, como é que você (?) é uma outra... mudando... como é que vocês, a contraparte disso, já uma conversa mais sutil e mais profunda também, porque é muito difícil, porque é muito proibido, acredito eu, de vocês falarem também como é que vocês vêem que aquilo, quando você diz que eu coloquei, eu falava do ódio, da diferença de classes, como é que isso ficava, né, com a quebra do teu sonho, do teu projeto, cada vez mais longe, e os projetos não caem dessa forma, quer dizer, e fica difícil para vocês falarem verdadeiramente o que sentem e fica difícil para as pessoas de Pinheiros, como eu estou denominando, serem verdadeiramente autênticas porque se sentem em dívida ou sei lá o quê... esta mulher, como é o nome da mulher? — Dolores — Dolores é um porre (comentários e risos – incompreensível) não, não... Dolores é um porre, não pode, tem que ser todo mundo bom samaritano... e aí perde também a sua autenticidade de dizer meu, não enche o SACO, cara, para com isso... não pode...

**Joana:**

É porque... só um pa... parece assim, eles se sentem tão à vontade de falar ah, vocês são uns play boys, e a gente não se sente nem um pouco à vontade de fazer nenhum tipo de crítica, então assim, alguma coisa tem... é um absurdo você fala assim, meu, se a pessoa fala que você é um play boy, manda ela tomar no cu... dá vontade... só que aí a gente não... fala assim meu... não... aí você fica no ah ... não, mas olha... desculpa o meu jeito... (muitas falas/incompreensível) e ao contrário a gente não se sente nem um pouco à vontade de falar oh, vocês são uns... sei lá o quê... tipo... (muitas falas/incompreensível) (?) totalmente diferente da FEBEM, a gente é um modelo (?) (muitas vozes) não AGÜENTO mais, todo dia vou lá e todo dia tenho que ir embora, pô é tudo ótimo, a aula é ótima, mas no final (?) (muito barulho, incompreensível) (?) meu e aí, eu sou boyzinho e vocês são o quê? (helicóptero) (???) o que eu vou fazer, não tem solução...

**Pedro:**

Posso TENTAR responder... fez a pergunta assim como nós da periferia, assim, vemos, não sei se especificamente o Centro Vida, mas as pessoas que está lá na periferia, que está fazendo alguma coisa... tipo no caso do Centro Vida (?), eu tive dois motivos prá mim sentir o que eu sentia no começo, aí com o tempo eu fui conhecendo e mudei. Primeira vez, quem me avisou do curso foi o Osmar, a primeira coisa que eu falei, falei ó... que será que esses cara quer aqui... os cara só vem aqui prá tipo assim, quando eles vai falar na televisão eles vem lá, no Núcleo Jovem, trinta segundos, é, tá tendo uma festa no Núcleo Jovem, cortou, aí vem homicídios, os cara conversa dois minutos, não, porque o cara entrou por ali... pulou o muro, (?) e fala do homicídio e... Núcleo

Jovem durou 30 segundos, aí tipo isso aí é informação, (?) o quê que é o Centro Vida, a primeira coisa que eu pensei, o quê que é o Centro Vida? Eu fiquei (?) pro Osmar. Falei Centro Vida deve ser aquela instituição, né, que teve aquele negócio da brutalidade, (?) menina de 15 anos, passou lá no jornal, que ficou 30 segundos passando, certinho, né, não sei o que esses cara quer aqui... é uma oportunidade, vou abraçar, né, não tô fazendo nada... (muito barulho) (?) não sabia o que era, vou abraçar... pode ser um curso de culinária, eu vou abraçar, meu, não sabia que era um curso para aprender sobre a cidadania... que eu ia fazer isso, fazer aquilo... eu não sabia o que era o Centro Vida... Aí tipo, por falta de informação assim a pessoa vai falar não... é uns puta play boy que vem... sei lá de onde vem, vem lá do Morumbi, dos Jardins, que quer ganhar Ibope, para depois no final do curso aí vem a televisão, não sei quem lá, seja o que for, e chegar e falar assim: ó, aqui o trabalho que o ...que o Jardins fez, que a televisão que tava em parceria fez, não sei o quê, só que aí com o tempo, eu entrei no curso, eu fui conhecendo que não era por aí, que tinha várias coisas por trás de saber disso, várias parcerias, que não era só os Jardins que tava correndo atrás disso, que também tinha a periferia, que no caso do Osmar, que o Osmar mora lá e também tá participando do projeto, e aí eu fui conhecendo, só que... sem nenhum tipo de informação, qualquer um da periferia que você chegar e falar ó... tô te oferecendo um curso, você não vai pagar nada e vai ganhar tanto... o cara já vai desconfiar na hora, vai falar ... é pegadinha? (risos) Não, mas é sério! O cara já vai desconfiar na hora, como eu já desconfiei, na hora que o Osmar falou, ele no começo ele não tinha nem falado dessa busca, (?) isso era pra ser logo, falei... ah, não tô fazendo nada, já tinha tratado vários outros cursos na área do governo, falei, já que eles não faz nada pelo país, quando eles faz alguma coisa vamos abraçar, meu, seja de teatro ou (?) seja lá o que for, vamos abraçar (?) um trampo, quem sabe vai entrar no meu currículo... (?) se fosse a mídia colocando esse negócio prá depois falar, ó, se você fizer isso vai acabar a criminalidade... aí já é bem diferente...

**Osmar:**

Eu lembro a história da... daquela... da primeira campanha para o desarmamento e tal, e quebrou o (?) eu lembro até hoje a gente tava vendo a televisão e tal, e os cara falando... pô, (?) tão quebrando, mano, vamos lá... (?) fala mano eu tô ali do lado, eu vou com uma mochila aí, (riso) aí todo mundo falando, tem polícia lá, mano, tem polícia, lá os cara não vão deixar pegar não... que nada, mano, vamos levar uma munição, se os cara vem a gente já troca (?) (riso) os cara não via aquilo como uma coisa positiva assim prá eles, eles queria tá lá... em vez dele tá lá...

— Puta desperdício, né, quebrar (...) uma dor, mano, (muitas vezes) (??) não sei quantos mil real, (?) tipo trator... a única coisa que tinha o Centro Vida era isso...

**Jorge:** Só rico prá desperdiçar tanto dinheiro assim, né? Passar por cima de uma (?)... passar por cima de uma (casa?)...

**Pedro:** Também vi... assim do lado aqui assim... quando eu... quando o Osmar também me chamou prá fazer o curso, táva fazendo computação lá, no Centro Comunitário onde que eu morava, né, que era de graça, falei vou abraçar, né, datilografia ... não tenho nem... vou fazer computação, que agora é o que decide, aí o Osmar pá, chega, quer fazer um curso, falei... tava até no horário da computação, não foi, falei mano, acho que não vai dar não porque vou fazer computação. Aí foi que (?) aí eu não sabia o que era Centro Vida , nada, achei que era até o Ágora que era um Instituto que sempre atuou lá na comunidade, foi o Ágora, o Ágora dá uma liderança que tinha um contato forte com a Ágora... aí falei se for do Ágora, vai ser firmeza né mano, que os cara do Ágora vem aqui... a gente troca a maior idéia, os cara fala a sua língua (?) vai ser um curso bem legal. Aí falou prá mim do Centro Vida, eu lembrei também (?) tinha um monte de arma aí mano, tava meio assim... eu falei ah... aí firmei, né. Aí fiquei... aí meu, tinha uns outro moleque que tava (?) moleque que tava atocado lá que, o pessoal chamou prá fazer o curso, (?) os moleque tava atocado e quis fazer o curso, né, aí, nós trocamos maior idéia, (?) firmeza, mano, pode rolar dinheiro mas dinheiro dos bão, né mano, não sei o que e tal, né... e tipo assim, fiquei pensando assim, porque quando eu entrei também, eu pensava assim, que o projeto era tipo assim, me envolver num Rap, tá ligado? Porque quando o Osmar foi me chamar, o Osmar tocava rap, eu falei, pô mano, o Osmar toca rap, deve ter alguma coisa com rap... eu também canto rap... aí fala um tal de Angola, Angola, é de confusão, você conhece, é o tal do rap... e tal... falo, SÓ VAI TER LOUCO! Só vai ter louco (risos) então eu vou participar! Aí firmeza! Aí fui... né, meu, aí nessa época era o Angola e o Anderson, né? (?) Aí nos começamos... né, a trocar uma idéia, tanto é que... eu achei o Anderson bem no comecinho, bem assim, tipo...maior fortão, né, cheio de preconceito...

**Jorge:** Deixa eu te perguntar uma coisa... você acha que eles estão conseguindo responder à tua pergunta, de verdade?

— De verdade?

**Jorge:** Lógico...

— Eu acho que sim, acho que uma parte sim, porque aqui...

**Jorge:**

O quê que está faltando?

—

Eu acho que falta dos dois lados o mais difícil, assim, de dar... de falar assim... por exemplo, o caso da escola agora, né, fui fazer uma assembléia no Palmares, mais uma região que está com essa ocupação agora no Jardim Europa (???) parece reclusão, né, bonita essa história... deixa quieto... aí nós trouxemos (?) falei, você conhece a minha história? Vontade de perguntar, mas eu não conhecia o cara, né, (?) perguntar, e aí a Gina... vai prá puta que pariu, entendeu? Você nem me conhece, falar essas... eu fico meio esquentado com essas coisas, falei pô, deixa eu ficar quieto... aí entrei lá, conversei com a Gina e tal, descobri que ele fazia parte das oficinas, né, falei pô, vocês não conversaram? brinquei com a Gina e com Kiko (?) sentou, porque nessa escola só tinha gente das oficinas. Aí eu comecei a falar, falar, falar, pô se é pro Ibama ia ser legal... o cara (rindo) começou a falar: puta, mas você... vamos trocar uma idéia depois... tal, tal, tal... quer dizer, essa coisa, é difícil de falar, mas acontece... você, por exemplo, falou de sabonete os cara vão usar na cabeça, coisa mais comum que existe quando a gente chega na escola. Eu e o Kiko, nós dois somos os mais brancos do grupo, né, e assim, eu tenho o olho claro, eu traço uma menina por causa do olho. Aí pronto... aí os cara já saem... aí, tá vendo, o cara vem chegando aqui, tal... direto, sempre, não tem jeito... agora mesmo, numa escola que eu fui colocado, a mesma coisa, é, tá vendo, só porque é branquinho... pá, pá, pá... (?) são tudo... aí vem aquela coisa da mulher, é tudo piranha... aí desce a lenha, né.

—

Aí é tipo... um caso que eu acho que é falta de cultura... por causa que... eu mesmo, quando comecei esse curso, fiquei nervoso quando vi a professora, era branca, podia ser verde, amarela, vermelha, o que for, eu ficava indignado mesmo assim, porque tipo assim, porque eu tava injuriado era com a mente, (?) agora o professor tá ali, tá (?), tá trabalhando, Centro Vida, todo mundo tá trabalhando, todo mundo tá dando trampo, agora vou ficar aí... injuriando se o cara é branco, se o cara é preto... (?)

**Joana:**

Deixa eu falar o que eu sinto, porque eu já falei até muito pro Rafael que a gente vem da escola e depois a gente conversa, e aí de repente ficou até meio esquisito na minha primeira fala, porque na verdade eu não estava falando que eu não queria negar a diferença mas eu queria mostrar que eu me interessava não porque é uma realidade, não porque eu não considero aquilo meu, pelo contrário, porque senão não estaria aqui, entendeu, acho que, essa sensação depois... falei deixa quieto porque eu sei porque eu estou aqui, eu sei as coisas que eu acredito, eu sei o que eu quero. Mas é que tem umas horas que eu olho para a situação e... eu vejo os

outros... e além de trabalhar aqui eu ainda faço pesquisa, (?) a menina aí, com gravador, e (?) eu já falei com o Rafael, até quando a gente se juntou com uma ONG ali local... que tá meio bagunçada... eles queriam um pouco de dinheiro, porque eles também estavam precisando de grana, então já ficaram ligando, falando prá gente é... mas e grana... vocês não sustentam... sabe que eu acho que vai ser meio foda? Meio foda não, muito foda! É isso, você já está lá, tá fodida, está morando num bairro na puta que o pariu, você leva três horas para chegar em qualquer lugar, a sua rua é fodida, a sua casa é fodida, meu, TUDO! Tudo você olha ali, fala que merda! E aí você ainda vem, chega um outro cara de fora, que você olha fala, pô, esse cara teve tudo o que eu não tive, que essas coisas vão ficando meio evidentes, não sei o quê... falei com o Rafael ... especialmente quando a gente tratou com um grupo de meninos que estavam querendo montar uma ONG ali... para fazer o mesmo trabalho só que, evidentemente, por a gente ter sentado para estruturar um monte de coisa, o nosso estava muito melhor elaborado, tinha a questão dos contatos, você fazer contato com fulano, para a questão do financiamento, não sei quê... que eles estavam mais... mais distantes... Sabe Rafael, se eu fosse eles e estivesse tentando organizar alguma coisa, e viesse uma pessoa de fora que eu estou vendo que tem mais condições... eu ia ficar com muita RAIVA! É isso que eu acho, que é uma coisa que... é difícil a gente falar, mas eu acho que é o primeiro passo para a gente continuar andando, também é uma coisa de... então rola umas coisas, que eu vejo que eu entro lá e eu saio e faço o meu trabalho e gosto, por mais que eu esteja (?) por mais que eu me interesse e é óbvio, e isso é uma coisa que eu não estou nem contando, mas às vezes tenho muita RAIVA... isso que eu falo para o Rafael, quando vem uma pessoa de fora, eu acho que é isso, assim... de vez em quando eu fico... e é... essa meio a intenção, de quando eu falei da minha primeira fala, de como você chegar e mostrar para uma pessoa que mesmo... eu não moro duas casas a cima, eu não sou daqui, mas porra, eu me interesso e não é porque... aquilo que eu falei, estar na situação de... não é porque eu quero estar na capa da coisa, sabe, tipo olha só a menina... entendeu... a menina que veio de não sei onde... quer dizer, ela quer aparecer, sabe, essa coisa meio de sensação... não é por nada disso, é porque eu acredito, é porque eu vejo...

**Jorge:**

Então deixa eu... eu acho que o que você está falando, e dentro daqui, eu acho que está na hora de fazer uma pergunta. Porque a gente está falando bastante de fora, né, então a gente podia perguntar assim, eu acho que é um negócio legal, isso, para a constituição deste grupo, o que cada um está ganhando aqui, porque cada um está aqui? Não é a capa, mas o que é? Porque

enquanto não ficar claro o que cada um está ganhando, a relação ela fica ainda... sempre vai haver uma... é a capa, é isso, é aquilo... porque o que é? Isso, eu acho que é um assunto sério para a gente estar colocando aqui, porque é um... é como se fosse se a gente estivesse aqui, e tivesse podendo atravessar aqui entre nós, uma coisa que ocorre muito lá fora, né, então, é uma boa pergunta, eu acho, o que cada um está ganhando aqui, não é? O que o Angola está ganhando? O que você está ganhando? O que vocês querem ganhar, o que... porque que nós estamos aqui?

**Mario:**

Posso falar uma coisa? Antes de responder diretamente a questão, eu estava pensando em uma coisa que o (?) estava falando também, que uma das coisas que eu mais ouço, desde que eu comecei a entrar em contato com o mundo da periferia, quando eu conheci o Plínio, e tal, eu já ouvi muito isso, é assim, ah, você que não faz parte da periferia, você não sabe como é que é viver aqui... Você não sabe o que é... você não sabe o que a gente sente aqui... você não faz parte deste mundo, você também não pode falar sobre isso porque você não viveu isso. Você não sabe como é! Então aí... eu acho que uma das coisas que me motivou para eu entrar em contato com o mundo da periferia, com o mundo de um cara que esteve preso, eu nunca estive preso, mas eu quis escrever sobre um cara que esteve preso, escrever com um cara que esteve preso, então assim, eu acho que uma das coisas que a gente, que eu tenho vontade, e eu acho que é isso que eu ganho, assim, quando eu pensei em fazer esse projeto com o Plínio, escrever um livro junto, assim, pô, eu quero conhecer alguém que tenha os mesmos sentimentos que eu, que compartilhe isso comigo, sabe, esse sentimento de injustiça... sofrimento, dor, de falta, que às vezes assim, na falta, a falta material, assim, pô, a gente é pobre, sabe, não tem emprego, às vezes, mesmo quem é de classes mais altas, já sentiu isso também, não sentiu talvez tão freqüentemente, ou da mesma maneira, mas é um sentimento amador que está dentro de todo mundo! Então assim, eu acho que isso muitas vezes eu não encontrava no meu círculo de amizades, por isso eu fui talvez buscar esse sentimento, compartilhar, com uma pessoa que não fazia parte do meu círculo e na esperança de que eu também... tinha essa esperança de que essa pessoa que poderia compreender os meus sentimentos, ia compreender e ia sentir também coisas que eu sentia... Assim, eu queria sentir coisas que ele sentia mas também trocar, né, fazer com que ele sentisse as coisas que eu sinto, né, e aí proporcionar também os ganhos que isso pode ocorrer, né? Uma das coisas que me preocupou quando eu estava fazendo o livro com o Plínio, é que assim, porra, eu tenho que dividir a autoria disso aqui, porque assim, não é só eu ouvi a história dele, o Plínio contar a história dele para mim, e eu pegar e

assinar em baixo. Porque eu assumi que eu sou o escritor aqui nessa relação. Isso é uma das coisas que me cobram também no meu círculo, falam assim: ah, você abriu mão da sua autoria no livro... é, porque no livro está uma foto grande do Plínio na capa, o nome dele está muito maior que o meu na capa. Aí o pessoal do meu círculo veio me cobrar... assim: ah, então quer dizer que... que você não quis assinar o livro, que você... na verdade, e aí me falam, na verdade o escritor é você, né, eu falo não, na verdade é uma parceria, a gente está junto nessa história, né... E é isso, eu acho que, por exemplo, o meu ganho nessa relação, e eu acho que no grupo é um pouco isso também, é poder ouvir, mas poder falar também, e aí poder dividir os sentimentos, eu acho que isso... pelo menos é o que eu espero ganhar, sabe? Conhecer histórias diferentes da minha, mas ver que em muitos pontos elas são parecidas, para mim, que a gente pode sim, apesar de ter diferenças de classes, de idade, de... cor de pele, a gente pode se entender, pode trocar, eu posso ouvir a sua história, ouvir a história do Angola, assim como da (?), da Ana, e sentir as mesmas coisas, sabe, não porque eu tenho dó, não por benevolência, assim, mas porque eu acredito que a gente consegue compartilhar essas coisas.

— Tem uma coisa, né, assim acho que pessoas diferentes, acho que eu falava dos sentimentos, né, daí a hora que você vai... acho que assim... muito menos questionável... fica muito mais bonitinho, né, fazer um negócio... apesar acho que disso, você tem amigos que falam lá, que você abriu mão de sua autoria, mas ficou muito mais bonito assim, não... mas tem o nome do outro... aí nisso você age meio que como o “bonzinho”, não sei quê e tal... se faz o contrário, daí você é um explorador... então é isso que eu acho que... que é ruim nessas relações, quando você fica no lugar sempre de quem tem que se justificar, isso eu acho que é uma coisa ruim e eu tenho uma coisa que... sei lá, o meu... o maior ganho nessa história, eu faço o que eu gosto de fazer, é isso...

*(Fim lado A da fita)*

... eu acho que é o maior ganho, assim... sei lá... talvez tenha gente que dê mais valor, sabe, a vida seja mais feliz, ganhando muita grana... e podendo comprar e fazer... etc... eu vivo muito mais feliz podendo trabalhar com o que eu gosto! Talvez... um outro... eu fico pensando, se o mundo... sei lá, se este espaço de trabalho fosse um espaço no mundo que desse muito dinheiro, sei lá, eu não acho que tem a ver com uma coisa assim de que eu sou boazinha e aí eu acho que ah, vamos dividir aqui (?) os espaços, eu acho que os meus sentimentos tem a ver, assim, de eu gostar com justiça... não sei o quê e tal, mas eu não sei... não sei se (?) não é

assim, ah aqui ganha-se menos... mas tudo bem...porque estou fazendo o bem ao outro... não tem a ver com isso, tem a ver com o prazer de fazer o que... sei lá, me dá orgulho em fazer, me dá satisfação em fazer e tal... E aí claro, quer dizer, acho que a gente coerentemente com as coisas que a gente atura, tem uma coisa de trabalhar com alguns valores... justiça... com uma coisa de... inclusão social e tal, mas eu tenho certeza que a primeira coisa que me move, não tem a ver com essas coisas, tem a ver com prazer de trabalhar com isso.

**Emilia:** Eu acho que o importante é que o dinheiro entra, ele perpassa as relações sociais, também e talvez de que forma quando se tem pessoas, relações pessoais e relações institucionais, isso entra. Quer dizer, me ocorre que justamente é o salário que o Angola falava, vendido, mercenário... tem a ver, quando está vinculado a uma instituição, vem algo que perpassa a questão de dinheiro, a possibilidade de ter uma bolsa integrando com o programa...

— É, e é o oposto, que eu acho que o Felipe falava, também tem a ver com isso... sabe, você é um louco, trouxa!

— Exato...

— ... Pô, a gente vê que você podia estar ganhando muito mais... então, quer dizer, tem a ver...

**Emilia:** Talvez... só uma coisa... eu acho que são dois sentimentos, digamos, feios, não sei se o sentimento é o da raiva do dinheiro, são duas coisas muito... que costumam ser... ter um peso moral muito forte, e que bom que a gente trabalha nessa relação onde isso está colocado não na relação entre todos diretamente, mas das que estão trabalhando...

**Felipe:** Só... eu acho que é assim... muitas vezes... eu acho que o erro está, é de automaticamente na hora que você trabalha com o problema social, também vira um flagrante, de como você é super legal, e não sei o que. Porque eu lembro de uma discussão que uma vez a gente fez, eu tenho... gente, tenho amigos advogados que tipo, são muito legais, e não são reacionários... filhos da puta, e ganham grana, e que estão felizes advogando, não sei que... Eu acho que tem que ter a preocupação social, que tem que fazer coisas... né... que eu acho que são importantes, mais de uma vez a gente conversava disso, de que tem algumas formações que às vezes a gente tem pelas escolas e tal, que beiram o absurdo, das pessoas não se envolverem com alguma coisa, agora isso não significa trabalhar numa ONG, ou... não sei, cara, tem... pode ser dentista, se o cara tem prazer em fazer isso... e, que vá se envolver socialmente, politicamente, de algum outro jeito... porque eu acho que senão vem o carinha... isso que eu acho assim... e tem

diversidade, para mim eu acho que é assim, que o que movimenta, o que dá... eu acho que a coisa não é nem falta de sentimento, eu acho que é um negócio que rola mesmo, tem horas que você identifica essas coisas que são muito parecidas, mas para mim a grande coisa é de conseguir ver a diversidade, porque senão vira estigma, é isso mesmo, entendeu, senão vira estigma... na periferia é uma coisa... ou as pessoas são legais, ou são coitadinhos... ou são vítimas... não sei o que, isso demonstra o jeito de ver daqui, estou falando de como são os estigmas que aparecem, ou é bandido... ou por outro lado, ah, são coitadinhos... são ótimas pessoas... não sei que lá... que nem quando fala assim, ai, mas nossa, tem que deixar ter os homossexuais, que eles são tão legais... não pode ser chato se for homossexual? Tipo foda-se, é uma coisa do ser humano... entendeu, e é isso... também não tem o (carente?), quem trabalha em ONG é legal... necessariamente, pode ser um picareta, entendeu, tem, acho que essas coisas que criam...

**Jorge:**

Não, dessas rigidezes, desses estereótipos, desses... que você está falando, se depreende o seguinte: pegando aqui pelo que está se colocando aqui, e por aquilo que a gente sabe também, mas por aquilo que é emergente aqui no grupo, parece que no trabalho social, tanto para o povo de “Pinheiros”, quanto para o povo da “Periferia”, é muito difícil dizer a verdade, é muito difícil dizer quem se é e o que se quer... qual é o problema? Mas isso parece que há uma forte proibição disso, né, do Angola, o Osmar, dizer assim, ou vocês, não... puta trampo, cara... eu tô ganhando uma grana legal, que eu não ganho em outro lugar, tá certo, estou conhecendo o mundo de outro jeito, tô conhecendo umas pessoa interessante, tô saindo fora desse puta desse inferno... vocês estão proibidos de dizer isso, não é verdade? Por que? Porque vocês estão proibidos de dizer isso aqui e de dizer isso lá? Por que as pessoas aqui estão proibidas de dizer... não, mas eu faço porque é o meu sentimento... o meu barato... eu faço porque isso, eu faço porque eu quero escrever não sei que... ou... porque... no trabalho, nesse encontro no trabalho social as pessoas não podem dizer... o Angola, diz meu, você tá louco? Arrumei um trampo, faço o que eu gosto, tô conhecendo o mundo, tô fora dessa merda aqui, vá se foder você que está me enchendo o saco! Na verdade seria isso, prá falar a verdade é isso...

—

É verdade!

—

Mas é complicado... (risos e falas, todos juntos) depende de quem é o cara que você vai mandar se foder...

**Jorge:**

Porque não se pode dizer a verdade?

**Emilia:**

Quais são as dificuldades...

— Sabe o que eu acho? É assim... uma coisa, assim, jamais diria uma coisa como essa, eu, jamais diria uma coisa como essa...dois, se eu penso em dizer isso, estaria renegando toda a minha história dentro da comunidade, dentro do convívio social do meu bairro, seria estar renegando tudo aquilo que eu recebi de informação daquela região que é onde eu vivo, e aí, então, seria muito difícil isso, pô você estar renegando o quê? os amigos, as informações que você recebeu, a sua formação...né, naquela região, então seria muito difícil... de colocar uma frase nesse sentido...

**Jorge:** Então, a questão que eu coloco, desculpa, eu acho importantíssima, é a gente aprofundar... aprofundar MESMO, se isso é renegar ou se isso é, pelo contrário, é estar junto... isso eu acho que é uma conversa muito interessante, se verdadeiramente é renegar isso, eu não acho, acho que vale a pena a gente aprofundar porque é um puta de um negócio importante isso...

— Tipo assim... não estou falando que é o caso do Angola, né, tipo o cara vê o Angola dando um trampo, o pai é da periferia aí vê que o Angola arrumou um negócio legal, pra fazer assim um trampo, aí o cara olha prá ele e fala assim: pô, o Angola tá trampando, trampando lá com o Centro Vida, e eu estou aqui parado, sem fazer nada... Aí de vez em quando o cara fica olhando prá ele e vê que ele não tá fazendo o que o Angola tá fazendo, aí o cara já vai criticar o Angola, vai falar: não Angola você tá num trampo lá, tá trampando com os boy lá, com a televisão, pô você tá errado, tinha que trabalhar aqui na periferia! Só que lá dentro da cabeça do cara, o cara queria estar no lugar do Angola, como o cara não tem cultura, ele não vai ter a capacidade de correr atrás do dele, ele vai ficar criticando o Angola, vai criticar o Osmar, vai criticar quem estiver subindo, ele não quer assim tipo... que o Angola, ele sai da periferia prá se realizar assim profissionalmente, sem esperar ele, ele quer crescer junto com o Angola, ele não quer que o Angola cresça sozinho.

**Felipe:** Não... sabe o que eu acho? Acho que tem duas coisas: acho que uma coisa é fugir do... a gente tentar fugir do modelo, acho que não é nem tanto... sabe... não é nem tanto... a única resposta possível é... ah, eu faço isso porque... primeiro eu acho que você tem que ter liberdade, eu faço isso porque eu tenho compromisso social sim, eu quero fazer isso, eu quero mudar o mundo, eu achei que essa é a melhor estratégia prá mudar o mundo é vir trabalhar no Centro Vida. E fora isso, eu tenho prazer fazendo isso... e tal... por causa de uma série de coisas e tal, mas eu acho que às vezes... é... não eu... eu não... acho que a gente está no início (?) um emprego qualquer, eu tô aqui porque eu ganho uma grana, eu acho que em parte é feio dizer isso, porque se espera que todo mundo

que está na área social tenha que ser melhor do que... é que as pessoas colocam isso... também eu ajudo os outros, eu chamo todos os meus amigos que trabalham advogando lá no bairro de vendidos, então eu chamo MESMO, eu falo... (?) porque? Porque o cara estava no Centro Acadêmico comigo na faculdade, porque tava lá brigando... porque achava um absurdo o suborno... porque achava um absurdo a corrupção, as sacanagens, né, entrou no escritório botou um terno tá lá comprando Oficial de Justiça... É um exagero de fala, deve ter alguns que não comprem, eu acho que eles comprem e falo prá eles que eles são vendidos e que no fundo todos os meus amigos têm sentimento de culpa por não fazerem... porque eles têm uma formação de que eles deveriam trabalhar para mudar o mundo, eles tão lá... então tem uma coisa... o cara... eu já falei, todo mundo quando tem uma... fez uma coisa boa liga prá mim prá falar: ah, você não sabe, aqui nós estamos começando um projeto... não sei o quê... ah, porque hoje eu dei dinheiro para um cara na rua... tal, não sei que... sabe? (risos) Quer dizer, prá mim, o grilo chato que tá lá... então acho que... de um lado a gente se coloca nessa postura de pedestal... eu estou aqui porque trabalho social enobrece... todos os outros são do “mal”... mas eu não acho também que a solução é sentar e dizer: estou aqui porque eu ganho dinheiro mesmo... isso aqui é um emprego como outro qualquer, e que isso é a redenção, vamos dizer, eu acho que não, eu acho que... não sei... aí pegando muito... ou eu tô aqui, eu tenho esse envolvimento com o Centro Vida, sinceramente porque? Eu sempre tive muita vontade de... eu sempre quis mudar o mundo, é isso mesmo, não é hipocrisia, tenho uma puta raiva de falar isso e as pessoas olharem e falarem — hã, hã... o que você curte é aparecer na tv, entendeu, se eu odiasse aparecer na tv, eu também não ia fazer o que eu faço, isso é parte do trabalho, então... (?) é querer mudar o mundo e achar que essa é uma puta estratégia porque eu tive outras, eu podia estar no governo, eu podia estar concorrendo a cargo eletivo, eu podia estar, sei lá, em outro lugar, na universidade pesquisando... (avião passando) (?) obviamente o que me dá prazer, eu acho um tesão, é ótimo, todo mundo é jovem, não tem uma pentelhação, você tem liberdade para discutir uma série de coisas, a gente criou isso aqui, a gente está criando isso aqui todo dia, é bom isso, prá mim é bom isso, e... eu acho que tem uma coisa de ter tido a oportunidade de fazer isso também, porque hoje você ainda tem algumas vagas profissionalizadas no terceiro setor, ainda não é um mundo grande, eu pude fazer isso, fazer isso muito tempo... como muita gente aqui, em outras áreas, sem ganhar nada, porque meus pais me deram condição para fazer isso, eu podia estar com vinte e poucos anos e estar tranqüilo lá... diz ah, vou para uma ONG, não sei se

vai dar dinheiro, não vai dar dinheiro... não sei se vai ter condição, porque eu tinha alguém... então acho que... esse sentimento pra mim é o seguinte, é... eu acho que é nobre, eu acho que é assim... já abri mão de uma série de coisas, para os dois lados, abre mão daqui... acho que tem um... a gente precisa quebrar a coisa da... só pode dizer que é porque quer mudar, porque quer melhorar... mas acho que tem que ter liberdade para dizer isso também, sabe, porque muitas vezes é sincero, a pessoa faz essa opção porque quer de fato promover uma mudança, porque acha que aqui é o caminho e... se hoje é possível ganhar dinheiro e ter uma carreira profissional nisso, eu acho que o (dilema?) tá muito a isso, é uma novidade... e isso é bom que aconteça porque o peso que colocam nas pessoas que... seja de culpa, que a gente mesmo coloca, seja o desafio do país, seja as coisas que aparecem, o papel que se coloca na sociedade civil... todo mundo, governo... joga na sociedade civil, é muito grande, se você não permitir a profissionalização disso, entrar gente, tanto um idealista quanto um um pouco menos idealista, porque um pouco idealista todo mundo é... eu acho, você não vai conseguir dar conta dos problemas... agora, como é que foi o primeiro atrativo, se foi dinheiro, como é que foi... agora, se permanecer nisso, continuar a meter a cara, eu acho que envolve sim, não é só idealismo, porque não enche barriga mas é... e aí muito pouca gente pode dizer isso mas é... alguma mistura aí... nesse meio do caminho...

**Joana:**

Então... eu queria falar... porque na verdade, para mim também é um pouco (?) assim... Eu vim trabalhar no Centro Vida, porque na verdade o Centro Vida construiu pra gente uma noção de trabalho mesmo, e acho que é importante falar isso de trabalho remunerado... Óbvio que não é deslocado de todo o resto, eu tenho uma série de inquietações na minha vida que eu tinha resolvido até então fazendo minha pesquisa, fazendo minha dissertação... e poder trabalhar numa ONG é poder trabalhar efetivamente, então (?) trabalhar e ganhar um salário tal, menos pelo salário mas mais pela idéia de você ter um trabalho que dê conta dessas suas inquietações, sei lá, a vontade de mudar o mundo seja culpa também (?) de todas elas juntas... E acho que o Centro Vida, pra mim, contribuiu muito nesse sentido, como uma possibilidade de você trabalhar com isso... tinham coisas que não se resolviam só na pesquisa, porque eu acho que é bem limitado, e que foi justamente uma intervenção social, para mim tem esse outro caráter super forte... só que daí ainda tem uma outra série de coisas que, enfim, pra mim é super importante a possibilidade de trabalhar com o Angola, por exemplo, quer dizer, conviver com uma pessoa que é da periferia, (?) que não é por circunstâncias, que não é de pesquisador (?) que não é de intervenção social, não,

no ambiente de trabalho, porque o Angola é um gerente, como eu sou uma gerente, quer dizer, essa é uma oportunidade raríssima, que a gente... enfim, convive de uma outra maneira e eu acho que isso é um privilégio prá todo mundo e o Centro Vida proporciona isso (?) e eu acho que isso é... eu encaro como um privilégio enorme. Só que, dentro de tudo isso, eu criei uma dificuldade muito grande de...(?) uma série de problemas... você encarar projetos individuais, dentro de um trabalho social, como que (?) e acho que isso é motivo de conflito tanto na relação Pinheiros – Periferia, quanto na relação... assim, dos projetos que não deu tempo de entrar numa ONG, tanto a atitude de Pinheiros quanto a atitude da Periferia, porque é inevitável você ter um projeto individual... eu acho que quando você está pensando num trabalho social, existe um bem comum, existe uma informação (?) que todo mundo acredita e compartilha, que lugar que esse projeto individual ocupa nisso e quão grande ele pode ser, se ele pode entrar em conflito com esse bem comum, se ele pode ser maior que isso, se ele pode perceber esse projeto, independentemente do projeto maior, (?) e acho que isso é um motivo de conflito, eu acho que eu disputo (?), o Angola não pode (?) porque existe um projeto individual, como existe o meu aqui, que (?) eu acho que isso é um motivo de conflito...

**Jorge:** E eu perguntaria para vocês dois aqui... que também... que trouxeram tão... como é que é para vocês (?)?

**Pedro:** É... tipo... o que nós ganhamos... eu, pelo menos, o que eu ganhei no começo e o que eu ganho... acredito que vou ganhar ainda, é cultura... já sei várias coisas que eu não sabia antes, que nem... o ... eu não sabia o que era o Centro Vida, eu não sabia... qual o objetivo do Centro Vida, estou aprendendo várias coisas, tipo eu jamais tinha... tipo... comunicado assim... eu da periferia com pessoas assim da classe média... da classe alta... assim, se não fosse (?) prá mim conversar assim... que um minuto assim de conversa você podia sair preso, ia sair porrada, tipo assim... ia sair xingamento e hoje eu estou vendo que prá mim está sendo diferente, estou aprendendo várias coisas, (?) e prá mim está sendo fundamental, apesar que hoje em dia não vai fazer muita assim diferença assim que... tipo o aprendizado devido o que ocorreu o fato (?) nós dois táva, porque eu sempre fui uma pessoa que corri atrás de informação... procurei estudar, porque eu consegui concluir o segundo grau.. por falta de recursos também não pude fazer um vestibular, uma faculdade, sei lá, que for, fiz vários cursos oficial do governo mesmo assim... (?) eu táva lá na quebrada lá eu fiz três pontos, três diplomas...(?) administração de empresas... que eu comecei... que hoje em dia prá mim é a mesma

coisa (?) a realidade (?) não vai ter diferença, esse fato aí... que acabou com tudo, entendeu?

**Jorge:** Como é que é esse fato todo da morte, de vocês estarem aqui... vocês ganham alguma coisa, depois do ocorrido, da morte, estando aqui?

— Como assim?

**Jorge:** Muito desse grupo, ele se constituiu em função do... fato de vocês terem tido essa experiência, de terem matado essa pessoa, e a partir daí começou a se constituir esse grupo, né? Como é que tem sido isso para vocês? Como é poder falar claramente, como eu estou falando aqui, agora, esse grupo se constituiu a partir do fato de vocês terem matado uma pessoa, falar com essa clareza?

**Pedro:** Deixa eu fazer uma colocação assim tipo desde o começo, assim, quando aconteceu esse fato, a primeira coisa que a gente tinha pensado, assim... é no Centro Vida, como nós tava fazendo o curso do PROCVI, eles ia ter que saber, porque nós pretendia continuar o curso, porque nós começamos e não gosto de deixar nada inacabado. E tava sendo um... bom aprendizado para mim o curso... aí nós colocamos pro Carlos, Ana... fizemos uma reunião lá e aí nós colocamos nossa... tipo o nosso interesse assim prá eles, falamos ó, nós tamo interessado em continuar o curso, apesar do que aconteceu, e como seria até... tipo eu entendia o lado, seria até um pouco complicado continuar o curso, devido a segurança de outros alunos, dos professores... aí foi feita essa proposta aí do Centro Vida, prá nós continuar... com o Centro Vida, assim... mas nós tinha que querer mesmo, não... assim por dinheiro... por... nenhum recurso assim que o Centro Vida ia trazer prá nós, porque o objetivo deles não é encobrir o que nós fizemos, é tipo... tirar nós assim, mostrar prá gente que tem outra saída, não...pegar... olhou torto prá mim eu puxar o revólver e... descarregar na cara do sujeito... o Centro Vida queria mostrar um outro caminho prá nós, prá nós aprendermos... aí...deu um tempo prá nós pensar, nós pensamos, e eu achei que seria legal, tinha começado o curso já, já tinha conhecido mais o Centro Vida, eu vi que seria o caminho mais correto a seguir do que o ... depois ficar com o revólver... com o homicídio... (?) ou então trabalhar numa bocada, sendo que não ia ter conhecimento, não ia ter nada... foi mais mesmo assim por causa da cultura, assim, e por causa da proposta...

**João:** Eu, assim, no meu caso assim, ó... através desse fato aí... eu pensei assim... tipo... quando o ... eu falei lá prá professora... falei: é professora, aconteceu...a primeira coisa que a gente fizemos, acho que uns dois dias ou um dia depois do acontecido, a gente chegamos, era dia de curso, eu fiz o curso, nem cheguei na hora

exata no curso, eu cheguei depois, quase no final do curso, e cheguei e chamei a professora e falei, ó professora, aconteceu isso, aquilo... assim, assado, e... a gente só veio informar que a gente não vai continuar fazendo o curso, porque a gente também pensamos, eu pensei tipo assim... ah, vou continuar, vou ficar quieto... fiz isso, vou ficar quieto, se a polícia me pegar eles vão saber, mas não tem polícia atrás de mim... então firmeza, vou continuar o curso, é isso mesmo, vou botar meus outros amigo porque eu fiz amizades nesse curso aí, achava que o curso não era nem tão importante o curso, acho que a idéia era uma família, que ali rolava a mesma coisa que rola aqui... debate, você falava, dá sua opinião...sabe, num diálogo, né, e foi... assim, foi nisso que eu pensei, eu falei ah, como já tinha acontecido uma vez uma tetra que eu me envolvi... Carlos deu a maior força prá mim... trocou a maior idéia... foi a primeira pessoa que eu pensei... eu falei, vou trocar idéia com o Carlos, né, pensei nem tanto no Centro Vida, pensei mais no Carlos, porque foi o cara que me deu uma força, mano, é um cara que... né, pensei assim, é um cara que já... são histórias né, é vivido, né, (????) pode me tirar disso, não colocar mais lenha, porque eu pensei... eu pensei assim tipo quando eu vim prá cá, tinha aquelas reunião assim...né mano, aí eu fiquei até assim... falei nossa, tô trocando idéia com pessoal, tava me sentindo maior assassino, tá ligado, até fiquei meio assim, falei será que é porque eu não sou do Centro da vida? Não vai que chega lá, ou quem tá ouvindo a história chama a polícia e nós vai preso, eu fiquei meio assim mesmo, vim... até no primeiro dia, que assim... quando nós chegamos aqui prá fazer essa reunião com o gravadorzinho, falei... será que aquele moço é da polícia? Fiquei pensando... fiquei pensando... colocar o gravador... queria que a gente... que nós mesmo confesse o crime que nós fizemo. Aí firmeza, aí independente disso assim ó... o que eu ganhei assim ó... foi assim, vamos dizer assim, uma coisa que eu não tive, confiança e oportunidade... de saber que ainda tem alguém querendo lutar, apesar do meu erro, tem alguém querendo lutar, não consertar, mas tipo assim amenizar aquela situação... não de eu me envolver mais em confusão, né, até quando a Ana fez a proposta prá nós, tal, eu achei, nossa, eu fiquei até o maior felizão, porque eu falei nossa meu, eu pensei que o Cento Vida ia bater com a porta na nossa cara, mesmo assim, ó, nós não quer mais nada com vocês mais não, que a gente... eu ofereci prá vocês lá, vocês não abraçaram, vocês (?) então, ficou nisso. Aí eu... quando eu vi realmente que era uma proposta prá nós, eu fiquei o maior contente, aí eu me senti tipo assim aliviado assim... de chegar, sentar e analisar, né, porque nesse meio tempo que ela fez essa proposta prá nós, apareceu outra proposta de trabalhar no tráfico,

né, que os cara vinha já dizendo assim nós paga uma, fica aí, não, nós vamos trabalhar com não sei que...(?) e eu, até falei prá eles, falei não, eu não vou mano, tô trabalhando, tô trabalhando lá no instituto lá, tal, eu não vou não. Os cara...ô mano, você não quer fazer uma habitação... (?) você ganha 90 contos em dois dia, meu... falei não, eu vou ganhar 90 conto lá mas vou ganhar 90 conto lá (?) e tipo sem preocupação, apesar do fato, (?) mais preocupação, né, os cara não, firmeza, não sei que lá... então foi esse tipo assim que eu pensei, falei assim, uma oportunidade, né, que tipo assim, se eu tivesse jogado a oportunidade que eles mais uma vez, que eles deram prá mim, fora, tinha jogado, tinha parado de trabalhar, né, perder o emprego, até a notícia caiu morto (?) pagando pelos meu erro, né, então, foi tipo assim, foi nisso que... que... me incentivou assim mais... como posso dizer assim... a VIVER, mano, de novo, que tá meio assim até de um jeito que quando nós tava forçando aqui na mesa aqui, tava o Carlos e o pessoal, até chorei aqui porque eu tava me sentindo o pior do ser humano... não tava me sentindo nem mais ser humano... porque pô, você tirar a vida de alguém, mano... não é assim, não é uma coisa fácil de você... não é você chegar ali e pá... antigamente até quando eu atirava pedra em passarinho, eu pô... falava tirei uma vida, mano... uma coisa que podia até... né... aí eu fiquei, eu ficava pensando assim, né, meu, tal... o Centro Vida tipo assim... trouxe prá mim, tipo igual eu falei, tem muita gente que não me deu oportunidade, conhecimento, que é o que eu estou tendo agora, eu estou vindo aqui, tipo assim, (?) não é porque você tá, você vai lá, você fica lá, (?) é até o que eu estou falando o que acontece aqui, não mas troca a maior idéia... (?) bom, mas se você estiver lá com um monte de granfino lá trocando idéia, mano, olhando prá tua cara, e aí, como é que você fica? Eu falei não, pelo contrário, mano, se você conhece lá, lá só tem doido, meu! (risos) falei lá só tem doido porque a linguagem... tipo assim... se a gente chega aqui, a gente fica analisando... igual eu... a primeira vez que eu cheguei aqui... aí não sei quem falou um palavrão, eu falei pô, tô me sentindo em casa, já, maior firmeza... (risos) ouvi uma gíria... é mesma coisa, assim, até quando o Carlos táva dando aula prá nós, uma menina, o Carlos eu encho o saco dele e tal, falando bem assim, aí até a Adriana falou assim, é você tá falando uma gíria que não sei o que... tal, falou um monte, aí falou não, esse é o modo que eu falo, tal, eu falei não, esse é dos nossos, Adriana, não fica enchendo o saco não, que não sei que... foi assim que eu me senti, né, quando eu vim a primeira vez aqui, cheguei na porta, vi o barato aqui, falei pô, (casinha laranja?) coisa de metal lá... mano, nós não é louco mano, vamos (?) eu falei, tava até brincando com o Marco, aí fui... aí eu vi que tinha gente aqui da periferia...tipo

assim, pensava assim... (?) o pessoal chegou, me cumprimentou, eu vi que era pessoal, assim humildade me pareceu, né, aí eu me senti bem assim, de... me senti em casa... mesma coisa que estar na minha casa, levantar os pés, né meu, e botar na mesa, né. Foi assim que eu...

**Jorge:**

Parece que uma das coisas que nos une a todos aqui, nesse momento da conversa, é a possibilidade que a gente pode ter de falar com liberdade da nossa experiência de vida, né, seja ela qual for, e isso que estava me chamando a atenção, essa pergunta, né, como se a gente tivesse, de alguma forma, proibido de falar dos nossos verdadeiros sentimentos, pensamentos, ou da nossa experiência, por uma série de... permissões mesmo da fala, não é, quando o Angola trouxe a questão também, não é, você não pode se expressar com aquilo que você está vivendo, quer dizer, o que eles estão vivendo, que eu não entendo, (?) então um espaço onde possa se falar dessa morte, adquire, esse espaço adquire uma significação muito grande, que possa se falar dessa morte, que possa se falar do que se sente, possa se falar do que isso significa na vida de vocês, na vida das outras pessoas também. Então, mas isso é um negócio que nós temos que ficar muito atentos, não é, como nessa situação de trabalho social, de encontro com as pessoas, de encontro... pessoas tão distintas como o Centro Vida propõe, para poder fazer um trabalho que tem essa... de encontro entre diferentes classes sociais, inclusive, como se fica prisioneiro de um lado, de outro, sem poder se dizer verdadeiramente quem se é e o quê que se quer, é como se tivesse várias regras, várias normas proibitivas, então só queria te dizer, Angola, essa questão quando eu digo, não é de abandonar, não, pelo contrário, é de poder... o fato de você conseguir, com a tua experiência de vida, fazer alguma coisa que te profissionalize e que você está lá, levando essa experiência de vida para lá e para cá, é o oposto de renegar, pelo contrário, está buscando caminhos e pontes de saída, entende, e poder falar disso aqui e lá e quanto mais a gente puder falar disso, e tem que poder falar que é legal ter um trabalho ou poder falar que é legal ganhar uma grana, que é legal estar com o site das pessoas, de não ficar, porque o ... a gente sofre, todos nós como está aparecendo no grupo, quer dizer, a gente sofre muita pressão, né, a gente pode pegar o Felipe, como porta-voz de um lado, você do outro e tipo assim que você é o traidor, você é o cara que renega, né e ele também...

*(Fim da fita)*

(...) muito apreensivo... vou perguntar, mas o que você ganha com isso, afinal das contas, essa pergunta quantas vezes já te fizeram, o que você ganha com isso, afinal das contas? Se a gente não pode

ter liberdade de falar, como a gente está falando, nós não vamos poder pensar coisas novas, é por isso que eu estou insistindo nisso. Se a gente não puder falar o quê que é, porque que eu estou aqui e qual é o meu encontro contigo... nós não vamos poder pensar coisa nova... nós vamos ficar pensando quadrado o tempo inteiro, não vamos criar.

**Emilia:** Eu só queria completar uma coisa, eu acho que... não sei se eu entendi bem a fala do Angola, ele também estava falando que não dava prá falar dessa merda aqui, né, de alguma forma... aquilo... sair daqui é o que eu quero...

— É, nesse sentido...

**Jorge:** Não, estava dizendo da brutalidade da gorda... do quando você diz olha, tem que (anotar?) para falar da relação ao projeto... devido às... porque é uma merda, né, é uma merda como as pessoas estão sofrendo nesses lugares, isso que eu quis dizer...

— Só queria pegar isso para dizer uma outra coisa, como também quem está no trabalho social não pode dizer: que merda que esse projeto não dá certo! Porque é tanta pressão de fora, que quem está no trabalho social diz: que merda que o Centro Vida não encontra a saída... né, como se dizer, que merda que é este lugar da onde eu estou, as duas coisas seria renegar o lugar que se está, ou o Centro Vida, como projeto social, ou a localidade que mora, quer dizer, a gente não pode xingar o lugar que a gente pertence, a gente tem que ter sempre ele em alto ideal ou é o lugar de onde eu vim, ou é o Centro Vida, como instituição, quer dizer, não adianta a gente falar dos lixos, do que não dá certo naquele lugar, eu acho que também o grupo ter surgido a partir do que ocorreu com vocês, é um pouco... o Centro Vida se transbordou, vamos por o lixo prá fora... o quê que não deu certo aí? O quê que não dá certo, que a linguagem não atinge, o quê que não dá certo que eu não consigo dizer para o meu companheiro que eu não sou um vendido, né, porque que ele ainda me vê como um vendido, porque que ele tem essa brincadeira que incomoda, porque que cada um liga para o Felipe, ó, tem dinheiro prá tal ONG, porque que né... enfim...

— Posso falar? A única coisa que me incomoda, é a gente fazer essa simetria tão direta entre os preconceitos que o Felipe sofre, os preconceitos que o Angola sofre porque eu acho que eles...ãh... porque por mais que a gente queira ser convincente, pitoresco, nossa... é bem diferente... porque em cinco minutos de conversa, isso se... é uma medida... (?). Bom, o que eu acho que o Angola traz, o que o (?) traz, eu mesma (?) medida estrutural mesmo, é um problema de como você (?)

- Jorge:** Do jeito que está, está eliminando as diferenças de classe, os conflitos de classe...
- Não, não, não, eu só acho que assim... essa simetria entre... tudo bem...nós dois sofremos preconceitos, pode ser ver... eu acredito nisso, eu acho que eu também, mas acho que o grau que isso... até onde isso alcança na sua vida, eu acho que é diferente (?) senão também fica muito fácil...
- Eu não acho... Sinceramente, eu acho que você está supervalorizando o outro lado... o Angola, ele pode ouvir que é vendido, não sei que lá e tal, o Osmar, porque eles têm um envolvimento social, porque eles possuem um negócio lá que é dentro de um nicho muito específico... porque super crítico... super...
- É na rua do Angola, é o vizinho do Angola...
- Eu não sei... eu acho que se você pega do... aí pode me corrigir se eu estiver errado, mas eu acho que a gente às vezes discute muita coisa um olhando de fora e super... normalmente a gente minimiza o nosso e supervaloriza o do outro, não estou dizendo que é rigorosamente igual, mas eu acho que a gente pode estar caindo aqui no mesmo... na mesma coisa do que estava sendo falado antes. Ah... não...é muito mais difícil... é muito foda, não sei que...acho que não é assim também, porque você vai ter muita gente que vai olhar para o Angola, eu imagino, e vai falar assim, meu, (?) tem um emprego, para começar! Puta que tesão ter um emprego, que tesão você trabalhar com um negócio que você faz uma coisa legal para a comunidade! Eu acho que talvez no grupo de rap dele...no pessoal que é mais crítico, que é mais engajado, que está mais ligado na coisa, que até sabe, já ouviu que o Centro Vida, e liga isso com alguma outra coisa pode haver o (?) como é exatamente no mito que a gente sente esse questionamento, muito mais que no geral, porque no geral a sociedade vê produtivamente todo mundo que trabalha aqui, uma coisa prá... melhorar o mundo, mesmo que seja pobre... as pessoas vêem isso como produtivo, por isso que falei prá (Karen?) você está chamando aqui a atenção do lado crítico!
- Ana:** Depende da história de vida da pessoa, acho que não tem (?) classe social, honestamente, aliás, na minha opinião, tem muito mais a ver com história de vida, porque eu e o Felipe, a gente pode, inclusive, ter feito as mesmas, muitas coisas parecidas, mas tem uma coisa que é assim: o tipo de preconceito que eu sofro, tenho certeza, que é menor do que o do Felipe, porque a história de vida da gente é diferente, porque ele tem dois irmãos mais velhos que trabalham com determinada coisa, eu tenho quatro irmãos mais

novos que não trabalham com nada... então é assim, na minha casa tipo eu TRABALHO, cara, e eu moro sozinha, o Felipe é o caçula e mora com os pais, então só isso assim, já é diferente, o tipo de preconceito que ele sofre e eu sofro, então eu acho assim... as conseqüências podem ser distintas, mas eu acho que é assim, preconceito de coisas que tem a ver com história de vida das pessoas, prá mim é, meu... o sentimento da pessoa... é TÃO profundo quanto...

— É... e isso não quer dizer que... ah... todos nós sofremos preconceitos... pa, pum, pum. Certo?

*(todos falando ao mesmo tempo)*

— Rapidinho... só o aspecto do porque eu fiz essa pergunta, e... qual o meu objetivo com o grupo... Em primeiro lugar, desde que eu comecei com o grupo, quer dizer, uma semana depois, eu achei interessante a proposta, a primeira vez, quando eu voltei, não consegui dormir de noite, aí a Ana falou uma coisa que é real, você... a conseqüência do Rafael não dormir de noite é diferente da conseqüência do Pedro e tal não dormir de noite. Isso, de fato, concordo plenamente com a Joana, quer dizer, a conseqüência... não adianta o Mario, por exemplo, falar eu troco sentimento, a conseqüência do que o outro vive é diferente e eu aprendi a respeitar isso, embora eu ache que a gente tem que trocar sentimento, e esse é o meu princípio de vida, eu prefiro, eu aprendi a respeitar as diferentes conseqüências. É o caso do Osmar que colocou a história da água que estava caindo, não é, e quantas pessoas se viram nessa situação aqui? Quer dizer, não adianta a gente também... equalizar... né? Agora, o que eu acho interessante daqui, é porque sempre quando eu comecei a trabalhar com um grupo, eu comecei muito novo a me interessar, aos 8 anos de idade já me interessava por tudo isso, pá, pá, pá, comecei a fazer ciências sociais com 14 anos, então, quer dizer, fui construindo um objetivo de vida muito cedo, e com o apoio dos pais, e... tudo o mais, e o que sempre me deixou com inquietação, é como construir um fato, quer dizer, como construir uma forma de conversa, um nível de confiança com as pessoas. Eu não acho que a gente esteja próximo de construir um nível de confiança no trabalho que a gente faz na periferia. A gente não está quase conseguindo construir um nível de confiança aqui, entre os parentes, os irmãos e tudo o mais. E isso é imprescindível para se fazer qualquer projeto, para o país, para se pensar qualquer coisa. Então dialogar, poder dialogar e poder dizer claramente, de forma crua o quê que vocês pensam quando me vêem, e aí eu acho que aparece muito mais isso quando vocês falam do granfino, que sente aquilo, que as pessoas não entenderam... vocês não, vocês já

estão num outro nível, o que eu entendo é o seguinte, vocês já assimilaram a experiência, entendeu, existe a diferença, vamos assimilar e vamos tentar construir alguma coisa em conjunto. O Angola também, então é difícil você perguntar para o Angola, (?) conversa muito com o Angola, dessa forma, porque para o Angola é mole, já assimilou. O Angola já superou esse estágio, de alguma forma, entendeu, mas ainda tem coisas que a gente pode tirar da experiência do Angola, da experiência dos garotos, da minha experiência, da experiência do Osmar, e a minha experiência, eu sempre falo isso, pode ser ridícula para as pessoas que convivem e trabalham comigo, mas a minha experiência de vida, nível familiar e tudo o mais, é muito diferente das pessoas que estão aqui, é bem intermediário entre um lado e outro mesmo. O meu pai, por exemplo, está desempregado há muito tempo, minha mãe é dona de casa por falta de... porque não conseguiu mais trabalhar... então, quer dizer, é outra história e eu acho que essas possibilidades de construir conversas que joguem esse fato da realidade é importante.

**João:**

Quero fazer uma pergunta... é tipo assim, eu vejo assim... do meu ponto de vista assim... quando a pessoa fala assim: ah, (?) da gente, tá, veio da periferia... tá... antigamente, igual eu falei pro cê, eu tinha um certo preconceito, tá ligado, porque eu não conhecia você, eu nunca parei prá conversar com você, então prá mim você era de falar... pô, polícia, cara! Você ficava buzinando coisa de política, pá, mano, já era! Tem um mês já, tipo, tá ligado, como se fala mesmo? me discriminar... eu ficava bem assim ó mano, se (?) uma aqui e uma outra ali era discriminado (?) espaço prá (?) com cara de sabonete. Tipo assim, a gente vê, tá ligado, a gente vê vários irmãos, tipo assim, eu tava com o meu irmão, pelo menos a minha pessoa assim eu tava com o meu irmão (?) qualquer pessoa, só tipo assim.. é... irmão... mesmo uma pessoa aqui, você, que está sentado agora, a gente vai tratar você, tá ligado, como se fosse um irmão, você vai chegar lá, pá, você vai comer do mesmo prato que nós, né, hoje, tipo hoje eu vim aqui para o Centro Vida, tipo assim, a mulher que eu vi lá eu não trato ela do mesmo jeito porque ela me tratou de um modo que eu me senti até humilhado, porque ela viu a gente saindo do carro dela levantou vidro assim rasgando... puf! Eu até falei pro Pedro, ô Pedro, eu falei tá vendo, se a gente tivesse no crime aí, a gente aqui ia zoá da tiazinha, porque ela levantou o vidro tão rápido assim do carro importado, (?) o carro, aí eu falei nossa meu, que mulher doideira mano, calor desse, meu! Aí depois quando a tia olhou assim... ela ficou olhando pelo espelho retrovisor assim... eu falei ó mano, olha o tipo da mulher... essa eu não ia gostar porque ela não soube me tratar, tá ligado, como igual quando eu cheguei aqui... fiquei meio assim... falei

puta meu, como é que eu vou fazer? Tipo... quando eu ficava vendo, assim, as pessoas de vocês assim, falava ah... (?) então vou ficar na minha! Aí que o Pedro fica tirando a maior onda mesmo, da cara de todo mundo, mano, tá ligado? Aí depois NÃO... a gente fomos até almoçar, foi eu ela o Pedro, a outra moça aí, fomos almoçar ficou de tocaia (?) até nós tava até comentando, (?) doidona mano, doidera memo (?) muito doida mano, ninguém é santo, então tipo assim, foi isso que eu fiquei pensando, tá ligado, fiquei pensando assim desse jeito, meu!

— Legal!

**Jorge:** Vamos ter uma (?) Carlos...(?) que a gente está encerrando.

*(muitas falas)*

— Não... eu não vou nem desenvolver assim, mas eu vou falar porque eu acho que... enfim, eu acho que pode ficar para o nosso próximo encontro, que com essas falas de hoje me vieram assim dois problemas... que eu sinto muito, assim, na sociedade, assim... um é a culpa... e o outro é essa coisa que se convencionou onde as pessoas não podem normalmente dizer o que pensam umas para as outras, né, necessariamente você dizer o que você pensa a respeito do outro é um hábito que deve ficar... é um hábito de agressão... e aí eu acho que isso é muito generalizado e eu acho que às vezes a nossa possibilidade que a gente tenha de quando chega à periferia alguém vim te questionar e você ter que estar engolindo, às vezes eu acho que às vezes é mais por conta disso, dessa cultura que se criou e menos às vezes pela... sabe... ah, ele tá na periferia, ficou com medo e, digo bom, eu tenho que entender ele porque a situação dele é assim ou assado. Enfim, eu teria que desenvolver mas eu acho que...vai se perder...

**Jorge:** Então eu só queria colocar uma coisa... eu acho que o que a gente conversou hoje, mais do que nada, me parece significativo, se a gente não fala de determinadas coisas, como você está dizendo... não dá para pensar, não dá para pensar! Então você começa a fazer as coisas sempre do mesmo jeito, você vai para a periferia do mesmo jeito, você vem para cá do mesmo jeito, você faz... porque você está impedido de pensar, porque você tem que se justificar tanto, você tem tanto medo de falar, que você não pode ser criativo, não é, e eu acho que essa é uma questão muito importante para ter um trabalho social. Que as pessoas é como se estivessem muitas vezes que... ler um script... isso pode, não pode... e perde uma espontaneidade que é uma coisa da gente estar podendo falar aqui... da espontaneidade é o que vai permitir pensar, pensar com mais profundidade, com mais amplitude no que a gente está vivendo, né? Tá? É isso.

**Emilia:** Eu só queria falar que eu acho que essa experiência aqui é o oposto do que a Ana falava do Manual... que me ocorria assim, esse Manual...é um pouco uma defesa, tipo é tão...cansativo, ter que se justificar tanto, que eu vou pegar um Manual, quer dizer, um trabalho que a gente pode fazer aqui é o anti-Manual, no sentido de... bom, como é que eu posso não ter que me justificar, mas me preservar? Me preservando, como eu posso não ter que viver me justificando.

**Jorge:** E aí, só para... complementando isso, conforme você falava, que na verdade, se a gente conseguir com que a matéria prima do nosso trabalho seja o sentimento, esse que você está dizendo, que essa matéria prima fez com que você pudesse fazer o livro, né, a tua experiência de cá e de lá, enfim, essas coisas todas, as experiências de vocês, de é quase como que...vendo um mundo que para vocês era fechado e era uma coisa só, vocês vêem que não é tudo a mesma coisa mas que existem diferenças, quer dizer, essas experiências eu acho que são o que verdadeiramente permitem com que a gente faça o motor do nosso trabalho, não é, se a gente se desconecta dessa questão, da questão da justiça, ou de que isso é ter um tesão, ou da coisa da justiça... não tem motor no nosso trabalho, é isso que vai permitir com que a gente seja verdadeiramente criativo... nossa própria história de vida... o que nos levou a estar em tal lugar, ou qual lugar... né, é o que permite com que a gente seja verdadeiramente orgânico naquilo que está fazendo, autêntico naquilo que está fazendo...

(...)

**Isabela:** Eu queria saber de um tema aqui que eu tinha pensado da outra vez, talvez seja um pouco (*ruídos*) (??), mas o que será feito do material que a gente... do que foi produzido aqui? A gente vai fazer alguma coisa em grupo ou se a gente não fazer nada? Se isso... um pouco assim, além do Centro Vida, mas o que esse grupo vai fazer com isso? E acho que eu devo (??), vou falar pra vocês... E eu tinha muito... queria conversar... queria que as pessoas que tivessem aqui... são coisas muito ricas. Na última... falei pra Ana, que na última reunião, nós fomos embora daqui pensando que... tudo que eu tinha feito até agora relacionado a esses temas tinha sido café com leite se comprado ao que a gente está discutindo aqui, e ao como a gente está discutindo. E eu tinha muita vontade de usar isso na minha pesquisa. Não exatamente o que foi feito aqui, mas, assim, sinto que eu devo, claro (??), mesmo as reflexões que eu faço a partir disso, e acho que é uma coisa que eu tenho que dividir com o grupo, estou sabendo o que as pessoas pensam: umas falam *eu não quero*, umas tem medo que eu vá usar nesse trabalho, quer dizer, vá dar o nome das pessoas. Mas, são coisas que eu pensei aqui que eu queria saber se todo mundo (??), o que a gente vai fazer com isso.

**Felipe:** Você pensou em usar, mas eu acho que disso depende também a forma que a gente suporta isso.

**Isabela:** Lógico, exatamente. Por isso que eu estou querendo discutir...  
Porque eu tive pensando que se isso vai virar um texto, como a gente já conversou aqui, eu acho que é uma coisa que a gente também podia conversar sobre como apresentar esse texto. Ouvir um pouco de todo mundo, né.

**Ana:** Eu acho que a gente devia até... fez um pacto entre o Felipe com o Jorge, com o (?) semana passada também, daí menos sobre a questão do produto específico deste texto. Se a gente quer divulgar, não quer. Acho que, o que eles chamam institucionalmente. Que é uma coisa que acho que ao mesmo tempo, o (?), sabe, ver como as coisas são ditas e tal e até pensar tudo. Isso aqui talvez seja uma base pra gente decidir pelo (?) melhor internamente. É preciso conversar com outras pessoas. Enfim, talvez de tirar quais são as linhas aí que a gente precise aprofundar, né, acho que isso acabe resolvendo, seja um caminho, mas pra mim encontrar uma coisa de... uma conversa com o (?), com o William, com o (?) de que a gente talvez pudesse aproveitar a experiência do que foi esse grupo, pra multiplicar isso pra

outras instâncias, assim, né, de... sei lá. A gente vai falar: *Porra, criar esses grupos nas periferias*, sabe? Mas, daí, sei lá, comecei a pirar que talvez isso pudesse ser paralelo a outras coisas que a gente faz, então. Até a gente, igual começar, eu e o Ale, na hora de bolar o que seria a estrutura das Casas da Juventude, que tivesse um terceiro encontro, que fosse um encontro mais de discussão sobre a contradição de você ser um agente comunitário e ao mesmo tempo as contradições que você vive pelas transgressões originais que você queira ou não fazer. Então, sei lá, que isso pudesse ser... começou com essa estória, né, mas depois eu até comentei... conversei com o Jorge, falei assim: *Pô, por que não então testa os grupos paralelos aos grupos onde a gente já trabalha outras questões?* por aí, enfim. Não sei, talvez seja um pouco a piragem, talvez o produto não seja só o texto, mas acho que a gente criou um negócio que tão (?), dá mais (?) físico, multiplica o número de inovadores, se a gente pudesse, né, pensando como isso pode se multiplicar, enfim, também pra mudar um pouco todo o produto que fica dessa estória, né, além do conteúdo específico, é a forma de trabalho, que eu acho que é...

**Plínio:** Então, quando eu comecei a participar dessas reuniões aqui. Foi assim: eu tô fazendo um fichário sobre a minha vida, o trabalho que a gente faz na periferia, em torno do quadro Violência, né. E tem um menino que ele sempre me acompanha, filmando, né. Queria ver com vocês, o que vocês está fazendo pra (defender?), inclusive, que eu faço muita palestra em escola, né meu. Seria legal, assim, ouvir a opinião. Seria legal tá passando a opinião de cada um desses encontros. Eu não sei o que vocês acham. E tá aproveitando, até como um texto mesmo, né, porque eu estou escrevendo mais um outro livro, então todos lugares que eu vou, eu faço um relatório, como que foi...

**Emilia:** Mas, aí você está imaginando em usar o texto, alguma coisa assim, Plínio? Como seria?

**Plínio:** Também, também. O texto, a fala de cada pessoa e tal, entendeu? Pra mim tá sendo útil pra esse outro livro que eu tô escrevendo, e dentro das palestras que a gente faz nas escolas, né, entendeu?

**Emilia:** Então, eu acho que tem uma preocupação geral de todo mundo, nem é preocupação exclusiva, igual que a gente colocou a questão do gravador, era com relação à preservação das pessoas, né, de que se pudesse ao mesmo tempo estar se falando as coisas, mas como é que fica isso se nomeado, seja com nome, com quem que fica esse material. Já surgiu aqui como... na discussão da confiança e do respeito, né, como essas coisas são importantes. Também, hoje, surge assim: *Bom, todo mundo tem um pouco um interesse em se apropriar da sua participação nesse grupo e de poder transmitir essa experiência de alguma forma*. Eu acho isso bastante interessante, que possa surgir de fato de cada um, uma vontade de publicar, não no

sentido de publicar por escrito, mas de tornar público essa nossa discussão.

**Plínio:** Seria o trabalho do grupo, não o trabalho de uma pessoa só. Que a gente trabalha com o grupo.

**Emilia:** Então, seria uma...

**Plínio:** (?) dar-se um nome a esse grupo.

**Emilia:** Claro.

**Plínio:** Um nome.

**Emilia:** Eu fico pensando também que a gente possa fazer talvez onde tem trabalhado com a transcrição, né, das fitas. E eu acho que desde o início se colocou como público no sentido de que todos nós teríamos acesso, não é material meu e do Jorge, não é material do Centro Vida, e tal. Então, eu fico pensando na possibilidade de se fazer circular, de cada um ter o material, as entrevistas tais quais elas foram transcritas, talvez já é uma proposta que no último grupo se discutisse um pouco essa questão, porque, por exemplo, pode ser que alguém não queira ser identificado, né, e aí ponto. Então, como se fazer nisso... enfim, um pouco discutir se isso vai dar, até isso que você está falando, um uso coletivo pro trabalho. Que a gente possa chegar a um consenso, assim como a gente chegou que o gravador era aceito, né, que... como é que vai ser isso? Vai ser um material que sai em nome do Centro Vida, ou o Centro Vida vai utilizar outra forma que bem entende, e o Plínio, a Isabela, enfim, cada um usa da forma que bem entende ou é importante sair com registro do grupo? Enfim, que aí a gente possa em cima do material até, tomar essa decisão, porque ela é individual e coletiva, ao mesmo tempo.

— Eu acho que só nessa questão de... enfim, de nome, de identificação, acho que a princípio o ideal seria de manter a preservação dos nomes. Eu acho que esse material, enfim, todo mundo já demonstrou interesse. Acho que é um material muito rico mesmo. Acho que colocou todo mundo aqui, de uma maneira ou de outra, pra pensar, pra fazer, enfim, mas eu acho que é... bem... nem preciso dizer que isso é o que eu penso. Só estou querendo... essa questão da preservação dos nomes, eu acho importante até. Que, de repente, pessoas que até se colocaram em momentos específicos, acreditando nessa idéia da preservação, podem se sentir um pouco, numa situação mais delicada: *Não, então esses nomes agora vêm à tona.* Acho que a princípio, assim, só continuando, já que a gente disse que isso seria preservado, eu acho que é importante, e aí é isso, discutir, colocar. E acho esse material riquíssimo, acho que, legal (?) ter acesso, vai ajudar todo mundo, mas eu acho que só essa questão da preservação do nome, por ter sido um contrato de início, eu achava importante que a gente...

**Jorge:**

O que eu acho um negócio legal é da gente... está claro pra todo mundo que esse material tem sido rico, tem sido interessante, tem sido uma coisa nova, tem sido uma experiência importante pra todos nós e tal. Eu acho, nada mais dentro do espírito desse grupo, do que esse grupo mesmo pensar o destino que vai dar para esse material. Nada mais diante do espírito desse grupo, do que isso. Então, se esse material servir ao projeto que o Plínio está desenvolvendo, o grupo discute isso. Se servir ao projeto que você está desenvolvendo, o grupo discuta isso. Se servir... tudo possa discutir isso, e como a gente está tomando isso como um material coletivo, talvez a pessoa que desenvolva um determinado trabalho a partir do material coletivo. Mas é interessante que a gente possa estar conversando isso no grupo, e até, possivelmente, depois, vão surgir outras idéias também. Mas eu achava legal, como eu acho que está dentro do espírito desse grupo, duma produção coletiva onde cada um de nós se entrega àquilo tudo aquilo que tem. Então, é um negócio legal a gente discutir: *Olha, puxa tô pensando nisso, tô pensando naquilo*. Porque quando a gente chamou o Felipe e a Ana pra uma reunião na semana passada, era exatamente pra isso. Porque está no ponto mesmo, na medida em que está surgindo. Ela disse: *Bom, gente, como é que nós vamos fazer com esse grupo?* Quer dizer, como é que nós vamos encerrar ele em si mesmo, ponto final? Não tem sentido, ele é muito mais rico do que isso. Como é que a gente pode seguir com isso? Quer dizer, que resultados que a gente pode ter, que frutos a gente pode estar pensando a partir de uma experiência como essa? E aí começou a se pensar várias coisas, desde de questões de estar trabalhando, e depois talvez a Ana possa contar mais sobre isso, acho que mais é da ordem dela, do Felipe, de estar desenvolvendo esse trabalho em outros lugares até. Fórum Social Mundial. Até escrever, até isso, até aquilo, enfim, são muitas situações que eu acho que esse material ele é nosso e é do mundo ao mesmo tempo. E como é nosso, eu acho que nós é que temos que cuidar, e cada um tem um papel. O Centro Vida tem um papel, que é um papel institucional, que tem uma fala institucional a fazer sobre isso; cada um tem desde um lugar onde falar, para a produção desse material. Então, eu acho que talvez seja o jeito mais legal.

**Plínio:**

E a participação do grupo também na (?), né, porque é uma coisa que não pode ficar só dentro da sala. É um projeto. E, por exemplo, se hoje a gente tá aqui, no centro da cidade, amanhã, com certeza, a gente pode estar numa periferia, pode estar num Alphaville. E as pessoas conhecerem realmente porque vou ser sincero, sou um cara meio polêmico porque oh, quando eu fui convidado pra vir pro Centro Vida, várias situações (*passou um ruído voando*) (???) porra, minha mãe (?), né, entendeu? Então, pra nós já é complicado o hip-hop, porque os cara fala assim: *É movimento dos marginal*. Então, sempre

tem um preconceito. E eu acho que a gente tem que quebrar isso, cê entendeu? Mostrar que o Centro Vida não é um movimento de playboy. É os cara que tá... os cara tem um patamar melhor, mas tá preocupado em fazer algo por aquelas pessoas menos... é... desfavoráveis, cê entendeu? Porque o que você ouve lá fora, na maioria das vezes, é isso, entendeu? Que existe. O Mario mesmo, ele acompanhou nosso trabalho na Oficina lá, quantas vezes os cara falava: *Oh, não vai lá não, é só maloqueiro*, num falavam isso? Os cara *num vai no show de rap não*. Cê chama um amigo pra ir num show de rap: *Pô, é só malandro, é só bandido*. Às vezes, cê chama um cara do hip-hop pra ir num show do Djavan: *Que é isso, meu? Vou lá*. Então, acho que tem que discutir isso, tem que mostrar o outro lado, porque as pessoas são muito preconceituosas. Acho que a gente tem um material super rico, entendeu? Acho que trabalhar em conjunto, entendeu? mostrar porque... é que nem, não sei, teve uma mulher que falou: *Pô, é... vou na FEBEM, os cara me chama de...*, não sei, né...

— (?)

**Plínio:** É... O Alberto queria pedir desculpa, né. Falou: *Não, não é questão que me chamou de burguesa, né*. Um negócio assim. *É que eu vivo vida diferente*. Então, se você tiver acesso a esse mundo, tá ligado? que não é diferente do nosso, entendeu? se torna mais fácil, entendeu? se mostrar o projeto, mostrar a ação. Porque senão fica tudo que nem a televisão. A televisão mostra o que eles querem, né. Os cara coloca lá um grupo de Axé, e duas gostosas lá dançando. A que vai dar, vai vender cd. Então, muitas vezes, o movimento hip-hop, o Centro Vida, ou QV-10, o Movimento Negro, os cara rotula em cima. Acho que tem que mostrar em ação, né meu.

**Ana:** Uma coisa que eu queria compartilhar, assim, que eu...

— A minha preocupação é essa, cê entendeu?

**Ana:** Entendi. É que eu acho que tem um negócio assim de... eu fiquei... da última...

— Não sei se você entendeu...

**Ana:** Acho que eu entendi. Mas, eu acho que assim. Na última reunião, pra mim, ficou uma coisa assim: Puta, meu, como é bom a possibilidade de você sair desses estigmas, ou de falar sobre isso, ou de falar me incomoda, não sei o quê, tal. Então, falei: *Pô, uma puta experiência legal*. Acho que, né, eu ia falar, a gente conversou no dia seguinte desse tema forte, essa experiência de viver essa estória aqui e tal. Agora, e me diga uma coisa? Sábado, assim, um pouco na contramão de... tava meio louvando assim o grupo, porque ao mesmo tempo tirar isso é um pouco tirar a proteção. Isso que eu acho, (?). Tem uma coisa de que o estigma, ele também de algum jeito te protege, porque eu...

Sábado, fiquei o dia inteiro no Jardim Ângela, uma coisa de um projeto que a gente tava fazendo lá e tal. E aí, vi umas coisas assim, que falava: *Nossa, eles devem ter tido aquelas reuniões...* porque daí, assim, tinha um menino, na verdade, foram duas situações que aconteceu assim...

**Plínio:** Uma outra realidade você viu, né.

**Ana:** Na realidade, eu me vi num outro jeito de dialogar, porque na realidade eu tô lá há algum tempo, assim, trabalhando. Esperam as mesmas figuras, mas a gente sentou lá pra fazer um debate sobre um filme que tinha passado lá, e tinha um figura de Heliópolis que na hora que ele foi fazer pergunta, ele se colocou num lugar, e aí meio esse lugar desse estereótipo de falar: *Pô, mas esses caras são todos...* sei lá, de dar (rabos?) lá nessa coisa meio do mal, que é a coisa do hip-hop, né. Às vezes, também, incorpora, e o cara virou e falou assim... O diretor lá numa boa pra discutir sobre o filme, ele entrou assim: *Sobre o quê hem é esse filme aí que você fez?* Puta cara grosso, fiquei com uma raiva do menino, de um cara tão desrespeitoso, mas... e aí, eu fiquei com vontade de falar pra ele isso, sabe, que eu achava que ele tava... e é isso que eu falei, não é, numa outra situação, ele ia ficar provavelmente meio tentando entender o que aquilo significava, porque que ele se colocava daquele jeito. E naquela hora, eu só tive vontade de mandar ele “tomar no cu”, falar assim: *Meu, vai se foder, figura.* Desculpa esse palavreado, mas foi exatamente isso que eu senti assim, sabe? Um cara muito grosso, muito. Assim: *Quem que você acha que você é?* Tipo, não quero saber a estória triste da sua vida, assim. Não justifica, em hipótese alguma, você ter essa atitude com o homem...

**Plínio:** A ponto de... a ponto de...

**Ana:** Mas, isso não, Plínio. É um negócio que afinal... eu não quero também me envolver. Sei lá, me deu um mal estar assim.

**Jorge:** Interessante aqui uma coisa. Super interessante...

**Plínio:** É ação e reação.

**Jorge:** Não, mas escuta só, Plínio, tem uma coisa a mais que eu acho que ela está dizendo, que eu acho que é interessante. Se eu estou bem entendendo o que você falou, você falou o seguinte: a partir da experiência desse grupo, desse diálogo, que se rompem barreiras, que se rompem os preconceitos e que se rompem os estereótipos, os estigmas, tudo isso, não tem mais... ela não tem mais que ficar dizendo: *Porra, o cara isso, não sei o quê.* Porque quando ela estava falando assim, ela não estava dialogando com o cara enquanto sujeito, enquanto pessoa, humana de fato. Ela estava dialogando com a figura do cara do rap, com a figura do “fodido”, com a figura do “fodidão”, com a figura... que não era com o sujeito, não era com o cara

peçonhento. Quando ela pega e diz assim: *Meu, tô com vontade de te mandar "tomar no cu"*, nesse momento se rompeu um negócio dentro dela, que ela deixou de se relacionar com o preconceito e começa a tratar o cara como um ser humano, talvez seja isso que te assustou, de como assim... de repente, você começa a tratar o cara...

**Ana:** Mas isso então. É que a hora que acontece na seqüência. Aí vem o desfecho, que é uma coisa na seqüência. Isso que foi o louco, porque daí eu... eu até falei assim: *Porra, legal*, porque é meio como se eu tivesse falando com um amigo meu. Porque com mais gente você se sente mais igual é que você, às vezes, consegue se colocar nessa situação. Mas, olha só, Plínio, olha daí o que aconteceu. Eu saí de lá e fui, eu tinha que visitar uns grupos, que um pessoal de um trabalho lá nosso tinha mapeado nas regiões, nos espaços, tinha um grupo que era importante eu conhecer lá. Falei: *Tá bom, então vamos*. Aí fui lá conhecer um pouco do lado periférico. Viu, Angola, você conhece, tua galera. Cheguei lá, aí o cara começou a conversar comigo, e eu... isso que foi o difícil. Ele começou assim: *Não, porque a gente tá aqui pra aprender com vocês, porque eu sou...* Aí, eu comecei a falar esse cara não tá falando o que ele acha. Olha que louco, meu.

**Plínio:** Começou a julgar, né.

**Ana:** Isso que eu falo que é difícil, assim, que você fala: *Ai...*, aí você não consegue mais saber. E eu até sei que ele acha o Centro Vida legal, mas o que eu acho incrível é que ele tava mentindo pra mim. Porque ele começou a falar: *Nossa, porque a gente tem um monte de coisas pra aprender com vocês, porque eu acho o Centro Vida super legal, porque não sei o quê lá, porque vocês isso e aquilo*. E eu lá: *Será que ele tá falando isso porque ele acha que a gente tem dinheiro pra dar pra ele? Será...* e isso que eu falo que é o (?), entendeu?

**Plínio:** Mas, você experimentou perguntar pra ele: *Não, nós temos também*.

**Ana:** Porque daí, não sei mais também o quanto dá pra dialogar, sabe? Então, falei: *Ai, meu Deus do céu...* dá uma mexida assim numas coisas que você fica... porque eu nunca, assim, eu vi ali na situação que eu durante muito tempo fazia, que era de... e que eu não faço há muito tempo. Até lembrei, falei: *Nossa, cara, esse era o meu trabalho assim*, há um tempo atrás era esse: de visitar os grupos, de sentar lá, contar o que a gente fazia, ouvir o que os caras faziam, (??), não sei o quê. Isso é o que eu fiz durante um bom tempo no Centro Vida, né. E aí fazia... quando eu me vi ali, nossa, no princípio eu não sabia falar do Centro Vida. Sabe quando você não tem... eu não sabia porque... É aquilo que eu (??), no Manual. Acho que eu esqueci o Manual, porque o que que eu conseguia falar? E ele falando aquilo tudo, eu não conseguia prestar muito atenção no que ele tava me dizendo, que tava mais era preocupada em ver se ele...

- Plínio:** A primeira ação dele.
- Ana:** ... se ele tava sendo sincero. Olha a viagem: e aí eu falei: *no mínimo...* Isso que eu falo, que é meio ruim essa... Não sei se é ruim, mas é muito louco. Eu fiquei meio sem saber como me colocar ali na situação, sabe?
- Plínio:** Mas, aí que tá, num primeiro momento...
- Ana:** Porque quando o cara, e aí também isso é... quando o cara tem uma atitude dessa é mais fácil você falar: *Pô, que saco*, tal. Agora, quando a figura te elogia, daí é um horror, porque foram duas pessoas a falar: um era um... falando: *Eh!...*
- Plínio:** Arrogante, né.
- Ana:** ...e vinha um outro desses, se colocando na condição de...
- Quem era?
- Ana:** Era esse aí de Heliópolis, falou assim: *Que exatamente é isso aí?* Aí o lado periférico, era um menino. O outro um moleque. É, ele mesmo. Assim, ele falou: *Quero conversar com vocês, com o Angola*, assim. Mas, louvando o Centro Vida. Aí você fica... Aí nessa situação, acho que não consegui me conter. Não sei o que aconteceu, mas eu fiquei lá meio: *Bom, e o que eu falo exatamente pra esse moço*, sabe? Ou não falo nada e vou me embora. Foi mais ou menos o que aconteceu. Fiquei lá, ouvi, falei...
- Emilia:** Mas é a diferença de antes, Ana, porque de alguma forma tu associaste isso com um novo processo que se deu aqui. Antes, o que que era? Tinha manual ou (?)?
- Ana:** Tinha. Antes era uma coisa assim: eu ia... até, até um... acho que qualquer um de nós aqui (?), ingênuo assim de achar: *Ah!...* isso que eu falo: sabia que tinha uma coisa de preconceito. Às vezes, falar de se construir algumas coisas: *Ah, vou...* Então não é que eu achava que tinha uma idéia de quando o cara falasse isso, eu achar o máximo. Mas, acho que... isso é que é o doido, em alguma medida, confiava mais. Eu não sei se é isso, mas, sabe, de quando... agora, acho que eu fico ouvindo essas coisas das pessoas falarem: *Ah, porque a gente...*, né, acho que eu vim pra cá meio achando o Centro Vida era isso, eu fui participar do curso porque, na verdade, foi o Osmar que me chamou, porque eu achei que era um negócio do (reggae?), porque acho que é isso. Por poucas coisas relacionadas efetivamente à Instituição, entendeu? então, a hora que um figura pega e fala essas coisas, eu fico meio assim: *Mas, será que é verdade? Será que ele conhece o que a gente faz, sabe?* Por outro lado, ele tinha vindo conversar com a (barra?) do Angola. Falei: *Ah, talvez ele conheça um pouco melhor o que é o Instituto*. Mas, não sei assim, eu fiquei ali num... no limite de achar que talvez ele não achasse a gente tão legal,

tivesse falando aquilo, e aí acho que antigamente o que mudava, no fundo, acho que era um negócio assim: acreditava que eu tinha quais eram as cinco coisas que se eu falasse talvez ele realmente achasse o Centro Vida legal, por mais que ele não achasse. E agora acho que, no fundo, eu também ainda não sei quais são as cinco coisas que eu possa falar e que ele realmente vai achar o Centro Vida legal, entendeu? Acho que...

**Emilia:** Ou se você quer que o cara ache o Centro Vida legal.

**Ana:** É, exatamente. Eu fiquei mais perdida, assim, eu fiquei mais meio sem saber o que fazer, sabe?

— Porque esse cara é uma coisa, porque é a primeira vez que eu fui (?) sozinha, tipo, sondando, eu fiz questão, quando montei a (???), não tenho idéia do dinheiro pra finan... assim, eu falei pra (?): eu saio, que daí, depois, a gente vê o que vem, mas de saída eu vou falar isso, entendeu?

**Angola:** Muito melhor do que assim: eu fui na (Cooperativa?) do Álvaro, e tinha mais três no lugar do periférico que faz curso. Lá no Mirante Azul, mas aí tinha uma conversa lá de duas horas, daí, óbvio, que você fala um pouco também da (???). Depende do pessoal lá, né. Depois que eu passei por lá, começaram a pensar mais no agente social como um profissional mesmo. (*ruído de carro*). Tinha toda a (concentração?) no (agente?) social, né. E aí, o pessoal do lado periférico começou a ter um outro olhar pro Centro Vida também.

**Emilia:** Desculpa, Angola, você falou do agente o (sal?)?

**Angola:** É.

**Emilia:** Tá. Eu não tinha entendido.

**Angola:** É. Do grupo PROCVI, né. Desce lá, e aí o pessoal agora, tipo, o Álvaro falando hoje da eleição da... *Precisamos cobrar em (?) onde eu posso buscar mais informação, mais curso pra poder me tornar um profissional dentro do Terceiro Setor, tal.* Porque o pessoal do lado periférico faz parte desse grupo, do PROCVI, né. Então, talvez, possa ser que esses três tenham falado com o próprio Roberto, né, e chegou lá mais motivado ainda, depois de uma conversa com a Joana, foi a primeira conversa. Uma segunda conversa comigo e com a Joana. E uma terceira contigo. E aí tem uma soma, né, de informações e isso meio que desmonta. Você tinha outro manual, preparado pra aquela reação mais bancada, tipo: *Meu, eu tenho que derrubar essa fronteira, tal, tenho que quebrar essa barreira. De repente, o cara vem pula em cima...*

**Ana:** É, então. Das poucas vezes que eu não senti que eu tinha que justificar nada...

**Angola:** E aí, como lidar, né? Como lidar com essa situação? Tipo aí vem o lance como: *O cara tá de sacanagem comigo, né, porque...*

**Ana:** Que é um pouco que às vezes vocês sentem. Quando (?) eu quero que os... (?) o pessoal vem dar um curso de graça, uma coisa esquisita, né. Foi um pouco o que eu senti, sabe? Imagina, um monte de elogios ao Centro Vida assim de graça, acho meio estranho, sabe?

**Plínio:** Conheço várias situações que a gente passa, né meu. Mesma coisa no hip-hop, porque vai gente numa escola, a diretora lá: *Ah! que esse cara quer aqui?* Quer marginalizar, ele quer falar que os cara é bom, uma droga, tá ligado? Quando você tá conversando com uma pessoa, tá ligado? cê conversa horas e horas com uma pessoa, daqui a pouco cê fala: *Putá, eu tive (?)*. Pessoa fala: *O que? Nossa, beijar*. Então, é o diferente. Então, cê tem que mostrar ação...

**Emilia:** Mas eu acho que outra coisa também importante disso que o Angola completou da fala da Ana, é esse conceito de rede, também, que a gente vem falando. Um pouco assim: talvez, fosse uma coisa mais direta, tipo: *Bom, se tem um elogio, ele está ligado com o quê?* Ele está ligado com o trabalho, que a Clara desenvolveu... Joana... Joana desenvolveu, com o trabalho do PROCVI, quer dizer, não dá pra pensar uma relação única ali. Quer dizer, você tem que pensar sempre em rede, quer dizer, nunca foi determinado grupo, nunca passou por uma experiência de que algum trabalho do Centro Vida seja desenvolvido, então aquilo está mais próximo de ser algo que o defenda. Aquele elogio está mais próximo de ser uma defesa do que um compartilhar. Agora, se isso se liga a uma série de outras ações, talvez essa seja uma coisa pra gente poder pensar: que uma ação nunca pode ser pensada como hesitosa ou como fracasso, exclusivamente só ela. Ela tem que ser pensada sempre ao que que ela está ligada, que que ela se vincula, pra aí pensar o êxito ou o fracasso. Inclusive, da questão dos meninos que é o que gerou o trabalho desse grupo, né. Bom, mas estão ligados a quê? Continuam ligados? Ficam? Se desligam do Centro Vida? Permanecem ligados? Talvez, não dê pra pensar nem em crime, também, que é a coisa mais delicada de se lidar desse momento, ou como fato isolado, que é como se faz geralmente na sociedade. Quem matou vai pra cadeia, quem não matou está em liberdade. Quer dizer, então não dá pra pensar nem em crime de forma isolada, sem estar se buscando a que que ele está encadeado. Não no sentido de entender, de compreender, mas no sentido de mapear a rede de relações que existem aí.

— Uma coisa que eu tô achando bem legal disso tudo, é que a gente pode deixar o nível das representações, um estar representando a quebrada, outro o Instituto, e estabelecer algo mais representando uma estória de vida e tendo uma relação noutra patamar. Como, por exemplo, o Angola foi lá na quarta, os garotos ficaram muito empolgados com

ele, porque ele foi como forma de vida. Não tava representando o Centro Vida lá. Tava falando da vida dele. E daí eles começaram a trocar idéia sobre a vida. Ninguém tava representando nada. Então, é... na semana passada quando os garotos falaram que depois que eles cometeram o crime, que eles pensaram em falar pro Carlos. Eu acho que isso é importante, tem como horizonte que hora que você tá enfrentando, que hora que você pensa, sabe? Buscar ser mais humano, às vezes, não sei porque rotular isso.

**Carlos:**

O que eu queria falar pra (?) toda, pra misturar um pouco porque se me lembro que na última... no último encontro, né, eu falei assim: *Pô, eu acho que a gente precisava dividir um pouco mais essa coisa da culpa, né*, e essa dificuldade que a gente tem às vezes se posicionar, chegar e dizer assim: *Oh, dá um tempo, não é você que vai me derrubar, né*. E que eu achava que assim, tinha um pouco... era muito mais um problema que a gente vive em uma sociedade em que as pessoas preferem se acostumar com a idéia de que é melhor não falar às vezes do que pensa, dos planos, né, se tem algum risco, do que até medo, né, porque (*ruídos*) no (?) próprios planos de cabeça. E aí agora termina, sai da reunião, e aí o Álvaro disse: *Ah, quero falar com você, tô com muito medo e tal*. E aí o Álvaro tava me falando, né, que um dos nossos alunos foi pego com um assalto, né. Tá na FEBEM, não sei o quê, tá apanhando. E aí o pior que a família acha: *Putá, deixa o cara lá porque pelo menos a gente tá...* sabe? E aí eu fui, conversando com o Álvaro, fiquei conversando e aí o Álvaro chegou ali na frente disse assim: *Putá, velho*. Mas eu falei dá um (?), uma sensação de revolta, né, de vai você começar a achar que essa sensação é meio normal, porque eu lhe confesso que eu sei que você está sentindo, mas eu já não tô sentindo mais a mesma coisa, sabe? E aí, na realidade, eu acho que a gente... isso é a mesma coisa de tudo isso que a gente tá falando, entendeu? de, sabe, o cara te julga, da maneira como você vai, né, porque, é... de alguma forma, quer dizer, eu não sei se não tem... e a gente discutiu muito isso aqui no Centro Vida quando o Fábio, o João e o Pedro, que era um papo assim: *Putá, na realidade cê tá com pena do cara*, quer dizer, cê não pode dizer que você não tem, né, nenhum sentimento, né, com relação aos meninos. Você conhece, trabalha (?), tá próximo da gente, né. E...

*(Fim do primeiro lado)*

... não é, sabe, não é. E também não que eu fiquei, disse assim: *Putá, Álvaro, que se dane, assim, que se dane*. Fiquei inclusive pensando que que, né, discutir o que pode ser feito, deve ser feito, o que nos cabe da nossa estabilidade. Mas, eu acho que isso é um outro lado, entendeu? É você também começar também a trabalhar com a idéia de que assim, que existem coisas nas sociedades também que estão aí, entendeu? É, e você: *Pô, eu vou fazer algo, né*. O cara foi assaltar aí,

rodou, tá lá na FEBEM, todo mundo sabe que na FEBEM os caras apanham todo dia, sabe? E...

**Joana:** Mas, agora, (Carlos?) pensa, porque várias vezes eu fui embora daqui pensando que isso acontece nessa região (???) onde a gente trabalha, a gente sabe, enfim, as estatísticas, a gente sabe, né. É, que as pessoas morrem, que as pessoas cometem crimes. Esse é um ponto... Saber disso, a gente sabe.

**Emilia:** Ou são presas...

**Joana:** Já. Por isso que a gente tá lá. Tem um lado, que é a gente saber, de outros falar sentiram, se deparar com isso cara a cara, que acho foi um pouco o que aconteceu no caso dos meninos, que é um pouco assim, batendo na sua porta, não é mais o seu objeto de trabalho, né, mas é aqui sentado na sua frente, e pra mim tem um lado também que é *tudo bem, isso acontece*, a gente tem milhares de estatísticas, a gente tem uma conjuntura, um cenário rãããã... só que daí a gente escuta esses depoimentos e você vai pensando assim: *Mas, meu, isso é verdade*. E não é sobre vizinho dele, não é sobre o (?), não é sobre famílias de... Olhei pra (?), mas era é tão (?), mais de uma hora, eu vou abrir a porta da minha casa, vai todo mundo (?), sabe? fica... chega. Agora, acabou isso de todo mundo, sabe. Agora a gente precisa acabar com isso, porque senão... porque é uma vida tão (bruta?), a gente sabe o jeito que é. O tempo todo atrás disso: *Putá, tem gente (??), que vida eu vou levar?* Então, tem isso aí. Então, e a gente vê aqui que às vezes eles falam: *Oh... sei lá, que tem essas mudanças estruturais todas, mas os depoimentos que a gente (???) que não... E, pra mim, essa estória é recíproca. Que tem outras soluções, que não essas reformas estruturais todas, porque a pessoa sofre pra tá (??), porque não tem (?) de vida, tipo, você não sossega um minuto, né, porque tem que tá fazendo essas escolhas de minuto em minuto na sua vida. E é muito, assim, cair na (?). Porque a gente sabe tudo que acontece.*

**Carlos:** Mas é que... (??). Mas sabe o que que é, Joana, é um pouco mais a coisa de... do campo, entendeu? Que tipo assim, aquilo te põe sensações, e que é... eu acho que é um pouco isso que a Ana tava falando, sabe? Ela vai lá, o cara chega e às vezes você fica a fim de dizer pro cara mesmo, sabe, dizer assim: *Pô, meu, qual é a sua, entendeu?* Dizer assim: *Pô, quem é você pra me julgar? Eu não poderia tá fazendo outra coisa? Então fica quieto, cara.* Então, tenho uma opção. E sabe, e são coisas que assim, por um lado, nos acuam, sabe, e por outro, nos embrutecem, entendeu? Quer dizer, sinceramente, assim, eu... e eu acho que isso é uma coisa assim muito pessoal, assim, porque que é uma (?). Falei: *Espera, eu não vou ficar, entendeu? todo tempo, 40 dias, todo mundo tem encontro, tanto falar disso tãããã... sabe?*

(Falas juntas)

**Joana:** ... que tudo isso, acho que a gente trabalha, a gente cria isso, porque outro dia eu tava rindo vendo o nome dos meus arquivos, é: pasta do homicídio.doc, pasta do seqüestro.doc, pasta... falei: *Meu, como que a gente faz isso?* Todo dia a gente acorda e fica falando disso, e fica pedindo pras pessoas... a gente criou e eu acho que é... esse grupo, essa situação foi meio, tipo, justamente... (??), talvez você ri de como você trabalhou esse projeto, (???). Talvez, você (?) de com isso é... mais um objeto. Mas, acho que pra gente foi uma maneira, meu, disse num dia essa frase, entendeu? Porque não é ser tratado de forma corriqueira, porque você faz isso todo dia: acorda, vem trabalhar e fala disso, pensa isso.

**Carlos:** Não, mas é exatamente isso que eu queria trazer, né, assim. Porque eu acho que a culpa, ela... a culpa é uma (qualidade?) que não deve fazer parte...

**Jorge:** Mas, sabe, sabe...

**Carlos:** ... da nossa vida. Porque aí acho que a gente... Sabe o meu medo qual que é? Da gente começar a assumir uma outra coisa, entendeu? que é o dado também do (?) mau.

**Jorge:** Eu acho que tem uma coisa que você está fazendo, que de alguma maneira está presente aqui no grupo, nas falas, inclusive na fala da Ana, na tua fala, até na tua fala, quer dizer, são coisas quando você está dizendo do arquivo homicídio.doc, não sei o quê. Então, o seguinte: como é que a gente lida com esses fatos? Porque quando a Ana diz assim: *Eu já não sabia mais o que dizer*, é que ela estava dizendo, de alguma maneira, que a forma como ela lidava com a questão antes, a partir do que a gente tem trabalhado aqui, não servia mais pra ela. Quer dizer que alguma coisa nova, que é um contato mais próximo, que é um contato mais íntimo, que é um contato mais comunicativo, está acontecendo. E que aquilo que era as coisas... (*Chega aqui, Ana, pode sentar*) Então, aquilo que antes era, vamos dizer, defesas que já estavam estabelecidas: defesas do trabalho social, como você diz; uma defesa como o Plínio diz: *Bom, eu já sou, eu já estou com o couro curtido, então eu agüento uma porrada de coisa, não sei o quê.*

**Plínio:** Não vem não.

**Emilia:** Aparte importante.

(Risos)

**Jorge :** Deixa pra lá, essa é uma boa fala. Mas, tem muita gente que diz *eu tô com o couro curtido, eu seguro qualquer uma*, não é verdade? E vocês estavam falando, que eu estava lembrando também de uma situação que eu tive que viver muitas vezes, vou contar aqui um fato

assim, que era... sempre trabalhei muito com crianças de rua, com população de rua, trabalhei em prisões, trabalhei na FEBEM, trabalhei num monte de lugares. E uma vez eu tive uma discussão com uma psicanalista num debate, onde ela apresentava um filme sobre questões da rua, e eu dizia assim: *Mas, escuta, você está fazendo uma apologia da rua, isso é muito grave, muito grave, muito ruim...*

**Joana:** Hum! Já sei até que filme que é.

*(Risos)*

**Jorge:** É. E aí, tudo bem.

**Emilia:** Já sabe quem é a psicanalista.

**Jorge:** Aí, ela disse assim...

**Joana:** Provavelmente.

**Jorge:** Aí, ela diz assim: *Não, mas você é muito preconceituoso, porque a rua pode ser um lugar de liberdade. Digo assim: Dá licença, você tenha respeito porque eu estou falando dos meus mortos. Né, questão dos meus mortos. Todos os meus pacientes, que eu atendi durante anos a fio, que morreram na rua, né. Então, e como começa a se falar, como começa com um discurso que é uma negação de um fato tão brutal, né. Bom, quando a gente se depara com isso que você está dizendo, então vem aqui, a gente fica num dilema: ou eu me endureço, que acho que tem um certo cinismo. Eu digo o seguinte: talvez vocês estejam falando aqui, ou adquire um certo cinismo, ou adquire uma certa babaquice. Falando o português claro. Porque também tem muita situação, que eu já escutei vários diálogos também, até de supervisão, coisas desse tipo, de que o cara diz: *O homem de rua está lá todo fodido. E diz pro técnico: Eu vou morrer. E o técnico diz: Não, imagina!* E o que é ir agora pro lado da babaquice. Quer dizer, quando o cara diz *imagina*, o homem de rua já sabe que o cara não está falando sério, certo? A resposta correta, possivelmente seria... a dolorosa resposta correta, que eu acho que é isso que você está dizendo...*

— A retirada.

**Jorge:** É, eu acho que sim, porque se não, do jeito como a coisa está, SIM. Você se coloca numa outra condição completamente diferente, porque daí a gente vai com toda falha, certo?

**Emilia:** E não sabe o que dizer, né? Que é o que a Ana falava. Mas não tem a resposta pronta.

**Jorge:** E aí, não tem a resposta pronta. E aí, é uma relação, é um diálogo, absolutamente denso, sabendo que eu não posso salvar a vida do cara. Tem mais essa. Tem mais essa.

- Carlos:** Eu acho que é um pouco isso, assim. Que eu falei pro Álvaro, disse: *Pô, mas o que a gente pode fazer, cara? A família do cara não quer abraçar o cara.* Quer dizer, tá... Mas, por outro lado, não nos tirar a responsabilidade, né. E, ao mesmo tempo eu quero dizer pra ele: *Velho, desculpa, eu não tô sofrendo assim como você, sabe.*
- Emilia:** Eu quero fazer uma pergunta: de que forma essas coisas que acontecem, né, como aconteceu com o Pedro, com o João, com... como você está falando, aconteceu com um aluno de vocês. Como que elas entram no curso, nos cursos? Como que elas entram no PROCVI? Como é que a realidade entra num curso? Talvez seja uma forma de não ser insensível à realidade e talvez a única maneira de não é um problema teu como instrutor, mas é um problema de todo mundo que está lá. É o fato de todo mundo que está lá.
- Carlos:** É, tipo, não sei. O Osmar foi de umas das... a possibilidade de uma turma que teve, enfim, um que entrou lá na turma, o Osmar.
- Emilia:** Como é que entra o assunto? Não entra, fica fora?
- Osmar:** O assunto foi bem... foi pouco comentado, porque uma das primeiras pessoas... porque, primeiro, o assunto ficou mais centralizado no bar, porque eles eram muito, muito (grossos?), e depois centralizaram mais no bar, porque os dois eram cara do (?). Por mais do (?) porque quem comenta é mais os amigos, mais próximos, os conhecidos, entendeu? E o zé povinho, em geral. E, no curso, chegou por que? Porque eles começaram a faltar. Só que eu falei: *Não vamos comentar, vamos deixar a situação abafada, entendeu? Não vamos... não seja tema da aula, não seja assunto pra tá citando toda aula, pra não desmotivar todo grupo,* porque outro dia teve um cara carregou um doente, tal, que é filho de uma das facilitadoras, então a gente procura não levar esse tipo de discussão muito pra dentro da sala. Mas, hoje, por incrível que pareça, rolou um debate lá, porque um dos jovens viu o irmão dele comentando comigo, o irmão do Pedro: *Ei Osmar, cê vê ele hoje, fala pra ele ligar pra mim de qualquer jeito. Tenho alguma coisa pra falar com ele.* E, por incrível que pareça, é uma boa notícia, entendeu? Assim, não é porque fosse, mas é uma boa. Porque a mãe dele, infelizmente, tá se mudando do bairro por causa do ocorrido. Eles vai morar num local que eles não podem... eles não vão precisar... vamos supor, não vão precisar ficar no Embu mais, se eles não quiserem.
- Carlos:** Eles vão ficar com o pai e com a mãe, né?
- Osmar:** Vão poder... o Pedro, pelo menos, vai poder morar com a mãe dele, no local que eles escolheram ali, entendeu? Então, hoje, então eu tive... tô querendo ver eles porque eu ia dá esse toque pra eles, porque é amanhã que eles vão mudar, entendeu? Então, eu já ia pedir pra eles procurar eles amanhã, dá uma força pra eles e já tá, conviver com eles de novo.

- Joana:** Osmar, posso te perguntar uma coisa? O que aconteceria se eles voltassem pro bairro? Tem alguém que tá de olho, que quer matar?
- Osmar:** Infelizmente, eles têm que virar formiga. Eles têm que ganhar formiga pra entrar no bairro ou ir muito de madrugada, num carro muito... muito, muito, muito...
- Emilia:** Blindado.
- Osmar:** Muito... não, nem precisa nem ser blindado, que dê já pra ver eles, entendeu?
- Porque até dentro do chão, os cara pega.
- Osmar:** Porque o cara que, infelizmente, eles fizeram isso, é um cara que tinha um conceito, entendeu? É um cara que tinha um (?). Um cara conhecido meu, era conhecido... eu jogava bola com ele de domingo, entendeu? É um cara que tomava cerveja com os mano na esquina. Ele não usava droga, mas fumava um baseado na COHAB, entendeu? Então, era... e o motivo. E lá também o motivo foi banal, o motivo foi que eles por causa disso, entendeu? A gente que pesar lá se morre por qualquer coisa. Pegar (?) também questionou: *Pô, por causa disso, o cara chegou a matar o outro?*
- Uma coisa que ficou me chamando muita a atenção até porque a gente está falando disso de romper com...
- Osmar:** Barreiras.
- Emilia:** ...com barreiras, e em fingir que não está acontecendo, que a gente sabe. Acho que é isso, nem tão nova aqui: *Pô, cê tá mal. Você está mal!* É uma coisa que de fato... e eu já me vi, já em situações onde tem isso. Eu já acho que de vez em quando eu fico muda, precisa ver, porque eu não vou entrar na linha do coisa, mas eu também não sei o que falar, do tipo, eu acho que eu já não conseguia esse negócio de: *Putá, cê tá mal mesmo!* entendeu? É difícil, porque eu não quero que os outros me sintam olhando pra ele num olhar de pena. Mas, é... mas é uma coisa que me deixou intrigada no que você falou, é isso: o porquê as coisas de repente não entrarem na discussão do grupo, porque aconteceu... é a tal coisa, que acontece em todo grupo que se reúne com muita frequência: aconteceu uma coisa com uma pessoa do grupo. Desde, enfim, coisas que acontecem. Todo mundo está comentando ali a boca pequena, porque todo mundo conhece, todo mundo sabe, todo mundo viu, tinha contato. E, de repente, quando entra pra isso ser falado em sala de aula, o medo de fulano ficar... aí... muito passando pelo que a gente tem falado sobre verdade, como lidar com ela e como lidar quando essa verdade entra. Porque você vê, essa verdade, na verdade, no curso, ela... aqui, a gente não quer falar sobre. Acabei entrando, hoje, porque o (?) falou, mas eu queria só entender

por que que nesse primeiro momento, era tão impensável colocar aquilo lá dentro...

**Ana:** Mas sabe uma coisa que eu acho assim, mas sendo muito honesta assim, até porque eu participei do processo de construção do que é o PROCVI e o material didático, é claro. Eu acho que as coisas muitas vezes são construídas sem você conseguir imaginar que você precisa conseguir dar conta disso. Eu acho que muita... e é muito reflexo do jeito que é... das verdades que a gente acreditava. Então, assim: se criou um processo, um planejamento, você tem encontros que começam em tais horários, você tem a descrição de atividades da... não que isso seja um gesso, mas assim, o fio lógico só funciona se você trabalhasse com determinado perfil e que acho que a gente ficou acreditando que esse perfil existe e que é super fácil de identificar. E acho que a sensação que vai dando, assim, é muito próxima com o que a Joana foi falando: de que não existe assim, o cara fez uma escolha, e aquela escolha está posta, e a partir daquela escolha ele vai atuar em absolutamente de acordo com o que é ser um agente comunitário, um líder. Ele faz a sua escolha meio que a cada momento da vida, entendeu? E aí o que eu sinto é que a gente... partiu de um pressuposto que tava dado, que a hora que o cara resolvesse entrar ali, ele estava disposto a trabalhar, e aí a gente não consegue dar conta da estrutura dos nossos projetos, de outras questões. Então, assim: eu fico com... eu acho assim, muito de não ser discutido, tal, tem a ver com: *Putá, se você não leva essa discussão pro grupo, pode ser... você disfarça o trabalho que você construiu até ali.* E acho que a gente não teve ainda nem tomada de decisão, pra falar: *É, não há (?) discurso nele mesmo.* Porque tem... sabe, é um negócio assim: a gente é... quatro meses de discussão, a gente não tem noção do que é isso que precisa construir: fazer um diagnóstico, aprender a escrever um projeto e implementar. Quer dizer, é mínimo com dois encontros semanais. Tanto que com um encontro que você gaste nessa discussão, ou se, tudo bem, você abre mão de uma coisa, tal e faz, porque a (?) ali não tem maiores conseqüências, você acha que: *Ah! beleza aquilo que eu dito pro grupo tal,* ou se for um artigo de repercussão, você vai avaliar, não sei o quê, eu aprendi com os (?), é... tem estruturas e mais... tanto que aqui não é à toa que a gente naquele momento tava falando de ter esse terceiro encontro do PROCVI na formação em que a gente pensou mais em quatro meses, mais em nove, sabe, tipo, de uma série de outras coisas, que é... você precisa garantir espaço onde você vai poder discutir essas coisas, porque dentro da estrutura pensada, não está posto isso. E disso... não, tudo bem, se você colocar essa questão, você desestrutura o que está constando. A gente não conseguiu dá conta do projeto...

**Jorge:** Gente, mas eu acho que uma coisinha assim... eu acho que o que está colocado aqui, é mais do que a questão da estrutura do projeto do

PROCVI, é o seguinte: por que? A pergunta é: Se esses fatos, como esses que a gente está se referindo, ou seja, essas mortes, se elas são faladas no cotidiano, se elas são faladas no encontro das pessoas, ou se elas são faladas nas atividades sociais ou se viram fantasmas silenciosos? Esses mortos, os mortos, os que mataram, porque agora são mortos-vivos, né. Eles dois são mortos-vivos, eles falaram com toda clareza.

(*Falas juntas*)

**Jorge:** Eles falaram com (?), com toda clareza: *O que que eu faço com os meus 13 diplomas? Não servem pra mais nada.* Quer dizer, se vira um morto-vivo. Então, esse morto-morto, o morto-vivo, ele pode ser nomeado? A gente pode falar sobre ele? De uma situação como essa? Ou fica esse silêncio, essa lei do silêncio, você só fica escutando o eco do fantasma? Fica o eco do fantasma. Como é que é? Com o tempo isso é... puta de um negócio interessante.

**Osmar:** Depois que, depois da fala dela e tal, de... aquela coisa de... *Pô, cê fingir que não existiu ou vamos ocultar daqui pra fora, daqui pra dentro*, entendeu? Foi assim, meu. Eu ia falar, comecei a falar pelo seguinte: que tem os por quês também, entendeu? A ação...

— Mas também não tem deles.

**Osmar:** A ação tem os por quês também...

**Plínio:** É ação e a reação.

**Osmar:** Isso porque é... tem o nosso grupo, tem pessoas que moram mais próximas da pessoa que foi a vítima, do que mais próximas do Pedro ou do João, tem o irmão do Pedro e tem aquele que tá só como vocês falou: que é os de mais longe, não conhecia um, que não tinha afinidade, pô. Então, quer dizer, se esse debate vai fazer no grupo, eu como vizinho do cara, falo: *Se eu cato o João, eu mato ele. Se eu cato o Pedrol, eu ajeito com ele.* Só que irmão dele tá ali, faz parte do mesmo grupo que ele e não tem nada a ver na estória. Aí você não pode ficar falando essas coisas. Então, quer dizer, tão falando que vão matar o cara, que vão pegar o cara, na frente do irmão dele. E amanhã? Amanhã a gente não ia prever, e amanhã ele, o Pedro vai encontrar com o irmão dele de novo: *Oh, o fulano lá do grupo falou que oh, cê merecia um salvo. Merecia uma salva de bala.* “Ah, é”. Aqui no grupo ele tá, não inclui, ele tá conversando com nós de uma maneira, só que o dia de amanhã nós não sabemos. Depende. Então...

— É só na própria palavra.

**Osmar:** Então, ele vai pegar e vai rever aquilo que ele disse aqui, que ele não tava com máscara, não quer mais se envolver, mas até ele... assim, oh, sei lá, na hora vem... o que veio na hora deles fazer aquilo, vem de novo, entendeu? E é aquela coisa: *Ah, se ele falou que vai me matar,*

*então, de novo, infelizmente, eu mato ele primeiro. E no (?), entendeu? Então...*

— Exatamente isso que eu queria, dar esse aspecto mesmo que você falou de o que isso podia gerar mais confusão ainda em cima. Só queria entender.

**Ana:** Osmar, mas aí, você acha que se se proposse então uma discussão, porque eu não estou pensando, quer dizer, eu tô aqui dizendo: *Ai, (???) do (?) encontro onde se discuta isso*. Acho que se se propõe essa discussão, as pessoas falam sobre o assunto...

**Osmar:** No grupo?

**Ana:** É.

**Osmar:** Falam. Falam, mas se eles tão preparados pra falar já de outra forma, entendeu? Vamos supor: hoje a gente vai falar de um caso que aconteceu e a gente vamos ver a postura, a opinião de cada membro do grupo, entendeu? Então, (?) já ia tá preparado. O irmão dele ia tá preparado pra escutar, porque ele sabe que tem os prós, tem os (franco?), tem os contra, entendeu? Mas, assim, de repente, ainda (??).

**Carlos:** É outra coisa, né meu. Porque é...

*(Falas juntas)*

**Carlos:** ... fala assim é muito do curso, que é assim: as pessoas não tão preparadas pra assim: o facilitador, eu e você, a gente tem plena consciência que não tão preparados. Eu me lembro que especificamente na turma do... do Osmar, eu cheguei pra ele assim. Ele chegou assim pra mim: *Velho...* E a (??) Osmar. (???) ele disse assim: *Tá sabendo que os cara fizeram?* Eu disse: “Tô, velho, oh, vamos abafar porque eles não tem condição de segurar isso”. Depois ainda falei com ele aqui no Centro Vida, disse: “Oh, Osmar, velho queria...” Ainda tive que fazer esse pedido a ele: “Oh, velho, queria que você agisse nessa onda, como se você não fosse um cara da quebrada, como se você tivesse trabalhando no Centro Vida, velho”, porque, assim, a gente não pode dar margem pra que a coisa da quebrada chegue... porque, assim, é isso. Porque quando o Osmar veio falar comigo lá, ele já veio falando assim: *Oh, meu irmão, os cara mataram um cara que tem um (trecho?), velho. O cara era meu mano, não sei o quê. Então, quer dizer, e aí, tipo assim, ninguém tá preparado, assim. Eu tenho plena consciência disso assim, entendeu? E eu: “Paula, Rosane, então? Chama essa discussão na turma porque, né?”* Então, acho que emenda essa opção assim...

**Emilia:** Deixa só fazer uma pergunta pro Osmar. Como é que foi esse pedido?

**Osmar:** Ah, foi tipo uma... foi um apoio na hora, entendeu? porque eu não sabia o que fazer, não sabia, porque eu conhecia os dois, (???), e é o

seguinte: tava a sujeito a qualquer hora chegar o cara ali: *Não, você que é o (??). Você que é o professor dele? ou se é...* O cara ia por eu na conta dele, entendeu? Por que? Porque você tava ali em contato com ele, ele sumiu. Então: *Eles não falaram nada pra você?* Mesmo, os cara não ia vir na maldade pra cima de mim, mas ia começar a me montar, entendeu? pra saber. Inclusive, quando eu fui falar com o irmão dele, que eu ia encontrar ele aqui na segunda, pedi pelo amor de Deus pra ele, entendeu? cheguei até ajoelhar no pé dele pra ele não falar que... não falar pra ninguém aquilo, entendeu? (???) *Ah, o Osmar tá se encontrando com os pilantra, então, toda segunda...*

**Jorge:** Tem um pessoal que é pilantra também.

**Osmar:** ...entendeu? *Ah, então por que que está se encontrando? Aonde que tá se encontrando?* entendeu? Então, num tem nada a ver, ninguém respeita ninguém lá, só que eu posso ser o alvo, entendeu? Posso, o alvo.

**Jorge:** Interessante até essa questão de então você vira pilantra e ele até, institucionalmente, quando você fala do Centro Vida: *Aonde é que o Osmar está encontrando?* “Tá encontrando no Centro Vida, então vamos lá, porque é lá que os cara tão”.

**Osmar:** Há uma aproximação, porque você se torna assim um pivô, porque o dia que os cara tá a espera pra se encontrar, muitas vezes não espera se encontrar. Eles vão a procura dela. Eles vão procurar ela, entendeu? Então, eu sou mais, eu digo, ninguém sabe de nada, entendeu? Eu faço umas coisas lá. (??) meu trabalho é visto, não é falado, eu não tenho que ficar falando o que eu faço. Eles vêem o que faço pelas minhas ações, entendeu? pelo meu conceito, com quem eu ando, entendeu? Eles já me viram andando muito com os traficantes na avenida fim de semana, pra lá e pra cá. Hoje não. Eu passo onde o (??) associação (?) da APAE, pra presidente do movimento de moradia, com a Dona Nadyr pra lá e pra cá, diretora do CIC, entendeu? É diferente. Quando eles me viram... das primeiras vez que eles me viram andando passo dentro da justiça, eles pensaram que eu tava indo preso, entendeu? Os cara quase que ia enquadrar o carro pra me tirar de lá de dentro. Aí os cara falou: *E aí Dodô. Ichi Maria, foi por pouco, foi por pouco*, entendeu? “Não, que é isso, eu não tou mais (?), agora nosso esquema é esse aí”. (?), só andava de viatura (??), só de viatura. Pegava uma viatura, (??).

*(Risos e falas juntas)*

**Plínio:** Agora, você imagina você sendo visto com um pivô de uma coisa dessas. (??) já era.

**Osmar:** Porque eu não procurei isso pra mim. Graças a Deus, o tempo que eu tive próximo, eu num cheguei a esse ponto, entendeu? então, agora, cada vez mais distante, cada vez mais distante, entendeu? Mas, a vida

continua, e o pessoal pergunta. Um dia... eles perguntam assim, mas num vira debate: *Mas, e aí, cadê os cara? E aí, os cara num vão aparecer mais?* Por que? Pessoal vê amigo do João passando na rua, e fala (??). Porque o João era um cara conceituado na quebrada também. O Pedro também. Só que o João era mais, porque o João é extrovertido, o João é brincalhão, entendeu? O João tava jogando basquete na quadra, tava jogando futebol na outra quadra, tava soltando pipa na rua, tava com os cara que anda de skate, entendeu? Ele ia pra igreja com a mãe dele de vez em quando. Ele cantava rap, entendeu? Andava com as lideranças também. Ele era um cara conceituado, só que infelizmente aconteceu isso. Ele tinha tudo pra não ser, mas, infelizmente, entendeu? Então, agora, quem tiver que acompanhar ele é quem tá no barco dele.

— Quem que vai mudar dali? O Pedro?

**Osmar:** É o Pedro.

— A mãe do João continua lá?

**Osmar:** A do João continua porque pô, eles investiram dinheiro numa casa lá, entendeu? Eles tão acabando de construir uma casa lá e pega mal eles saírem de lá agora também. Tem um tempo já, tem uma casa... situação um pouco (foda?) porque os cara num tem nem dois anos que quitaram a casa. Quase dezessete anos, vinte anos pagando a casa pra morar, entendeu? Situação complicada, complicada, mas eles tão lá, entendeu? O irmão dele passa na rua assim, cê vê. Não anda mais olhando, vacilando. O irmão dele... o irmão dele não tem nada a ver, é conhecido por todo mundo. Por que? Qualquer hora ele pode ser refém, pode ser o cara que vai...

**Plínio:** Tá ligado que... eu num (?).

**Clara:** É, mas eu só queria mesmo entender. Tipo, isso é uma coisa de: *E agora vamos só falar a verdade, eu quero essa bandeira e...* não, porque nesse caso ela tem conseqüências específicas... É isso, a gente não consegue administrar...

**Jorge:** Oh, eu acho importante, o que o Osmar disse foi muito importante pra gente poder entender o que que acontece de fato. Quer dizer, nesse momento em que ele falou essas coisas, ele nos possibilitou, ele nos abriu o olho pra muita coisa que a gente talvez não tivesse vendo. Como é que são as leis, as regras? O que que dá pra fazer, o que que não dá...

**Osmar:** É que é diferente, né. Quando você está no lado de fora, você pensa que tá vendo tudo. Mas, quem... quem tá na ação, na situação, sabe das conseqüências.

**Clara:** Não, só (??). Um dia, encontrei aqui o Cebola, a gente tava falando sobre isso, ele me contou, ele falou: *Pôxa Clara, de vez em quando*

*nem eu sei muito o que falar. A gente tava falando dessa reunião, ele falou: Porque outro dia eu tava lá, foi não sei o quê, e os tiozinhos, tipo cara casado, cara tem emprego, tá com a mulher nãñãñã... e aí tava rolando um estuprador no bairro nãñãñã... os caras se juntam num carro e vão sair atrás do cara, entendeu? Então, assim: um cara que trabalha, um cara que tem uma vi... não é assim, tipo, o menino que está lá, entendeu? este tem muito de vulnerabilidade, este vai ser um precedente. Não é só uma coisa de (?), é uma coisa de... eu fiquei... na hora que o Cebola me falou isso, precisa ver, com uma visão sensível, daí ele falou: Clara, tiozinho que tem lá, casado, com filho, nãñãñã... fala pra mim fala ali porque ele falou que era, que não sabia, que era o estuprador do bairro, que sai assim, tipo, sobem quatro no carro e vão atrás. Então, é uma violência que, óbvio, acho que o jovem que a gente tá falando tá mais suscetível, também tá (andado?), não sei o quê, mas que eu acho que também tá... tá ali, é uma regra que... que quando o Cebola me falou aquilo, eu fiquei assim, tipo: *Pô, então...* até quebra a pessoa, falei: *Ah, ah, é um menino de 16, 17 anos que tá aí...* Não, a coisa tá mais próxima de... porra, de repente, o cara que tá com a vida encaminhada, aparece um estuprador no bairro, sai de gangue disso, de gangue? maneira de falar, monta quatro num carro e sai aí, também procurando o cara, porque tem medo que vai pegar a filha dele, então já se arma de antemão, pra sair pra pegar o cara no bairro. Então, é uma coisa assim, que eu acho que é isso mesmo. É importante dizer porque quando ele me falou aquilo, eu fiquei: *Porra, então, é uma situação que, né, só tá entrando, entrando e...* pra entender, pra conseguir fazer alguma coisa também é...*

**Osmar:** Oh, não querendo botar muito assim, falou nos primeiros debates, assim, que a gente teve aqui, quando a gente tá falando, pra vocês falam: *Não, desculpa, tal.* Só que nem eu falei pra vocês, como a gente... os mesmos cara que sai pra vida, entendeu? ele conhece o cara, ele vê o cara na rua, ele não vai desfazer, entendeu? É o meu caso, que quando eu vou sítio, eu corto pela favela. Que eu moro na favela, então, quer dizer. Não é porque eu num tô mais ali por aquele cotidiano (?), que eu vou deixar de passar na rua que eu passava, entendeu? Passo. Então, hoje, (?) tô lá passando, tava lá os mano do doze, né, que é os cara do tráfico. (?) eu sentado na calçada, na favela, lá a polícia não ia, na favela porque é (?) e tal, lá no meio da favela. Nós tava lá, os cara tudo arrumando e limpando a arma e tal, fumando um baseado, trocando uma idéia e tal, e me chamaram, entendeu? E eu com a pastinha e tal, me chamaram: *E aí, Osmar.* Não é Osmar, é Dodge (?). *Ei, Dodge, vem aqui, chega aí.* Aí, eu fui. *É né, ô mano, tem três anos que eu te vejo com essa pastinha. Cê deve tá rico já e tal.* Falei assim: “Não, que é isso, eu tô... tô vivendo, né, e tal”. Aí: *É, tá sabendo das novas aí?* Falei: “Tô sabendo não. Sei de

nada não”. *É, tem jack que tá solto aí de novo, viu. Cuidado, fala pra sua namorada, fala pra sua mãe, fala pras meninas lá embaixo ficar ligeira que tem um jack agindo na favela. Olha o que a gente tem pra ele aqui.*

**Jorge:** Tem o que? Um...

**Osmar:** Um “jack”.

**Jorge:** Jack.

**Osmar:** É estuprador, né. Aí, os cara limpando a arma, eu pensei em falar: “Oh, o que tem mais aqui pra ele”. Só que os cara não tavam se garantindo. Os cara queria catar ele, os cara tava com estilete, desse tamanho. Os cara disse: *A gente vai trazer... vai pro inferno também.* Assim: *Ah, apesar que a gente vai trazer a orelha pendurada aqui.* E os cara falou que saiu atrás do cara ontem, e não pegaram, entendeu? Aí nessa chega uma mulher. Aí ele perguntou a mesma coisa: *E aí, cadê, cadê?* Porque aconteceu mais próximo da casa dela. E ela falou: *Ah, eu tive conversando com a menina lá e tal.* Falou: *Então, ela foi muito violentada, ele sofreu muita tortura e tal. Ela ficou com medo, ficou assim contida, ficou com vergonha de falar pra vocês.* Então...

*(Fim do segundo lado)*

... aí ela falou que era... que a mina não tinha falado por causa disso, disso e disso. O cara tava lá com estilete. Falou, assim: *Porra meu, quando for assim, vem fala com a gente. Chama a gente, que a gente desce lá na hora. Porque isso aí não vai ficar barato, não. Aquele japonês lá morreu por muito pouco.* Um outro camarada da gente. Poderia estar drogado ou bêbado, não sei o que ele tava. Tava... um cara... um cara classe A, classe A mesmo. Um cara muito... era digno na quebrada. Só que, infelizmente, ele quebrou as regras, entendeu? Num estuprou ninguém. Mas viram ele se masturbando num beco da favela. Aí os cara até imita e tal, os cara tira o maior sarro lá, e os cara, quer dizer... nem correu atrás dele. Que ele... ele tinha um conceito, então quando eles perceberam... ele ficou sabendo que os mano que cobra tava sabendo, que tava atrás dele, ele foi lá conversar com os cara. Tentar se explicar. Então, quer dizer, ele poderia falar: *Ô, tava muito louco, mano, não sei o que que deu em mim, tal.* Mas, não teve tempo. A hora que ele chegou, foi... os cara fez rebolar, fez tirar a roupa, fez a cueca virar fio dental, e matou o cara a paulada, coronhada, com chute. Aí, dançou o cara. Por que? Porque ele não estuprou, ele tava se masturbando no meio da favela. Então, tava... ele morreu por muito pouco. Esse aí, então, se a gente catar, coitado. Porque o outro, entendeu? Então, eles já começam a contar (fato de ouro?), entendeu? porque é rotina. Se você, qualquer menina chegar, falar assim: *Ah, aquele cara é um jack, porque ele tentou fazer isso comigo,* ela não quer nem saber quem é o cara. O cara pode ser o

pastor da igreja. Tá morto, já era. Então, é coisas assim que meu, cê fica sabendo sem querer, porque eu num tava nem aí. Eu não fui lá pedir informação pra ele, se tinha jack ou não na favela. Só que, cê vê, por pouco, fiquei lá cinco minutos lá, fiquei sabendo de (base?), e saí a ligeiro, né. Já liguei pra minha mãe, e eu vou falar com a minha namorada, com as minhas amigas, que tá embassado. E pros meus amigos também, porque a qualquer momento que os cara for cobrar, se o fulano for um cara que é do meu... que corre comigo e eu não sei, tô ferrado também.

**Plínio:** É porque é assim meu. Você pode sair do crime, mas o crime nunca sai da sua vida, meu. Porque se você tem o nome no crime, se você tá dentro do crime, por teu meio, as pessoas... você vai ser uma referência, né. O cara pode vê você numa outra caminhada, mas sempre o cara vai te dar um salvo, vai trocar uma idéia, não sei o quê. O cara ali é respeitado, foi respeitado no crime. Quando você fala que às vezes os cara interpreta mal, você fala: *Pô, eu milito no crime*. Por que? Se vai morrer um cara na quebrada, os cara: *Pô, fala com o fulano lá, porque fulano tem um conceito*. De repente, você dá uma palavra pelo cara.

**Osmar:** Pode crer, pode crer.

**Plínio:** Por que? De repente, você vai dar uma palavra pelo cara, os cara fala: *Não, o mano ali, o Osmar ali, é um mano que nunca decepcionou, nunca quebrou as pernas e tal, então a palavra dele é válida*. Como a palavra do tiozinho lá na favela também... tiozinho tá ali, arrumando o encanador, o pedreiro, de repente o traficante tá lá: *Oh tiozinho... o cara vai lá. Quer dizer, se o cara mexer com um cara daquele ali, é (?)*. O cara não é criminoso, nem nada, mas ele... ele vive ali dentro, tá ligado? Ele pode ser trabalhador, ele pode... você faz seu trampo. Eu tenho meu trampo hoje em dia, tá ligado? maior correria e tal, mas sempre o cara tá dando um salvo. Os cara: *Pô, ô e aí, do rap, ô num some*. Maior (?). Disse: *Não, não é não, do (?)*. Eu corto esse barato, os cara sempre tá ligado, né meu. Então, é complicado. Que, às vez, né, na periferia, é diferente, diferente, porque é que nem você falou, *queria entender*. Outro dia, nós fomos dentro duma favela, a menina falou assim: *Ô queria usar o banheiro*. Aí, quando ela foi dentro do banheiro, ela falou assim: *Putá, mas aqui?* A mulher falou: “Tia, é o único lugar que tem, tia, faz aí, ninguém vai olhar, se o cara olhar, eu arranco o pescoço dele”. A menina olhou: *O que?* “Não, se o cara olhar pra senhora, eu vou arrancar o pescoço dele”. É o linguajar dos moleque da favela, né. Ele tá acostumado com aquilo ali, né. Então, é complicado quando você quer mostrar outra realidade que as pessoas não querem conhecer. Às vezes, até querem, mas têm medo, né meu. É, então, é... dentro do... da favela, dentro da periferia existe isso. Cê imagina amanhã ou depois, o cara colocar você como o cara que tá...

pondo os panos de pilantra, né. Então, o poder da palavra, o poder da verdade e do respeito, né. Talvez, isso se torna até difícil. Às vezes, você vai falar assim num grupo, os cara fala: *Pô, o cara tá fazendo apologia do crime, sabe?* Mas, não é meu. É diferente, né. Hoje mesmo eu falei na (?): *Meu, se o crime fosse bom, meu, né. O crime não é bom pra ninguém, meu. O bagulho é um círculo vicioso, entendeu? Se droga fosse bom, não se chamava droga.* Aí a repórter olhou pra mim assim: *Ué, como se chamava então? Todo mundo gosta de chocolate?* Fosse bom, a droga (???), né. Não é verdade? Então, às vezes, os cara fala assim: *Pô, André, mas cê fala... cê é muito duro.* Pô, a gente é realista, cara, a gente vive no... não que as pessoas falam: *cê que não vive no mundo real,* né. Mas, aonde que a gente mora, se você pegar um menino de sete anos, o cara tá acostumado, ele vai ali... o dia que o... tem até uma experiência engraçada, cara, que, assim: a tempo que eu queria falar de engraçada, né. Porque as meninas tava acostumada a ir dentro da faculdade e tal, namorar e ser feliz, no McDonalds. Quando a menina entrou dentro da favela, que ela viu dois presunto lá: *O que que é aquilo ali?* Falei: “Ah, o cara tá morto”. *Morto? E cadê a polícia?* O moleque olhou, falou assim: *Polícia, tia? Senhora quer chamar a polícia? Aqui não tem polícia... aqui não entra polícia não.* Aí a menina não acreditou, ela falou assim: *O cara tá morto mesmo, André? tá ligado?* “Certeza”. Aí o moleque foi e tirou lá, o cara tava lá, deceparam o pescoço dele, tava lá no chão, entendeu? Aí, naquele momento, ela ficou traumatizada, falou: *Ai, vou voltar.* Aí o moleque falou assim: *Não dá, a senhora já tá aqui, agora a senhora tem que ir até o fim.* Só aquilo ali foi uma experiência que, jamais elas queria passar, né, entendeu? Porque elas num tava acostumada, então, cê num pode se acostumar com isso. A minha preocupação, tá ligado? a nossa preocupação é essa, cara: que as pessoas se acostumam a isso. Se você pegar um moleque de sete anos a oito anos, cê vai com um brinquedo pra ele, ele vai quebrar o brinquedo. Por que? A neurose é tanta que ele vai falar: *Que... vou brincar de carrinho?*

**Joana:** Mas, Plínio, eu não acho que as pessoas se acostumam, porque é uma coisa que a dor faz super e bastante (?). A primeira vez que eu contei pra vocês, que eu (?), quase chorei. Porque daí eu me lembrei quando era o tempo que eu jogava pedra no passarinho, e eu chorava porque matava um passarinho...

**Plínio:** Então, quando você...

**Joana:** É... Então eu acho que você não se acostuma, você é... começa por... não sei, você começar pra você ir desacostumando, mas, enfim, ele chorou aí, lembrando coisas...

**Emilia:** Ter a possibilidade, né, quer dizer...

**Joana:** ... exatamente. É.

**Carlos:** Sábado também, eu vi uma cena assim, que eu fiquei assim, me impactou muito. Eu tava indo lá pro Jardim Ângela, lá pro Criança Esperança, e aí quando eu fui, “ichi”, eu parei num sinal ali no (?) da ponte, parei num sinal de Interlagos (?) e aí tinha um Gol do lado, com um cara, devia ser o pai, a mulher, três filhos. Tinha um menino que devia ter seus quatro, cinco anos, ele simplesmente começou a esmurrar a cabeça do pai. Sabe, tipo, parar assim no farol, ele falou alguma coisa assim pra ele, brincando, deve ter provocado, assim alguma coisa de (?), o menino começou a esmurrar a cabeça do pai, e era uma criança assim, mas não fica quieto, entendeu? Pra mim, era pequeno. Aí o pior, abriu o sinal, o pai dele saiu, parou dum lado da base e desceu do carro, provavelmente pra puxar o menino pelo pescoço. Aí a mãe desceu e não deixou. Ficou aquela onda, ele também não queria parar com os cabelos, já foi andando. Mas, eu fiquei imaginando, eu disse: *Pô, meu irmão, aquele menino daquele tamanho, esmurrando.* Esmurrou mesmo, bateu (?). Sabe, como diz assim. No que eu olhei assim, disse: (? *meu irmão, que luta é essa?*) Aí até fiquei meio que atrás dele, tô (?) vendo a hora que o cara parou e meu irmão não acreditou, falou: *É isso.* Foi exatamente isso, a mulher desceu, eu não entendi, provavelmente o cara deve ter ficado possuído, então, quer dizer, é... eu acho que, o Dante que fala isso. O Dante fala que tem valores que são universais, que é uma decisão que todo mundo pactua um pouco com isso. Eu acho que sim, eu acho que ele tem uma certa razão nisso, mas eu acho que tem uma coisa, Joana, que é o caldo mesmo...

— Mas, não é.

**Joana:** Que ele tem isso?

**Carlos:** ... o caldo mesmo.

**Ana:** ... mas quando isso é lembrado, entendeu? Porque a sensação que eu tenho é que nem isso que você vai falando, Carlos: a gente de algum jeito afeta um pouco, se for assim todo dia, o que aparece, é: *Figura matou, o outro assaltou um ônibus, agora o outro tá...* Aí cê vai virando... você vai ter que ir se acostumando nessa estória até que vai ficando...

**Plínio:** Quando você fala de acostumar é isso, tá ligado?

**Ana:** ... eu acho que a saída que é no dia que chorou, porque eu acho que foi um momento aonde ele foi, sei lá, levado...

**Carlos:** Trazido pra essa outra realidade...

*(Falas juntas, Ana e Carlos)*

**Ana:** ... de novo pra aquilo que acho que naturalmente ele tem. Mas, ele precisa ter contato o tempo inteiro pra ser lembrado, porque acho que é a mesma coisa assim, talvez é... essa sensibilidade só volte daí uma outra... grupo estiver meio... por isso que tem essa coisa da rede que a Emília fala, é importante, porque sozinho às vezes você se vicia num lugar que cê tá, entendeu? e é isso assim: ele se foi a fala que mais marcou do crime, lá naquele dia que a gente conversou com eles é: *Vocês...* foi a única vez que eu senti eles estavam interagindo de verdade com a gente. Que era assim: *vocês são as primeiras pessoas...* e não era de elogio, era de comentário: *...vocês são as primeiras pessoas que estão dizendo pra gente não ir lá e matar os figuras.*

**Carlos:** É, acho perfeita na realidade, né, que eles até *Porra,...*

**Ana:** É.

*(Falas juntas, Ana e Carlos)*

**Ana:** *Aquele: Porra, eu não sei, mas é isso. Não sei que lá, o nosso tio foi lá com a metralhadora, o outro não sei o que lá, tal.* Então, eu acho que assim: aquele depoimento onde alguém não (??), *mas você sacou que você matou um ser humano, né.* E eu lembro do lado, da fala do Carlos Paulista mesmo, nesse sentido de: *Porra, cê tirou a possibilidade do cara de tá revendo coisas que é o que você está fazendo agora.* Enfim, meio... sei lá, naquela hora ele ficou fazendo discursos que vinham na cabeça. Daí falando meio pra eles a estória do Centro Vida, mas é um pouco de um... E aí eu acho que é natural nessa hora, sabe, durante... daí tem outras referências que ele tem da coisa dessa sensibilidade que tem a ver com isso, entendeu? Agora é um pouco esse trabalho, cara, de classe sendo lembrada o tempo inteiro, de... pra todos os lados, né. Por isso que eu acho que se a nossa ação, que é um pouco... em algum momento alguém falou, não sei se foi o Plínio: *eu quero voltar pro mundo, apesar (??),* porque era assim: se você vai lá, você faz de uma forma que tem a ver com lembrar isso, e você sai fora e o resto das falas o tempo inteiro são de lembrar outras coisas, é difícil que ele se mantenha naquela fala lá, né, pontual, sei lá.

**Jorge :** Eu acho que o que nós estamos falando aqui no grupo, hoje, tem seguido um traçado que é mais ou menos a pergunta: *O que que eu faço com isso? O que que eu faço com isso?* Acho que é isso que o grupo está se perguntando o tempo inteiro: *O que que eu faço com isso?* Porque se eu for pensar seriamente nisso, *o que que eu faço com isso?* Se eu não for babaquizar, não for endurecer, *que que eu faço com isso?* Que que eu faço com isso? Que que eu faço, por exemplo, com essas cenas que você conta, com essas cenas, com essas cenas, com o nosso espanto. Que você faz com esse espanto, que você faz com seu... o que fazer com isso, né? Quando a gente começa a

desvelar, quer dizer, abrir a tampa daquilo que nós estamos fazendo, a impressão que dá é como se a gente pegou aqui no grupo abriu a tampa e viu... e vê a coisa de um outro jeito, que não era o jeito tão endurecido ou tão cotidiano que a gente via...

**Osmar:** Não era receita que a gente tinha no bolso.

**Jorge :** Não era receita do bolso, e aí a gente diz assim: o que que faz com isso? O que que eu faço com isso? O que que eu faço com isso?

**Osmar:** Pelo fato até de desvelar o que ele falou, que vai falar: *É, se o cara... se o traficante for matar o fulano, cê vem falar com o Osmar primeiro, que o Osmar pode evitar que os cara mate ele.* Foi o que aconteceu. Lá a gente fez uma festa, fez uma festa, fez uma festa que a gente tava... ia arrecadar alguns brinquedos pro Dia das Crianças. E nessa festa tinha um cara que já caguetou um cara. Dois anos atrás tinha caguetado um mano lá. Aí, eu convidei os cara pra ir na festa, entendeu? Nem tava... inocente, nem sabia da estória. Convidei os cara pra festa, vem os cara também pra festa, quem tava lá? Logo o cara que caguetou ele. “Ichi”, eu falo mesmo, nego ia morrer. Aí o cara já falou: *Não, foi o Osmar que me convidou, vou lá falar com ele. Osmar, vou matar esse cara, meu. Esse cara me caguetou, foi assim, assim, assado, polícia vem atrás de mim até hoje. Tô com a minha... com a minha... com o meu... como é que fala?*

— (?)

**Osmar:** ... *perdi as palavras, meus documentos, meu nome tão tudo, meu. Tô com outro nome, mas eu tô ferrado.* Eu: “Mano, num mata o cara aqui não, que vai queimar nós. Nós tamo no espaço da firma, a firma abriu pra nós, se matar o cara é o fim, a gente não vai ter onde fazer nada mais”. O cara pensou duas vezes, e matou. Só que nem por isso, eu fiquei dando costa quente pro cara. *Oh, o remédio é esse, a saída é essa.* Abracei o cara: “Fica andando do meu lado, cê não vai morrer hoje”. Eu cheguei, minhas amigas: *Cê tá frito, os cara tá aqui, os cara tá armado até o dedo, os cara... Você sai daqui, encontrando os cara vão te matar. Dá... Arruma um jeito pro (André?) sair.* O cara também não é bobo. O cara num falou assim: *Ah, mano, um dia eu pego você aí.* O cara não é bobo. O cara tá ligado que ali dentro ele não ia fazer, só que se ele tivesse lá fora, mesmo que tivesse do meu lado, ele ia morrer, entendeu? Não sei por que, mas poderia ser que sim. O que ele fez? O cara pulou um muro de quase dois metros, que tinha vidro e o caramba quatro, e fugiu no meio da favela, sumiu na neblina, que nem a gente fala, entendeu? Eu acho que eu até virei e falei: *O que que eu faço? né meu. O que que eu faço com isso agora? Tô numa situação que eu não esperava. Alguém, a vida do cara tá nas minhas mãos, entendeu? Que que eu faço? Oh, meu, espera ele sair oh, vou falar pra ele buscar uma cerveja lá na esquina... tem cara que*

faz isso. Tem cara vivo, mas... se você entra no meu conceito, se você pisou na bola comigo uma vez já, eu piso em você, porque se fosse outro cara: *Ah, cê quer matar ele, vamo ali, pra você matar ele agora.* “Aí fulano, vai buscar um negócio pra mim ali na... (?)”. Ele vai, todo inocente.

— É o (*há um comentário que não dá para entender*)

**Osmar:** Não, é tinha na minha (??): *Desce aí peão. Faz um favor pra mim? Vai dar um rolê com esse cara no meio da favela aí. Vai ver se o lugar mais escuro.* O cara vai todo empolgado, entendeu? quando chegar lá, é o fim dele. Mas, eu não. Falei, pedi pros cara num matar ele ali. Falei pra num matar, entendeu? *Não, mano, não mata o cara não.* A vida tem muito valor, não dá, não dá pra ter esse discurso.

(*Risos e falas juntas*)

**Plínio:** Hoje é possível dar risada, mas a realidade é mais dura e crua. Se você chegar no cara, falar assim: *Oh, coitado do cara!* “Oh, coitado?” Que cê acha? Não gosto do cara, me caguetou, ultrapassou minha caminhada? Então é isso, cara, entendeu? Não tem que ter... infelizmente, você não tem poder, você não pode (??), entendeu? Então, são situações que você vive, cara.

**Osmar:** A gente procura nem ser o... uma opinião seu pode, entendeu? Mas, você é neutro, entendeu? Porque na hora você tenta fazer o que vai menos te prejudicar. E também poderia ser, você vai lá, mata o cara, alguém ia, parece que vi, gente, tem medo até disso, tá ligado?

**Emilia:** É interessante, Osmar, porque quando vão falar contigo, tem um pedido também de ajudar, pra te segurar, esse assassinato. Quer dizer, quando ele te diz: *Osmar, eu podia simplesmente não te dizer nada,* ir lá e matar o cara que, caguetou ele. Quer dizer, ele foi pedir também pra tu não deixares ele fazer isso. Mas, tu não...

**Osmar:** Mas...

(*Falas juntas*)

**Clara:** Mas, é sem consentimento por ele estar naquela festa...

**Osmar:** É.

**Clara:** ... uma coisa mais que perfeito. *Oh, vamos fazer isso, você me chamou, mas, oh, tô te falando.* Eu não entendo isso como um bom sentimento. É uma coisa mais de respeito ao ...

**Emilia:** Mas tem o pedido também, para que o Osmar diga alguma coisa sobre isso. Mas, acho que essa...

**Clara:** Mas acho que é o respeito.

(*Falas juntas*)

- Carlos:** Não, autorização. Ele queria uma autorização...  
(*Falas juntas*)
- Jorge:** Então, nessa situação...  
(*Falas juntas*)
- Emilia:** Quando tem esse pedido de autorização, tem alguma coisa a ser feito.
- Jorge:** Isso. Então, que eu estava pensando até, com o que você falou, que era a coisa seguinte: da mesma forma que você tem o poder de matar, da mesma forma como você pode ser morto a todo momento, você tem o poder de matar ou morrer de alguma maneira, quer dizer, a tua vida está por um fio, por um dedo, mas você tem poder sobre a vida do outro, porque o toque que você dá pro cara: *Não mata ele...*
- Você salvou a vida.
- Jorge:** É, você salva a vida do cara. Ou se você diz: *Não, não*. Você salva a vida do cara. Quer dizer, a coisa da vida por um fio, o tempo inteiro, do como poder sobre a vida, fica colocado como coisas aparentemente muito pequenas, não é? Mas, que não são pequenas. Elas estão todas dentro dessa rede que a gente está falando, que é essa rede que segura tudo. Essa rede de que um código, a rede do cara que entregou não sei quem, a rede do cara que matou não sei quem, o que é leal, o que tem respeito, o que é uma referência, enfim, toda essa tessitura, toda essa rede, mas o poder de matar ou morrer, da forma como ele é colocado, como a gente está falando aqui, é muito grande, né, de você salvar a vida de um cara, de você matar um cara, desse cara mesmo morrer...
- Plínio:** Com uma palavra.
- Jorge:** É.
- Plínio:** Uma palavra. Eu já tava passei por situação assim que você tá em liberdade, o cara ligar: *Oh seu bosta, arranja o velho cai e posse e (?)*. “Não, não faz isso não, cê tá louco, mano”. E olha, às vezes, os cara liga pra mim falando: *Meu, é nós vamos virar caveira*. Aí nós ir lá, buscar os cara, chega lá, negociando, trocar idéia com os cara. Não é por aí e tal. Só que há situações e há situações, cara, tá ligado? Teve uma vez mesmo, no dia 18 de fevereiro de um ano atrás, que eu tava dentro do pavilhão 7, quando teve aquela mega rebelião. Nós sabia de tudo que ia acontecer. Só que nós não podia chegar na mídia e falar o que ia acontecer, entendeu? Quando nós chegamos nos pavilhão, quando eu cheguei pra visitar meu ex-cunhado, que é um amigo meu, parceiro meu... Os cara falou: *Ah, a cadeia tá pegando, não é rebelião*, entendeu? Então, a gente e as pessoas que tava lá como visita, que colocaram pra trocar idéia com os polícia foi eu e mais uns companheiro e uma mina, entendeu? E o policial simplesmente... o cara atirou, mano. O funcionário jogou uma faca no policial, o policial

foi, atravessou o cara com o fuzil. Naquele dia, morreu quatro presos. Só que a mídia não mostrou isso. Aí, o que que aconteceu? Teve uma menina da Pastoral da Carceragem, que ela ficou assim sabe por um fio. Por que? Ela se comprometeu, na palavra. Por isso que a gente fala muito sobre palavra. Porque ela entrou pra negociar, foi falar com o juiz, com os cara que falam que é líder, isso e aquilo. Que que aconteceu com os cara? *Eu vou lá, eu sou da Comissão de Direitos Humanos também, vou fazer isso, isso e isso.* Só que ela fez a parte dela, né. Só que, quando ela chegou pra dar a resposta pros cara que tava dentro da cadeia, o que que aconteceu? Os cara não deixaram ela entrar. Aí os cara começou tipo aquela imagem, né: *Pô, a mina é pilantra. Pô, a mina é isso. Pô, vamos matá a mina. Vamos fazer isso, vamos fazer aquilo.* A mina ligou pra (??) e disse: *Pô, os cara tá correndo atrás de mim, os cara tá querendo...* Por que? Porque os cara achou que ela tava dando a fita. A mesma coisa aquela situação: já pensou se o cara acha que o Osmar tá fazendo uma truta? E ela, naquele momento, ela se sentiu impotente. Por que? O opressor tava ali em cima, né. Os cara que tavam no poder, tiraram. (???) o cara ter acesso, que a única linha de água lá é... era ela e na do juiz corregedor. Aí pediram pro juiz entrar, e ficou. Mas que que foi a causa? Ela deu uma palavra e o juiz também deu uma palavra que...

**Emilia:** Não conseguiu...

**Plínio:** Num conseguiu...

**Emilia:** Ter um retorno da palavra.

**Plínio:** Não teve um retorno. Aí, bom, o juiz foi, falou pra todo mundo assim: *Oh, ninguém vai apanhar, ninguém vai sofrer nenhuma represália.* No outro dia, os cara fechou a cadeia, eu mesmo fui preso na porta da cadeia. Os cara quebraram o meu braço. Mataram quatro companheiros de uma vez, entendeu? Aí, os caras ficaram irados. Aí, você imagina, a ira dos cara. Pô, o juiz foi aqui deu a palavra, entendeu? Então, há momentos que você se sente impotente, cê fala assim: *Putá, mano, o que que eu vou fazer?* né. Então, que que aconteceu? Segunda-feira mesmo eu não vim na reunião, por que? Eu até falei pro Mario: *Cara, os cara me prendeu de novo, né. É a segunda mala que os cara me levaram. Pegaram meu livro, rasgaram meu livro.* Aí, falei pra policial assim: *Pôxa, a senhora me conhece, moro lá do lado da...* Sabe o que ela falou pra mim? “Você tá equivocado. Eu não conheço bandido, não”. A mina falou... Falei: *Putá, meu, a mina veio pra tirar, a gente trabalhando lá e tal, pô.* “Eu te vejo lá, eu não conheço bandido. E você é muito arrogante. Você cala a boca”. Falei: *Não, pera aí, não é assim não. Cadê os meus direitos.* Ela falou: “Seu direito é ficar quieto. Seu direito é ficar quieto”, me algemou e: “Vou meter você em cana”. Falei: *Qual que é o flagrante? Qual que é a situação?* Ela falou: “Você é arrogante”, tá

ligado? “Você é um marginal, você sempre vai ser marginal”. Cara, naquele momento, cara, eu pensei: *Eu vou dá uma cabeçada nessa mina, né*. “Cara, cê tá me encarando?” Eu tava indo pra uma palestra na escola. Aí eu lembrei de tudo... falei: *Pô, tô indo lá na escola, né, falar que os meninos tava entrando no crime, o cara tá vindo, sou (garrado?), cara rasga meu livro, dá uma cacetada na minha cabeça e me joga no chão e...* “Não tá conseguindo, é a sua palavra contra a minha”. Aí quando ele pegou um cartão meu da Comissão de Direitos Humanos falou: *Ahhh...* aí o cara catou meu livro: “Ah, esse cara é o que tá televisão falando de nós. Rapaz, olha o que eu faço com seu livro”. Rasgou. Aí eu falei, eu liguei na (?), sabe o que a minha mina falou?: “O Plínio, infelizmente como você tem várias vítimas, né. A única coisa é que tu saiu. Pô, cê saiu, então, pra não voltar pro (garrado?) e tal”. Falou: “Meu, você sempre vai ser bandido. Não adianta você pagar de mocinho, não adianta cê falar que faz trabalho com criança, você é bandido. Nós vai acabar matando você”. Falei: *Que é isso? Um sargento falando isso pra mim. Que autoridade você tem pra falar isso?* Disse: “Oh, tá vendo isso aqui? A minha palavra vale por mil socos”, né. E eu abri um processo contra os cara. Todo dia, os cara passa na rua da minha casa lá. Hoje mesmo, eu tava vindo pra cá, a policial olhou pra mim: “E aí, vai na televisão de novo?” *Com certeza. A primeira oportunidade, eu vou falar tudo o que aconteceu.* Mas até quando isso?, né. Então, às vezes, cara, você fala assim: *Até quando?*, né. Então, o Osmar ele pode ser uma pessoa perseguida, né. Eu e o Maurício somos perseguidos. E quantos de mim... quantos não igual, iguais a mim, são perseguidos. Então, é complicado. Você tá numa reunião, você vê, você coloca a situação, porque você é uma referência, tá ligado? Infelizmente, hoje, eu sou artigo vivo pros cara, né. Mas, eu não estou me portando como vítima, porque hoje vai ser a minha última fala aqui. Mas, eu não tenho medo disso. Porque hoje quando eu tava vindo pra cá, o policial olhou pra mim, falou assim: *Oh, nós vai te pegar hem.* Quem? Cê acredita nisso? Mas, pô: *Nós vai te pegar.* Cadê a prova que eu tenho contra ela? Eu fui na... eu fui na ambulância, sabe o que o cara falou pra mim?: “Coloca um gravador no bolso, e na hora que o cara te ameaçar, cê tá com a prova”. *Meu amigo, se os cara já me espancaram sem gravador, cê os cara me sacarem com gravador, tô pego.* Não é verdade? Então, é complicado, cara. É complicado, porque é a mesma coisa. Até falei pro Mario: *Oh, tô chateado, não vou não, porque...* Ô, se eu chegar de noite, se os cara me pega de noite? Eu já não saio mais à noite, cara, porque algumas precauções que eu tenho. Eu fui na polícia civil, falei pros cara: *Meu, dá pra vocês arrumar um colete pra mim?* Eu quero tirar o couro. Os cara falou: “Mas, tirar quanto? Cê é ex-presidiário, cê que um colete pra que, meu? O cara ainda virou: Cê vai assaltar um banco de novo?”

Falei: *Não, amigo, tô sendo perseguido, de repente os cara me dá um tiro pelas costas.* “Toma, aí no caso o seguinte: arruma os seus documentos, tem que tirar uma autorização com o juiz pra você andar de colete”, né. Cê imagina a (?), é... o que aconteceu com os meninos. Não poderia ser evitado? Às vezes, não, cara, porque é a lei da sobrevivência. É que nem o Mario tava falando: quando você tá numa situação, cara, se você não mata, você morre, não é, mas e a reação? né.

**Jorge:** Plínio, como é que você se sente, colocando essa situação aqui no grupo, e eu te perguntaria assim, porque você começou a falar, me veio forte isso assim. Como é que passou (???). Porque eu acho que enquanto você está contando isso aqui, do jeito como você está contando, você coloca aqui no grupo também, uma esperança de vida, de que a gente possa fazer alguma coisa. Porque, com certeza, você está muito solitário, nessa estória, e você quando vem aqui, e quando fala tudo isso, e a gente te escuta nesse silêncio, que é um silêncio de escutar muito, você percebeu. Você acha que tem alguma coisa que a gente possa fazer além de te escutar?

**Plínio:** Eu acho que sim, cara. Se amanhã ou depois, os cara me matar, você já escutou eu dizer que eu não pedi isso aí, porque a qualquer momento... não só (?), tá ligado? Mês passado, eu até falei pro Mario, tá ligado? falei, não sei se cê lembra dessa cena: os cara mataram um parceiro meu. Os cara mataram um cara simplesmente no massacre, e mataram o cara, cê entendeu? Então, por exemplo, se hoje eu tô aqui, tá sendo gravado, amanhã os cara pode dar um tiro na minha cabeça e falar assim: “O cara é traficante”. E aí, nem droga uso. Faz dez anos que eu não uso droga, entendeu? No dia 30 de outubro, eu acho que foi no dia 30, eu tava vindo de uma palestra, os cara me prendeu, até falei aqui na reunião, lembra?. Os cara me prenderam, rasgaram o meu livro de novo, né. Foi a primeira vez. Levaram 900,00 reais, 850,00 reais meus que tava na carteira, e o cara falou: “Nós vamos tomar cerveja com o seu dinheiro. Vá roubar pra dar dinheiro pra nós”. E aí? né. E segunda-feira foi a mesma coisa, né. A policial falou pra mim: “Nós estamos no poder. É a sua palavra contra a minha”. Então, simplesmente, cara, é... a gente que mora na periferia, a gente que teve problema com a justiça, cê entendeu? não é que é difícil, cara, os cara não te dá oportunidade, certo?

**Joana:** Mas, Plínio, você acha que você vai viver a sua vida inteira agora assim? Nesse tormento... pode morrer também...

**Plínio:** Eu pretendo... Olha, olha, eu pretendo não viver, cê entendeu? porque cê chega num limite que, veja bem, pra mim chegar... eu sou faço um trato com um parceiro, falo pra ele: *Meu, manda dois, três coletes pra mim. Manda uma metralhadora.* Mas, o que que... cadê a minha ideologia? Cadê o sonho que eu tinha lá dentro? Cadê o trabalho que

eu faço hoje em dia? Eu estaria quebrando as minhas próprias pernas.  
(???)

**Jorge:** Posso colocar uma coisa?

**Plínio:** Porque...

**Jorge:** Deixa eu colocar uma coisa, Plínio, porque nós estamos chegando na hora, eu queria colocar uma coisa que está me vindo aqui. Eu acho que nós estamos vivendo aqui com o Plínio, uma situação muito semelhante àquela que você falou. É muito claro, Plínio, que seria uma estupidez, a gente te dizer ou eu te dizer, que você não está correndo um sério risco de vida e que, possivelmente, que há uma possibilidade forte de te matar. E que eles estão te rebocando ou pra que você mate alguém, ou pra que eles te matem...

**Plínio:** Ou que eu volte pro crime.

**Jorge:** Isso. É isso, deixa, deixa eu completar. Então, na verdade, o que você está fazendo aqui é exatamente aquilo que a gente estava fazendo, estava conversando: Como é que nós podemos ter uma conversa aqui contigo, entre nós, que não seja nem a gente se endurecer, com aquilo que você está vivendo, e nem a gente babaquizar aquilo que você está vivendo. *Não, cara, agora tá tudo certo.* Agora está tudo certo, o “caralho”, ele está dizendo que não vai dar tudo certo. Ele está nos avisando que não vai dar nada certo. Ele está avisando que de uma semana pra outra, duas vezes pegaram ele. Ele está avisando que estão rasgando aquilo que ele tem de mais precioso na vida, que é o livro. Que exatamente eles sabem que aquilo que o Plínio tem de mais precioso na vida é o livro. Esse livro é o que ele conseguiu de mais precioso, aonde está tudo aí. Então, vocês vejam que eles não são bobos, eles rasgam o livro. É como se rasgassem você mesmo e assim você...

**Plínio:** Uma ofensa, né, meu, uma ofensa.

**Jorge:** Se o Plínio é palavra difícil, rasgassem a palavra dele. Então, Plínio, aqui no grupo a gente escuta isso e nós poderíamos dizer assim: *Ah, tá bom.* Ou ficar silenciosos, porque a gente dizer *você não precisa fazer as coisas que você está dizendo.* Ele está dizendo que vão matar ele. Não é possível que matem? Não é possível, não é possível que matem? Ninguém te diz, mas eu acho impossível que matem, porque as pessoas, talvez, não tenham coragem de te dizer, mas é possível que te matem mesmo, como eu estava... só um pouquinho... Mas, é possível mesmo, quer dizer, está tudo se encadeando pra isso, ou que você mate alguém de tanta provocação que te fazem. Por isso que eu estava perguntando: Como é que o grupo aqui pode te ajudar? Porque nós não podemos, nós não temos a força de lutar contra essa polícia diretamente. Nós não temos a força de impedir que eles rasguem o teu livro, nós não temos a força de impedir que eles quebrem o teu braço,

nós não temos a força... essa força nós não temos. E se nós não temos a força, cara...

(Fim do terceiro lado)

**Jorge:** ...e no final ficar dizendo que a gente pode estar fazendo, possa qualquer coisa. Agora, o que que nós podemos fazer aqui nesse grupo? Eu acho que o fato da gente poder escutar, Plínio, e poder falar dessa forma que nós estamos falando. Dizer pra ti, cara: *não tenho a força pra te salvar desses “filhos da puta”, mas vem aqui, fala, e vamos pensar junto*. E esse lugar aqui recebe a tua dor, recebe o teu afeto, recebe a estória da tua vida, recebe o teu livro, recebe o que você está vivendo. E esse lugar aqui te recebe, te contém. Não de prisão, mas te contém de te receber como se fosse um braço, onde você pode pensar e a gente pode falar sobre essas coisas. Isso a gente pode fazer. Você não acha?

**Plínio:** Oh, eu sei como é que é. Eu fui, fui no programa do (?), foi a semana passada. Ou então, um tempo atrás aí, eu tenho até gravado. Até trouxe a fita aí pra se vocês quiserem ver. O cara falou que não tava conseguindo: *as trilha tá muito grande*. Pô, cê não tem medo de morrer? Não tenho medo de morrer, cê tá ligado? Porque eu só tenho medo da traição dos cara, entendeu? Então, o que que acontece? A única certeza que eu tenho hoje, tá ligado? vamos a batalha. Alguns dos parceiro meu? A única certeza que eu tenho é que eu vou morrer, cara. Eu sei que eu nasci e eu não vou ficar pra semente, tá ligado? O dia que os cara que me pegaram, trouxeram, deixaram defecando sangue, eu ia no banheiro, minha mãe falava: *Que que é isso aí? “Problema no estômago”*. Eu não ia chegar na minha mãe, falar: *Pô, os cara me espancaram*. Você concorda? Eu vim falar com o advogado, ele disse: *Meu, mas cadê as provas? Cadê o exame de corpo delito? Você fez?* “Meu amigo, como que eu vou sair (??) hospital, e o cara me seguindo, amigo, como?” entendeu? Às vezes, você dois, três dias, passou, pôxa. *Cadê as provas que você tem contra os cara?*

**Jorge :** Então, mas sabe o que que é? Entendi, porque o que fica é assim: você sabe que você vai morrer, você sabe. É bastante óbvio até, pelo que você fala. O problema é como que a gente não se endurece com isso. Como é que você não se endurece com isso. Porque é muito doloroso, é muito doloroso você pensar: *Putá, e agora, que que eu faço?* É mais fácil, a gente chega ali: *Bom, “foda-se”, eu vou morrer mesmo. “Foda-se”*. É mais fácil.

— É, mas mais fácil pra mim eu chegar, pegar uma metralhadora, entendeu? invadir a casa da polícia.

(Considerações juntas)

- Mas, acho então... tem alguma medida que isso também é bom pro... pro trabalho da gente, pelo menos a gente explora... pelo menos a gente...
- Jorge:** Não é babaquice...
- Não, não.
- J:** ... a possibilidade de pensar sobre isso.
- Tudo bem. Eu sei, mas é... o desdobramento... que também isso não me satisfaz, entendeu? É que...
- Jorge:** Não satisfaz sabe por que? Sabe por que não satisfaz? Porque nós não vamos impedir isso. Mas, talvez, o plano tenha alguma coisa interessante a dizer, mas o fato talvez. O Plínio poder falar sobre a morte dele, o medo da morte dele, que está anunciada. O que ele vai fazer com isso, com a dor que ele tem ou a indignação que ele tem, daquilo que ele está vivendo. O como humilham a ele, pela coisa mais importante que ele fez na vida, que é esse livro. O fato dele poder falar isso aqui, colocar em palavras e a gente poder trocar o que cada um de nós pensa, sente, não salva a vida, mas talvez salve a vida... não sei se entendem...
- Talvez proteja a palavra, né, mais do que o corpo, no sentido de que... é isso que eles querem, quer dizer...
- Mario:** Eu só queria deixar uma coisa pro Plínio, mas também dividir isso com todo mundo, porque sempre que o Plínio me liga e a gente conversa, é sempre muito difícil pra mim. Assim, é... me sobrecarrega. Sobrecarrega ouvir, sempre, esse lado dificulta. Uma semana foi “a polícia falou”, na outra “tomei tiro”, ou então... Sabe, todas essas coisas que acontecem com o Plínio, que acontecem com você, Plínio, pra mim é... porque eu, às vezes, sinto...
- Plínio:** Coincidência demais...
- Mario:** Não, não... quer dizer que eu sinto como se fosse em mim e aí... mas ao mesmo tempo não é em mim, né. Quando rasgam o teu livro e você me conta isso, pra mim é uma dor, mas ao mesmo tempo não é comigo. Porque é o meu livro também, mas só acontece com você, nunca aconteceu comigo. Polícia nunca me parou, me pegou e rasgou meu livro.
- Plínio:** Por que?
- Mario:** Porque a gente tem uma relação de diferenças de classe, você é negro, eu sou branco, quer dizer, esse clima assim. Agora, falando um pouco de como é pra mim, sabe? ouvir você falar essas coisas, e que de certa forma, me dá uma sensação de derrota, sabe? quando você me conta todas essas coisas, porque a esperança que eu tinha, quando a gente veio do (?), é assim: *Porra, talvez eu...* se o Plínio conseguir falar

essas coisas no livro, e livro conseguir um lugar de respeito, de projeção, sabe? Se o livro conseguir materializar-se, se o livro conseguir aparecer, se o livro conseguir ter vida. E a tua estória, não passou em você estar no livro, talvez isso de alguma forma te salve, sabe? mas, ao mesmo tempo é muito difícil que essa separação se tente de verdade. E aí eu fico pensando o que que eu posso fazer além disso. Porque além do livro fazer essa separação entre a tua estória, entre você, são a mesma coisa, mas... quer dizer, é um equilíbrio muito frágil, porque as voltas que o livro (?), é uma puta violência, mas ao mesmo tempo não te mataram ainda, certo?

**Plínio:** Ainda.

— É, mas aí...

**Plínio:** Os cara te matam todo minuto, meu.

— Eu sei.

**Plínio:** Que pra nós isso aí já é uma forma de... de suicídio, de morte, tá ligado? O cara te... Porque, por exemplo, quando você tá no crime, se o cara falou uma palavra pra você, você já vai bater de frente. E quando você sai dele, você já tem que, né, abdicar de várias coisas. Cê vê então, se o cara falou um barato pra você, cê já fala: *Putá, tenho que engolir, porque isso é ser simples, pequeno (?), porque...* Não é assim, entendeu? porque dentro do sistema que você (pedacinho com defeito), imagina lá na favela. Se o cara falar um barato pra você, o que você vai fazer com ele? Você vai ter que pensar duas vezes e jogar o barato pela janela, não é isso?

**Osmar:** Já basta cê ser tirado de “cusão”, entendeu? mas... é... sou mais ser tirado de “cusão” do que ser um... hoje, sou mais ser tirado de “cusão” do que ser um assassino, entendeu? porque cê... o cara que é folgado, entendeu? Você é o cara que atrasa o lado daquela tiazinha ali, que tá em casa, não tem nada a ver com as (?) do filho dela, entendeu? Porque, meu, eu comparei vários cara ali merecem, entendeu? Só que eu não sou ninguém pra julgar, não sou ninguém pra falar, matar, entendeu? Foi uma coisa eu queria responder pra ele aqui, desde o primeiro dia que eu falei. Ele falou assim: *Meu...* se eu não achava mais fácil ir falar com o cara que mexia com a sua mina, por que cê teve que falar pro outro cara? O outro cara é irmão dele. Eu queria te responder isso, mas não tinha como... não tinha te respondido. O outro cara era irmão dele. Que se fosse um amigo dele, eu não ia falar. (?) briga: *Ô, (?) acho que você, eu vou te matar.* Porque eu conheço o irmão dele, o irmão dele... eu acreditava que o irmão dele não ia querer ver meu lado, entendeu? Porque o irmão dele já viajei com ele, já fez o curso PROCVI comigo, entendeu? Era outra relação do que com o amigo dele. Como ia chegar em outro camarada meu, que conhece ele, e falar. Só que eu já fui ligeiro. Eu tava com esse cara aí,

o cara ia falar que eu tô na maldade com ele, entendeu? Porque eu tava, só que eu não tive coragem de chegar lá e tomar uma atitude, entendeu? Porque hoje eu não tenho mais essa postura, entendeu? Não tenho mais esse (?) vai me prejudicar.

— Você teve coragem de não... eu acho que é o traje ao contrário.

— É, mas ele fez assim: como é que é?

— Complicado, entendeu? Pô, isso aí é tirar, mano. Isso aí é querer forçar...

— Mas quando cara senta, faz você tirar. (???) você tirar. Mas não é isso, sou mais eu. Você pode tirar quanto você quiser, e aí?

— É raro. É raro porque nem todos (*fala junta*)

— Conheço muitas poucas pessoas que conseguem fazer isso na vida em geral.

— É que é tipo aquilo, você tem que contar, se você tem que contar até dez, você conta até cinco, né.

— Só que ali o Plínio falou uma coisa importante sobre o pequeno suicídio. Esse... ter que engolir tantos sapos, tanta porrada, tanto... Você sente assim também, são pequenos suicídios?

**Mosquito:** Não dessa forma, entendeu? mas eu... eu vejo que é.. eu tô, pô, passou, mas uma coisa que...

— Mais uma provação.

**Mosquito:** ... fora, na minha vida, assim, que eu engoli, entendeu? Eu consegui. E passei batido, entendeu? Só que tem vezes que aquilo fica engasgado muito tempo, entendeu? e pode... ou descer tranqüilo, ou ficar ali, ou... cê quer tentar tirar e não sair, entendeu? você tá engasgado, tá abafado, por bastante tempo, porque, meu, eu num tô nem mais pra aquela cara. Todo dia eu tenho que ver ele, todo dia eu passo em frente do bar dele, todo dia eu olho pra ele. Vou levar minha namorada todo dia, eu olho pra ele quando eu tô passando com ela...

— Você vai ele (???)

**Mosquito:** ...sempre quando ela chega em casa, eu tenho a mania de perguntar, não sei porquê a coisa, tá na minha... na minha sina já: *E aí?....*

(*Fala conjunta*)

— Então, você (???)

**Mosquito:** ...porque, mãe dela falou... A única coisa que eu teria, que me deixa mais próximo é que eu tivesse matado ele, tá ligado? Ficar tranqüilo, chegar em casa, ele não mexeu com ela, porque eu, talvez se... entendeu? E isso é... é uma coisa que me deixa injuriado: *Pô, quando*

*vai acontecer de novo?* Pô, eu tô aqui, hoje ele mexeu, passou. Tempo e tempo sem acontecer nada. De repente, no dia que eu nem pergunto, ela vem e comenta. Como que eu vou absorver aquilo? Eu tô... eu tô me preparando pra esse dia. Tô me preparando pra isso... pra receber essa... essa notícia. Mas, aí... aí (??), tem outras mina bota lenha na fogueira. Ela liga lá, fala: *Oh...* Não, meu. Quantos cara que cê acha que não mexe com mulheres? Quantos... Ela fala: *Meu, você mexe com mulher.* Então, entendeu? Aí...

**Jorge:** O que você está dizendo é o seguinte, que é um negócio legal. Você está dizendo o seguinte: *que a minha mulher gosta muito de mim.* É isso que ele está dizendo, que é um negócio legal: *minha mina gosta muito de mim, que ela tá me protegendo, eu tô cuidando dela, ela tá cuidando de mim.* De alguma maneira, eu acho que quando a gente está na hora, eu acho que é uma coisa muito... aqui a gente pode... o que a gente pode fazer é isso também: um tiro, um tiro, um tiro também.

— E você está falando, eu também tô com um pouco... tô com medo, né?

**J:** Claro, porque você está carregando sozinho essa. E você está também envolvido nisso, mas você também está... vamos dizer... quando vocês dois conversavam, quando essa conversa ficava só entre vocês dois, e noutro dia está aqui dentro do grupo, eu acho muito bom que você pôde falar sobre isso desse jeito, sabe Plínio. E que o Mosquito está podendo falar disso também. Porque a tua vida também está envolvida nessa estória. Não é só a tua, a dele também.

**Plínio:** Só que... só que ele...

**Mario:** De outro jeito.

**Jorge:** De outro jeito.

**Plínio:** De outra forma.

**Jorge:** De outra forma.

**Plínio:** Não quanto a eles. Meu, jamais ninguém vai tocar em você.

**Jorge:** Não, até toca. Mas, primeiro você. É...

**Mario:** Talvez a coisa seja mais o jeito, Plínio. Mas, eu também... eu tenho medo também, sabe. A polícia não te reconhece, ela poderia não me reconhecer do mesmo jeito, entendeu? Não é só esse... não é só isso. Não é só essa a minha bronca. Eu tinha a esperança de que com o livro, você tivesse... você pudesse, quer dizer, ser a sua palavra de outro jeito, criar uma outra rede em que você pudesse circular. Ter um outro espaço...

**Plínio:** Não, mas é... à medida que isso vai acontecendo, isso é provação também. Por isso que eu não abaixo a cabeça, tá ligado? Eu sei... a

única certeza que eu tenho é que eu vou morrer. Mas, enquanto eu não morro, todos os espaços que eu tiver...

**Mario:** Seu problema é muito parecido com o meu, Plínio. Eu tenho a esperança, como você tem, que a minha palavra seja reconhecida. Eu escrevo também. Eu sou escritor, então eu também publico, né. Eu quero que a minha palavra seja reconhecida. A polícia não entende nada... se eu tenho um livro meu, certo? você sabe. A polícia não vai fazer isso. Agora, pô, as pessoas podem rasgar o meu livro de outro jeito. (*Há muito ruído interferindo*) Um jornal, o cara vai lá e destrói o meu livro só porque (*muito ruído*) (??) é a carteira que está (??)

**Jorge:** Bom, gente. Eu acho aqui que... tá legal. Como é que você está se sentindo, Plínio? Como é que você está teu coração?

**Plínio:** Não, eu... é como eu falei desde o começo: a gente se acostuma com a idéia, porque dentro da cadeia você acostuma a matar, tá ligado? Na rua, você tem que se acostumar a sobreviver.

**Jorge:** Mas, como está teu coração, aqui, agora, que a gente está...

**Plínio:** É que nem eu... eu tô passando pra vocês o que está acontecendo na minha vida, tá ligado? Eu só peço pra vocês: se amanhã ou depois, acontecer alguma coisa, vocês colocarem isso em ponto que foi um testemunho que eu dei, tá ligado? entendeu?

**Jorge:** Isso com certeza.

**Plínio:** Só isso, porque eu sei que pra semente eu não vou ficar, tá ligado? É que nem eu falei: *enquanto eu respirar, mano, eu morro pelos meus irmãos*.

**Carlos:** Plínio, (??). De alguma forma, cê... cê não pode fazer nada, Plínio? Sei lá, tipo... sair...

**Plínio:** O que eu posso fazer, (?) que eu faço, cara...

**Carlos:** ...da circulação.

**Plínio:** Aí, quer o bem ou... eu não uso a caneta como a minha arma, tá ligado? Que que eu posso fazer? Tenho as minhas precauções. Então, por exemplo, eu fiquei doze anos trancado. Hoje em dia, (?) eu já não posso sair mais. Então, se eu sei que eu não posso passar por aquela rua, eu já não vou passar, entendeu? Eu espero que um dia isso mude, tá ligado? Foi que nem eu falei outro dia pro delegado. Falei: *Meu, amigo, eu tive no sofrimento. Enquanto eu viver, eu vou mostrar isso pras outras pessoas. Até o dia que vocês me calarem*, entendeu? (*Ruído interferindo*) Porque seria hipocrisia minha, chegar aqui, falar: *Pô, a cadeia é maravilhosa. A favela é maravilhoso*, certo? Aí o mano ia falar: *Esse cara é pirado, mano*, certo? Eu já fui em programa de televisão, o cara chegar ni mim falá assim: *Oh, fala isso, e isso, e isso*. Eu rasguei o papel, e falei pra ele: *Oh, eu tenho outras coisas pra*

*falar. Não vou falar que o sistema é bom. Já falei isso porque os cara não querem, entendeu? Só que eu não quero o meu livro venda...*

**Carlos:** Não, não tem nada, Plínio. Mas só que eu não queria nem falar, Plínio, porque no mundo essas coisa continua e... eu não me sinto... sei lá, velho, pra que esperando (?) minha...

**Plínio:** Eu acho assim, cara. O meu objetivo, tá ligado? é passar minha experiência. Se você ler o meu livro, se identificar com uma palavra, meu, a mensagem foi passada, tá ligado? Agora...

**Jorge:** Mas, deixa eu interferir. O Carlos está te dizendo, é o seguinte. *Plínio, não tem alguma forma que você possa pensar pra tua sobrevivência, de um outro jeito, e que a gente até possa te ajudar a pensar nisso?* Porque a impressão que dá, eu quero te dar um toque, talvez é isso que ele esteja sentindo, é que você está tão machucado, cara. Sabe quando te dá uma martelada na mão, você não consegue, você está tão machucado, que você não consegue pensar uma coisa diferente. Talvez é isso que ele esteja te dizendo: *Cara, não dá pra você pensar um jeito de tentar...* Eu não ficaria esperando lá na porta, *os caras vim me matar*. Quer dizer, essa é a tua fala, né. Talvez a gente possa até parar aqui hoje, seguir a semana que vem. Pensar nessa frase. É uma frase muito interessante: *Eu não ficaria aqui na minha porta, esperando que me matassem*. Tem alguma coisa que a gente possa produzir sobre isso? Eu acho que quando você traz a conversa... Legal, hoje a gente falou de coisas super interessantes, até passamos um pouco do tempo, mas legal a gente poder falar dessas coisas tão fundas do coração. E eu te digo: esse grupo está aqui pra você falar, e esse grupo te recebe de verdade.

**Plínio:** Olha, o que eu falo. Eu busco, tá ligado? que nem nós tamos falando de esperança, tá ligado? Quando eu saí da cadeia, eu fui (*ruídos em excesso*) (Impossível ouvir esse trecho) Outro dia mesmo, eu falei prum mano: *Sei lá, (???) de faxineiro*. Eu não falei isso pro cê?

**Jorge:** Essa aí, posso responder.

**Plínio:** Sabe por quê? O que que acontece? Dois anos e meio, meu. Eu sou disc-jockey, tá ligado? Sou formado em radialismo. Eu sou alfaiate. Eu sou (ensabador?). Cê vai procurar um trampo, o cara (som de bater) bate com a porta na sua cara, tá ligado? Cê tá saindo, cê tá procurando um trampo, o cara vai dá uma bisca em você. Quando (?) você, cara. Só que você vai sair, ficando machucado. Eu tava trabalhando numa firma, cara, o meu salário era R\$ 1.200,00. O cara baixou pra R\$ 180,00 porque eu era ex-presidiário. Eu fiquei um mês... um mês pra chegar na minha mãe e falar pra ela: *Oh...* Eu saía de casa todo dia de manhã: *Você vai trabalhar, filho?* Tinha medo de falar pra minha mãe, que eu tinha sido mandado embora, tá ligado? porque o cara descobriu que eu era ex-presidiário. E todo dia, minha

mãe sempre fazia a minha marmita, cara. Tinha receio de chegar lá e falar. Aí uma vez, uma noite cheguei em casa, falei, cara: *Putá, não tem como eu esconder mais isso dela*. A minha mãe falou: *Que que foi?* “Ah, eu não tô trabalhando, eu saio daqui tal, entendeu? Mas, eu vou lá pro projeto dá aula pros moleque lá, é voluntário, e eu falo pra senhora que eu vou trabalhar, porque se eu falasse pra senhora que fui mandado embora, a senhora ia ficar chateada”. Ela falou: *É*. Então, você vê, cê tem que omitir as coisas, tá ligado? por você ser um ex-presidiário, por você morar na favela, tá ligado? Então, é complicado isso daí, porque vai te machucando, cê tá ligado? Eu tenho... Hoje em dia, eu durmo na minha sala porque o quarto que eu tinha, eu montei a minha estamperia. O dia que eu vendo camiseta, eu vendo, tá ligado? O dia que eu não vendo, eu não vendo. Só que quando vem a água, vem a luz, os cara vem e corta, meu, se você não pagar, cê entendeu? Então, (?) vai te machucando, cê tá ligado?

**Jorge:** Vamos... Nós estamos na hora. Vamos continuar essas conversas...

*(Fim da reunião)*

(...)

**Carlos:** Os meninos sumiram e aí era uma coisa que eu tava comentando aqui com o Jorge. Que aí também pra falar a verdade, não senti muita vontade de ficar procurando porque no fundo, no fundo, esse distanciamento deles veio desde aquele momento lá, né, que a gente conversou com eles, que aí a gente também ainda não conseguiu chegar a um formato, né, a idéia... inclusive, na semana passada, a gente tinha sinalizado pra eles que conversaríamos depois do grupo aqui, né. Eu, a Ana e eles, que a gente tinha perdido um pouco esse... esse contato das conversas que a gente teve durante um tempo com eles, e aí a minha preocupação é que assim: geralmente, assim, quando há esse sumiço, quando se souber que tem aparecido no curso, tem aparecido envolvido em alguma roubada, né. A roubada do Edson, começou a sumir dos encontros, quando apareceu, apareceu preso semana passada, quer dizer... E ele se (??), porque meio que semelhante, né. São meninos com essa lente de perdição assim, nos encontros, na turma. São lideranças do grupo. E que são, pessoalmente, jovens que acabam com essa... E aí é um negócio que é assim, muito provavelmente é uma apareci... assim, oh, um aparecimento certamente, pode escrever que eles tão desaparecendo em alguma roubada, né, porque... sumiram. E eu acho que eles sumiram muito... muito mais por uma decisão própria do que por não acolhimento, né.

**Emilia:** Quer dizer, dá pra pensar que esse acolhimento que se propõe ainda não é o suficiente para compor essa tessitura que a gente falava.

**Carlos:** É, mas é que no... é que eu acho que, teve um problema, que a gente tinha sinalizado um processo com eles, né. E depois a gente teve que recuar, né. E depois disso, nunca mais a gente conseguiu conversar com eles, né. Esse é o fato.

**Emilia:** Quer dizer, incluído naquele...

**Carlos:** É.

**Emilia:** ... projeto.

**Carlos:** Eles sumiram, o dia que eles apareceram, a gente não esperava que eles aparecessem. Aí a gente não tava preparado pra conversar. É, porque tinha estado conversando com outras pessoas lá, com o pessoal da USP.

- Jorge:** O Plínio está sabendo exatamente do que que a gente está falando? É um negócio que tá...
- Carlos:** Do Pedro e do João, são dois meninos que freqüentaram aqui.
- Plínio:** É, eu vi a conversa a semana passada.
- Carlos:** Então, eles freqüentaram. E, na realidade, esse grupo começou um pouco... um pouco não. Por conta da situação deles, que eles eram do PROCVI, aqueles projetos do (?). E, então, um dia “x”, eles apareceram lá com um exemplo que tinham matado um cara no dia anterior, tinham saído, foram sair fora, e aí uma semana depois, eles reapareceram. Aí, eu disse assim: *Oh, vocês não podem ficar na (?). Primeiro, que vocês têm um problema, a turma não tá preparada pra resolver.* Questão de segurança, vingança, essas coisas. E aí a gente trouxe pra exemplo no Instituto, e aí a gente descobriu que a gente não sabia...
- Plínio:** Como lidar.
- Carlos:** Como lidar com isso e daí que a gente constituiu esse grupo. E aí eles come... vinham durante todo esse tempo assim, a gente desenvolveu um processo que era de conversar com eles. Eu e a Ana geralmente, quando a Ana não podia, eu conversava. Mas, ficou pelo menos uma conversa semanal até a gente conseguir resolver o que que a gente fazia, né. A gente resolveu formar todo esse grupo, e depois tinha uma idéia de encaminhá-los pra um outro projeto, e aí no meio a gente teve que recuar porque a gente não... enfim, houve uma ou... uma... uma forma mais ampla do Instituto que entendeu que... que, enfim...
- Plínio:** Não era o momento.
- Carlos:** Não era o momento de redirecioná-los para outro projeto, que tinha toda a situação que tinha acontecido, quer dizer, tem todos os detalhes que a gente faz com a sociedade, com relação ao uso da arma, né, não pode ver arma, não sei o quê. E aí, a partir desse momento, assim, eles sumiram, duas ou três semanas. Duas semanas. Apareceram uma semana. Acho que foi (?) que você não pôde vir, se não me engano. E aí, eles sumiram de novo. Sumiram de vez. Inclusive, não ligaram nem pra o que... tinha a coisa da bolsa que a gente tava dando pra viabilizar a vida deles. Eles não ligaram nem pra isso. Sendo que a última vez que eles vieram aqui, eles tavam reclamando de grana, que não tinham grana pra comer. Então, quer dizer...
- Ana:** É, a gente deu o dinheiro que eles gastaram pra vinda, a gente repôs um dia.
- Jorge :** Mas, vocês não deram passe pra eles?
- Ana:** Não. A gente deu o dinheiro que...
- Carlos:** Vinte e poucos reais...

**Ana:** É.

**Carlos:** Vinte e dois ou vinte e quatro reais. Não, vinte e quatro, que dava onze e não sei o quê, pra cada um, porque eles tavam morando...

**Jorge :** Muito longe. Eles falaram que demoraram duas horas e meia pra chegar.

**Carlos:** Tinham que pegar um ônibus e ir até...

**Jorge :** Mais de duas horas e meia.

**Carlos:** ... não sei aonde, pegar mais ônibus, pegava uma van até não sei aonde, depois pegava um ônibus até Santo Amaro. Santo Amaro até aqui...

**Plínio:** É mais ou menos a trajetória que eu faço.

**Jorge :** Quanto tempo demora até aqui?

**Plínio:** Eu saí de cada era meio-dia e meio. Lá em Suzano, então tem que pegar o trem, fazer baldeação em Guaianases. De Guaianases pegar até o Brás. Do Brás vem até a Sé. Da Sé pega até....

**Carlos:** Paraíso. Paraíso, Sumaré.

**Plínio:** Sumaré.

**Jorge :** Então você sai da sua casa meio-dia e meia. Você demorou cinco horas pra chegar?

**Plínio:** Não. Saí de casa meio-dia e meio, só que eu passei em outro lugar. Eu cheguei... pra mim sair de casa quando eu venho pra cá, eu saio uma e meia, duas horas. Que é longe, né. Pega muita baldeação. Eu acho que assim, na minha opinião, o que aconteceu com esses meninos aí, é que assim, muitas vezes, a pessoa vem na ansiedade de ter uma coisa. E naquele momento, nós não tamos preparados pra aquilo, né. Então, (?) momento, vocês apoiaram. Vocês tentaram fazer o que vocês puderam, mas não foi o necessário pra eles. Que tem gente que não tem um real pra pegar nem um ônibus.

**Carlos:** Mas, eu acho que não foi questão de grana não. Grana é uma coisa que eles sabiam...

**Plínio:** Vai ver que eles estão passando por outras situações, né, porque quando o cara tá assim. E eu falo nisso por experiência própria. Assim, que a gente vê várias experiências onde que a gente mora. Quando o cara tá foragido da polícia, como você falou que ele se envolveu com crime, os cara fica na bota, meu. Então, o cara fica tipo assim, tipo um animal, porque ele... se ele vê o predador dele vai ter que correr. Então, ele fica com medo. Às vezes, ele nem vem numa reunião, por que? Ele tem medo de sair e ser pego. Aí o cara se oprime dentro daquele lugar que ele tá. Pode ser isso também, né. Pode ser

isso. Ele está com essa dificuldade de sair, né meu. Com medo que alguém pode tá ameaçando ele, eu não sei.

**Jorge :** Ou então, pode estar também, uma coisa que a gente pode levantar, é essa estória que talvez eles tenham se metido... Como eles estavam sem nenhum, sem nenhum... estavam super duros, sem nenhuma grana...

**Plínio:** Pode ter ido pro crime também.

**Jorge:** É. Eu acho que é uma possibilidade importante.

**Carlos:** Que era um alvo que vinham tentando eles durante todo o processo. Eles falavam: *Não, velho*. Mas, eles justificavam a entrada com... certa forma, com a relação que eles tavam desenvolvendo com a gente.

**Plínio:** É, porque, oh, quando a pessoa tá nesse estágio aí, cara, é difícil, porque o cara tá duro, fodido, e sempre ele vai estar sendo aliciado. Passa na esquina, ele vê um cara vendendo droga, e com um (?) de dinheiro no bolso. Aí ele vê a polícia passando, fazendo nada, porque aquele policial é conivente. Então, o cara chega nele fala assim: *Oh, cê tá duro? Vou te dá tanto pra você fazer isso*. Vai chegar uma hora que, infelizmente. Tem que cara que vai, tem cara que vai, entendeu? Pode ter acontecido isso também, né meu. Ontem mesmo, eu encontrei um menino, que era meu aluno, ali na escola de futebol. O moleque chegou ni mim, falou assim, me chamou de canto, tava ele e os moleque tudo cheirando cocaína lá, cheirando cola na praça. E os policiais lá na esquina da praça. Aí eu chamei, chamo até ele de (?): *Oh (?), que cê tá fazendo aí?* “Não, tô na casa da minha tia”. Falei: *Não, que cê tá fazendo? Cê já tá louco, né?* Aí, troquei idéia com ele, me chamou, falou assim: “Olha, eu vou contar pra você, saí da favela porque os cara quer me matar na favela. Briguei com um cara lá, o cara falou que se eu voltar pra favela, o cara me mata”. *É, mas e aí? Você vai ficar na rua?* “Não, tô na casa da minha tia”. Hoje de manhã, encontrei ele com uma bicicleta novinha. Todo sujo em cima de uma bicicleta. Quer dizer, aí eu chamei ele, comecei a trocar idéia com ele, aí ele me passou. A idéia... pra você ver... a inteligência, a habilidade que o moleque tem. Ele tava com esses barato aqui, tá ligado? Eu não consigo fazer um barato desse.

**Carlos:** Durepox.

**Plínio:** É. Eu não consigo falar... fazer um barato desse. Aí ele foi, falou assim: *Pô, o nome dele é Alex, né*. Aí eu vi, eu falei: *Oh, dá pra mim. O meu nome é Plínio, né meu*. Aí por aquilo ali você vê como que tá a mente do moleque. Ele fez o nome dele, já fez a folha da maconha ali. Aí eu fui, falei pra ele: *Você tá usando droga, né meu?*

**Jorge :** Isso aí deve ser pra guardar inclusive.

- Plínio:** Aí ele falou pra mim: “Pô, mano, cê é foda, né. Cê já captou”. Falei: *Não, cê coloca logo a folha da maconha...* então, né. A gente conhece um pouquinho. Ele disse: “É, eu dou uns pega no baseado”. *Mas, ontem, você tava cheirando farinha, não tava?* “É, tô fazendo isso daí pra vender” e tal. Vender. Cê vai lá vende e volta com droga. E o moleque tá na rua.
- Jorge :** Que idade ele tem?
- Plínio:** Tem doze anos. Moleque lindo, joga o maior bolão. É um dos melhores alunos de futebol que já vi. Doze anos. Cheirando cocaína, não é que ele tá traficando na praça, meu.
- Jorge :** Crack também. Tem crack lá? Muito crack?
- Plínio:** O que mais tem, tá ligado? O que mais tem é crack e cocaína, cê entendeu? A molecada, cê vê, lá na praça tava mesmo. Tem o que? Tem uns treze moleque. Os moleque é tudo avião, cara. Então, você vê, lá existe um projeto, né meu. Que tem um projeto lá, só que não tem como comportar, tá ligado? Por que? Os moleque fica jogado na rua. Então, pode tá acontecendo isso com esses meninos aí. Eu não conheço eles, tá ligado? Mas, a realidade, meu, pra você se aliciar no crime, entendeu? é um segundo, é um segundo. O cara vai e o cara dá, né. Daqui a pouco, o cara tá absorvendo (?). Esse menino mesmo, ele tem doze anos. Ontem, ele me mostrou uma arma que eu... eu num tive, tá ligado? Eu já peguei na mão e tudo, mas minha mesmo, num tive. “É do traficante, o cara deixou comigo, e aí?”
- Jorge :** Que arma que era?
- Plínio:** Ah? Uma ponte 40. Ele tava com uma ponte 40 dentro da mochila, ele tava levando pra outra (?). E aí? E os polícia lá, mas... o moleque com a mochila nas costas, tá ligado? todo sujo. Muitas vezes, o polícia passa (???), tá ligado? Às vezes, tem uns polícia lá diz que são conivente, tá ligado? Hoje de manhã, ele tava com a bicicleta nova. E amanhã, vai tá com o que? É... infelizmente, pode tá acontecendo isso com esses meninos. Eles tão aí no tráfico, com certeza. É 99%, cara, deles tá envolvido com o tráfico, tá ligado? ou tão assaltando. Isso aí é uma questão que é 99%.
- Ana:** E aí, que que a gente faz?
- Plínio:** Ah?
- Ana:** E aí, que que a gente faz?
- Plínio:** Olha, eu acho é o seguinte. Não é impossível, tá ligado? Mas, tem que procurar, meu. Tem que procurar e procurar dar uma pensão maior, tá ligado? Porque, infelizmente, a gente vem pra uma reunião dessa, mas as realidades são diferentes.
- Ana:** Claro.

**Plínio:** Né? Todo moleque que volta pra lá, pra periferia, pra onde a gente mora...

*(Fim lado A da Primeira Fita)*

— Não tinha porque mais, entendeu? Eu não vou ver o (slide?) e dizer ah, esse caminho é super... não sei quê... porra, (?)

— Não, em absoluto, e o tipo de relação que a gente construiu com ele... se tinha uma coisa que não tinha espaço... tipo assim, você conversava assim, sabe, e eu nunca tive dúvidas assim do grau de sinceridade das pessoas que estavam conversando com eles, e mesmo a gente com eles, que às vezes o (?) deixou claro que não sabia o que fazer, mas que a gente estava a fim de entender o que era, e construir alguma coisa juntos, e que a gente não sabia o que seria e nem deles também, porque muito cedo assim, na primeira vez que a gente sentou, foi uma conversa terrível, terrível mesmo, mas foi assim, cada um se botou na mesa... e ficou uma coisa... que chegou a um nível de eu dizer assim olha, isso não é uma guerra, o que vocês pensam sobre tudo isso é completamente oposto do que a gente, então é natural que fique um... diálogo com este grau que está aqui, mas no fundo no fundo, a gente está aqui para trocar idéia...

**Jorge:** Mas eu acho...

— Eu acho que tem uma coisa que está sendo falada, que é: as expectativas são diferentes..

— É... no fundo, no fundo, o que eu acho é o seguinte, assim... eu acho que eu vou muito pela linha e na realidade a gente sentia um pouco isso... né, de que... desde o início... ficou claro que assim... o Centro Vida, de alguma forma, manter a relação do Centro Vida, manter um canal ideal com o Centro Vida, era a única forma que eles tinham de se manterem atrelados àquela vida que eles tinham e que eles abdicaram no... aliás, o Pedro falou isso muito claramente, em quinze minutos eu simplesmente dei uma volta de 360 graus em minha vida, e agora estou assim... e a gente tinha muito claro, que assim, o Centro Vida era a única coisa que tinha restado, por isso que a Ana inclusive sempre falava assim pô, de repente não acolher é... colocá-los nos braços da criminalidade e tudo o mais. E aí eu acho que a grande coisa foi... a gente não conseguiu ser capaz... por inúmeros motivos, de dar a resposta que eles precisavam, entendeu, não era nem a resposta que eles queriam, era a resposta que eles precisavam, que era exatamente essa do acolhimento, mas não do acolhimento penoso, mas o acolhimento de dizer assim... porra (?) ainda tem gente que acredita em vocês e vamos construir alguma coisa bacana para a vida, entendeu? Porque esse já era o sentimento deles com o curso, eles não

estavam no curso por um acaso... Tanto é que no dia que eles saíram daqui, convencidos de que não podiam ir para o curso, quando eles passaram do outro lado de lá eles falaram para o Cebola, pô, achei legal as conversa, mas na realidade queria era fazer o curso e não era pela grana porque eles saíram daqui com a grana, já, eles já saíram daqui com a grana, vocês vão continuar recebendo a bolsa, e a gente... até a gente conseguir construir algo, então, eles queriam de fato já construir algo...

**Jorge:** Sabe o quê que eu acho? Eu acho o seguinte, eu acho que o nosso tempo, ele é muito mais lento, o tempo dessa construção é muito mais lento do que o tempo que tem na periferia, na urgência do dia a dia deles... e isso é uma coisa que a gente tem que ter clareza, porque para a gente fazer uma construção, para a gente conseguir encontrar uma resposta, a gente pode demorar meses...

— E perder algumas pessoas nesse processo...

**Jorge:** Agora o tempo deles, na periferia, é como você disse, são quinze minutos... ou cinco minutos...

— É tipo uma maratona, né?

**Jorge:** É, é a maratona, o cara vai pulando obstáculo, pulando obstáculo, pulando obstáculo... então, eu acho que são tempos diferentes porque as urgências são diferentes, os tempos são diferentes e as abordagens são diferentes, e como a gente mesmo falou, agora a pouco, quer dizer, este grupo não se propôs a resolver isso, se propôs a pensar e a buscar soluções alternativas, inclusive recoloca para nós, que nós temos este encontro e o próximo, uma coisa que a gente estava começando a trabalhar, quer dizer, quais são os produtos desse grupo? Como é... que produtos esse grupo pode ter e que respondam, dentro do tempo do Centro Vida, e que responda de alguma maneira à urgência emergencial terrível que existe na periferia. Quer dizer, o quê que a gente... o quê que esse grupo produz, a gente está... nós temos falado disso durante vários encontros, produz texto, produz isto... mas agora não estou falando de texto, agora estou falando de formas de trabalho, de abordagem de trabalho, entende?

— De ações, né?

**Jorge:** De ações, exatamente, o quê que a gente poderia... e talvez eu acho que esse exemplo que esse grupo, ele se constituiu em função desses dois meninos, e de alguma maneira hoje, no penúltimo encontro, eles continuam dando a linha do grupo... seguindo exemplos e dando a linha do grupo, de dizer assim: olha, são tempos diferentes, o grupo não se propôs a isso, a salvá-los, mesmo porque não tem como, mas são tempos diferentes, eles fazem o grupo refletir, mas que tipo de ações, a partir dessa prática a gente pode fazer na periferia, que salve,

e que responda a essas situações de urgência e de emergência, ou que evitem que existam tantas... na verdade eles...

— Como eles, existem vários...

**Jorge:** Milhares...

— ... nessa situação, só que a gente... não tem só um vínculo... (?) tem vários, a gente não sabe a ... a proporção, né...

— É, então, isso sim, mas é que existe um caso que foi específico, né, na realidade esse grupo na realidade ele existe muito mais a partir de um caso específico, mas muito mais em função desses vários... né... e daí...

**Jorge:** São os porta-vozes, né, a gente pode dizer...

— É, na realidade eles foram os porta-vozes da demanda mesmo do Centro Vida, porque o Centro Vida precisa pensar e decidir sobre isso...

— E olha, eu acho que essa coisa do tempo, para mim ela ainda... tem uma... assim um... você vai ecoando, acho que de um jeito muito maluco, assim, acho que, cada um, né, sai com... tipo mobilizado com as coisas daqui, tal, e vai para a sua atuação. Porque também esse momento de duas horas, insisto, a consequência é diferente, mas tem coisas que são muito parecidas, acho que as coisas que a gente vive aqui, a intensidade de forças e tal, depois, quando cada um vai... volta, né, para as suas coisas de atuação mais cotidiana e tal, [a sua realidade, né?] é... é muito... quer dizer, você vai vendo como é distante, né, [é diferente, né?] eu... para mim... tem um troço assim muito louco que vai dando a dimensão de como esse tempo ainda... não é só que o nosso tempo... é muito diferente do tempo de lá, acho que aqui a gente conseguiu talvez aproximar algumas coisas mas é... sei lá, tem dois exemplos assim que eu fico vendo que... como isso está mais distante ainda na hora de você pensar em ações para esses todos, de impacto, que chegue em todo mundo, que não no caso de só desses dois, porque é preciso que quem, aqui dentro do Instituto, participa desse grupo e quem não participa, estão com abordagens completamente diferentes sobre algumas coisas...

**Jorge:** Você sentiu isso?

— Nítido! É nítido assim...

**Jorge:** Então explica mais, porque já é um produto... já é um produto deste grupo...

— Eu fiz uma avaliação hoje de coisas do Centro Vida, né...

**Jorge:** Então, é legal porque é um produto...

— E uma fala de um diretor, quer dizer, que é o (?) né, não está aqui, não está participando, assim, para mim foi... NÍTIDO, a hora que a gente elencou quais eram as coisas que estavam meio (?) no Centro Vida, não sei o quê, ele foi a única pessoa que levantou o negócio, e todo mundo que estava participando aqui sentiu um pouco (?), eu, o Felipe, a Joana, tal... o meu... pô, não é possível, porque ele colocou assim, ah, atuação com jovens adolescentes no borderline, né, que é o cara que está ali no limite do crime, a academia que lê desse jeito. Aí de repente a gente olhou e falou pôrra, tipo... muito mais do que a questão da dificuldade que foi lidar com esse fato quando apareceu no Centro Vida é o resultado que a gente está conseguindo produzir com esse grupo. Então é assim, na hora de você pensar o que precisa melhorar ou insatisfações, ou qualquer coisa assim, ninguém que está participando disso estaria dizendo uma coisa nessa linha, estaria muito mais valorizando esse espaço como uma coisa de construção e resultado do que essa... puta, a gente não soube lidar! Porque é óbvio que você vê o resultado, você fala pôrra a gente soube lidar de um jeito MUITO legal, na verdade, né, com todas as dificuldades, com todos os tempos que não se alcançam e tal, mas, pôrra, se produziu uma PUTA coisa com essa história, então não é... ah... tipo causou um conto em quem estava aqui, sabe, mas acho que também a gente soube olhar para isso e tal, e aí... eu acho que tem uma outra análise... subliminar dessa fala dele, que é assim reproduzir um discurso que era um discurso, até então, institucional, de que existem esses garotos. Porque para mim, no fundo, o que é assim... para mim o que ficou desse grupo é... não existe, ou se existe, é exceção, tipo, eu e o Carlos a gente estava um pouco discutindo isso, no começo, a gente saiu um pouco com a coisa assim, ah vamos (?) só vamos para tentar lidar com esses caras que estão nos limites da criminalidade não sei o que e tal, eu fico um pouco com a sensação, com as coisas que são ditas aqui, de que não existe, meu, que o que existe é... momentos que você está com uma série... uma rede ali de contatos, de coisas acontecendo, que estão... que te tiram mais desse... caminho... de você estar envolvido com outras coisas, mas é porque é assim, o limite disso que você... uma tal figura se envolver com o crime, é muito pequeno, então não é que você vai chegar lá, bater lá e falar, hum, aqui tem uma lista de... critérios, que eu identificando a pessoa, este cara (?). Meu, não é, cara... pessoas como o Angola para mim são exceção! E por “n” outros motivos... Honestamente, assim, você consegue dizer ah... isso aqui, olha, puta, meu, acho MUITO difícil que se envolva com o crime, me desculpa! Prá mim é a maioria ali... está muito próxima de... ou é o que eu estava falando, e eu aponte a alienação da Igreja, e aí pode ser um outro perfil, eu vejo hoje essas duas GRANDES coisas que existem na periferia... uma coisa MUITO alienada assim, realmente de que aí [direito e família...] porque é... porque fica numa coisa totalmente

alienante... assim... Eu acho que não é à toa que o cara se envolve com o crime, é um cara que é bom não sei na (?) é uma coisa meio de ter uma energia, de ter um espírito crítico de ter não sei o quê, é isso até que leva meio de repente, estar lá na história, porque é alguém que está acostumado a questionar, tem adrenalina, então...

— As lideranças que o Centro Vida quer formar, são justamente as que estão em crise... (?) tem um espírito crítico...

— Tem uma ou outra coisa, mas eu acho que assim... para mim não existe essa divisão do borderline e do líder comunitário, assim, para mim é um pouco o recado que ficou desse grupo. E eu vejo, e isso que eu falo que como demoram os tempos, porque tem um negócio gente que até para convencer as pessoas internas disso é um negócio que no processo do discurso está muito mais difícil do que no processo da vivência. Então é um negócio que é assim, como é... a gente também faz uma coisa que poderia ser uma atuação do Centro Vida para dar conta mais rápido das coisas e tal, enquanto você não consegue ter uma coisa institucional muito consolidada, que os outros não... que as pessoas todas estejam de acordo, ou pelo menos as pessoas importantes, estejam de acordo, acho que em alguma medida, quer dizer, a gente garantiu aqui que a maioria das pessoas de tomada de decisão tivesse, acho que não é à toa como a fala isolada de um diretor que está saindo, porque inclusive é por isso que não está participando nesse sentido, mas para mim é um negócio muito... louco assim...

**Jorge:** Mas aí, seria muito interessante marcar isso, viu? São duas coisas que nós estamos dizendo. Uma coisa é que um produto... um dos produtos deste grupo foi que o Centro Vida ou pessoas (?) Centro, que são pessoas significativas na discussão, a partir do que vem ocorrendo aqui neste grupo, conseguiram transformar ou ver muito mais profundamente o que está ocorrendo com a juventude na periferia, e que antes haviam muitas coisas que eram chavões, porque hoje em dia está claro que são chavões, parece que... então isso é um produto da maior importância porque isso tem que dirigir as ações do Instituto. E aí que os tempos são diferentes e a partir de uma conclusão como essa, as ações concretas do Centro Vida, elas têm que dar um acerto de rota... você não trabalha mais... você trabalha com situações muito mais limites na verdade, o que a gente está percebendo é que são situações muito mais limites, na verdade a idéia é correr atrás de corrida de obstáculo é uma boa imagem, porque o cara pula mas uma hora ele bate em um, o outro cai... às vezes ele segue... ou ele cai, ou às vezes... quebra a perna e cai, ou às vezes o obstáculo cai, e ele segue correndo, que é como entrou, vendeu, tá duro, chegou lá vendeu, fez uma lança, fez isso, fez aquilo... saiu fora, vai, porque fica nessa flutuação aí, que parece...

— Vai desviando, né, vai desviando... só que quando ele bate de frente? Uma hora a casa cai, né?

**Emilia:** Quer dizer, aí dentro disso é interessante porque... eu acho que está certo, não se tem que... tem que pensar uma política mais geral para todos, mas eu acho que é no caso específico que a gente vai chegando a questões gerais porque já pensar nessa corrida de obstáculo, o quê que aconteceu com esses dois, com o Pedro e com o João... eles tropeçaram, ou eles quebraram a perna... quer dizer, eles estão em que momento? Eles tropeçaram, caíram e não conseguem levantar mais, ou eles derrubaram o obstáculo, tropeçaram e dá para eles seguirem a corrida, quer dizer, como é que se pensa isso, quer dizer, situações concretas, tem que ir lá buscar eles, e chamar escuta meu, o que houve... queremos seguir um pouco para além do que se faz habitualmente como Instituição, quer dizer, é uma postura, tem que se experimentar isso, talvez com esse caso e não com os outros, não que isso seja uma política mas talvez falasse mais... tivesse mais expressão, que me ocorreu... algo como: que o Centro Vida tem que EXPERIMENTAR mais, experimentar ações... situações limites não estão mais com os meninos, estão com a intervenção, que o Centro Vida é uma intervenção limite... junto com os meninos...

**Plínio:** Quando a gente fala de limites, fica uma coisa muito assim branda, né, porque é que nem a gente fala de obstáculo, o cara caiu, no crime, ele quebrou a perna, nada vai tirar isso da cabeça dele. Mesmo ele tendo o respeito pelo Angola... e tendo respeito pela Ana... mas ele fala puta, eu decepcionei... Agora, se ele ficar lá, pensando dessa forma, se ele [ficar caído no chão], caído no chão, e não tiver uma pessoa... não que não pode... mesma coisa uma criança, a criança cai no chão, se você não levantar ela, ela vai ficar no chão, não vai? Então o cara que está no crime é a mesma coisa, o cara que é aliciado pelo crime, é a mesma coisa... porque ele vai falar puta, eu decepcionei! No dia que eu quebrei as pernas eu decepcionei aquela pessoa que acreditou em mim, entendeu, é a mesma coisa, um exemplo, eu hoje em dia... eu hoje em dia eu reluto todos os dias para eu não voltar para o crime, porque todos os dias quando eu chego em casa, minha mãe tá lá, ela olha para mim e diz assim: onde você estava até agora? Outro dia eu fui fazer um evento em Santos, e não deu para mim voltar, no outro dia de manhã ela estava lá, sentada no sofá lá, quando eu cheguei ela: o que você estava fazendo na rua até agora, você me põe louca! Aí eu pensei: olha a minha responsabilidade, né? Já pensou se eu quebro... no crime eu ia quebrar as minhas pernas, ia decepcionar a minha mãe...

**Emilia:** Se ela não estivesse lá te esperando, talvez tu... estou te fazendo uma pergunta, se ela não estivesse lá te esperando, tu acha que era mais

fácil voltar para o crime? Quer dizer, tu sabe que tu tem compromisso com ela...

**Plínio:** Eu tenho um compromisso com a minha vida também... hoje eu tenho essa consciência... mas e aquele menino que infelizmente não tem essa vivência, né, que ele tá ali, ele está aí, mas ele vai vendo uma pessoa... a irmã... o irmão, que um dia você vai na favela fala ô irmão... firmeza? Aquilo ali ele tá te cumprimentando como se você fosse o aliado dele, mesmo você morando no centro da cidade... então você pega aquela afinidade... só que quando ele está caído ali ele vai lembrar de você... e se ele não pode te ver? Já pensou se você puxar esse desafio para tipo.... já que ele não pode vir aqui eu vou procurar ir até ele para saber o que realmente está acontecendo, porque você só vai saber a situação quando você chegar perto dele e ele falar para você: olha, aconteceu isso, isso e isso. Eu acho que é romper um limite também isso aí, é romper... isso é necessário... porque o Centro Vida, é legal esse processo de ficar (?) mas e a ação? Eu acho assim, na minha opinião, falta um pouco dessa ação, né, você quebrar isso né, porque tem pessoas que têm medo, eu já participei de várias entidades e participo até hoje, que as pessoas têm medo de... ah, pô, o cara matou, será que se eu falar isso prá ele ele vai... vai... como que ele vai absorver isso? Mas a gente tem que ter esse desafio... tentar isso!

**Emilia:** Foi o que se rompeu aqui, né?

— É, está claro que necessariamente não é uma opção ser um criminoso, um assassino...

— ... ou ser um cara super legal...

**Jorge:** Aquele início de grupo, que o cara vai para um lado ou para outro... essa pergunta não existe, né?

— ... era esse caminho ou este, ele optou por aquele, então ele não pode ficar junto com a gente...

*(muitas falas juntas)*

**Jorge:** Só... desculpa... eu acho que essa é uma frase interessante que você falou aí... que não é que o cara vai para um lado porque ele tem uma opção de ir ou não para o crime, existe um cotidiano onde tudo pode acontecer...

— É... em que a não opção na realidade é a tônica, né, vamos dizer assim, a carência de informação...

**Jorge:** Você concorda?

**Plínio:** Concordo, porque é tipo assim, o... o Guilherme, outro dia nós tava conversando sobre você estar na mídia ou você ser uma referência. Hoje, com todos os meus defeitos, eu sou um cara legal, né, eu posso ser legal prá ele, prá ele, prá ele... mas e prá polícia? Eu não sou um

cara legal! Pro crime, eu sou um cara legal, né, pros meus parceiros que tá dentro da cadeia (?) pela habilidade que eu tenho de (???) muitos foram assaltados, (?) pôrra (?) o crime... então na favela onde os cara mora... todo mundo gosta deles mas o ... como a gente fala, o zé povinho que tá do lado ali... são preconceituoso, mas o zé povinho que tá ali que vai junto da polícia, não gosta deles. Então você tem que se melhorar... Então é fácil o cara chegar... muitas vez o Angola passa na rua... o cara: ô aquele cara ali é sangue bom! Aí a tia vem: aquele cara ali é o maior chato, mas não conhece...

**Jorge:** Certo... mas Plínio, o que eu estava te perguntando é o seguinte: porque eu acho que é um negócio super importante, que está aparecendo aqui, que é o seguinte: o grupo... este grupo começou de uma questão. A questão que esse grupo começou era assim: porque que alguém, um jovem, que está na periferia, escolhe — com essa pergunta — escolhe por um caminho ou por outro caminho?

— Mas será que ele tem escolha?

**Jorge:** Não, não, exatamente, é isso que o grupo está chegando... é isso que eu estava te perguntando. Então, essa foi a pergunta inicial do grupo, o quê que o grupo está dizendo, o quê que o Centro Vida está dizendo? O Centro Vida está vendo — que é um produto do grupo — está dizendo o seguinte: olha, nós percebemos ao longo deste trabalho aqui, que essa é uma pergunta falsa. É uma pergunta que não está bem colocada a pergunta mas a gente só pôde entender que é uma pergunta que é falsa, a partir do trabalho do grupo, que é como o Carlos disse: olha, não é que o cara escolhe “a” ou “b”, ele escolhe ir para o crime ou não. Ele tem um cotidiano que vai empurrar para ele para um lugar ou para outro, dependendo do que ocorre na frente dele a cada momento.

— Vai jogando, vai jogando automaticamente...

**Jorge:** Você concorda com isso?

**Plínio:** Eu concordo, porque... o cara vai sendo jogado, automaticamente... porque hoje ele passa na rua, se ele vê o inimigo ele vai desviar, e o dia que ele não puder desviar?

**Carlos:** E outra coisa que eu acho, Plínio, é que... a carência de informação torna isso mais dramático no sentido da falta de opção, porque assim, é claro que quando você fala assim: NÃO tem opção, é uma coisa que ela não é EM SI completamente verdadeira, é óbvio que há sempre uma opção, você pode respirar ou não respirar, basta você puxar o ar ou não. Mas a falta de informação inibe a possibilidade de que se crie opções alternativas...

**Ana:** Mas não é só a informação, né Carlos... eu, um pouco sinto assim que...isso que tava dizendo, são duas horas que passa aqui, tal, se você

tem mais coisas neste caminho, aí eu acho que a gente pode falar de dois caminhos, né, uma coisa é porra, você ter lá essas duas horas que são do Centro Vida, mas puta, também você tem uma coisa legal que é a escola onde ele passa não sei quê... então é isso que eu digo, quer dizer, tem que ter outras coisas que dialoguem para o mesmo objetivo, ainda com divergências e tal, mas na coisa maior, quer dizer, sabe, acesso a direitos, a felicidade...(muitas falas) é, porque eu acho que informação é uma coisa muito específica, é de TER POSSIBILIDADE CONCRETA, Carlos, de atendimento, de execução de projetos... não é só informação, sabe, [é ocupar] não ocupar, eu acho que ocupar... é que prá mim ocupar é uma coisa meio alienante, entendeu, Carlos, sabe que é assim...

**Jorge:** Acho que você está falando, Ana, de rede social.

**Ana:** De rede social... é... a gente não tem que estar...

**Emilia:** Acho que tem um exemplo, concreto até que o João falou aqui mesmo no grupo, disse que passou por um carro e a mulher que estava no carro fechou o vidro, e ele ia zoar com a mulher, só que aí ele vinha para cá, então como ele vinha para cá, ele estava mais ligado em vir para cá do que em “zoar”, se ele não tivesse...

**Ana:** O Osmar fala isso, o Osmar fala eu tô no CIC, eu estou na coisa do Centro Vida... e ele falou porra e aí eu tô na história... ó, o Osmar... prá mim é assim, olha, um negócio que às vezes dá até aflição, queria que ele estivesse aqui, mas acho que ele saiu daqui, né, segunda teve o grupo, na terça teve a abertura do Seminário de Políticas Públicas de Juventude e tal, que é uma outra coisa que a gente começa a ficar com aflição, porque puta pessoal legal, nã, nã, nã, mas a dificuldade de conversa que você tem com essa coisa de uma diversidade de informação, você vê a distância de discursos, assim, de gente muito legal, muito séria, mas você vê CARALHO... e o Osmar, inclusive fez essa fala, e não sei se o Angola sabe, mas o Osmar uma hora levantou lá é, mas é muito difícil isso que vocês estão falando, eu vejo que é legal, tal, mas puta, num tem diálogo disso com o que a gente conversa na periferia, no meio da galera, então acho que foi até uma coisa legal, aí encontrei o Osmar lá, à noite, lá no negócio de Políticas de Juventude, que ele não foi, ficou provavelmente sabendo disso no Centro Vida, mas ele foi representando a posse dele, não sei quê, tal, eu vejo, assim, como ele vai se envolvendo com um monte de coisa, parece que é o jeito que ele precisa para não voltar para a história, entendeu, é um negócio que eu fico até com aflição, falo meu... caralho, o Osmar vai... porque é uma puta de uma angústia, porque senão, meu, vou voltar...

**Jorge:** Mas Ana... só uma coisinha... desculpa... você não precisa falar do Osmar, só do Osmar... nós temos o Osmar, ele está dizendo todos os

dias que ele vem aqui, você está dizendo o enorme, sobre humano, esforço que você está fazendo... não é isso, você chega aqui no grupo, e a tua fala, ela sempre vem você dizendo isso, ó, eu estou fazendo um esforço sobre humano, eu estou agüentando coisas que eu jamais pensei em agüentar, para me manter fora, porque está todo mundo me empurrando... a polícia me empurra, os colegas me empurram... a ausência de dinheiro me empurra... tudo empurra, como você mesmo disse hoje, para voltar para o crime. Então o quê que... a gente fala do Osmar, mas aqui está, o Plínio está dizendo o tempo inteiro, desde o primeiro dia que ele veio aqui, diz assim: gente, — vê se eu estou traduzindo legal, Plínio —, ele pergunta assim, o quê que eu faço — vê se estão certas as minhas perguntas — o quê que eu faço do meu (?) uma pergunta... segunda pergunta: o quê que eu faço com a minha miséria, tá certo? O quê que eu faço com o meu isolamento lá na puta que o pariu, morando 3 horas para chegar aqui, certo? Só essas três...

— O quê que eu faço com a necessidade de sobreviver?

**Jorge:** Isso... o quê que eu faço com a necessidade até de não magoar a minha mãe...

— São várias necessidades... não é que o Plínio tem essas necessidades, entendeu... mas o Osmar também tem... o Angola também tem... quando a Ana falou assim, pô, eu fico até assim meio... por causa de quê a ansiedade, que você vai ver... sabe, eu não participo só daqui do Centro vida, eu vou em várias entidades, sabe, o dia que você... que eu fui apresentado para você... foi no lançamento do meu livro, acho né... aí depois foi numa palestra, no Centro Cultural, mas eu faço parte do (?) comissão dos direitos humanos, acho que várias pessoas não gostam de mim, porque eu sou direto, entendeu, eu sou um cara que eu falo o que eu sinto, eu falo do movimento (?) anti-racismo... então tem vários negos que são racistas, você entendeu, então é isso, é a sobrevivência, está entendendo, muitas vezes cara, perto da sua casa... você (?) o policial, policial olha assim... nós vai te pegar... e aí...

**Jorge:** Mas e o esforço de você não pegar essa ponto quarenta... e você... (vozes) e a mesma coisa... só desculpa, desculpa, que o Angola está querendo falar, o Angola falou aqui, ele está numa situação melhor, mas a gente viu aqui, né Angola, como é que você... até como é que você lida, como você, Plínio, lida, com a convivência conosco que somos de outra classe social, que fica... eu chego de carro, a Ana de carro, tal, como é que fica tudo isso, quer dizer, é um esforço tão sobre humano para não ser possuído pela raiva, mas fala lá Angola, desculpa, eu estou...

**Angola:** Então...tem um fala do Mosquito, acho que foi no segundo encontro que nós tivemos aqui que ele lançou assim meu, tipo na periferia a gente não tem escolha, tipo meu, a gente não tem escolha, e aí, tipo,

(?) aquela frase, e tal, aí bati um papo com o Osmar, tipo fora daqui...  
(?) a gente tem escolha, aí falei com o Osmar, a gente tem situações, certo, que são situações exteriores, são situações extremas, que direcionam para vários caminhos, mas você pode optar por um dos caminhos, são opções de escolha, como o Plínio, tem a opção de escolha dele de dar palestra, de fazer uma série de coisas, mas tem outro caminho também que às vezes alicia. Tem opção de escolha... eu, fiz a minha opção de escolha, desde garoto, desde pequeno, quer dizer, tinha dezesseis anos... brincando, cadeia... que era tudo aquilo que eu não queria prá mim. Então tipo desde pequeno ouvindo histórias, conversando com várias pessoas, e aí tipo construí dentro de mim meio que um... uma redoma... que é isso que eu não quero para mim...

**Jorge:** Uma experiência familiar, né?

**Angola:** Familiar... e ela é assim, você convivendo... tipo na periferia, você fica aliciado também pelo crime e aí assim a questão da dificuldade (?) uma vez rolou um lance... tem uns 10 anos mais ou menos, ou 9 anos, que a gente tava com os amigos, aí rolou um... pegou um... nego que foi espancado e morreu em Santo André, pelos skin heads, 9 anos atrás. E assim, eu...

**Jorge :** Teve julgamento agora há pouco...

**Angola:** É... eu fiquei sabendo... e aí assim, toda aquela idéia toda, tipo...de hip hop, de direitos humanos... cidadania... trabalho com rapaziada (?) palestras, tudo aquilo que era feito na periferia, que já estava consolidado, naquele momento de raiva, tipo (?) amigos também que eram também politizados, tinham uma proposta de conscientização e aí a gente se viu numa situação tipo de escolha... a gente se reuniu, vamos entrar num carro, vamos pegar uma (?), vamos matar um dos cara de Santo André, atirando nos cara na praça (?), quer dizer, num momento de raiva... e como eu tipo ouço os meninos falando ah, a gente matou, em quinze minutos nossa vida ficou transformada, a gente acabou com essa idéia de de repente ir até Santo André para consumir esse fato... consumir esse fato... porque, porque a gente fez uma reflexão, de que em quinze minutos a gente pode transformar toda a nossa vida, porque a gente tem que ter uma construção, né, de conscientização, de cidadania, como é que vai ficar o nosso discurso perante todas aquelas pessoas que passaram pelas nossas vidas, e aí tipo transformei aquilo num monte de reflexão... outro momento tipo de opção de escolha, em minha vida também, (?) acho que tem escolha...

*(Fim lado A da Fita)*

(?) condição, e aí os cara (...) na Tiradentes, e os caras, meu, sabiam que eu jamais ia pegar numa arma porque não faz parte do meu perfil,

né, mas recebi um convite (?) grana... tipo um sobrinho pequeno pedindo comida que eu não tinha... só farinha lá tipo no armário, e os cara vem me oferecer, meu, você quer ser o contador dos nossos negócios, o cara (?) você quer ser o contador? é que aqui ninguém tem habilidade para isso? Vou pra ganhar uma puta grana, você entende? Vou ganhar uma puta grana, só (?) na minha casa, tipo gerenciando, tipo conta de banco, tal, documentação financeira, onde o cara tem que investir, onde não tem que investir... você tomar conta disso, entendeu, mas eu tinha uma opção prá mim, aquilo era contra toda a proposta de vida que eu construí pra mim... a ideologia que eu construí para mim, então eu tive opção de escolha mais uma vez...

**Jorge:** Mas agora, você vê que coisa interessante... na verdade, o teu pai te salvou, né...

**Angola:** Ele fala isso prá mim...

**J:** Mas é sábio o que ele diz, porque pelo fato dele estar 16 anos preso...

**Angola:** É, ele já saiu...

**Jorge :** ... mas ele de alguma maneira, querendo ou não querendo, ele te salvou, na medida em que você foi 16 anos lá e conseguiu constituir alguma coisa absolutamente densa, [**Ana:** é, não são as duas horas aqui dentro do Centro Vida..] dentro de você, de dizer assim, puta que pariu, isso eu não quero prá mim... e é interessante, uma coisa super contraditória, mas ele te salvou...

— É semelhante com o que aconteceu com o Plínio, também... o que aconteceu com o pai do Angola, no sentido de conseguir transmitir para além da sua experiência pessoal alguma coisa, quer dizer, com a sua experiência de que o filho não faça isso (?) com tantos... não com filhos biológicos, não sei se você tem, mas com os filhos...

**Plínio:** Porque hoje em dia, por exemplo, eu fiquei 12 anos trancado, então você imagina, você ficou 16 anos indo visitar, né, outro dia eu achei até engraçado, os cara me impediram de vender meu (?) da detenção, aí o diretor da cadeia veio e falou assim, vamos tirar uma foto comigo, aí eu olhei prá cara dele e falei assim, pôxa, como que o mundo dá volta, né, ontem você pisava na minha garganta, né, me dava canada de ferro, hoje você quer tirar foto do meu lado... então... hoje eu tenho opção... hoje, graças a deus, graças à minha ideologia, eu posso escolher quem que vai tirar foto do meu lado. Aí a repórter olhou assim... pô, porque você está sendo tão duro com o guarda, heim? Você não escutou a meia conversa que eu tive com ele? E ele bateu (?)... ele me olhou assim... sentiu, que ele não era... não merecedor, mas naquele momento ele tinha que se afastar, porque ele viu a expressão no meu olhar, o ódio que naquele momento eu parei... sabe quando que a pessoa fala com você, você faz aquela retrospectiva, né, então o clima é assim, infelizmente, tem até uma frase no meu livro

que fala: o cara nunca é o mesmo depois que passa por uma cadeia. Porque se você vê o cara que te... humilhou... aquilo ali vai vir na sua mente, então você tem (?) acreditar, né, Joãozinho, conta até dez... Joãozinho você tem que contar até... você tem que segurar... porque aquilo ali, aquele momento ali... você pode explodir... então hoje, depois daquela ação que eu tive naquela segunda feira, a policial mora do lado da minha casa, assim ó, é virar a esquina... ela ficou com medo, aí o marido dela veio conversar comigo lá. Uma hora da manhã eu tava chegando do serviço, três dias depois, ele foi lá, bateu... pô, até estranhei, o cara é meu amigo, o esposo dela, falou pô, você usou minha esposa lá, não vai fazer nada com ela não, por ele saber quem eu fui no crime... porque ele vê vários companheiros meus passando lá, os cara é traficante, assaltante de banco... os cara vai lá, os cara me alicia direto! Os cara: ô sombra, você está precisando de alguma coisa? Tô isso, meu... não, não quero amigo... aí o cara... pela preocupação que ele tem pela mulher dele...ele foi lá... tipo eu te conheço, tal, a gente conversa, troca a maior idéia e tal... mas pede pros seus amigos não fazer mal...

**Jorge:** E o que você respondeu para ele?

**Plínio:** Eu falei prá ele não, amigo, nós tem uma ideologia... ela me atrasou... com certeza... ela, o outro policial me atrasou... levaram o meu dinheiro, rasgaram meu livro... mas ela falou que era a minha palavra contra a dela, então vou ver se a minha palavra vale alguma coisa... nunca percebi isso... contra a sua mulher e contra os policiais, eu liguei na ouvidoria, fiz uma denúncia, e eu vou ser chamado no fórum e eu quero que ela esteja presente. Se é a minha palavra contra a dela, então vai ser a minha palavra contra a dela, mas tirar a vida dela, jamais...

**Ana:** É assim, em cima do que eu falei, do que o Plínio falou, e dos depoimentos de todo mundo que passou aqui... em alguns momentos aqui teve uma opção de escolha, só para poder completar aquilo que eu estava falando, você fazer uma opção de escolha, é você estar constantemente revendo os seus valores, né, que é aquilo que a gente discutiu a todo momento, que é a questão do respeito, a questão da confiança, você fazendo uma opção, você revê os seus valores, e às vezes você tipo... tem que dar uns passos para trás, dar dois passos para trás, tipo na questão tipo dos seus valores, na questão do respeito. Quando eu vejo a questão dos meninos, os meninos eles falam meu, lá era uma questão de respeito, ou a gente fazia aquilo, ou a gente perdia o respeito na quebrada, né, mais aí falo puta, mas se a gente tivesse optado para uma outra saída, talvez então você rever o seu valor, rever o quê que é respeito, dentro da quebrada, naquela tal situação, você dar dois passos para trás, e tentar buscar uma outra forma de negociação na situação, uma outra alternativa...

— Mas sabe uma coisa que eu acho muito louca também, acho que isso prá mim é uma questão... se de um lado eu entendo assim quando fala puta, minha vida deu uma... guinada de 360 graus, em quinze minutos eu mudei totalmente, eu posso rasgar todos os meus diplomas, mas, por outro lado, parece que é como também, em alguma medida, se quisesse transformar (barulho de avião) que eu acho que talvez nas conseqüências práticas, mas do ponto de vista dos seus valores, isso não... porque meu, sem isso... se o cara tá fodido de grana, se já não vale mais nada as coisas que ele fez, ele não pode mais ficar perto da família, ele não pode morar onde... que catso então o cara fica (?) vir aqui, (?) ou mesmo que ele tiver... isso eu acho muito louco... quando fala assim ah, porque daí eu entro pro crime, começo a vender as drogas, lá, enfim, o que for, roubar... mas prá pagar o aluguel... prá comprar comida... então porque não assalta um supermercado, tipo já se fodeu, assalta o supermercado, rouba cimento, constrói... o negócio é assim muito louco, porque é meio um negócio que fica meio... porque ele rompeu, quer dizer, parece que é assim, as conseqüências da vida são todas um pouco nessa linha, isso que eu acho, que no fundo eu... fala porra, eu queria acho que talvez (?) ser talvez a alternativa que não significasse esse rompimento nas conseqüências, porque eu não acredito que romperam os valores, porque é meio isso, assim, o cara está meio lá, meio cá... entendeu, é um negócio meio... Não é que o cara então comete um crime e então passa a ser o assassino contumaz, ou o ladrão... é meio louco, porque aí de repente o cara começa a ganhar (?) prá pagar o aluguel, comprar tipo um prato de comida, e viver numa, continua vivendo uma situação (?) não é que ele interrompeu, vai viver numa situação ótima, maravilhosa... ainda que seja quinze minutos, sabe?

**Plínio:**

Prá você ter uma idéia... quando eu comecei... aquele dia eu vim aqui, falei, tal, (?) hoje em dia eu passo na rua, não sei se já souberam da ação que eu entrei contra eles, o pessoal passa na minha rua todo dia, né, quando a policial passa sozinha, ela passa correndo com o carro, mas quando ela passa lá com os amigo dela, ela passa olhando, encarando, você entendeu... outro dia mesmo, quando a mulher (?) ela falou assim ó, fulano, beltrano e cicrano quer falar com você. Aí eu subi, no morro! Até estranhei, falaram ó, nós tá sabendo o que estava acontecendo... nós vai pegar... eu falei, mas vai pegar quem? Nós vai pegar os policial lá meu, nós vai invadir tal... aí o moleque falou assim, vai lá, bota fogo na casa dela... falei não, amigo, deixa quieto isso daí, quer dizer, aí você fazer uma retrospectiva, falei puta meu, fiquei... olha o quê que eu arrumei! Os cara ficaram sabendo da ação, eu contei pra um parceiro meu, o cara foi e espalhou prá todo mundo da quebrada, quer dizer, então aquilo que você tomar... eu vou tomar uma atitude... eu tive que subir lá no morro e trocar idéia com os cara, porque os cara, meu, se acontecer alguma coisa com a mina, os cara

vai vir tudo em cima de mim! Agora, olha os riscos que eu corro, corro dois riscos, um é dos cara me matar... e outro de eu voltar daqui prá cadeia... porquê? Amanhã ou depois, os policiais não fazem isso só comigo, você concorda? Alicia um policial, vê se (?) você concorda? Os cara vai levantar lá, pô, espera aí (?) que nós fizemos, quem que nós oprimimos, né, fulano, beltrano e cicrano, né, outro dia mesmo falei pro meu tio, meu, eu já não consigo andar de noite, mas já nem quero andar de noite, porque se os cara colocar uma droga ali...e falar que é minha, é que nem o sargento falou, é a minha palavra contra a dele... e aí... o cara é sargento, eu não... eu sou um ladrão, entendeu... então você fica, não é nesse limite, você tem que ter essa postura, porque, pra muitos eu sou um cara legal, prá eles eu sou um cara que... não adianta você pagar (de gatilho?)... e se eu chegar ali (?) eu vou lá e mato os cara tudo. Eu fiz a cena. Como eu fiz há anos atrás... é isso? Não (?) e na sociedade, o quê que valeria o discurso de trabalhar com criança, o quê que valeria a nossa oficina que nós fundamos, né, quando foi na televisão que você falou... um ladrão tem que ser recuperado, tem que dar oportunidade, então ele saia quebrando minhas pernas tudo... né, prá mim...

—

Queria falar uma coisa, que é assim, Angola, eu acho que pô, todo mundo faz a opção... é claro, eu falei, não é que ninguém tem nenhuma possibilidade de opção, claro que tem opção, inclusive você tem opção, enfim, de como fazer as coisas que você, enfim, acha que tem que fazer, ou quer fazer, mas assim, eu acho assim que isso prá mim tem ficado muito claro, não só na conversa que eu tive com o João, com o Pedro, mas com o Mosquito também, que eu conversei com o Mosquito aqui, (?) mas eu conversei com ele também, (?) fica batendo, rodando por aí, com um cara que eu estou conversando muito lá em Heliópolis, aluno do PROCVI que já foi... enfim, bandido, não sei quê... (?) e tudo o mais, e prá mim o problema do cara, ninguém faz, ou muito pouca gente faz a opção pela criminalidade, pela marginalidade, que nem assim, é legal, que nem tem aquele filme lá que a gente viu um dia desses lá, no Núcleo Jovem, (?) particular, que o cara fala assim: meu irmão, eu quero ser bandido, eu gosto de ser bandido, quando eu sair daqui... acho que eu ainda não tive a oportunidade de matar um policial, espero que um dia tenha... e quem faz uma opção como essa, eu acho que é um por cento, meio por cento... então tipo assim, quando você fala assim, que diz assim, tem opção mais importante, tudo bem, (?) eu concordo com você que são situações... só que eu acho que existe uma situação total, global, que a Ana fala ah, a coisa da rede, né, e que eu... a coisa da rede que eu falo também, mas quando eu estou falando em informação é assim, é pluralidade de experiências, entendeu, é contato com... sabe com a diversidade, sabe, é saber que não existe na periferia (?) e que isso... o

fato de não existir a pluralidade, a rede, repertório de informações, porque lá as pessoas lidam com quase sempre a mesma coisa...

— A mesma lógica...

— Perdem a capacidade de criar...

**Jorge:** E perdem a governabilidade sobre si mesmo... (muitos falando ao mesmo tempo)... o que o Plínio estava dizendo, ou o que o Angola estava dizendo, um puta esforço, precisou 16 anos ele visitar na cadeia, e ver o pai naquela situação, prá ele ter essa força... (interrupção)...

**Carlos:** Eu acho uma coisa bacana isso, mas normalmente, na realidade ela é muito mais um trauma do que... sabe, do que uma coisa de... né... e assim eu acho, que assim, que as pessoas lá o que têm é muita coisa de chegar e dizer assim... escuta, a minha vida é essa... na realidade eu tenho que tomar decisões imediatas porque a vida é imediata, cara, sabe, tipo uma coisa que eu ouço, uma das coisas que eu ouvi aqui no grupo, sabe, essa história de... pô, você não tem comida, foi alguém que falou aqui né, quando o Kiko falou aquele negócio de ah, vocês me chamam de playboy... ficou puto falou... pô, mas você sai você vai comer, e o cara... fica sem comida, não sei quê... então quer dizer, eu acho que isso torna a coisa da vida, uma coisa mais imediatista, sinceramente eu acho que aí não tem um julgamento de valores.

— Sabe de uma coisa que eu acho, Carlos, é real...

**Carlos:** É a realidade, brother... (?) é o cara tipo... tem situações, inúmeras situações, a gente vive inúmeras, né, assim, convite para inúmeras coisas, também acho que falta informação prá caramba, falta rede social, falta tipo... as pessoas que trabalham esse tipo de informação dentro da rapaziada, dentro da rede juvenil, aqueles jogos de informações... agora, também tem a resistência muito forte das pessoas que moram no gueto em querer fazer parte disso, dessa polaridade, né...

— Acho que é assim, não querer fazer parte...

— É... de não querer fazer parte, mas eu acho que não querem não é por opção, é muito mais por toda uma situação social que já (?) o cara começa a (?) a identidade, cara, isso é coisa que se fala muito lá (?) o cara começa a sentir a ... assumir a identidade de um (?) que tipo... menino de rua... se o cara vê que você vai ter uma atitude com ele preconceituosa, ele toca o terror prá cima de você... mas se você chegar para falar com ele na moral, não sei que... e eu já presenciei casos como esse, tinha um amigo meu que trabalhava com menino de rua aí uma vez eu fui fazer um trabalho junto com ele... e o mesmo menino que estava numa boa, trocando a maior idéia comigo e com ele assim, uma mulher que passou, sabe, e destratou ele... ele

apavorou a mulher... então quer dizer, essa coisa que você falou que é resistência, eu acho que tem, mas não é uma resistência... é muito mais resistência de um grupo social que já se vê (guetificado?), que diz assim, ah, já que é de gueto... então...

**Ana:** E porque a gente não consegue fazer esse (?) acho que a grande qualidade é dessa coisa de talvez a gente conseguir quebrar essa resistência, e eu acho que tem... prá mim... um negócio que eu falo meu... como também tem uma visão do Centro Vida, que eu acho que é um negócio que em diversos momentos eu tenho reparado, de uma certa prepotência, assim, e que por isso que ela tem que trabalhar numa coisa muito mais em rede mesmo, porque tem um negócio que é assim, a hora que a gente decidiu... em alguma medida dar um recado pros figuras, de que assim, puta, isso que você fez foi uma cagada... a gente achou que a gente ia ser a única fala nesse sentido, porque em alguma medida eles falaram isso prá gente. De que ah... táva lá os nossos tios que mandaram a gente ir lá... e fazer uma história e tal, mas não era no sentido de valorizar acho que a ação, era no sentido de resolver a história, o conflito e tal. E acho que muitas coisas que eles vão falando aqui, sei lá, meu, me fodi, tipo não moro mais com a minha mãe... tô querendo alugar um lugar em tal espaço, não posso ver meus amigos... tipo, recados de que o que o cara fez foi uma puta de uma cagada, eu acho que não é um negócio que assim talvez a gente precise contribuir, (?) da pessoa falar meu, que escolha eu vou fazer, e aí (?) são as nossas escolhas de contribuir, é de falar meu, talvez eu queira ser a mesma que continua dando alternativas de outras coisas mesmo a hora que o cara...

*(muitas falas)*

— A gente tem que sinalizar de alguma forma mas assim, a gente não pode esquecer de que assim no fundo no fundo é.. meu irmão, você ainda tem condições de dar uma alternativa à sua vida...

— Continuar sendo meio essa voz porque isso talvez seja uma coisa que não se ouve mais, né, esse seu jeito de carinho (???) deram uma lição de moral...

— É que a gente já ouviu, já ouvi assim, (?) tipo os cara chegar e dizer assim, porra, eu imaginava já estar numas diferentes lá pro crime, depois que comecei a fazer o PROCVI eu mudei de idéia, então quer dizer... eu já ouvi isso...

— Isso é fazer a diferença...

— É... e fazer diferença num sentido que é muito mais a oportunidade do que qualquer outra coisa...

**Jorge :** Então talvez, só desculpa Plínio, uma coisinha...

**Emilia:** E que isso é uma fala... quer dizer, tu tava falando de pluralidade, então pode ser que tenha essa fala: pô foi legal fazer aquele (exercício?) como vai ter outras falas que vão dizer isso, só isso não me segura... só isso não me adianta...

— Claro, claro... são esses meninos que estão lá, não tinham o que fazer, faziam assalto, pegavam arma de brinquedo para fazer um assalto...

**Jorge :** Mas talvez, eu estou pensando um negócio aqui que eu não queria perder, talvez uma questão super importante deste trabalho seja exatamente fortalecer através de diálogos como esse, poder fortalecer essas pessoas diante desse cotidiano de escolhas o tempo inteiro, entende, de poder contar até “1” só, como você usou a expressão, talvez isso seja uma função importantíssima que a gente tem a fazer, no sentido de... como você está dizendo o seguinte, estou pegando vocês dois como porta-vozes, e pegando os dois meninos como porta-vozes, né, vocês estão dizendo o seguinte: olha, nós fazemos um puta de um esforço, quer dizer, há uma força dentro de nós que não é que é uma força invencível, não é isso, mas é uma força dentro de nós, de lutar para não ser, para não perder a governabilidade sobre a nossa própria vida, tá certo, de não ser devorado, engolido e morto por isso. Porque o tempo inteiro, como a gente estava dizendo, esse cotidiano ele engole, ele devora, ele desvia, ele isso, ele aquilo. Talvez a grande tarefa nossa seja exatamente fortalecer as pessoas diante desse cotidiano para elas estarem indo mais nessa direção de vocês e menos na dos meninos, porque se esses meninos tivessem mais força de não ter ido matar o cara, dizer assim, vamos segurar a onda, pensar aquilo que você pensou quando mataram o cara com o cachorro lá... e... gente, eu quero ir mas vai dar merda... Talvez esse seja não uma coisa moralista... não uma coisa babaca, né, eu queria... são quinze para as sete... eu queria inclusive colocar um negócio, esses dias a gente estava falando com a Ana, essa história, eu acho até legal comentar, né, como um produto desse grupo. Uma das coisas que a gente estava comentando, né Emilia, era que o trabalho é muito interessante com o produto desse grupo, quando você diz prático, a gente pensa qual é a prática que a gente pode... quê que a gente pode [que ação...] que ação, né, que a gente pode ter... seria a gente pensar em desenvolver grupos como esses, nesses lugares ou em outros lugares...

— Foi uma opção que eu dei uma vez, lembra, de fazer uma reunião, dessas reuniões em cada ponto...

(Celular tocou e ele atendeu: liga à noite, que eu estou na escola...dá prá você ligar prá mim mais tarde? Liga à noite... que eu estou na escola...)

**Jorge:** Então, essa possibilidade de ter um celular é rede, né? [fundamental] rede, comunicação...

**Emilia:** Eu acho que... o poder, quer dizer, a partir do que tu tá falando, quer dizer, é ser... talvez essa capacitação de liderança que se pensa ter mais Plínios, ter mais pais dos Angolas na jogada, né, que não precise, porque vocês dois falaram assim bom...nós... e aí tem uma fala muito parecida que nós... manter a ideologia, só que esse manter a ideologia foi a custa tua, da tua própria detenção, e do Angola, de ter assistido, presenciado do pai dele, quer dizer, como transformar isso sem ter que chegar a situações tão limites? Como poder transmitir isso, e eu acho que a sua idéia de fazer grupo lá, quer dizer, de tu poder estar com o Centro Vida, com a gente, fazendo um grupo lá e não aqui, no centro, que... o pessoal daqui tenha que pegar... três horas para lá...

— Seria legal essa experiência porque...

**Emilia:** Poder fazer como experiência, né, não como uma... quer dizer, se vai dar certo ou não, a gente tem que fazer, como um desafio...

— Porque eu aprendi uma coisa, assim... a minha professora de psicologia falou assim ó... a vida é um desafio... então quanto mais você aprender, Plínio, mais você vai ter necessidade de aprender. Então hoje, prá você ter uma idéia, você demora três horas para vir de lá prá cá, né, você imagina... é que nem a Ana falou, a ansiedade daquelas pessoas que estão lá, que não conhecem o Centro Vida, né, tem pessoas que até hoje não conhecem, tem pessoas lá em Minas que conhecem nossa oficina de hip hop, que conhecem o Plínio do rap. Outro dia você falou o seguinte, né, ligou uma menina lá de Governador Valadares, falou assim: pô, eu vi você na televisão, eu vi você no jornal, e tal, quem é você? Pô, manda uma foto, né? Quer dizer, isso é importante, outro dia eu passei... tô dentro do metrô, uma menininha me reconheceu, falou mãe, olha o moço da televisão! Olha a responsabilidade, né, aí eu me pego no que a (?) falou, né, a necessidade de você ser importante para alguém, **ser**, né, uma referência. É que nem quando o Angola vai na televisão, né, ele é o neguinho que mora lá na favela... a Ana é a menina que está representando o Centro Vida, não é isso, então uma coisa é ela ser a representante do Centro Vida, e outra coisa, particularmente, é ela ser a Ana que dá atenção...né, que nem ela falou: pô, fui lá o cara tava falando que o Centro Vida era maravilhoso, era lindo, e o outro já falou que pô, será que eles vão fazer alguma coisa, né, eu já passei por isso... eu estou escrevendo um livro sobre prostituição, cara, e eu conheço várias prostitutas que entraram nesse programa, então, se você chegar em uma e conversa com ela, ela fala assim prá você, pô, outro dia eu conversando com uma amiga minha, ela falou assim, ô Plínio, não me leve a mal mas eu não posso ficar conversando muito tempo com você, não, porque daqui a pouco vai chegar um cliente meu aí, e eu tenho que levar uma caixa de leite, um pacote de fralda e pagar meu aluguel. Se eu não fizer pelo menos quatro programas hoje,

eu tô frita... aí eu olhei prá ela assim e falei, puta meu, você não quer ir lá almoçar, e tal, comer alguma coisa? Ela falou: eu não tenho tempo de comer... aí você vê, o que eu posso fazer por essa pessoa? Aí passou dois dias e eu falei assim prá ela: pô, tem um trampo aí... ela falou: eu não vou arrumar um trampo, não vou ganhar 400 reais e ter que sair prá (?) todo dia... aí você vê... puta, o que eu faço por essa pessoa? É a mesma coisa o moleque de rua... o moleque tá ali na rua ali, ele vai querer voltar prá dentro da casa dele, onde ele está sendo humilhado pelo padrasto ou pela madrasta dele? É que nem esse aluno meu que eu peguei lá no meio da praça lá, cheirando cocaína... ele falou... os cara me espirrou da favela... ele tava com medo de falar quem foi o cara, prá nós ir lá e conversar com o cara... Agora você imagina se ele tem um espaço onde que ele possa ter a segurança que ninguém vai mexer com ele, que ele vai jogar a bola dele, que ele vai fazer... que ele vai estudar, entendeu, ele vai aprender uma profissão. Não é difícil isso... nós tava fazendo um evento lá no dia 21, que é o hip hop contra a fome e que vai ser o lançamento do meu livro lá na periferia onde que eu moro, lá em Suzano... meu, um monte de político... não, eu vou doar isso mas eu tenho que colocar meu nome... aí teve um político que falou prá mim assim olha, eu posso falar meia hora lá no palco? Falei meia hora... você vai lá, vai falar meia hora... o outro vai falar mais meia, e os grupos vão dançar como? Os cara vão cantar como? Teve uma menina do movimento negro, que ela bate de frente comigo direto, né, ela falou assim: nós não vamos participar? Se a nossa entidade não tiver o espaço de falar dos nossos projetos... eu falei pôxa, mas o projeto não é a campanha contra a fome, que a gente precisa comer todos os dias... ela falou: ah, mais a gente tem outros projetos também... aí eu perguntei prá ela assim: e esse também, ele existe? Falei pôxa, né meu, falei prá ela... e a prostituta, ela tá lá no meio da rua porque ela quer? Houve algum projeto para tentar amenizar esse sofrimento? Mas e aí, eu vou fazer um evento, vou chamar um monte de político e cada um vai mandar a sua mensagem...

**Jorge:**

Então, mas aí... você vê só, nós estamos aqui, nós estamos numa situação muito... instigante, porque é o seguinte: o quê que nós estamos começando a pensar, como que a gente pode fazer alguma coisa que seja condizente com aquilo que a gente descobriu nesse grupo? Que não é uma coisa que a gente fazia antes, quer dizer, como é que a gente pode construir um negócio novo, condizente com aquilo que a gente... condizente com a nossa experiência aqui, de ter esse diálogo, inclusive sem a negação da luta de classes mas entre as classes, né, e entre situações culturais tão diferentes, você poder ter um diálogo tão aberto... então, como é que a gente consegue? Os produtos deste grupo, eles têm que ser... eles não podem ser coisas já conhecidas pela gente, eles têm que ser proporcional a essa

experiência que nós vivemos... né, isso que eu estou... [de concreto] de concreto... não, não pode, tem que ser concreto, tem que ser transformador, tem que ser operativo, quer dizer, é um negócio muito instigante, também, né?

— É, quer ver, um exemplo: você mora aonde?

**Jorge :** Eu moro nas Perdizes... eu moro do lado da PUC.

**Plínio:** Certo. Cada um mora num lugar diferente, se por exemplo, a gente chegar um dia, você for na quebrada do Angola... Tudo isso que a gente tá falando aqui, você vai ver, muitas vezes a gente fala as pessoas falam: mas será que é assim mesmo? Às vezes os cara... quando eu não tinha sido preso, os cara falava prá mim assim, eu queria... eu lembro que eu... eu... meu irmão já roubava e eu queria roubar com os cara, eu achava legal, eu já tinha sido moleque de rua, eu já tinha aprendido a roubar, e meu irmão falou assim: você não vai com nós, você não vai... aí eu dava um (?) e entrava dentro do metrô prá roubar também, e eu nem sabia direito como funcionava o esquema... eu ficava vendo os outro roubar e ficava olhando assim, falava, também tenho que roubar... aí você imagina, eu via aquele universo, eu via a necessidade que o cara tinha de tá ali buscando aquilo ali, aí você imagina você ir lá na quebrada do Angola, e ver, falar pô, tudo aquilo que ele falou não é 1/3 do que ele vive, né, que você vai lá, você vai ver a escola fechada, você vai ver o moleque, lá, realmente na rua, é que nem o dia que eu levei umas menina lá no Capão Redondo, teve uma menina que ela falou assim, tia, ela falou assim: pô, quero usar o toailete... aí o moleque falou: tia, aqui não tem toailete, o que é isso aí tia, pelo menos beber... não, eu quero usar o banheiro... aí o moleque mostrou o banheiro prá ela, quando ela abriu o banheiro, saiu aquele monte de mosca, aí acabou a vontade dela usar o banheiro... aí olhou assim... tal, falei tá vendo? Eu falava prá vocês que a realidade era mais nua e crua, vocês falavam que eu tava brincando, tava fantasiando...que eu tava... glorificando... falando que tudo de ruim acontecia aqui na favela...não, mas é a realidade... o moleque tá acostumado com aquilo ali...

— Então... (?) tinha falado, tipo da realidade, da preocupação com as oficinas com os jovens, e aí quando o Jorge fala assim tipo o Guiné... a relação dele com o pessoal que mora aqui no centro, o pessoal...

*(Fim lado B da fita)*

— Muitas pessoas que moram nessa região que tem mais acesso, já lidam na periferia por conta de quê? Por conta do vínculo dessas pessoas com o trabalho que elas realizam lá. Estou falando vínculo porque? O Plínio está lá, eu estou lá, o Osmar está lá... então tem compromissos...

**Jorge:** Mas qual é a desconfiança que você tem...

**Angola:** Tenho compromisso com aquele pessoal querendo está trabalhando e fazendo um discurso no cotidiano, no dia a dia, né, e aí quando vem alguém de uma outra região, que tem mais acesso, que fez faculdade, uma série... tem uma série de oportunidades e por nós fazermos um trabalho lá, a gente (?) até aonde ele tem um compromisso com aquele grupo, porque? Porque a partir do momento que ele estiver descontente com o trabalho, ele sai dali, vai para uma outra organização e aquele grupo ou seja com os meninos lá do São Luis, seja os meninos do Capão, do Ângela, permanecem lá e aí é assim... continua o Osmar lá, tendo que responder para aquele grupo, continua o Mosquito tendo que responder por aquele grupo, e aí isso é uma preocupação que eu tenho muitas vezes, né?

**Jorge:** Muito legítima e verdadeira...

**Ana:** Mas Angola, sabe o que louco... porque também eu acho que tem um... um negócio assim que... para mim é... de ver com mais... sei lá... descomplexidade, assim... porque tem um negócio que é meu... essa coisa do André conta essa história... do banheiro, não sei o quê... mas eu acho que é assim... tipo... não são todos os banheiros assim, é um negócio assim, sabe, tipo também... eu sinto que tem um negócio de que o discurso de conquistar as coisas é contraditório às vezes da periferia assim, sabe, que é um negócio meio... por um lado então tipo aí, conta dessas coisas, não sei que, desse jeito, eu fiquei super incomodada no negócio das políticas públicas da juventude que levantou um figura lá de Tiradentes, um tal de Iceberg?... Aí o cara me faz uma conversa assim com a Viviane Senna, né, foi ridículo, era um pouco assim, ela contando de um monte de coisas desse projeto, então daí ele: é, muito bonito esses projetos mas Tiradentes tá... vocês estão convidados para fazer um trabalho lá. Aí, do outro lado, pior ainda, a figura, faz a seguinte... não, não... [quem?] — Instituto Ayrton Senna... faz o seguinte discurso: ah, nós temos um trabalho muito bonito em Goiânia... [mas quem, a Viviane Senna?] é, isso... em Mato Grosso, não sei que... Cidade de Tiradentes? Tá, aceito o convite! Coisa mais populista... um... tipo...conhece o projeto da figura... pede... vem aí... tipo meio um jeito prá... sabe... se colocar assim... ah, nós é que somos os excluídos... quem é mais excluído, né, que é um negócio muito louco, assim, tal, aí um outro se relaciona do jeito que se propõe... né, que é muito mais, então nós tamos aí...vamos salvar... um negócio horroroso, e eu acho que isso é um jeito muito que se achou de conquistar coisas e de dizer ah, não... nós queremos... sabe, podemos ser um... sei lá... e aí... me incomoda também... sei lá, acho que assim, coisas que a gente vive, Angola, assim, nossos amigos, cara, sabe, eu fico puta da vida, acho que não tem coisa que me incomoda mais, aqui no Centro Vida, na minha relação com as

pessoas da periferia, que é esse negócio assim tipo você tem a grana... de pedir tipo uma grana emprestada de um jeito que me incomoda, que não é transparente, não é claro, não é não sei que, é meio...(lúdico)... e aí... o jeito que isso é feito, assim... um negócio tão... sei lá... eu lembro de uma vez que a gente saiu para discutir uma... na reunião... a gente assim... e aí...tudo misturado, né, porque a maioria dos projetos aqui são misturados, das pessoas que vivem em condições sociais... melhores e as que vivem na periferia, isso é um pouco o jeito que em geral se dão os projetos, a gente saiu para resolver um puta de um pepino, e a gente falou ô meu, vamos sentar na mesa do bar para bater papo, para tentar resolver o problema do projeto, né, e a gente estava ali tomando cerveja e tal, e aí chega uma pessoa e fala assim, da periferia: ah, puta, eu tô meio sem grana... — não faz mal, beleza, senta aí, a gente divide depois vê como é que faz.. tipo, — me traz um whisky... (risos) eu olhei bem, falei prá ele pôrra meu, vai tomar no cu! Tipo, eu não saio, eu não tenho grana prá ficar tomando whisky... é muito louco, cara... (risos) é isso que eu falo... meu... é tipo... não... Carlos, é que esse é muito lucrativo... mas é um negócio assim que me incomoda a hora que a gente fica nesse lugar, que tipo... não avança...

**Jorge :** Mas o que você disse? Whisky o cacete?

**Ana:** Ah, vai tomar banho, sabe... não vou pagar...

**Carlos:** (?) deixa eu falar uma coisa assim Plínio, porque isso que a Ana está falando assim, acho que a gente falou um pouco sobre isso aqui em alguns momentos né, e... porque assim... eu concordo com você Angola, entendeu, tipo assim, de repente você vai lá pega o cara, você diz assim pôrra não, o que é isso, (?) tá fazendo uma coisa bacana e tal...de repente o cara sai, dá as costas, pá... você fica na roubada... tudo bem prá ele, eu acho que isso é uma coisa que as pessoas tem que tomar cuidado mas...gente, agora, acho que partir do pressuposto da desconfiança, cara, eu acho que isso é ruim...

**Ana:** E eu acho que é da relação Carlos... no fundo prá mim a questão que está aqui não é do... figura... é da relação...

**Carlos:** Exatamente, pessoas, velho, um ser humano também... tipo assim... você nunca esteve jogando bola em sua quebrada e não quis mais jogar bola, velho, e saiu andando... igual que a pessoa que está trabalhando lá, não pode mais querer trabalhar lá e sair andando, velho.

— Então, mas quando fala de trair a confiança... é confiança (inicial?)

**Carlos:** Acho que no fundo no fundo, brother, tem que ter... porque eu vejo muito, velho, e eu sempre falo isso aqui no Instituto com relação à zona sul, vejo muito na zona sul um fato que é assim: (com voz

alterada) — é... porque a galera é zona sul, quem vem de fora só vem para se aproveitar... parara, piriri, coisa e tal... Por outro lado, se eu não troco idéia vou construir que tipo de autonomia... aí por outro lado, toda vez que troco idéia é sempre no sentido de achar que o outro tem que dar, achar que o outro tem... sabe?

**Jorge:** Só uma coisa, são 7 horas, [eu só queria completar] então completa, e eu queria dizer uma coisinha...

— Com relação à desconfiança, eu falo sempre de desconfiança inicial, isso é uma coisa que tem, que foi até levantado aqui no grupo, a questão da confiança... depois que você confia, aí no dia que a pessoa vai embora do projeto, seja projeto, seja trabalho, independente do Centro Vida ou qualquer outro projeto (?) a questão tipo... do vínculo da pessoa, da relação toda que se cria, e que muitas vezes não se cria essa relação, é um negócio profissional, é um negócio frio, é distante, é tipo caloroso enquanto se tem o trabalho, depois que se acaba o trabalho não se tem esse vínculo e as pessoas que estão recebendo a informação, muitas vezes esperam ou às vezes vão atrás, te ligam para tentar manter um vínculo de... um canal de comunicação, um canal de informação, que você levantou agora, e muitas vezes não tem essa troca. (?) as pessoas saem de lá e muitas vezes não têm tempo de trocar uma idéia, (?) no telefone, e aí esse lance da desconfiança, que eu falo que eu sinto muitas vezes, nesse sentido... vou dar um exemplo claro... o Osmar, que participou com a gente aqui, ele passou por ali ah, e tal... e aí ele só encontrou uma organização onde abriu um trabalho lá de oficina, que é na casa (?) em Heliópolis... isso já tem algum tempo atrás, já tem uns 2 anos mais ou menos isso... e ele passou por lá pelo trabalho de capacitação, (?) direitos humanos, cidadania e tal, e aí, de lá, ele acabou o período dele lá, acabou o vínculo dele. De tempos em tempos, a pessoa que fez um trabalho com ele, liga para falar assim: meu, e aí, como é que você está, vai até a casa do cara, o cara vai... de repente visitar trabalhos com ela, em outros lugares, o cara faz até um convite, ó tem um trabalho numa organização (?) alguma coisa, você está a fim de fazer um... tipo vai fazer comigo, ir conhecer um trabalho de uma organização juvenil que eu estou indo conhecer, mas não tem o vínculo mais do trabalho (?) mas é a preocupação de manter o vínculo...

*(Todos falando ao mesmo tempo, incompreensível)...*

**Jorge:** Olha, gente, eu acho... como são 7 e cinco...

*(Continuam falando todos juntos)*

— ... tempo hábil para fazer tudo isso...

**Jorge:** Mas eu acho que tem um outro negócio aqui que é o seguinte, que talvez ele não esteja conseguindo falar... talvez não esteja tendo

clareza, que é o seguinte: o “nós” vamos até a periferia... e podemos ter um compromisso importante contigo, contigo... então a nossa vida muda, e a gente vai para um lugar ou para outro lugar. Eu acho que o ponto não é esse, eu acho que esse é um ponto superficial de abordagem. O que eu acho é que nós não sabemos, o que não é bem feito, são as mudanças do trabalho. Então não é bem feito, por exemplo, eu estou trabalhando com o Angola lá no Tiradentes, e eu... talvez o que o Angola diga, que ele sinta ou o que o Plínio sinta, é que o cara diz, uma semana antes ou um mês antes: estou saindo, tchau! E, que ele fique numa posição de pouco respaldo diante da conflitiva e diante do pepino que ele tem lá na Cidade Tiradentes. Talvez seja mais isso, porque se ele se sentir respaldado... se eu disser: Angola, eu estou indo para um outro lugar, vamos trabalhar a minha saída, de tal maneira que você não fique descoberto, como é que você vai se manter, com uma liderança local com cobertura, se não tem cobertura vamos discutir isso, como é que resolve isso, porque talvez é o medo do abandono ...

— Não... também, mas a questão tipo da relação afetiva também, não só comigo, mas das pessoas que trabalham, quando é gente de confiança, a ...(?) a Viviane lá do Capão, e aí ela tipo... eu trabalho no Instituto mas muitas vezes as pessoas que passaram comigo, as duas turmas que eu... que eu fiz um trabalho, eu constantemente bato a tecla para o pessoal vir conhecer o Centro Vida, vir conhecer a Joana, vir conhecer a (?) Ana... (?) por causa da formatura, então conhecer o trabalho no instituto (?) Centro Vida pode ser parceiro em atividades que rolam na zona sul. As pessoas quando vão lá, elas esperam o Carlos aparecer lá, ou o Guilherme aparecer lá, para poder falar com elas, aí elas falam assim, pô, entreguei um projeto... uma idéia de projeto para o Carlos, você pode verificar com ele se está rolando, porque eu estou esperando uma resposta? Falei pô, mas porque você não vai no Instituto? — Não, não, entreguei para o Carlos... porque? porque ela confia em você, agora se de repente você sai de lá, de uma hora para outra, pega um projeto ou vai fazer um trabalho em outro lugar e não dá esse respaldo, esse feedback prá ela, se não tem esse tratamento, se perde a credibilidade... não só (?) mas a questão da relação humana... porque eu acho que tem que ser criada, não só a relação profissional, porque muitas vezes as pessoas esperam a relação humana, tipo de você estar dando feedback e isso não existe... eu digo não no Centro Vida, somente, em várias organizações é assim.

**Emilia:** O que eu também acho que você está falando... pensando até no... que a próxima semana é o último, né, como é que a gente vai dar esse feedback depois de terminar, porque um pouco do que se está falando é assim, ó, que os projetos aí eles acabam e eles acabam e fica desassistido... como é que se vai terminando... o projeto tem um

tempo, né, ele é executado, e depois como é que tu drena ele para alguma outra coisa, para que ele não se esgote nele mesmo. Senão pode ser um projeto muito bonito mas que depois... não tem mais nada.

— Eu acho até na fala que você colocou lá na última fala sua do lance tipo: como lidar com os jovens no pós... e aí eu coloquei lá do lance de que a gente não conseguiu criar realmente uma total integração dos projetos dos jovens, para que se crie uma rede, né, então a partir do momento que se constrói uma rede de informação, que é essa informação entre os jovens, até essa questão tipo de... da relação humana, acaba surgindo naturalmente, porque os caras começam a ter uma outra concentração de procurar você, não ficar tão no ambiente de esperar que você ligue para eles, e aí começa a virar uma troca, realmente uma troca, é isso eu acho que falta a gente tentar consolidar realmente.

**Emilia:** Temos que pensar o final dos projetos, né, para que eles não se esgotem neles mesmos...

— Exatamente... para que não estanque, né?

— Exatamente, não é aquilo que vai ser repetido outra hora, que vai ser repetido, quer dizer, é como um final de um projeto talvez possa engancha num início de outro... que ele não se esgote nele mesmo, que ele possa...

**Jorge:** Mas é o lance que nós estamos falando aqui no grupo, né, que esse grupo está terminando, e como é que ele não morre, como é que ele se transforma...

— E ele vai terminar? Porque o que eu entendi até...

**Jorge:** A semana que vem é o último dia mas...

— Último dia do ano...

— Então, eu queria até falar, na realidade na semana que vem eu não estarei aqui, é uma coisa que me incomoda, porque como... enfim, né, sou parte de todo esse processo, mas vou estar num ambiente do PROCVI que vai estar rolando fora de São Paulo, que começa na segunda feira, então infelizmente eu não estarei.

**J:** Mas nós vamos trabalhar o produto... a Ana eu acho que ela tem que vir... (muitas falas) é por isso que nós não estamos conseguindo terminar o grupo, porque é isso aí... Nós combinamos, Plínio, com o período desse grupo, que ele iria trabalhar durante seis encontros... seis... oito... nove encontros, queríamos trabalhar, que o último seria na semana que vem. Esse foi o contrato que a gente fez. O fato de a gente fazer esse contrato, nesse âmbito aqui, significa o quê? Que nós combinamos isso, vamos fazer esses nove encontros. Porém, esse

grupo gerou muitos frutos, muitos produtos, e agora a idéia, Plínio, é a gente poder ver tudo o que a gente pode aproveitar daqui, todos os produtos que a gente pode ter daqui, para ter uma seqüência, não é necessariamente um grupo assim, neste lugar, mas pode ser outras coisas, em outros lugares, outras idéias...

**Plínio:** A gente gostaria de ter esse grupo lá, uma parceria com a nossa Oficina...

**Jorge:** Então, que é isso tudo que nós temos que pensar...

— Temos que discutir... inclusive na semana que vem...

— Inclusive eu trouxe um (plá?) que vai estar fazendo um evento no dia 21, e eu queria que o Centro Vida participasse...

— Posso por aí no Centro Vida, pode ficar comigo isso, para por...

— Tira uma xerox, não tem uma xerox?

— Tem...

— Porque é assim, a gente está fazendo um hip hop contra a fome e vai ser o lançamento do meu livro, lá em Suzano...

**Jorge:** Nós vamos estar viajando, cara, senão a gente iria com o maior prazer...

— Porque é assim, a gente tem uma oficina mas tem dia que você não tem um papel para você dá para o moleque fazer um grafite. Você não tem um lápis, não tem uma borracha. Então a gente está indo em várias entidades pedindo para alguém apoiar essa estrutura.

**Jorge:** O quê que vocês usam lá? Lápis, borracha...

— Lápis, borracha, tinta, para fazer grafite... caderno...

**Jorge:** Grafite de parede ou... de papel vocês usam?

**Plínio:** De parede... de papel, caderno, lápis, borracha... e no dia do evento a gente vai estar fazendo algumas cestas básicas para entregar para as pessoas que precisam... brinquedo, agasalho... então cada grupo que vai participar vai estar levando sua contribuição...

**Jorge:** Tá bom, legal... mas... o Plínio vem... a semana que vem... Angola não vem? Porque? Pôrra meu!

*(Muitos falando)*

— Brasília... Ah, você vai para Brasília...

**J:** Descansa um pouco... levanta e vem...

*(Muitos falando juntos)*

**Jorge:** Não traz ele aqui no grupo!

— Coitado!

**Jorge:** Deixa ele descansando um pouco, deixa o cara dormir um pouco...

— Vou pensar...

*Fim da Reunião*

(...)

**Jorge:** Último grupo... Vamos começar?

— Eu só queria falar uma coisa antes de começar, que eu hoje vou ter que sair um pouquinho mais cedo, umas 10 para as sete...

**Jorge:** Tá bom... Hoje é um dia super importante, porque é o ... hoje é o ...

— O último dia...

**Jorge:** ... o último dia... e é interessante também que no último dia a gente está vendo algumas produções legais aqui... o Mosquito mostrando o projeto dele, super interessante... o Plínio também mostrando um projeto super interessante, né Plínio, um trabalho que estão fazendo com as idéias...

**Osmar:** É um projeto da periferia, né, mais preciso, ela que pediu esse projeto prá gente a gente veio por intermédio da (alemã?) né, a gente teve o privilegio e a oportunidade de trazer, mostrar para a sociedade, né, porque sempre quando a gente faz... pelo menos cinco projetos... os quatro últimos projetos igual o Plínio falou, a realidade era diferente, ainda ele tem 10% do (?) prá investir aqui a gente tem 10% do nosso pagamento, 10% do nosso rateio, sei lá, a gente não tem, entendeu, a gente tenta de qualquer jeito, prá amenizar um pouco a tensão lá no base "A", né, eu lembro que a gente tava lá no CIC lá, trocando uma idéia, a respeito do projeto, tava colocando os panfletos, aí como no CIC é uma loucura, tem polícia dentro do CIC...

**Jorge:** O quê que é o CIC?

**Osmar:** Centro de Integração da Cidadania... aí tem polícia dentro do CIC e tal, aí a hora que eu tava colocando assim... o policial veio eu já... bateu o olho... já nem olhei, tal... tava lendo lá... ele é... esse é um... e puta e foi a minha besteira foi que ontem, a gente ia fazer só o logo, só fazer uma ilustração no cartaz e ia falar... só falar do projeto, não ia colocar nem dia, nem (?), nem hora, nem nada, aí em cima da hora a gente, eu e o Mosquito debatendo, pô, coloca (?)

— Quem começou foi o Gildo...

**Osmar:** É, aí ontem, mais ainda, tem que colocar o local, aí colocamos de canetão, aí não sei o quê que deu na cabeça dos cara, os cara tava meio revoltado porque o Corinthians perdeu, eles começaram a botar local CIC Sul e uma frasinha no final... local CIC Sul e uma frasinha no final... aí era força, não sei quê, não sei quê... e teve uma que

colocaram “chapou”; e eu coloquei lá dentro do CIC não tinha percebido que era essa (?) aí... CIC Sul chapou? Porque? porque CIC Sul chapou? [A polícia?] é... Aí na hora que eu ia falar... puta, e agora... aí chegou um pai de família correndo, descalço, no CIC, sem camiseta, puta, acabaram de roubar meu carro ali... acabaram de roubar meu carro... aí os cara pegou e saiu correndo, os policiais já saiu correndo com o cara também, e foi atrás do carro do cara, [salvo pelo gongo] salvo pelo gongo, mas eu fiquei triste pelo cara, pô, na favela o cara foi roubado, o cara tava limpando o carro na frente do prédio lá da Cohab lá, e... acho que de repente foi buscar um sabão na casa dele lá no prédio lá... e levaram o carro do cara... o cara chorou, meu, deu dó, meu, ver o cara chorando assim, a filha dele desesperada, a filha dele botava a mão no coração, o peito chegava a estufar... ai pai, e agora, pai... o cara devia tá pagando o carro dele... Então acho que esse projeto vem amenizar essa tensão aí desse pai de família, dessa menininha aí que tinha um carro como um meio de lazer, né, um meio de transporte, agora, não tem nada... (?) a molecada senta lá na frente... tipo... eles fizeram o prédio mas não fizeram as grades, eles fizeram o muro mas não fizeram as grades, né, aí fica uns 20, 30 moleque sentados no muro, (?) prá ver quem cuida do carro que vai chegar o próximo carro, porque como é bastante carro que frequenta lá, a molecada não se agüenta, ela tem que ficar ali quando chegar um carro... pessoal já põe o cinto já... esse é meu, esse é meu...

**Plínio:** É como a gente fala, né meu, é a lei da zorra, né... então se o cara tá ali, olhando o carro, ele deixou o carro passar na vez dele, todo mundo vai passar na frente, é que nem se o cara... se o moleque mora na rua, tem um jornal, e deixar eu dormir no jornal dele hoje, amanhã eu tenho que jogar ele prá fora do jornal... então já tem que me espancar... se eu tentar dormir no jornal dele já me espanca... quer dizer, eu tenho que ser mais forte do que ele, então infelizmente, essa é a realidade mais nua e crua, né, quando a gente... dentro do projeto mesmo, nessa oficina lá, você vê vários moleques que vai chegar lá porque... eu fumo mesmo... eu roubo mesmo... (?) até aí tudo é um processo, quando a gente fala que o processo é lento, porque é lento... porque muitas vezes o moleque chega com essa ideologia, que... não, se eu não roubar... se eu não der um soco no cara... o cara vai dar em mim... até você falar prá ele que é mais fácil ele contar até cinco... aqui na rua você tem que contar até um... aí ele fala assim: ah, se eu contar até cinco o cara já me deu cinco murro no meio da cara... aí quando ele tem uma oportunidade de chegar num ambiente aonde que ele vai ser respeitado e TEM que respeitar... ele vai conquistar você, seja no grafite, seja no dj, seja no (?) seja no break, né, ou seja no axé, que tem muitas menina que fala, ah, mas nós não gosta de hip hop, vai prá capoeira... e cadê esse espaço?

**Mosquito:** Plínio, você falou de axé... (?)você falou de um jeito engraçado, tá ligado, porque tem uma discriminação contra o axé ... eu particularmente não ficaria regulando essa de axé, tá ligado, eu sou de princípio muito machista, muito das antiga e (?) minha cara, mas meu, engraçado lá na favela lá, tem um grupo de Axé, e tem a rapaziada assim que nem eu, que dançam Axé, tá ligado, e eles vão participar da arte dos excluídos... porque a gente tem de incluir eles, expor o trabalho deles, pô, os moleques são profissionais, eles dançam o Axé, tem as mina, né, que salva, graças a Deus, só cueca, tá louco meu, mas é engraçado e... eu troco uma idéia, eu curto o Rap (?) e tal, com a rapaziada (?) mas eu... evito tipo qualquer sentido crítico assim referente aos cara, eu dou minha opinião, falo oh, não é minha cara, sabe meu, mas eu mantenho o meu respeito...

**Osmar:** É legal quando você pode respeitar todos os gêneros... outro dia nós fizemos um evento lá na Vila Fundão, dentro da favela, aí o quê aconteceu? Tinha axé, tinha samba, tinha forró, tinha rap, porque que o movimento hip hop é marginalizado? É porque os cara... não é que os cara não respeita, é que o cara prá afinar uma guitarra é meia hora... tem um grupo de rap que surgiu lá e o cara tava lá... o cara cantando o rap e o cara batendo na bateria... aí o cara falou meu: se você não parar com isso daí eu vou quebrar a bateria na sua cabeça... na hora o cara falou puta meu... e parou... aí quando os cara falou assim ah, os cara que canta rap tem cara de mau, não é... porque...

— Rap é ladrão...

**Plínio:** É ladrão, né... aí subiu as mina lá prá dançar, todo mundo ê... lindo, maravilhoso... falei e aí... aí você vê lá os irmão rebolando, mas você tem que respeitar, entendeu... porque é a ideologia deles...entendeu... aí os cara fala: não vai dar certo... aí os cara vem reclamando, não vai dar certo... como que não vai dar certo? Se todo mundo tá aqui no mesmo objetivo, que é trabalhar pela comunidade, como que não vai dar certo? É só você respeitar o espaço e o direito de ir e vir, né, aí fizemos a festa tá ligado, acabou a festa, todo mundo se cumprimentou, tá ligado, no final da festa o cara fez um barato da hora, meu, já que somos todo mundo irmãos, tudo a mesma raça, vamos dar a mão aí, um tiozinho aí lá do candomblé, cara, aí o tio Pastor, o Pastor foi lá olhou, tá ligado, aí os cara já falou pô esse cara já vai ficar falando de... de... religião aí... aí o cara era lá da umbanda, candomblé, chegou prá mim: é... você não tem a sua religião? Porque você não pode respeitar a do próximo? A palavra de Deus ela existe, cara, e Deus, ele existe, ele não tem nome, Deus, né, o tal de anjo não tem sexo, nesse momento Ele está presente, aí o cara se aproximou, aí essas foram as palavras que usaram lá na Bíblia, que muitos não acredita, né... então isso é importante, você mostrar para o adolescente que independente de cor, raça ou religião, ele tá ali, ele é um

conteúdo, ele é um componente, entendeu, então quando a gente vai ali na favela, a expectativa é maior... outro dia eu fui fazer uma palestra lá em São Bernardo do Campo, cara, prá... acho que 2.500 pessoas, numa faculdade. Aí os moleque do 1º, 2º e 3º colegial, né, aí os moleque da 5ª, da 6ª série, tudo queria ver, né, porque eles viu na televisão, viu no Jornal, tá ligado, aí saiu um professor (?) de dentro da classe, (?) não suporto esses moleque, é tudo peste... aí nós fomos lá trocar idéia com os moleque. Aí falei pros moleque: aí, vamos fazer uma dinâmica, cara, vamos sentar todo mundo no chão... — ah, mas porque? — vamos sentar... aí nós sentamos no chão, falei, agora vocês coloca um caderno nas costas um do outro e vamos escrever... quantas horas vocês ficam... agüentam ficar escrevendo um nas costas do outro? Vocês têm que ficar 4 horas dentro da escola, né, falei ó, lá na Vila Fundão, no Capão Redondo, na Favela de onde vem o Angola, na Favela do (?), os moleque não tem uma cadeira para sentar, os moleque não tem uma carteira... eles têm que sentar e colocar o caderno nas costas um do outro prá escrever... imagine se você não tivesse a carteira... hoje você tem a cadeira, a carteira e não dá valor... — é mesmo, tio? — É prá você ver né, você quer ver a cena? Tem foto aqui, olha os moleque lá. Só que o Núcleo Jovem é do lado lá... a gente tem dois guri lá, tá ligado, o cara da cor, que tá na porta, os moleque lá da favela não pode entrar...

— Uma bosta isso aí né...

— Aí tinha uma mina do Núcleo Jovem falou assim prá mim: como é que é o Angola, eu vi a cena... eu vi o cara lá... o cara não deixou a molecada da favela entrar, né, então aí eu falei pros moleque: tá vendo, hoje seu pai trabalha prá você ter um caderno, né, prá você ter um lápis, uma caneta da hora... banhada de ouro... você vem prá escola e fala que o professor é chato... que a professora é sem (futuro?)... e aquele moleque que tá lá no meio da favela que não tem? Não tem nem sequer a professora! A professora chata... [mas tem vontade] mas tem vontade, né meu. Aí a menininha falou assim: — ô tio, mas eles ficam assim mesmo? Falei, imagine se você tiver na sua casa um brinquedo, e trazer prá escola prá doar para aquele moleque que não tem? Ou um caderno que você rabisca ali... entendeu, sua mãe compra dois, três caderno, porque ela tem condições, mas hoje ela tem condições, e a história dela? Aí a diretora falou assim: pô, meu, mas é assim mesmo, cara? É só você ir lá, se você entrar dentro da favela, você vai ver... que o moleque está ali sofrendo, mas ele está querendo aprender alguma coisa.

— E ele é mais feliz ainda, né...

— Ele é feliz! Outro dia nós fomos num debate, aí tem um mano que é até do hip hop o Claudinho. O cara me escreveu uma música que fala:

o povo da periferia não tem outra opção a não ser roubar... aí nós tava no debate eu falei prá ele, meu, na favela tem cara feliz também, eu já morei dentro da favela, essa ideologia é furada, né, não é verdade? Então é bonito o cara colocar lá, o povo da favela a única opção é roubar... porque a única opção é roubar?

— (?) tem uma questão e agora eu estou lembrando do começo de nossas conversas aqui... que toda... eu não concordo com isso, não acho que a única opção é roubar, pelo contrário, só que várias vezes nessas conversas que a gente teve aqui, o que foi trazido aqui, era que por falta de opção, as pessoas estão fora da escola, que elas não tem emprego, que elas não tem dinheiro, e que por isso elas roubam...

— Leva a isso... é a causa e o efeito...

— Então... mas o (?) é que está falando prá gente, que não isso. Que não é a única opção roubar.

— Não é... mas como você vai trabalhar isso? Veja bem... aí você...

— Você concorda que tem duas coisas juntas (?) os discursos estão em conflito, porque de um lado tem... porque eu não concordo com isso também, eu não gosto desse discurso que vitimiza... o tempo todo é coitado, ele não tem opção... bã, rã, rã...

**Plínio:** Não existe coitado na periferia... existe o cara que tem que trabalhar, tem que trabalhar, porque veja bem, se o cara não tem uma estrutura, certo, você vê vários talentos dentro da periferia... eu tenho acesso dentro de uma gravadora, entendeu, tem várias pessoas lá, tem mais de oitocentas pessoas prá ficar ouvindo cd, tá ligado? Meu, nós fizemos um festival de rap, cara, vários talentos, só que chega lá os cara pum, você vê aí os cara... hoje em dia qualquer um canta, os cara chega lá e edita a voz do cara, põe uma batida, tá ligado, e o cara canta no play back... entendeu, a cena é a mesma, só que muda de lugar, entendeu, porque dentro da favela, o menino tá ali, cara, ele faz o som na parede, no barraco dele, certo, o cara faz um (pit?box) na boca, que é o instrumental, tá ligado? Só que você tem que trabalhar isso, como que você vai descobrir ele lá? Aí os cara fala assim: a única opção é roubar...

**Jorge:** Vamos circular aqui... vamos...

— Vou falar um pouco desse negócio de opção... (?) tem várias opções só que alguns seguem a roubar, outro vai vender sorvete, outro vai vender coxinha, tem várias opções...

— Vai vender farinha... cocaína...

— (?) falar aqui a opção é roubar... porque a mídia está chegando lá e está falando que é só roubar... não vai mostrar o moleque que está vendendo sorvete lá desde... cinco anos....não vai mostrar isso, vai

mostrar o cara que tá roubando... e tipo... que nem os outro fala que... a opção é roubar lá... eu acho que a opção não é roubar, se eu tivesse as opções e entre essas opções...

— Sobre essa parada de opções, cara, é um complexo total, porque cada caso é um caso, entendeu, tem caso que a pessoa não tem outra opção, porque de repente a pessoa é de psicológico fraco, já nasceu ali em toda aquela miséria, em todo aquele contexto, e a mesma, e de repente a mesma pessoa, na mesma família, que viveu naquela miséria, que viveu naquele contexto, transformou tudo isso em força para lutar por um amanhã digno, entendeu, e aquele outro já falou, caraco, eu vou roubar, já é uma visão mais revoltada, mais então, as opções estão aí entendeu, só que é o seguinte, não funciona, cada pessoa é diferente, entendeu?

**Plínio:** Como a gente fala, que a hipocrisia que vicia e alicia, tá ligado? Eu fui pro crime, tá ligado, com 12 anos eu era um moleque de rua, eu roubava muito, eu tinha que roubar prá mim comer, eu tinha que usar droga prá não sentir fome, tá ligado, tinha hora que eu roubava uma bolsa de uma tiazinha e entregava pro policial, falava assim ó, tó, eu não sabia o que tinha dentro da bolsa, os cara me dava um saco de cola, tá ligado? Então, o cara vai pro crime dessa forma, não justifica, tá ligado, não justifica...

**Jorge:** Eu queria fazer uma observação...

**Emilia:** Que são as duas coisas, não tem uma linha reta. Ninguém começa de um jeito e vai até o fim da vida numa linha reta. Acho que são opções, mas também são opções... às vezes tem as opções para os dois lados de uma mesma vida...

**Plínio:** Quando eu era adolescente, eu tinha um ídolo, todo mundo aqui não tem um... prá mim, tá ligado, eu tinha um cara lá na quebrada lá que (?) os adolescentes, tá ligado, o cara era o CARA, o cara tinha as melhores mulheres, os melhores carros, as melhores motos, tá ligado, só que é o seguinte, o cara era o CARA, (?) qual foi minha decepção, cheguei dentro do pavilhão 9, o cara tava vestido de... de mulher! Tá ligado, e aí? Eu, por respeito ao cara, tá ligado, pelo nome que o cara tinha no crime, eu queria ser criminoso, falo puta, mano, eu quero ser um ladrão também, eu quero ser (?) também... mas eu já tava... quando eu não usava droga, o cara chegou em mim e falou assim, ô meu, (?) dá um tiro aí, tá ligado? Depois que eu me viciiei o cara falava (?): só que é o seguinte, aí, metade é meu, tudo o que você roubar, metade é meu... então eu não aceitava que me falassem que o crime, tá ligado, que o crime é maravilhoso...tem as suas conseqüências, tá ligado...

**Jorge:** Deixa eu colocar uma coisa... que é o seguinte: estão me chamando a atenção algumas coisas que eu queria... a primeira coisa é que vocês

vejam que essa questão, está voltando a questão da opção como no primeiro dia do grupo, não é, e na verdade eu acho que essa conversa vem, como a do primeiro dia do grupo, o grupo elaborou muito isso aqui, a gente trabalhou muito isso aqui no grupo, que era que existe opção mas não existe opção, na verdade são as duas coisas, né, que existe mas não existe, mas antes do que isso, me chama a atenção uma outra coisa, que nós estamos trabalhando hoje, como se, não fosse o último dia do grupo. Então, parece que o grupo está fazendo uma negação que essa é a nossa despedida aqui, pelo menos nesse espaço aqui, e vocês vejam, parece que tem uma negação disso, a gente está fazendo de conta, parece assim, que estamos fazendo de conta que não é o último dia, que é um grupo normal como todos os outros sete que a gente fez, ou quantos a gente fez. Parece que tem uma coisa que está latente aqui no grupo, que é a dor, talvez da separação... é a dor de poder falar... o quê que esse grupo significou... é como se a gente não pudesse ainda falar disso, não é, o que significou a gente se encontrar... o quê que significa, coisas do tipo que hoje o Plínio traz as fotos, do trabalho dele... o Mosquito traz todo esse projeto, né, coisas muito distantes que tinham no primeiro grupo, né, então o que não tinha... é essa confiança inclusive de trazer, não tinha essa intimidade de mostrar quem se é e o quê que estava querendo se fazer, não é, então me chamou a atenção isso, como se a gente faz de conta que hoje não é o último grupo. E a gente até para fazer de conta que hoje não é o último grupo, mais ou menos conversa como no primeiro grupo, né, ah, é opção, não é opção... é isso, é aquilo... a gente já viu isso, a gente já aprofundou MUITO profundamente isso, tem cenas aqui que a gente trabalhou que são da maior densidade, como a cena dos teus diplomas, como a cena do segundo em que a tua vida mudou, como a cena do teu chuveiro, como a cena... enfim, da tua namorada, da tua companheira, enfim, de tudo... da polícia... quer dizer, a gente trabalhou essas cenas com muita profundidade e parece que agora como é o último dia, e a gente mexeu tão fundo dentro de nós mesmos e a gente faz de conta que não, eu não sei o que vocês acham disso...

**Emilia:** Eu queria colocar uma outra coisa aqui, que por um lado eu acho que é isso que tu está falando, por outro, eu acho que como é um grupo, e a gente sempre falou de ter um produto concreto, os produtos concretos apareceram neste grupo... quer dizer, o Plínio trouxe as fotos do trabalho dele, o Mosquito estava explicando como é que vai ser a Semana lá da Mobilização, então eu acho que também tem uma preparação para a gente pensar um produto concreto...

**Jorge:** Estou de acordo...

**Emilia:** Dentro de uma alegação de começar a falar, como no primeiro dia, mas tem por outro lado... pô vieram produtos como se oh, se a aqui a gente pode fazer a partir desse grupo... dá para tocar... como é que a

gente agrega essa discussão aqui com o que já está acontecendo, porque as coisas estão acontecendo... o Plínio faz o trabalho dele, a tua vida continua, o Centro Vida continua, o Mosquito... quer dizer, tudo... a vida segue, né, então como é que a gente pode agregar essas experiências daqui com as coisas que já estão rolando...

**Joana:** Eu acho que na hora eu tive essa reação, acho que... não sei se é porque é o último dia, mas porque ao ouvir essas falas, para mim foi como se tivesse criado toda aquela barreira que a gente tinha antes de... aquela distância, então eu preciso ter esse discurso e prá mim isso é coisa meio... assim, retrocedeu TOTAL em cinco minutos, quer dizer, eu não quero que acabe tudo isso e que o saldo seja: então é isso, então a coisa se resume nisso, quando a gente se aproximou muito mais do que isso, a gente não precisa mais desse discurso, a gente não precisa mais colocar as coisas nesses termos, quer dizer, acho que essa foi um pouco essa a aflição que me deu, porque... eu já vi milhares de outras coisas aqui...

**Mosquito:** Posso falar uma coisa, sabe o que me deixa puto, indignado, é ter programinha pra boi dormir, ta ligado, na mídia, tá ligado, essa mídia é uma filha da... entendeu, porque é uma bosta, cara, eu estou realmente revoltado, desculpe aí se tem algum boy aqui... (?) trabalho, mas que eu to invocado com certos tipo de boy, tem boy que você troca uma idéia, tem um que você vê uma mente periférica, apesar de ter dinheiro ou não... Mas tem, meu, a maioria desses boy da mídia, dá licença, ta ligado, cara, pô...porque não mostra o projeto do Plínio lá, a cara do gueto pro gueto, ta ligado, porque meu? Porque que não mostra o bagulho... eu pararia pra assistir cara, eu pararia prá assistir... ficam colocando o Sandy e Júnior, o Sandy e Júnior ta montada no dinheiro, o trabalho deles desde criança eu acompanhei quando na minha fase de moleque, ta ligado, mas não quero mais ver a cara deles pompozinho, cheirosinho... ta vendendo aquela imagem do menino forte, ta ligado, e aí meu, eu quero ver o gueto na... (?) pro gueto, tá ligado, o pessoal tá aí... vivendo hipocrisia, meu...

— Deixa eu falar uma coisa... tava falando lá, e eu acho que rolou uma mudança no grupo, esse grupo ele foi sendo...então acho que algumas pessoas que foram chegando e que puderam acompanhar aos poucos então acho que até essa cara de limpinho, tá uma cara meio que... tem gente que tá chegando e ta mudando, e como assim...e o Rafael hoje mesmo a gente conversou, pôxa, tá chegando ao final, é...como é que é, como vai ser, pô foi muito legal... quer dizer, acho que ao mesmo tempo tem esse processo mesmo de... puxa, seria legal... é legal estar... mas acho que também para algumas pessoas esse final não está com cara também porque foi chegando, foi chegando, sem saber quando era a nossa data final, enfim...

**Emilia:** Ele chegou hoje, né? Como é teu nome?

— Meu nome é Zé...

**Pedro:** Ele estava com nós também no dia lá do... do homicídio... tava eu, ele, o (?), tinha mais outro colega nosso que não tá com nós... foi prá outro lugar lá, que ele... foi o que começou a confusão e foi o primeiro na verdade que deixou falando nós... que nós acabou fazendo esse homicídio para defender esse colega nosso e esse colega nosso acabou pulando fora... aí já começou todo aquele processo de mudar a vida, você não poder ir mais na quebrada você cresceu, porque se você for lá tem vinte, trinta caras querendo o seu pescoço...

**Osmar:** Muitas pessoas chegou a falar isso pra mim, você não vai virar a cabeça, né, eu falei assim não, não vou virar a cabeça por causa que aconteceu esse negócio, porque muitas pessoas, se acontece alguma coisa errada já quer virar a cabeça ou até correr para o lado errado mas só que... o negócio é... levantar a cabeça, não é porque aconteceu isso que também eu vou sair fora de onde que eu morava, eu vou lá sim, se os cara me pegar (?) que vai pela idéia, né mano, porque eles lá pensa que nós tava tudo errado, entendeu, sendo que eles mesmo tava errado, e eles não sabem qual é a verdade, mas só que eu não vou... ficar também... muito corrido assim por causa do pessoal que não tem nada a ver. Mas só que eu to em outro lugar, to sossegado, esquecer isso daí... seguir em frente, né meu, dá um toque pros cara até do que rolou no dia, né, no penúltimo dia... deu uma enchente lá em casa, eu comprei uns material prá dá uma arrumada antes do Natal e tal, aí no dia, então quer dizer, no antipenúltimo dia que eu saí daqui, na hora que eu cheguei em casa, na hora que eu cheguei na quebrada, eu descii um ponto antes da minha casa, que eu precisava agilizar umas coisas do projeto, precisava passar na casa de outro irmãozinho nosso que corre com a gente e tal, na hora que eu descii... eu tava (?) eu escutei uma pá de tiro aí eu fiquei na minha... aí passou um camarada meu de moto, falou Osmar você não quer ir embora não, mano, tá cruel a favela, mano, vamos lá que eu te deixo lá e saio fora... falei que, mano, não, to sossegado, acabei de chegar vou ficar por aqui mesmo. - Não, é melhor você ir porque o (barraco?) vai ficar louco. Aí eu falei, mas o que foi, meu? – Mataram um maluco ali, não sei se você está sabendo... mataram o Alex... falei: O ALEX? puta, aí eu pensei (?) também, já fiquei pensando nisso (???) [por causa dele também que começou a briga...] aí vai vendo, aí... eu subi na moto e falei, então vamos embora, eu subi na moto com ele, na hora que a gente tamo no meio do caminho, ele parou um outro cara, pra falar a mesma coisa, — mataram o Alex, mataram o Alex, puta mano, mataram o Alex? Eu acho que já sei quem foi... aí ele olhou pro cara... que tava comigo, aí ele... deu um toque prá ele falou assim... é, pode crer... deve ter sido os cara memo, aí tipo, deu uma de João sem braço... lógico, né, estamos continuando aí, falei é mano? O maluco tinha tetra? Tinha treta com o

Pedro, o João, o Zé, o João Paulo, não sei o que... eu falei pô, mas será que foi os cara, mano? — foi os cara, foi os cara...(muitas falas juntas)

**Pedro:** (?) A confusão começou por causa dele, ele que tacou a latinha de cerveja na cara do João Paulo e o outro foi querer cobrir as bronca, ameaçando nós, só que... eu mesmo pensei assim na hora, eu não vou morrer... porque eles tava em dez cara, meu, (?) se o cara for me matar (?) a mãe dele que vai chorar primeiro... eu falei pra ele...

— Mas esse Alex, era um dos dez, é isso?

— Era um dos dez, e tipo...nós foi e matou esse primeiro aí ... firmeza, mano, nós fomo lá, tô participou até da comissão do hip hop de lá também no interior de São Paulo, e nisso foi rolando, e aí não sei o que esse Alex fez por aí... tá ligado... arrumou alguma (?)

— Não, mas só que também, esses cara aí... o irmão do moleque que nós matamo também queria pegar esse Alex aí porque foi por causa dele que arrumou a briga, e na hora ele correu, aí os cara, os primo do cara que morreu primeiro, os amigos do cara que morreu primeiro, ficou tudo contra esse Alex, porque esse Alex, o amigo dele morreu, em vez dele ir lá dar uma força pra família, né, aí não, ele comprou motinha nova, começou a andar na dele, entendeu, e todo mundo foi se injuriando... entendeu?

**Osmar:** E nisso, como nós tinha treta, as primeira pessoa que eles pensaram foi quem? Tipo o tempo inteiro assim, que eu tive na rua que... tipo assim...e pior, uma coisa, ultimamente, a gente vem reparando na periferia, que todo... sempre quando morre um cara, os (?) chega e joga dentro do carro, porque antigamente não era assim, antigamente deixavam, agora não, agora os cara tão já levando embora... só que não, ele ficou, e virou a madrugada na rua, então fica a madrugada inteira, neguinho na rua olhando, até tirar o corpo entendeu, então imagine o tanto de boato que não surgiu...

— E nisso foi polícia na casa do Zé, foi... polícia na casa dele porque falaram que foi ele... Puta, depois... o primeiro boato que tava rolando na minha rua é que foi assalto, que levaram a moto dele, que foi assalto. Aí acharam a moto dele no parque... não sei que lugar do parque... então disparou o alarme... depois, no outro dia eu fui no São Luis, eu fui lá de manhã, passei lá na rua que ele morreu, vi as faixa amarela... aquele negócio cinza do rabeção lá...

**Pedro:** No outro dia... nós fomo lá, aí um cara do (?) já falou: — você é louco, o que você está fazendo aqui, meu? Mataram os cara aí ta todo mundo atrás de vocês, pensando que foi vocês... eu fiquei até de noite e fui na casa do irmão do moleque que nós matamo, trocar idéia com ele, falei porque que aconteceu, troquei idéia com ele ... aí falei que a treta tinha sido por causa do Alex... troquei a maior idéia com ele...

- Jorge:** Como é que ele te recebeu?
- Pedro:** Não ele tipo... de primeiro, assim, ele ficou assustado, pensando que eu queria alguma maldade com ele... só que não, eu queria...
- Pedro:** Antes disso ele já queria falar comigo, mas só que eu fiquei meio cabreiro, né... de ir lá... trocar uma idéia com ele assim, e ele fazer alguma coisa comigo... falei assim ... ah não, se for pra acontecer, vai acontecer...

*(Fim lado A da fita)*

(...) qual a fita, prá ver se ele vai ficar jogando (?) prá nós, ou então prá ver se ele vai resolver logo sair com os primo dele também... aí fui lá, troquei idéia com ele, chamei ele, marquei um encontro com ele, prá mim não ir na casa dele, porque ficava, meio chato, né, aí ele chegou e falou assim pode colar aí, aí eu fui lá, troquei idéia com ele primeiro, aí depois de um pouquinho e ele foi...

— E também ninguém sabia da história direito... porque a história que chegou lá, foi...

— Do que tinha acontecido?

— É, da confusão, que nós tacou a latinha...

— Porque esse Alex aí que morreu, ele chegou e falou pro irmão do moleque que morreu, falou que... jogou culpa tudo em nós, entendeu, aí por isso que ele queria trocar idéia comigo, pra saber se era verdade, tudo isso que estava se passando, entendeu, porque ele só ouviu a voz dele, ele não tinha ouvido a nossa voz ainda, entendeu, aí ele... logicamente que ele ia jogar os negócio só prá nós só...

— Aí depois que vocês conversaram, ficou uma coisa de que... agora pelo menos o irmão do que morreu...

**Pedro:** Tanto que quando eu fui lá, a primeira pessoa que eu chamei pra ir comigo, tanto que eu nunca tinha assim parado pra conversar, foi meu pai, nunca parei pra conversar com o meu pai...

**Emilia:** Como é que foi essa conversa?

**Pedro:** Com o velho? Com o meu pai? Tipo meu pai... ele tava bem assim querendo mandar eu ir pra Minas, só que se eu for em Minas lá, o pessoal já... passa fome, e aí é uma boca a mais é muita treta, né, aí eu fui lá, tipo... ele já ficou olhando pra mim assim... ele já perguntou: você é louco, o que você está fazendo aqui? Aí eu falei não, eu só... quero ir que eu vou conversar com a mãe do João a mãe dele tava passando mal por causa desse Alex que tinha morrido, porque falaram prá mãe do João que foi o João, sendo que o João estava em Buguaçu e ele tava doente...

— E outras pessoas falaram que foi ele...

**Pedro:** É... falaram que foi ele, aí eu ia lá primeiro se explicar com a mãe do João, aí meu pai foi, tipo... meu pai num gosta assim muito de mim assim, nunca... foi assim de parar prá trocar idéia comigo... ele só falou vamo lá, eu vou com você, não falava nada comigo, só falava pra mim ir embora, não, você vai embora, não sei que... que os cara vai te matar... falei não, não devo... vou ficar aqui, e ano que vem vou (?) moleque do São Luis aqui... aí eu fui na casa da D. Vera, ela tava tipo de cama, tava 3 dias sem comer, já, por causa que tava passando mal, com essa história aí... aí eu conversei com ela, ela melhorou um pouquinho, aí ela tomou remédio, almoçou, aí falei agora eu vou na casa desse moleque, o Zé já tinha conversado com ele, eu falei agora eu vou dar a minha versão da história, que foi o que aconteceu. Aí eu fui lá, ele já ficou assustadão, aí eu chamei ele, aí ele ficou até meio assim de vir, pensando que eu ia querer alguma maldade com ele... aí ele veio, ele falou tipo... aí eu peguei e expliquei a história pra ele, aí ele falou assim, ele contou a história que o Alex, que o finado Alex tinha falado pra ele, que era uma história totalmente diferente, que a treta não tinha começado com uma latinha, tinha começado por causa de um samba, não sei da onde, do Capão, não sei se é do Capão... (?) aí falou que tinha começado daí... aí eu conversando com ele, ele contou a história que o Alex tinha falado e o Alex tinha tipo... prá tirar o corpo fora, que foi ele que armou a treta, falou que foi o João Paulo que armou a treta, e que na hora que o (Ivan?) tava indo embora, nós chegou por trás e... sapecamo ele...

— Pra você ver como o irmão dele estava injuriado, porque (?) os amigo dele (?) que tava junto com ele, pegaram... que eles tava em dois carro, né, pegaram o carro dele na (?), pegou o carro dele e começou a ir para o salão, nem se preocupou com ele lá, entendeu, por isso que o irmão dele tava já injuriado com os amigo dele...

— E ele na UTI, tipo... acho que tinha ficado duas semanas na UTI, e nenhum dos amigo dele foi lá...

— O primeiro que nós matamo... foi o primeiro e o último... (risos) porque eu falo o primeiro, aí vai pensar não, tem o segundo, tem o terceiro... foi o primeiro e foi o último que nós matamos. E tipo... aí desse fato aí começou a surgir várias fofocas, zé povinho sabe como que é, né, aí mataram esse aí, como ele tava na treta, quem foi? Foi os moleque... (muitas falas)

— Sendo que nesse dia eu tava lá em Buguaçú, né... aí... se eu (?) se os parceiro dele não vem lá, aí também é nós...

— Nesse dia foi meu pai, minha mãe, a mãe do João de carro...

**Pedro:** ... eles tinha ido no centro de Buguaçú, porque lá onde nós mora não tem mercado, pra você comprar um arroz e feijão, você tem que camelar, tipo... uns quarenta minutos, ta ligado, aí eles foi comprar um

arroz, aí eu tô vendo um cadete vermelho vindo, tava sentando o pau (?) falei... eu conheço aquele carro meu, aí dá um cavalinho de pau, quando eu olho pra dentro meu pai, minha mãe, a mãe do João... aí eu...o que vocês querem aqui, que vocês ta fazendo aqui, vocês é louco — Não, é que mataram o Zé e o João... Mataram o Zé e o João.. eu falei putz, e agora... entrei dentro do carro, fui procurar esses moleque, os moleque tava no centro do Embu, o pessoal tava falando (?) que tinham matado os moleque...

— (?) sei lá, conversaram com o irmão do cara, (?) não queria voltar prá lá?

— Ah, eu estou pensando em voltar o ano que vem já...

— Ah, se eu fosse você não fazia isso não...

**Emilia:** Eu estou pensando uma coisa aqui... uma das... retomando a idéia de que hoje é o último dia, uma das propostas que eu acho que surgiram aqui em outras vezes que a gente se encontrou, foi usar este formato deste grupo em outros lugares, em outras circunstâncias, né, você acha que teria clima para fazer um tipo de discussão assim lá onde aconteceu o crime?

— Convidar as pessoas?

— É, convidar! O irmão do Alex... esses caras, os dez... não sei quem é...

*(muitas falas juntas)*

— O irmão do que morreu... eu até arrisco convidar ele, o Arnaldo...mas dos dez... eu não quero chegar nem perto... dos oito que sobrou... (?) a vontade é grande... desses cara...

**Plínio:** É tipo assim, dá até pra ter uma discussão mas não com vocês, porque infelizmente, tá ligado, o crime, cara, (?) pra você ver a preocupação, eu me preocupo quando eu vejo essas idéia, né, porque... ah tudo isso eu já passei, tá ligado, vários parceiros meus passaram, tá ligado... você vê... você tira a vida por causa de uma lata... Teve uma cena uma vez, fui eu e o Mario, nós tava dentro da detenção, fazendo um trabalho com um grupo e tal, os cara assassinaram três pessoas, né, mas depois de vario tempo eu falei... troquei uma idéia com... eu falei pô, Mario, aquele dia que nós tava lá, lembra (?) [é, mas eu não vi nada] ele não viu... (riso) ele não viu né, porque a visita é uma (?respona) dentro da cadeia, né, e os cara tinha... [eles se esconderam de mim, né...] os cara tinha que morrer, tá ligado, não podia passar daquele dia, ta ligado, aí os cara vem, dentro do setor, fala ó, fica aí que vai cair três, tá ligado... antes (?) ... depois de vários dias eu falei... ó mano, aquele dia que nós tava lá e tal... aconteceu isso e isso, ele não viu, é a mesma coisa, aí você volta nessa cena deles aqui, né, você fala pô o cara, o cara jogou uma lata não sei em quem... (?) vê

como que é a vida, né, no crime... não tem valor, né, como que a vida no crime não tem valor... isso vai repercutir...

— Ao mesmo tempo tem, né... não, não, ao mesmo tempo tem porque eles (?) ele mudou de lugar onde está morando porque...

*(muitas falas)*

**Plínio:** Então, mas aí que vem aquela... a causa e o efeito, né... o irmão, quem perdeu um ente querido, cara, nunca vai se conformar, ta ligado, porque? Você pode ir lá e dar a maior idéia no cara, meu, quando a gente fala que o silêncio fala mais alto... é isso, cara, é a lei da favela... infelizmente, cara, no crime, os cara vai perseguir vocês... ta ligado... eu falo isso pra vocês, ta ligado, de coração, porque eu passei por isso, ta ligado, aqui fora eu matei uns cara, mas chegou dentro da cadeia, eu trombei com o irmão do cara que tive que matar, tá ligado, eu fui acusado de um crime que eu não cometi, cheguei dentro da cadeia, eu trombei com os cara que mataram meu tio... ta ligado, quando os cara chegou dentro da cadeia os cara falou meu, dois cara que matou lá seu tio ta lá... o cara só falou isso... você entendeu, aí nós tivemos que ir lá fazer a cena, então é uma bola de neve, cara, eu aconselho a vocês, ta ligado, não volta, não volta, porque o bagulho é mais louco do que a gente pensa, ta ligado...

**Jorge:** Isso... olha uma coisa é importante... vejam bem, agora retomando todo o caminho do grupo, né, porque agora sim a gente está retomando o caminho do grupo, na verdade, eles estão vindo aqui hoje, pedir uma ajuda para a gente, mas o quê que eles querem, na verdade eu acho que isso que você está dizendo, inclusive, tem a ver com isso, da ajuda que eles estão pedindo, principalmente para o grupo, que é assim, olha, a gente fez o que dava para fazer, me disseram, estamos trazendo esse caso aqui para o grupo, para o grupo pensar junto com eles e ajudar porque eles estão... o que ele está dizendo é que ele está com muita, muita vontade de voltar, é isso que ele está dizendo.

**Pedro:** E eu estou ciente também das conseqüências, do que vai acontecer se eu voltar... sei quem é os cara (?) então tipo assim, se for pra mim morrer assim... eu queria morrer na minha quebrada né, que eu cresci lá, eu sei que se eu ficar fora de lá eu vou viver, só que não sei até quando, porque se eles sai atrás, os cara vai e... se falar que eu to lá no... lá na divisa do Brasil com o Paraguai os cara vai atrás, eu sei que vai.

**Plínio:** Mas aí é tipo assim, não é necessário você morrer, ta ligado, porque se não fosse necessário tirar vidas, cara, eu não tinha tirado, ta ligado, então eu acho tipo assim, o crime é mais duro, é uma realidade mais dura e crua então por exemplo se você tem uma oportunidade, ta

ligado, de não ser conivente com isso, não causar a sua própria morte...

— Acho que o outro irmão ai tá... tá (?) compreendendo a caminhada...

**Jorge:** Não, mas talvez ele esteja dizendo o seguinte: estou pensando, deixa eu colocar uma coisa, talvez ele esteja dizendo o seguinte, Plínio, vamos pensar... vê se tem razão o que eu estou falando, talvez ele esteja dizendo pra nós que ele não está agüentando mais... talvez ele esteja dizendo isso, que ele não está agüentando mais o isolamento, que ele não está agüentando mais a culpa, que ele não está agüentando mais ser um assassino... nesse sentido, que ele não está agüentando mais a perseguição...

— A dor da família, também...

**Jorge:** A dor da família, você vê, talvez eles estejam dizendo isso pra nós, e o fato de dizer, então eu volto e acabo logo com isso, porque não estou agüentando mais tudo isso, não estou agüentando mais o que a minha vida se tornou, não estou agüentando mais o que aconteceu comigo, eu não estou agüentando mais a minha solidão, não estou agüentando mais a minha culpa, não estou agüentando mais o meu medo, não estou agüentando mais nada disso, então volto pra morrer na quebrada que eu nasci e foda-se, e acaba com essa história de uma vez. Eu fico pensando se vocês não estão dizendo isso, de alguma maneira...

— Também né, e tem tipo mais motivos...

**Pedro:** Com certeza, com certeza é isso, só que tem outro motivo... eu não vou ficar onde eu tô, e passar fome do jeito que eu estou passando... e outra... o que eu ia falar... estou passando fome, eu não tenho para onde ir, o único lugar que eu tenho pra onde ir, é o São Luis, é o meu único refúgio, se eu for prá Minas, eu vou passar fome, não tem como eu ir prá lá, não tem como eu ir para outro canto, o único lugar que tem pra você ir é o São Luis e é justo lá que está o foco da treta... então acho que... tipo se eu ficar lá vou passar fome, não tenho um trampo lá onde eu tô, é interior, só mato, o que eu vou fazer no meio do mato, vou caçar? Catar um estilingue e ficar o dia todo prá catar um passarinho pra mim comer? (?) a pessoa (?) ficar ali na quebrada... correr o risco e arrumar um trampo e ficar sossegado (?)

**Jorge:** Que trampo você acha que você consegue?

**Pedro:** Ah... tipo... com a minha ficha assim, acho impossível um trampo que não seja registrado...

— Ô João... você tem consciência que os cara vai te matar se você for lá... pode passar dois, três mês, mas os cara vai cobrar... que o sangue é pago com sangue... você tá ligado, é complicado...

— Não, mas ter conversado com o irmão do cara...

— Isso não existe, isso não leva a nada...

*(muitas falas juntas)*

**Plínio:** Às vezes eu sou até meio frio ta ligado, porque... meu... no crime, ta ligado, não estou fazendo uma apologia ao crime, é mais fácil eu falar a realidade, tá ligado, do que eu chegar aqui... porque os manos conhece a cena... não adianta, se o cara matar o meu irmão, na primeira oportunidade eu vou arrancar o pescoço dele... Eu já passei por isso... Eu fui pra cadeia num homicídio que eu não cometi, mas outros eu cometi... ta ligado, o meu irmão de sangue, ta ligado, me caguetou pra polícia porque não agüentou o pau, chegou dentro da cadeia ele correu contra mim, eu dei 18 facadas nele, porque o crime é assim... tem dia que o cara fala assim pô mas... é violento? É... não adianta você chegar lá falar meu... matei seu irmão, o cara tava errado... o cara fala não, tudo bem, tava errado, vamos colocar uma pedra em cima, ta ligado, então eu to falando pra ele, é a realidade do (?) a gravidade, não adianta a gente juntar aqui, cada um tem a sua realidade diferente, ta ligado, os mano ali sabe como que é a cena, tá ligado, o cara volta prá favela, o cara pode não matar ele hoje, amanhã, certo, mas um momento os cara vai pegar, entendeu, os cara pega, cara...

— Então, é isso que eu estou tentando dizer, não adianta eu chegar lá e conversar com o irmão dele, porque eu sei que se eu ficar uma semana lá, primeira oportunidade que o irmão dele tiver... sei, mas eu sei que a primeira oportunidade que ele tiver, ele vai me derrubar.

**Jorge:** Mas você não está querendo voltar, você está querendo morrer...

**Plínio:** Não, foi uma coisa que a gente falou, né, a vida é..., o cara ficou silencioso... (?) entendeu, então quer dizer, se ele fala, eu to desarmado, eu não sei como que ele ta, se eu vou já armando, não interessa o que foi você matou o meu irmão, sabotagem lá na frente, ele não ia conseguir te matar de pancada, porque nem forte ele é, você não ia morrer de pancada, mas... ele ia ficar em silencio... e esperar a melhor oportunidade... tipo assim... tem coisas que... dão pra abafar... eu sei que não vai abafar e não vai amenizar a treta... tem que saber como é que é essa fita... tô ligado que ele vai correr atrás de mim, aonde eu estiver ele vai me derrubar... agora você vê a ação, ta ligado, a preocupação, o cara ta passando necessidade num lugar, é um motivo de desespero, porque o cara fala assim pô, meu, eu to passando fome cara, to passando necessidade, eu não quero saber de mais nada... foi o que agora a pouco ele falou, eu quero voltar pra minha quebrada, pra eu morrer. Não é necessário, cara, não é necessário o cara morrer, ta ligado, na quebrada dele. Agora, o que fazer, ta ligado, o que fazer com isso? É complicado, eu tenho a minha realidade, ta ligado, eu tenho a minha realidade, o outro tem a dele, você tem a sua,

totalmente diferente quando acaba essa reunião aqui, nós vai voltar pra nossa realidade, ta ligado, eu falo isso porque muitas vezes eu não to justificando o crime não, quando eu sai foragido, cara, eu fiquei três, quatro dias na praia, ta ligado, eu fiquei dois anos foragido usando o nome de outra pessoa... quando eu entrei dentro da cadeia os cara falou meu, você tem que fazer a cena, falar que é assim, assim, assim... né, o primeiro cara que eu matei dentro da cadeia o cara tinha quase dois metros de altura, simplesmente porque a minha coroa levou um pacote de bolacha, um sabonete e uma pasta, (?) eu tava lá na rede, deitou na minha rede e falou: ó, o bagulho aqui é nosso... ta com medo, se não for dessa forma o cara vai fazer isso e isso com você... e aí, então você imagina, você imagina um cara desse... pegando pesado... essa é a realidade, você chega dentro da cadeia com um cara desse, ta ligado, você matou o cara por causa de uma lata, por causa de uma discussão...nós louco pra sair do bagulho, o crime é assim... ta ligado, infelizmente é assim, mas tipo assim, não foi mais por causa de uma lata, foi mais porque tipo assim (?)

— Não, eu to falando, tipo assim, dentro do crime, cara, dentro do sistema, o tribunal dos cara é diferente, então por exemplo, a lei do silêncio fala mais alto... Se você chegar lá, você conversou com o cara... com o irmão, com isso, com aquilo... só que num momento os cara tem (?) então você tem que procurar algum lugar em que você é ajudado para que você não venha regredir nisso aí... A sua vida vale muito mais...

**Emilia:** É que é assim, ó, crime tem uma perspectiva, quer dizer, o cara quer ser o bacanão, o forte, e tem que manter isso... Ta aqui o Osmar, o Mosquito, tal, tem uma perspectiva que tu está dizendo é que tu está sem perspectiva...

— Não... eu tenho sim, eu tenho os meus objetivos...

**Emilia:** Ta, mas como é que tu vai fazer lá no meio do mato?

**Pedro:** Não tem como... essa é a minha preocupação... eu to correndo atrás... mesmo no meio do mato, porque lá no meio do mato eu sempre corri com os mano aqui pelo hip hop o Mosquito ta ligado, o Osmar, no meio do mato ninguém conseguia achar dois grupo de rap, então eu to cantando... durante três mês que eu tô no meio do mato, eu tô formando um grupo, eu to fazendo parte da comissão lá em Buguaçú do rap, já tenho já uns contatos com o salão de lá, com o Centro Cultural, já to fazendo o maior (?) para montar o rap dali, porque o interior sabe como que é, é excluído como o Mosquito fala. [excluído, mesmo]. Então e agora tipo to correndo, enquanto eu tô lá eu tô correndo pelo hip hop, só que não dá pra correr pelo hip hop de barriga vazia... não tem como, porque... vou tá ... tipo... enganando o que eu to querendo na real que é no fundo, que nem eu tinha feito os

curso lá, tinha treze diploma, o (?) morreu eu tive que matar esse cara... porque ele falou que ia me matar e eu to ligado que o cara falou e ia fazer, porque eu conhecia ele era de pivete, e ele era... ta ligado, eu sabia que o cara ia me matar (?) especificamente...

— Não, eu to falando... eu coloquei a (?) devido o direito...

**João:** Então aí tipo...pra defender a minha vida, eu fiz isso, eu tinha duas escolhas, ou eu morria, ou matava... Ai a minha escolha qual foi, eu não vou deixar a minha mãe chorar... não quero ver a minha mãe chorar...

— E você corria também, né...

— Não, mas eu vou correr para onde? Não tem prá onde eu correr...

*(Muitas falas juntas)*

**Emilia:** O que tu faz Mosquito, tu disseste uma outra alternativa, que era correr... quê que tu pensaste quanto tu disseste isso prá ele?

**Mosquito:** É, eu falei ou corria, tipo, porque isso também não funciona... funciona em casos diferentes, separados, entendeu, conforme a vivência, conforme a índole, a diferença da pessoa, o que funciona pra um, não funciona pra outro... ta ligado, e tem mais, é complicado, tipo aconteceu um fato com um amigo meu, ele tava falando, esse meu amigo simplesmente ele estava vendendo uma arma para uns caras, pegou a arma dos cara, perdeu a arma dos cara, chegou e falou ó, vou pagar, era uma arma de valor, ele deixou uma arma de valor menor e passou um tempo essa dívida... É tudo ali da quebrada né, ele falou que ele ia pagar, só que até então, aí aconteceu uma fita lá que roubaram o toca fita do maluquinho lá, e o maluquinho chegou nesses cara que é um puta de um puta de um (?) pau de um justiceiro, um Zé Mané do caralho, porque é o seguinte, esse negócio de ficar no seguro dos outros... ficar... vou falar com fulano porque ele vai resolver isso... não, ou eu resolvo a situação ou sou um merda mesmo e admito que sou um cuzão, eu acho que é mais homem falar não, eu sou um cuzão, não vou correr atrás, do que chegar e falar como o maluco, resolve aí aquela fita prá mim aí, qual é que é, né... e foi isso aí que aconteceu o cara foi falar com esses caras e falou que foi esse meu amigo que tinha roubado o toca fita, como esse meu amigo já devia essa arma, então se riscaram com ele, matar ele, só que quando não tem que ser não é, o cara engatilhou uma pt na cara dele que engasgou, o cara apertou duas vezes e a arma engasgou bem na cara dele, ele pegou e saiu correndo... só que é o seguinte, ele não tinha como cobrar os cara, se ele pudesse matar o cara, ele tinha matado, como ele não tinha como, que ali também era uma organização maior, então... ele espirrou... nunca mais foi pra lá...

**Emilia:** Nunca mais voltou?

— É, isso é uma situação (?), se o cara tiver para onde ir ele corre... se não tiver prá onde ir... você acha que eu ia matar um cara sendo que eu tenho para onde ir? Eu vou catar as minhas coisas (?) minha família, a família dele, e a família do (?) três famílias... sem ter para onde ir, vai se ajuntar, não, vou morar ali, tem uma ponte ali... nós coloca tipo umas cortininha ali, uns lençol e vou morar embaixo da ponte...

— E tipo hoje, aconteceu uma coisa engraçada também, quando eu tava vindo, eu vi uns cara fazendo (?) no beco que eu aprendi, daí eu passei lá no beco, né, aí tinha um troco no beco, um camarada meu também correu da quebrada, nós tava na pista de skate lá, direto, aí um dia tipo... ele ficava sempre no gol, né, (?) e tem um morro lá em cima, e os cara lá do morro, é meio cabrera com nós, com o pessoal que (?) na pista, né, aí o mais visado era ele porque ele era o grandão, o cabeleira, né, o doidão... então a hora que os cara desceu, os cara já viram ele e foram cobrar uma fita dele. Só que aí em vez dele se safar, que os cara vieram com uma desculpa, pra ele se safar ele nem sabia da história e botou culpa em outros cara... aí os cara não mataram ele mas espalharam lá ó... nós já sabe quem é, é fulano, cicrano e beltrano... (?) pro (?)... porque é uma treta muito louca... um skatista zoou o outro... que é o cara que anda de patins... e o olho é lá do morro que ficava vigiando a pista, então os cara do morro veio por causa do (?), catou o Sá, o Sá dedou o (?), e teve que sair fora porque o Sá ia matar ele e o (?) também ia matar ele depois daquela fita e ele foi embora... e até aí ele era o bam bam bam, ele era o articulado do grupo tal, e foi embora... hoje eu trombei o cara aqui no beco, falei e aí Sá, ta morando aonde? — Ah, to morando lá na norte, o cara falou que norte, tá morando na oeste, não to morando na norte, porque ele não queria me falar onde que ele estava morando porque sabia que eu ia dar o troco prá ele, né... — não, to morando na oeste, aí o cara... que mano, e onde é a Freguesia do Ó? É zona norte... é zona oeste, cara, até aí eu não quero nem saber onde que é a Freguesia do Ó... aí o cara... tipo, não tem o que fazer irmão, deixa o cara entrar com você... eu disse não, vou fazer o que, sou o maior cuzão mesmo, todo mundo me zoa, sou o maior cuzão, o cara ali... entendeu, o cara ta em outra realidade, ele saiu da quebrada, ele era articulado... saiu porque deu uma mancada, correu e agora ta querendo tirar umas outras bandas por aí...entendeu, a personalidade dele pô, caiu, mano, que ele saiu corrido e agora está sujeito a qualquer coisa...

**Jorge:** Mas esse medo de... esse temor, esse medo de ser humilhado como ele está sendo, parece que isso, isso é coisa de... isso é fato de vida ou morte, né, esse temor de ser humilhado desse jeito, que nem a história que você falava, que o cara aparece vestido de mulher na cadeia... aí parece que não tem essa questão da honra ali é...

- A moral e a dignidade, né meu... eu coloquei a lata... como assim, né meu, se você for falar assim a questão, pô, uma lata, mas é a palavra, meu... o cara falou uma palavra que denegriu a tua imagem... já era...
- (?) maior tempestade... E assim, além dele não ter matado e ter corrido prá Freguesia do Ó, tem como correr para um lugar mais... da cidade, mais no meio do campo, é da cidade mesmo, ele tá passando o maior veneno, porque a família dele ficou lá e ele teve que vim, e ele está passando o maior veneno, a gente viu ele tava com um tênis lá no pé... ih, mano, que chulé do caramba! — É... vou fazer o quê, só tenho esse, né, e nem é meu, tô com três dias com o tênis do meu irmão, ele deve estar louco atrás de mim já, por causa do tênis... Mas os cara falou, só tem um tênis prá usar? Não, só tenho um chinelo lá, tá quebrando, deixei lá, catei o tênis e sai fora...
- Então quer dizer, pro irmão não ter visto ele três dias, então tem três dias ele tá fora de casa, entendeu, e era diferente, ele morava do lado da pista... ele era o cara... porque se você tá morando do lado de uma pista de skate, você é o cara... chegava uma menininha quer usar o banheiro, ah, vai na casa do Sá... ah, quero tomar uma água gelada... ah, menina, vamo lá na casa do Sá... entendeu (risos) ele era o Sá, meu, agora não, agora o Sá...
- Há quanto tempo aconteceu isso?
- Isso aconteceu lá na quebrada desde o começo do ano só que... o cara que bateu no (Rui?) freqüenta a pista ainda, o cara que agrediu o (?), o cara que começou tudo, tá lá na pista, lá na quebrada, na comunidade (?), e o cara que não tinha NADA a ver com a história... inclusive o fato de abrir a boca, falar mais que a boca, porque que nem o irmão dele, se ele agüenta o coro ele poderia ter ficado... não ter ido preso, e se os cara agüenta o coro, ele ia falar a verdade, não sei de nada, não vi nada, mano, daí o cara automático já foi bater, e falou, ah, você não gosta de bater em (bolha?) seu safado, então tome! (?) (mudando a voz) *ah, mas não fui eu, foi o Serra...* ah, foi o Serra...era só isso que a gente queria saber, cadê o Serra? — *Não sei... aonde ele mora, não sei.. perto da Irmandade, perto da Irmandade...* aí já foi dando a ficha toda do cara, perto da irmandade não precisou nem falar onde que era, a irmandade é conhecida prá caramba na zona sul, quem sabe onde que é a irmandade, é só fica ali esperando o cara passar, meu.. não tem essa, entendeu... e o cara (?) dificuldade, meu...
- São coisas complicadas... esses dia eu cheguei em casa, a minha coroa tava lá, apavorada, tá ligado, apavorada, que nem louca, eu chegando do trabalho cansado, um trabalho stressante... porque você trabalhar e não ter uma confiança, sabe, você já leva com uma carga discriminada, então nessa reunião vocês me viram aqui arrumadinho, com o cabelo tipo cortadinho, social, e por mais que você transforme a

sua imagem visual, ninguém tá nem aí, você é um favelado, você é um pôrra, tá ligado, no seu esforço, que você estuda prá você chegar num objetivo, por mais que você se desenvolva, por mais que você fale eu sou capaz, as pessoas não dão credibilidade, e isso é um contexto que acontece na minha vida quase que diariamente, né meu, eu sossegado, (?) e aí depois de todo trabalho pesado, tudo isso, chego em casa minha mãe apavorada, começa a gritar comigo, falar um monte prá mim, — *é, é...daqui a pouco vai vir uns traficante ali vai matar todo mundo aqui, daqui... em casa, que eu ouvi falar que você tá vendendo droga aqui... eu não sei porque que seus amigo cola aí, que pá, pá, pá, que não sei quê, e tal...* o que é que está acontecendo, mãe... — *não, que já me falaram, já me falaram, que a vizinha aí falou que você tá cheirando que não sei o que... que não sei o que lá...* (?) vai o pessoal prá discutir sobre projeto prá acertar as coisas, né, meu, prá gente conversar... às vezes a gente fica lá bebendo mesmo, ouvindo um som, conversando, né meu, pôrra, mas não... é tipo já contorce toda uma história... cheguei e falei mãe, conheço todo mundo da favela, conheço os cara do movimento, tenho o maior respeito, não sou de ficar de papo furado, (?) que vendendo droga? — *Não, que eu sei...* Então, quer dizer, você chega já de um dia... lascado, chega na sua casa a tua mãe tá toda apavorada pensando que vai neguinho lá acertar o pau

— É a preocupação de mãe, né...

— É fogo, e os boatos também são uma das principais causas de morte na periferia...

**Jorge:** Claro... os boatos, ver que aquilo que você estava contando bem, quando falava de opção e não opção... estava voltando na conversa superficial, na verdade era quase que um afastamento do grupo, agora a gente tá conversando, da densidade que o grupo tem e da gente estar vendo que não é uma questão de opção, né, na verdade tem tantas coisas que empurram que a pessoa não entrar é um enorme esforço e pode dar certo e pode dar errado, quer dizer, é uma coisa muito... pode acontecer, pode não acontecer, tem muito do acaso nisso, dentro de uma situação tão complicada, não é, e eu estou com uma preocupação, aqui, agora, neste momento, estou com duas preocupações aliás, né, uma preocupação que seria... o quê que nós podemos dizer para eles... eu acho que eles estão buscando essa ajuda do grupo, e o grupo de alguma maneira, deve muito a vocês, de alguma forma, e é importante que vocês saibam disso... porque esse grupo...

— Posso fazer uma observação só... eu queria... (muito ruído) ele falou a gente vai embora e volta para a nossa realidade e tal... mas é importante dizer que a gente também não é que vai embora e saiu daqui...

*(Fim da Fita)*

— (...) formal, então isso que o Jorge tá falando, como que a gente vai ajudar, porque a gente vai sair daqui, não é que eu vou deixar de pensar nisso, também não é fácil prá ninguém sair daqui (?) eu quero voltar (?) prá mim, beleza, eu vou sentar na frente do meu computador e vou continuar trabalhando como se... não é problema meu...

**Jorge:** Tá ótimo... é... então veja, agora nós temos aqui um problema gravíssimo, né, que é um problema o seguinte, nós não podemos fazer aquilo que a gente não pode fazer, aquilo que a gente não tem como fazer... não podemos inventar coisas que não somos, nem que não podemos fazer, porque é uma situação que vocês vejam, que a própria situação do Centro Vida, com vocês, foi de acolher vocês mas tendo que colocar determinados limites, foi isso? e isso é muito importante, também, então tem uma questão que eu queria dizer, eu acho que o grupo deve muito a vocês, no sentido em que este grupo se constituiu em função desse fato que aconteceu, que foi esse homicídio, né, o grupo surgiu, a idéia do grupo surgiu a partir daí e durante todo o percurso do grupo vocês estando ou não estando aqui, na verdade a questão desse homicídio perpassou toda a dinâmica do grupo, e é um reconhecimento que eu acho fundamental de fazer, se cada um aqui... eu não sei se dá para vocês se salvarem, não se salvarem, isso ou aquilo, mas é importante que cada um se aproprie daquilo que faz, da mesma forma como o Mosquito traz aqui uma coisa que ele fez, que é um projeto dele e o Plínio em conjunto, o Plínio traz, as outras pessoas trazem, o grupo também produziu muito em função daquilo que vocês trouxeram, produziu conhecimento, produziu possibilidade de muitas coisas, então é importante vocês saberem isso. E você vai me dizer: — tá legal, e aí catso, o que eu faço... o quê que eu faço com a minha fome, o que eu faço com o meu medo de morrer e o meu desejo de morrer? E aí eu acharia interessante, se a gente pudesse... não fazer nenhum milagre, mas que a gente pudesse falar sinceramente, né, da experiência de cada um, o que a gente pode estar trazendo prá eles? Porque talvez o que a gente possa ajudar vocês mais do que qualquer coisa, e eu sinto que o que eu posso ajudar mais do que qualquer coisa, e aqui também muita gente, talvez seja a palavra, a palavra... tipo você pensar alguma coisa que possa dar uma saída para isso, né, então isso é uma coisa que eu queria estar trazendo, porque são seis e meia, e eu acho também importante marcar o tempo, então isso eu acho uma coisa importante o grupo estar atento a (?) os dois nisso, e a outra coisa que eu acho importante, é hoje a gente também poder falar um pouco da experiência de cada um aqui, como é que foi, e a gente sabe, né, a nossa idéia é que evidentemente este grupo enquanto tal, ele tenha um começo, meio e fim, que é hoje, mas a nossa idéia é que

isso que a gente possa ter... é legal o Felipe falar também, né, por parte do Centro Vida, aí falar institucionalmente até também. Então eu queria fazer esse pedido para vocês...

**Emilia:** Eu queria fazer uma outra colocação, que hoje como último também a gente volta à primeira e ... no primeiro grupo a gente conversou sobre a questão da... confiança e respeito, não é, não sei se tu lembra, e aí tu disseste assim: não, eu respeito, eu disse que fiz o homicídio mas não contei como é que foi... não tem a confiança...

— Eu contei, tipo mas não confiei, porque... tipo uma coisa de início, né, não tem como eu assim eu ver uma pessoa assim pela primeira vez na minha vida e eu chegar nela e falar, não catei o maluco ali, enfiei a faca no pescoço dele, atravessei do outro lado e... não tem como falar essas coisas... tá gravando, ainda... eu vou saber se... tenho medo de falar isso, coloca a mão prá trás aí... tipo algema nos braços...

— Sabe que... tipo eu tava comentando com um aliado forte, (?) ele pegou e falou puta, os cara fez isso? Centro Vida ainda... É lógico né, a reação até eu, se eu não tivesse vindo participar da reunião eu ia falar, esse cara é louco...

**Emilia:** Vir aqui contar essa história...

— Tipo, quando você vê a coisa de fora, assim que nem quando eu via o Centro Vida assim de fora, não conhecia assim, praticamente, sabia que tinha aquele projeto...contrário ao desarmamento essas coisas assim, não tinha nem participado de um curso, pensava muita coisa assim, pensava assim, não,os cara é contra o desarmamento, pá, se eu caísse numa loucura aqui... revólver, droga, essas coisa, aí a primeira coisa que os cara ia fazer, mano, era entregar prá mídia e... algema, e já era, tá ligado, e era mais um encontro com a sociedade (?)Centro Vida, aí depois que eu comecei a fazer o curso, que eu fui entendendo como que era a função do Centro Vida. Tanto que eu fazia o curso e tipo... parecia que eu viajava assim na aula porque a aula era contra a violência, e aí eu saia na rua assim... já arrumava uma tretinha ou outra, assim... mas naquela né, eu não sou muito de brigar, eu só brigo, só brigo mesmo porque... morreu esquece, cara, mas eu estou vendo que... tipo... tá tendo uma alternativa eu voltar prá minha quebrada, (?) alternativa né...

— Desencana, mano...

— A parada é o seguinte, velho, se você voltar, o seu sangue vai ser cobrado...

— (?) vai sair na rua, você vai ter que sair armado, vai ter que ficar olhando pros lados, vai entrar na maior paranóia, tá ligado, os mano vai ter receio de colar com você porque se os cara (?) se os mano tiver na cena vai ser daquele jeito...

**João:** Tem um monte de opção prá nós... porque depois que nós entrou nessa enbolada aí, porque nossa família também sofre prá caramba, eu fico preocupado com a (?) ela que me criou, a mãe do Marco, a mãe do (?) entendeu, (?) então indo prá quebrada eu vou ter mais uma segurança, entendeu, porque vai saber se eles ficam na injúria e pegam alguma pessoa da nossa família... O que eu não quero prá mim, não quero prá ninguém, entendeu, mais já que eu tô (?) é mais fácil eles pegar eu do que alguma pessoa da minha família, entendeu, e outra, também lá onde que nós táva, não também não vai ficar passando fome lá, certo, não vai passar fome lá, o negócio é o que, é colar mesmo na quebrada, ver o que vai se passar, quer dizer, até arrumar alguma coisa melhor prá gente fazer, algum espaço... entendeu, prá gente fazer porque (?) de ficar parado (???muito barulho) ficar lá na quebrada...

**Pedro:** Correr atrás, tá ligado? Correr atrás, tipo, dos nossos bagulhos assim, nós tá correndo, tá ligado? nós tá conseguindo alguma coisa... só que aí, tipo é muita treta pra resolver algumas coisas no meio do mato ali, pra talvez conseguir um alimento, tá ligado? é muita treta mesmo, pra você achar um trampo ali em paz... de vez em quando a gente achava até um bico assim: *Oh, te dou tanto, tem uma plantação ali de... de couve, cê vai lá, cê dá uma ajeitada pra mim ali cê viu os... os bagulho lá, pra carregar lá,* tá ligado? (muito barulho) você fica aquele bagulho ali, meu, cê ganha tanto pá, e já dá prá comprar um saco de arroz, pá... e uma dúzia de ovo, tá ligado? Aí já (?) porque demorou, vou lá, vou ligar lá (?) já era, (?) correndo atrás, tá ligado, só que eu não acho que a minha vida não se resume nisso, ficar (?) prá ganhar um saco de arroz, um pacote de arroz (?) tá ligado, dez conto, nove conto, que a gente faz... eu fiz curso, pensando no meu futuro, eu estudei... terminei o segundo grau, pensando no meu futuro, tá ligado, e jamais poderia ir, tipo colocar no meu currículo, pensando no meu futuro, agora fazer uma merda dessa, meu, fazer... uma puta sacanagem mesmo essa coisa (?) tá ligado, uma puta sacanagem eu não poder registrar minha carteira, tá ligado, eu não poder fazer nem um (?) porque se eu registrar minha carteira a polícia (?) e se eu cair por qualquer coisa, (?) e já me derruba logo, tá ligado, porque na cadeia... eu tô ligado com isso, (?) eu tô ligado que a história chegou lá toda retorcida, (?) aí você chega lá... a maioria dos presos e alguns vai tar a meu favor, que alguns sabem da real, tá ligado, outros não, e eu não vou ficar repetindo (?) ladrão, da quadrilha (?) (muitas falas)

— (?) ele foi preso e aí a (micha?) dele caiu lá dentro porque ele era justiceiro, porque ele (?) matou, porque ele tinha uma bicicleta, o cara foi três vez sem mentira e aí na quarta vez ele topou e o cara falou assim, a próxima vez que você... não falou, compra outra bicicleta prá mim roubar de novo, falou assim ainda, né, aí meu tio começou a andar armado, aí o cara foi roubar de novo lá, na quinta vez meu tio foi e matou ele, entendeu, aí já foi preso na hora, e aí chegou lá na

delegacia, depois que ele foi prá cadeia, aí a (?) dele caiu lá como ele era justiceiro, que não tinha nada a ver, entendeu?

— Quantos anos você tem?

— Tenho 20...

— Você acha que você... você que está lá, você (?), você viveria melhor?

**João:** Danou-se, tipo... tá ligado, eu não tô falando que lá é ruim, porque lá é um lugar que é bom de se viver... só que o ruim prá mim é trampo, você não tem (?) como assim... (?) prá você ir pro... prá catar um ônibus, da onde eu tô, dá quarenta minutos, tá ligado, vai andar 40 minutos prá pegar o ônibus... e tipo assim lá no centro lá, (?) todo mundo empregado, meu, o pessoal vem de lá, meu, eles vem prá São Paulo, (?) faculdade lá, os cara que mora no interior eles (?) Santo Amaro...

— Você fala assim, não no centro lá do Embu, no centro da cidade...

— No centro aqui, no centro da cidade.

— Seria melhor prá você?

— Seria...

— Porque?

— Porque tipo no centro da cidade é zona sul em peso (?) no centro da cidade, então qualquer lance (?) aí chegou um carinha lá da zona sul lá, (?) falar prá quebrada...

— Não, mas a questão é... mas você está meio a fim de andar no centro da cidade (?) no centro onde você vai morar, aí é pior... (?) tem toda aquela história que a gente já sabe que não vai repetir, tá ligado, só que, se tiver falta de opção, meu, ou você fica lá, ou vai pro centro do Embu, ou vai para o centro da cidade...ou você vai se virar... (?) não sei (?) mas é o que eu estou falando, mas é a questão da opção, de lá você então... a opção da cruel, não sei se no Embu também... no centro da cidade... pode ser que tenha mais opção, mas eu não sei também, prá vim procurar emprego de lá, eu tenho que vim prá cá, prá Santo Amaro, prá São Paulo, tá ligado(?)

— Tem gente que mora lá perto de nós, (?)

— Para a zona leste, ou para qualquer outro lugar?

*(muitas falas)*

— Não tem como eu ir prá zona leste ou outro lugar, porque não tenho condições... não tenho condições... você não percebeu o que eu falei mas (?)

— Mas onde vocês estão morando, em Embu, o que...

- Em Buguaçu...
- (?) não, eu sei onde é mas... você mora aonde?
- Tipo assim, uma favela que foi invadida, né, aí o cara foi e tipo alugou prá nós essa casa...
- Só que é muito mais barato lá do que você pagaria em qualquer lugar aqui na cidade... é mais barato...
- Mais barato quanto?
- Não tem comparação, a gente economiza tipo uns 100 reais... Que é tipo... se nós tivesse 100 reais, que seria o da comida, tá ligado, (risos)... lá em bom... pelo menos (???) não paga água, não paga luz...
- E aquele... e o outro cara que você falou (?) que arrumou a confusão toda?
- Esse aí já tá no fogo...(?) esse aí ele tá morando ali no Jardim Ângela... esse aí os cara querem a cabeça dele... (?) principalmente o João Paulo (?) e tipo, eu me envolvi nessa tetra tipo de gaiato, tipo tava lá em cima tomando conta do carro dele, né, aí eu conhecia as duas partes da treta, né, aí (?) não, eu conheço os dois, os dois eu cresci com os moleque... vou separar essa treta, né, (?) troquei a maior idéia... aí saiu tipo... tava com a cabeça quente, falou que ia dar um tapa na minha cara, tá ligado, aí falei bom, mas porque tu vai dar um tapa na minha cara? Aí já começou a se exaltar e falou que ia me matar, meu... aí nessa o sangue me subiu aí já sai logo no murro dentro do salão com ele... E nisso veio dez caras, (?) e nós saímos (?) (?) fazer o seguinte, tem um revólver lá, João Paulo, (?) o cara falou que ia me matar, tá ligado, (?) falei meu, se for prá ir ele ou eu... não quero ir não... e pior que isso, nós foi lá prá trocar idéia, uma segurança, né, porque eles tava em dois carro (?) aí nós foi lá prá trocar uma idéia com eles prá amenizar... que nós não ia esperar na quebrada (?) foi chegando de madrugada (?) aí eles chegaram...(?) nós foi trocar idéia antes, aí eles chegaram e falaram assim, que, não tem idéia não, e esse cara que morreu, ele tem problema na perna, né, problema na perna e queria bater em nós quatro...
- João Paulo chegou... e já chegou se socando, João Paulo que táva com o revólver, (?) aí o João Paulo puxou e deu um, errou, o João Paulo ameaçou correr, só que tipo assim, você não pode puxar o revólver (?) e correr... falei não mano, não vai correr não, João Paulo, vamos catar o caro e vamo atrás... e aí na mesma rua do salão, pá, ele correu e... aconteceu a cena, pá, ele tombou e cada um foi tipo... (?) João Dias, na Av. João Dias ali, e aí eles veio atrás de nós ali... catamo (?) Itapecerica aí, tá ligado, aí nós deixou o revólver no São Luis e foi já pro Capão... (?) barraco é novo... (?) e aí a culpa você sabe de quem é...

— É o seguinte... acho que a minha ajuda que eu posso dar prá vocês é... é só um toque, de irmão mesmo, não volta na quebrada não... porque eu tô muito feliz, esse grupo me deixou muito satisfeito, mas eu sinto falta de todos os meus manos lá da minha quebrada aqui ou morreu, ou matou, ou ficou, ou correu, ou se escondeu... eu não pude ver nunca mais, entendeu... eu vi o Sá hoje, por causa de vocês eu vi o Sá hoje... outro mano meu que morreu na quebrada... me deu a oportunidade de ver os cara de novo, entendeu, de ver ele, trabalhar com ele, ver como é que é foi (?) da boca dele também, porque lá, chegou já em mim como se eu fosse eles o culpado de tudo, entendeu... (?) se nós tivesse lá a história seria outra, entendeu, mas como nós fugiu de lá... fugiu não, tipo, dei um tempo, como eu dei um tempo de ir lá (?) nós não tá lá, nós correu porque? Correu porque tá errado, se tá errado corre, né...

**Jorge:** Mas... eu estou com a ... é legal a gente falar e eu quero te dizer uma coisa muito diretamente. Pensa no que eu estou te dizendo, você também. A impressão que eu tenho... eu reitero isso, é que vocês não estão agüentando a barra e que vocês estão procurando a morte... Estou com essa impressão muito forte, que eu acho que é uma coisa que as pessoas estão vendo aqui, não sei se as pessoas concordam com isso que eu estou dizendo, ou não, mas é como que... é quase que vocês estão fechados para aquilo que a gente está dizendo e não é que as pessoas não estejam percebendo a enorme dificuldade que vocês estão, não é que alguém está dizendo aqui que vocês não estão numa puta dificuldade... todo mundo está vendo a enorme dificuldade que vocês estão, todo mundo está vendo que vocês estão sem comida, todo mundo está vendo que vocês perderam tudo, não é só sem comida, todo mundo está vendo que vocês perderam tudo... Isso é o que vocês estão dizendo, que vocês perderam tudo, que com esse crime, vocês perderam tudo, esse homicídio [liberdade...] tudo, tudo, e é isso que dá impressão em todos, que vocês estão... que está tão difícil isso para vocês, que é como ele está dizendo: então a gente volta prá quebrada, morre na quebrada, se alivia de uma vez por todas disso tudo que aconteceu com a gente...

— Tipo assim, eu quero voltar... eu não quero morrer...

**Jorge:** Mas... (falas juntas) deixa só eu completar, está todo mundo dizendo aqui, aqui, e aqui só tem gente que conhece as coisas... ele está dizendo...o quê que vai acontecer com eles? O quê que você está dizendo? O que vai acontecer com eles? Mosquito, o que vai acontecer com eles?

— Não tem nem como prever, né, eles podem ficar de boa ou pode virar... cair logo pro movimento de chegar e falar agora...[que nem os moleque conhece] ôpa! Pegar meu tio, meus tio, o tio dele, o tio do João... eles é tudo envolvido com o tráfico, esses bagulho aí, tem até

uma facção que... que é os (?) eles foi lá, eles quer acabar com isso aí, só que eles quer acabar com isso aí como? Os cara tem uma facção criminosa, eles quer fazer crime, só que a minha cara não vai chegar lá porque tipo, os cara quer me matar, eu vou chegar e matar quinze caras... porque se eu matar quinze caras, vai tipo... (?) o resto vai (?) né meu, vão falar não, esse cara é foda, né... os cara veio aqui, mataram quinze cara, então vamo correr, né...

**Emilia:** Essa facção quer acabar com...

— Quer acabar com as tretas loucas, quer chegar lá e...

**Emilia:** Com essa treta de vocês ou com as tretas todas?

**João:** Não, quer acabar com as tretas... quer chegar lá e fincar o pau nos cara que quer fincar o pau em nós... (muitas falas)(?) eu tinha falado com o Carlos antes de começar essa reunião, foi meu tio, o tio do (?) aí meu tio foi com uma metralhadora lá em casa, (?) colocou em cima da mesa e falou: que hora que nós vamos? Colocou nós contra a parede mesmo né meu... só que aí eu sempre corri pelo lado certo, sempre estudei, sempre corri pelo rap, agora tipo porque eu fiz um homicídio, pá, tá cheio de arma assim, eu vou dar uma de super homem, vou chegar lá vou meter os peito com uma metralhadora... porque quem atira morre... quem atira morre também... não adianta eu chegar com uma metralhadora, o cara (?) seu ombro (?) e eu caio... Que é tipo, colocou nós contra a parede mesmo, né... eu, ele, o João e o João Paulo táva com nós... vamos, vamos, tipo buzinando na nossa orelha, que a treta foi dele, do João Paulo... não, vamos, vamos, (?) ele vai na hora mas só que ele ficar (?) ele biboca e só dá as coisa prá cima de nós... ai nós acaba fazendo a cena e ele vai prá lá tipo meio assim, depois ele vai falar, você viu mano os tiro que eu dei... tipo ele fala, fiquei dando a cobertura... pipoca e manda nós fazer a cena, né meu... sendo que a treta foi dele...

**Plínio:** Isso me preocupa, tá ligado, porque eu já vivi essa cena, tá ligado, então os cara (?) na profissão, tá ligado, (?) que sobreviveu, né, no crime, cara, ou você mata todo mundo, tá ligado...

— Cada um que você matou, o cara tem três amigos, cinco parentes... doze tios que (?)...

— Não acaba bicho... não acaba mais... é uma bola de neve, cara, é uma bola de neve...

— É, os parente dele é polícia, entendeu, e como o boato que foi nós que matou, sendo que não foi nós, caiu na cabeça dos parentes dele vai pensar que é nós também... e os parente dele é polícia... então...

— Mas tem processo? Não tem, nem queixa...nem nada...

*(muitas falas)*

- Nenhum dos dois tem queixa... (?) matou o Alex e eles pensa que.. todo mundo falou que foi nós... mas só que não foi, e eles pensa também que foi assalto, só que eles tem, tipo, o nosso primeiro nome, só que não tem o sobrenome, não tem nada, eles tem endereço, tem o primeiro nome...
- A família ou a polícia...
- A polícia que é da família do Alex...

*(muitas falas juntas)*

- Eu não sei, eu acho que... de primeiro lá no hospital, quando fizeram a ocorrência... falaram, não, quem matou, quem deu tiro? Aí falaram: foi o Marcos e João Paulo... quantos mil Marcos não tem, quantos mil João Paulo não tem? Só deram Marcos e João Paulo, não falaram que foi o Marcos Silva Pereira, ... mas quem falou sabia meu nome, né...
- É que nem a cena que o irmão tá falando aí, tá ligado, na minha opinião acho que vocês deveria evitar esse barato aí...
- É, tanto que nós evitou até.. (?) se mata outro vai ter que matar mais... vai que nem uma bola de neve... até que a bola de neve role por cima de nós...
- (???) (muitas falas juntas)

**Felipe:** Eu acho o seguinte, na história aí... você falou várias vezes... dos teus treze diplomas, e essa história... a gente falou tanto desde o começo aqui na história da opção, da opção, da opção, enfim... no meio que você está, que você vai contando... do tio...que chama, do outro que chama, enfim, da realidade em volta que a gente conhece, conheceu melhor aqui, eu acho que vocês foram o tempo todo aí os 20 anos que você viveu, você foi desviando para continuar do lado certo, agora você... você escapou uma hora, né, matou um, tá pagando isso aí, né, de alguma maneira tá, teve que se mudar e tal, teve que fazer um desvio maior aí, mas no fundo você estava sempre fazendo... não, o tio quer matar... foi prá cá o outro estava envolvido, você não se envolveu... e eu acho que... o que você aprendeu, o que você construiu antes dessa história, está com você... os seus treze diplomas você não rasgou... lá fora pode achar outra coisa, mas dentro de você está... tanto é que você chegou... eu acho impressionante, chegou em Buguaçú, no meio do mato a quarenta minutos de qualquer coisa, você já está com dois grupos de rap, já está na comissão do hip... pô... você vai construir... vocês aí todos, vão construir uma... história com esse conhecimento que vocês aprenderam a capacidade de se virar, de organizar, de articular, de cantar, sei lá, de tudo o que vocês aprenderam a fazer, e que vocês vão continuar aprendendo a fazer, isso vocês têm... isso aí ninguém vai tirar, quer dizer, vai tirar se tirar tudo... você está correndo o risco de perder tudo... voltar para lá.. (?)

é, vai melhorar, alguma coisa vai melhorar, ou parece que vai melhorar, é... mas eu acho que... é uma opção entre o risco de perder tudo e manter quase tudo que é o que vocês ainda têm, e construir algum legado diferente, eu acho que... é foda, é fácil prá mim dizer isso... entendeu... a maioria de todos esses problemas que você colocou aí, eu não vivo nenhum deles, eu vivo outros mas não vivo nenhum deles e é... mas olhando de fora, prá mim é... salta aos olhos, entendeu, você tem uma...oportunidade de... ou de parar, de não matar mais oito, mais doze, mais vinte, mais cento e cinquenta, né, ou de morrer... o que, claro, você pode ter sorte, a treta pode morrer, o cara pode desencanar... mas aí, pode ser que alguém mate os outro oito e não você, e não achem que foi você... sei lá... mas

— Sabe porque eu quero voltar, tipo assim, eu morava aqui em São Paulo e trabalhava na Prefeitura, trabalhava em Posto de Saúde aí tive que sair, parei de trabalhar, agora eu trabalhava na Prefeitura, agora trabalho no meio do mato, desempregado...

— Volta para outro lugar da cidade... sei lá, pensa isso... sei lá, não sei, entendeu, aí é...

**Jorge:** Já é mais complexo, entra a coisa concreta...

— Mas tem outras oportunidades, mesmo projetos como os que vocês estavam lá, tem outros, outras alternativas, em outras partes da cidade... na zona Leste, na zona Norte... e a cidade, também, tem ONG, tem comida, tem casa...

**Plínio:** Quando vocês começaram a falar aí, fiz tipo uma retrospectiva na minha vida... quando eu fui acusado de ter matado o meu tio, cara, eu tinha acabado de me profissionalizar em disk jokey, radialismo, tinha um trampo, uma das melhores equipes de baile, tá ligado, tinha 18 anos, eu tive que largar tudo, tá ligado, os cara tentaram me matar... mano, eu cheguei numa quebrada em Santos, meu próprio irmão chegou prá mim falou assim: meu, você não pode ficar aqui, eu fiquei três, depois de três dias andando na praia, tá ligado, comendo fruto do mar, fui pedir um prato de comida numa casa, a mulher chamou a polícia prá mim... tá ligado, quando eu cheguei na casa do meu irmão, meu irmão falou assim meu, você não pode ficar aqui, aí eu convenci ele que eu podia, que eu precisava e tal, depois de uma semana, meu irmão subiu prá São Paulo e me deixou sozinho lá, ele e a mulher dele, eu me vi mais uma vez sozinho... cara, eu fui trabalhar naqueles barraco da Congas, eu tinha que entrar prá dentro do mato, do mangue, cavar buraco, aquelas valetas, no meio de um mangue lá. Eu fiquei, tá ligado, eu consegui sobreviver, tá ligado, depois conheci um outro parceiro, (?) aí eu fui, tá ligado, vendia (?) na praia, tá ligado, eu fiquei dois anos foragido, usei um outro nome, tá ligado, depois de dois anos eu fui preso, e fiquei doze anos trancado, tá ligado, mas

esses dois anos eu aprendi muita coisa, cara, lá fora. Só que eu podia... eu queria voltar prá minha quebrada, que nem você, tá ligado, isso me dá a maior dor no coração, porque se eu voltasse prá quebrada, eu tinha que matar os cara que mataram o meu tio, depois de dois...quatro anos que eu tava preso, eu tive que matar os cara dentro da cadeia... porque o crime é complicado, tá ligado, rasgou um pedaço da minha vida, então, você tem a idade que eu tinha, tá ligado, acho que quando eu fui preso tinha 18, 19 anos, tá ligado, e dentro da cadeia que eu conheci o pior lugar, tá ligado, onde o cara pô, você matou o cara porque? os cara me testava direto... Você vê, hoje em dia eu tenho 33 anos, 12 foi dentro do sistema, por causa disso aí, eu pensava assim pô, eu posso voltar e matar todo mundo, tá ligado, é complicado, então isso me dá a maior dor no coração, tá ligado, eu tô aqui mas aí, tipo assim, hoje eu tenho uma caminhada eu sofro por isso mas o crime, cara, ele me roubou tudo, tá ligado, hoje... eu não sei se vocês estão entendendo o que eu quero falar pra vocês, tá ligado, mas eu não gostaria que amanhã ou depois, tá ligado mano, o cara foi prá cadeia, ele teve que matar dois, três, prá sobreviver, porque do jeito que (?) então se existe uma opção, que nem a gente está falando, eu gostaria de pedir, tá ligado, assim, prá vocês, não volta não, porque o crime é foda. Eu faço parte dele até hoje em atitude, tá ligado, me emociono porque é complicado, eu passei por isso, tá ligado, até hoje a minha família não acredita que eu não matei meu tio, tá ligado, às vezes os cara pergunta prá mim, e aí, e os quatro cara que você matou na cadeia, você pagou com eles... fiquei um ano e oito meses dentro de um anexo, onde os cara faz você comer merda, você tem que beber a sua urina, tá ligado, prá você cortar o efeito da droga. Eu tenho metade do meu corpo quebrado de cano de ferro, eu não gostaria que vocês passassem por isso, tá ligado, vocês tão lá no meio do mato, é porque Deus quis que vocês fossem prá lá, tá ligado, porque (?) tá ligado, porque eu passo necessidade até hoje, né, outro dia nós saímos daqui eu tava trocando idéia com o Mario, eu senti nele... falou pô meu, eu vou prá minha casa, como que eu vou me sentir, você falando que os cara rasgou seu livro... tá ligado, eu senti que ele tava com aquele receio (?) os cara pode fazer o mesmo... mas eu aprendi uma coisa no crime, tô sofrendo mas tô sobrevivendo, tá ligado, eu gostaria que vocês tivesse isso com vocês, antes prevenir do que remediar, certo, o crime não tem doublé, não, a cena é mais louca... não é isso irmão, a cena é mais louca... ninguém é... é legal você falar (?) mas a cena é mais louca, né, a realidade é mais nua e crua...

**Mosquito:** Passei por uma experiência, até cheguei a relatar aqui, não sei se é no mesmo contexto assim e tal, mas chegou uma fase da minha vida, tá ligado, que eu descobri que a minha mãe era lésbica, tá ligado, meu irmão... (?) mas aí até então desde pivete, sempre foi afeminado, mas você vai crescendo você... cheguei na minha coroa falei, ó mãe, o que

a senhora faz na cama...é problema seu, eu tinha 18 prá 19 anos, problema seu, sem problema, eu passei o Natal, velho, tipo... ela morava com o meu ex-padrasto né, e eu via os dois ali discutindo, tá ligado, eu falei eu não vou entrar no meio, tô ligado que o maluco vai quebrar minha mãe na porrada mas é o seguinte, tá ligado, minha mãe fez uma fita com o maluco que é (?) dali eu tipo eu falei ó mãe, segura seu (?) agora, foi pau durante o dia, minha mãe tava toda arrebetada, tá ligado, eu não tinha como chegar no maluco e falar e aí, qual é que é (?) tá ligado, e ela teve... fez uma palavra que ela teve que arcar com a consequência dela, tá ligado, depois de tudo isso aí, meu, passou mais uma semana infernal, tá ligado, uma parada a mil grau, chegou ao ponto que minha mãe falou que ia sair de lá, tá ligado, só que a parada foi o seguinte, né meu, quando eu cheguei em casa, não tinha mais nada em casa, a casa estava vazia, tá ligado, a casa estava vazia, minha mãe tinha se mudado, minha irmã, meu irmão, tá ligado, e eu fiquei ali... e aí chegou meu ex-padrasto e falou olha, estou indo lá para a zona leste, que ele tinha um depósito que estava falindo lá, tá ligado, e aí eu falei e aí mano, vou com você porque eu não vou ficar à toa... fiquei dois anos na correria com o maluco e... só que é tipo do maluco assim ó, que ele era muito enrolado, ele vendia as parada não tinha dinheiro prá pagar, entregava fiado pro pessoal, ficava um ou outro lá querendo sentar o pau nele... tá ligado... passei uma barra tipo... saudade da família, minha mãe, fiquei dois anos sem ver a minha mãe, meu irmão, uma vez só que minha irmã colou lá, tá ligado, prá cobrar um tênis que eu tinha comprado com cheque dela, que eu não tinha como pagar ela, tá ligado... e passei um veneno, passei fome também, tá ligado, tipo sangrei que nem louco né assim... esse bagulho que dói no coração... bagulho sangra lá dentro, tá ligado, é mil grau, mas a palavra é a seguinte, mano, olha prá Deus e fala isso meu, me ajuda aí nessa parada... várias vezes, tá ligado, eu olhava pro céu assim... eu falava ó senhor... mais um dia aí a carregar bloco e a encher caminhão de areia, tá ligado, o pessoal gostava de vir prá cá (?) me conhecer tipo... (?) de vez em quando eu almoçava na casa de um, tá ligado, aí tomava um (?goró) mesmo, tá ligado mano, tipo eu ia sair com o caminhão, cara, tipo tinha gente que não pagava (?) pagava uma pinga no boteco, tá ligado, então tomava mesmo, tá ligado, e era trampo pesado, foi sofrido, tá ligado, foi um teste mesmo, foi um teste louco, aí quando chegou com 19 anos assim, tipo meu... faliu total a parada lá né meu, depósito do meu padrasto e a gente foi para a Climação, tá ligado, aí chegou na Climação, bairro lá (?) moramos lá com os parente, aí consegui arrumar um trampo, tá ligado, aí depois sai, comecei a me envolver com droga, tá ligado, porque tipo, engraçado, num processo desses 2 anos o que eu sofri velho, não cheguei a conhecer a droga, tá ligado, depois que eu tava à pampa, tá ligado, eu acho que foi um refúgio de toda a sobrecarga, tá ligado, as

decepções da vida, de ver a minha mãe tipo desandar... não porque ela foi o que foi, tá ligado, não... não tenho discriminação tá ligado, pelo fato tipo de ela ter saído de casa assim, eu chegar lá não ter ninguém em casa, tá ligado, tipo não deixar nem endereço, tá ligado, e eu fui trabalhar (?) Carvalho lá, e me joguei... depois Deus abriu a porta aí e eu comecei a tramar, tá ligado, nesse trampo aí que eu tô até hoje também, tipo fiquei três anos de office boy, tá ligado, eu tinha 21 anos, eu falo de office boy dava graças a Deus porque eu também podia tá numa pior também, né meu, e aí comecei a prestar atenção numa coisa que eu nunca tinha prestado atenção, tá ligado, que era revolucionar a minha vida, tá ligado, (?) prá fora, mano, o processo é sofrido mesmo, tá ligado, é mil grau, tá ligado, tem dia que eu não tenho dinheiro nem prá condução, tá ligado, tipo foda mesmo mas e aí uma hora melhora, você tem que pensar positivo, tá ligado, você, tipo você tá lá naquela situação mano, não sei o que eu posso dizer prá você, porque se eu tivesse numa situação ia ficar meio passado mas aí, uma coisa assim que depois que eu fui prá favela, antes de eu ir prá favela, quando pensava em trabalho de (?) social, pensava em encarar um (?) tá ligado, tipo saía de casa, ia pro meu trampo, pagava meu aluguel junto com meu irmão, tá ligado, e tipo não tinha uma visão do tipo fazer alguma coisa prá poder tá ajudando alguém, me ajudando, sei lá, quando fui prá favela... tipo, que eu vi todo o sistema ali, que eu levei um choque, meu, que você sai do asfalto e vai prá favela, aí começou a vim os sentimentos revolucionários assim na minha mente, tá ligado, pôrra, (?) você, você... o (?) conheceu o primeiro barraco que eu comprei lá né meu, barraquinho mesmo apertado, fiquei quatro meses sem a minha mãe ir lá no meu barraco, tinha vergonha, né meu, (?) e o barraquinho tipo... né mano, foi sofrido, se eu falar prá você que hoje em dia tipo eu vivo uma vida de boa (?) não mano, tô me mantendo, tô firmão, tá ligado, o único problema que tem assim tipo é aquela coisa, aquela carga ali que você vê que você tem uma pá de mano ali que tem um potencial para revolucionar o contexto na favela, tá ligado, só que ultimamente parece que tá tudo amarrado na droga, na falta de disposição, tá ligado, às vezes isso acontece comigo também, é foda, mas tamo aí na luta aí mano aí, não é porque você tá no meio do mato que você vai morrer não...

**Osmar:** Só prá tipo... não quero cortar a fala do Mosquito, mas só quero acrescentar a minha como... como... como uma coisa prá vocês também, né, tipo o que o Plínio sofreu, o que o Angola sofreu, eu sofri também e vocês tá sofrendo, tá ligado, a opção, foi o que a gente falou desde o início, a gente nunca teve, hoje se a gente tem um pouco foi porque a gente tá buscando ela, a gente vai conseguir mais se a gente continuar, tá ligado, e a mesma coisa, só vou falar bem resumido... eu já tenho 19 anos, com 16 anos, eu era ex-interno na FEBEM, e olhava prá mim, olhava prá minha mãe, — ai mãe, tenho 17 anos, nunca

arrumei um emprego... o que eu vou ser da minha vida, mãe! — *Calma* — e agora, mãe, daqui a pouco eu tô na fase do exército, eu só vejo os maninho falando que a parte do exército é a pior que tem se não conseguir arrumar um trampo, mas como que eu vou conseguir arrumar emprego na fase do exército se eu não procurei nem antes... procurei nem desandar, procurei nem zuar, entendeu, porque mano, a fita é essa... vocês vão sofrer, vocês vão sofrer, mas é aquela fita, meu, você vai pisa... você está na reta que... você vai pisar nessa pedra, meu, cuidado prá você não afundar... você pode pular prá outro também, tá ligado, se você afundar ou não a gente vai tar do teu lado prá te ajudar meu, o João vai tá do outro, entendeu, então... é a tua vida, meu, então... vocês três, guerreiros, pelo menos... lado a lado... porque se você voltar prá quebrada ele vai voltar, ele vai voltar, vocês vão querer morrer junto ou viver junto? Tem que crescer junto, meu, tem uma vida... ou vocês morrem junto ou vocês vivem junto... e eu escolheria viver junto...

**Mosquito:** Eu não estou passando por isso que vocês estão passando, tá ligado, mas a parada é o seguinte, às vezes tipo todo esse sofrimento, né mano, aí você pensa num refúgio, tá ligado, aí se eu for prá minha quebrada, vai ter um ranguinho quente lá, essa hora a minha barriga não vai estar vazia, tá ligado, tipo... eu vou estar sossegado, vou estar firmão, tá ligado, às vezes é mais fácil de repente vocês fazer isso do que vocês enfrentar o meio do mato e tentar mudar aquele contexto, tá ligado.. porque aí é foda, o bagulho é sofrido mesmo, tá ligado, o bagulho é sofrido, tipo... eu nem sei o que falar porque é tipo...eu vivo lá na favela, tá ligado, tenho parceria com os mano lá... tá ligado, alguns até me olham meio assim diferente assim... fala esse maluco pode comprar um tênis, esse maluco pode comprar um relógio, mas aí, se esses cara olhá pro passado, eles vão tá vendo, hoje aqui, tá ligado, mas eles vão tá vendo o que eu passei, tá ligado...

**Jorge:** Mosquito, eu acho que nós estamos fazendo aqui hoje, o que melhor a gente pode fazer, mesmo, né, que é o que melhor o grupo pode ajudar vocês, que é contar essa experiência de vida, que o pessoal está contando prá vocês, do fundo, do fundo, do fundo do coração de cada um, né, que eu acho que vocês estão percebendo isso... que ninguém está falando qualquer coisa, está todo mundo falando da sua experiência mais profunda prá vocês, e acho que o Felipe falou um negócio prá você, de que você vai junto nisso, mas e o teu potencial cara, você está lá no fim do mundo, e você já se (?) não sei em que grupo de rap, já está organizando não sei o quê... puta potencial, que é o potencial do Plínio, que é o potencial do Mosquito, do Osmar, de todo o pessoal que está podendo lutar, como ele está dizendo, por uma vida melhor, não só para si mas prá todo mundo, né, então eu acho que isso o grupo faz por vocês... deixa essas palavras entrarem dentro

de vocês. Não faz nada, pensa só, sente o que essas palavras... como é que essas palavras vão entrar dentro de vocês... deixa, deixa ficar um pouco dentro de vocês essas palavras... antes de vocês fazerem qualquer coisa, né, deixa ficar um pouco lá dentro, entendeu, não faz nada... deixa o ... a lágrima dele entrar dentro de você... a lágrima dele, a experiência toda, antes de fazer qualquer coisa...

**Mosquito:** Aí mano, tipo... eu falava direito prá mim mesmo, tá ligado, nunca cheguei a comentar isso com ninguém tipo, teve uma vez assim que eu tô lá no quartinho lá do depósito lá, chegou os meus padrastos lá, caralho meu, tu trabalhou o dia todo no feriado, terminou o dia só com um pão com mortadela, tá sem comer, aí eu fiquei calado, tá ligado, mas daí tipo ali teve uma força dentro de mim, tá ligado, falava assim... ligado aí... deixa que é com ele lá... barriga vazia é agora no momento mas e aí... falei deixa com o homem lá que ele tá ligado na hora que vai solucionar e tipo tinha alguma coisa em mim, tá ligado, que me fazia acreditar que eu ia ter dia melhor, tá ligado, era mil grau, meu... fazia eu acreditar, tá ligado... e depois aí o engraçado de tudo, mano, que depois aí de tudo o que eu passei, tá ligado, eu tava vivendo num mundo panaca, tá ligado, porque mais prá frente eu tinha um trampo, tá ligado, montei meu skate de novo, comecei a fazer uns rolê de skate, tá ligado, comecei a fumar uns (?) comecei a tomar uns goró...baseado, aquela função, né, meu, você vai se divertir né meu, e a cabeça começou a mudar, tá ligado, e eu não lembrava do sofrimento mais (?) nem lembrava de Deus, tá ligado, mas daí... logo quando eu voltei prá favela... (?) que até então toda vivência foi de cigano urbano, né, então eu voltei prá favela, falei o que tá acontecendo... e um dia eu pensei... falei caraco, será que eu corri prá cá prá ser o que eu devo ser, mano? Porque eu era um pobre, tá ligado, queria que se fodesse o mundo, eu tinha meu... prá mim tava bom, era meu trampo, era minha roupa boa... eu pagava meu aluguel, minhas balada, as mina... tá ligado, mas quando eu voltei prá favela, mano, aquele mesmo sentimento que falou prá mim quando eu passava fome, — relaxa que vai dar tudo certo —, o mesmo sentimento falou aí mano, você vai passar uns bom bocado aqui na favela mas aí parecia que tinha alguma coisa cobrando, e cobrando alguma coisa de mim, tá ligado, hoje eu tô aí no social com os mano pelo gueto, tá ligado, minha finalidade tipo só vai morrer dentro de mim quando me matarem, tá ligado, tá ligado que lá tem o monopólio, tem o monopólio civil lá no São Luis, você tá ligado disso,você tá ligado que se os soldados de repente roubar a cena nesse monopólio, você tá ligado no que pode acontecer com a gente? Isso aí não é uma ilusão, não é uma ficção, você tá ligado nos patrão de lá... não tô falando patrão das droga não, que os cara do patrão do crime lá apóia a (?) que a gente faz, o patrão da hipocrisia... não, eles não correm contra, tá ligado, eles só não quer que a gente rouba a cena, tá ligado, porque

eles quer que a gente continue sendo os mesmos moleques que coloca uma arma na cintura e sai cabelo solto, tá ligado, tipo... e uma mensagem que eu tenho... que eu vou pregar lá no gueto... é o seguinte, tá ligado, eu vou enquadrar os maninho, tá ligado, os maninho que tá lá... eu vou chegar, já troquei idéia com vários mano, vou falar aí mano, é fácil você colocar um revólver na cintura e roubar, tá ligado, agora você transformar o seu cotidiano miserável num tesouro... e transmitir isso prá outros mano... é bem mais difícil, tem uma carga pesada nisso aí, tem um (?) muito forte, e eu acredito nisso, não sei se nós desejamos que vocês vivam, o importante é vocês saberem que a gente deseja que vocês vivam, que cada um que está falando aqui, deseja que vocês não morram, e vocês têm que guardar esse nosso desejo, para ter força para viver...

**E.:** Posso lembrar uma coisa do João, o João falou... uma vez que ele esteve aqui, tinha uma... ele estava passando na rua... acho que era contigo...(?)

**Pedro:** Foi tipo... eu tô passando na rua... e do outro lado...eu tô passando do lado de cá da mulher e a mulher fecha o vidro, o João viu, só que ele não falou prá mim... foi num dia que eu tava vindo prá cá... só que se o João não tivesse falado prá mim, aí com certeza eu ia virar e xingar a mulher por causa que...tipo eu acho o maior errado... se ela tipo está com medo de ser assaltada, então antes de parar no farol, (?) esquecimento, vai fechando o vidro, não pára assim do lado da pessoa assim e fecha na cara assim... é falta de educação...

**Emilia:** Isso, e aí o João disse aqui que ele não falou, ele não comentou porque estava vindo prá cá... eu acho que é uma coisa... que estou me lembrando disso, porque o Mosquito estava falando também, que às vezes é por um fio... não é... quer dizer, aquela esperança que tu tinha de que o dia seguinte era outro dia e melhor é o fio, né, mas é um fio que define o futuro, quer dizer, a gente sabe dessa situação que vocês estão, completamente fora de todo o circuito onde andavam, e tal, e que é por um fio, e é esse fio que vocês tem que segurar, como o João segurou aquela vez, não — que eu ia zoar da cara da coroa, não zoei porque eu vinha prá cá...

**Jorge:** Ou o fio que o Mosquito segurou, ou o fio que o Plínio segurou, quando está tomando porrada da polícia, ou o Osmar, enfim, essas coisas, e eu só queria completar, encerrando, então vocês, e essa coisa do fio, e de vocês saberem, vocês puderam ver, o quanto a gente quer que vocês estejam vivos, não só eu e as pessoas aqui de Pinheiros, os companheiros, os manos de vocês como vocês dizem, né, que são os... e aí as pessoas que têm verdadeiro respeito... respeito e confiança, né, é prova de confiança, para vocês dois, inclusive de as pessoas estarem falando de coisas tão íntimas e tão profundas da vida delas para vocês dois, não é, é o desejo que vocês vivam... E outra coisa que eu queria

dizer também, é que esse grupo... talvez pela palavra, como a gente está podendo se comunicar pela palavra, né Mosquito, essa coisa que a gente vê que transforma, a nossa idéia, como é que nós vamos poder daqui para a frente, encerrando hoje isso aqui, a nossa idéia é de como nós vamos poder, daqui para a frente o ano que vem, a partir de janeiro, tá aproveitando (?) o Mario que trabalha tanto com a palavra também, ele está percebendo, como é que a gente pode estar... essa produção é uma produção conjunta que a gente fez, e como é que a gente pode estar levando isso, exatamente para transformar essa vida num mundo melhor, que todos nós queremos, né...

**Rafael:**

Eu esperei todo mundo falar, porque... eu tava me tocando muito e eu achei que... as palavras diziam por aquilo que eu pensava... um pouco do que o Felipe falou, do Mosquito, mesmo do Jorge... o que prá mim é mais rico nesse grupo, que os dois dias que eu não pude estar que eu estava cumprindo uma obrigação dos projetos, porque eu estava na avaliação que mais contribuiu (?) foi o fato de que aqui eu aprendi e tive contato com coisas que eu nunca tive, quer dizer, não porque eu nunca fui para a periferia, já falei isso para vocês, eu moro na periferia, é um outro tipo de periferia mas é o Jaraguá (?) ou aquilo que eu vejo, por exemplo, na faculdade, ou que eu vejo aqui mesmo de vez em quando, não é que são mundos distintos para mim, mais do que isso, pela possibilidade de num lugar, dois mundos conversarem, nunca teve isso, porque sempre quando acontece de, por exemplo, você vai na periferia para conversar, a voz que predomina é a da periferia, eu quero que isso fique claro também, não é... não é sempre uma opressão, existe opressão do outro lado também, e quando se vem aqui para o Centro Vida, a voz que fica... é a de Pinheiros, é a voz das pessoas que convivem, por mais que elas trabalhem no social, não trabalhem no social, mas assim, existem mundos dominantes... lá domina um mundo, entendeu, e aqui domina outro... e aqui não, aqui a gente tentou construir uma coisa em comum, e eu aprendi muito com vocês, e eu aprendo muito com vocês, eu acho que a nossa vida, a nossa prática, é... todos nós aqui, a gente tem que ter uma coisa muito clara, a gente sempre aprende com o outro, nunca eu tenho algo para ensinar para vocês que vocês não tenham algo para me ensinar, nem que seja um olhar, alguma coisa assim, e para mim assim, a coisa que eu ficaria mais triste mesmo, é no decorrer do próximo ano... ou no futuro, é que de repente vocês voltem para lá e aconteça alguma coisa com vocês. Eu encontrei com o Osmar na Sessão Educativa, num Seminário, e... eu até... até achei uma coisa super legal que foi assim, o fato de o Osmar estar lá, por exemplo, a Fernanda falou pô Osmar tá aqui... falei lógico, Fernanda, o Osmar tem que estar aqui... e o cara, a cidade é de todo mundo, não é... ela falou não, mas eu acho isso magnífico, falei, a gente tem que se acostumar com isso, tem que trabalhar para isso. E o Osmar estava super preocupado, falava puta,

cara, deu uma merda lá, descobriram que mataram um cara, que era esse Alex, eu estou com medo que vão pegar os caras... e eu perguntei, e com você, como que ficou, se podia acontecer alguma coisa com ele, e naquele momento eu fui me tocando, que é assim, qualquer pessoa desse grupo, quer dizer, que já faz parte da minha vida, eu falo isso, quer dizer, a experiência tipo humana que eu tive mais forte, independente de coordenar o projeto, quer dizer, foi uma puta experiência, mas o mais forte foi nesse grupo, humana mesmo, a coisa que mais triste poderia acontecer, é acontecer alguma coisa com vocês assim, eu acho que toda culpa que recai sobre um ato como esse que aconteceu é muito forte, quer dizer, e vocês assumiram, vocês chegou... chegou no começo vocês eram...renitentes, não era... eu tinha que fazer isso, eu... depois vocês começaram não, foi uma besteira, não devia ter feito, mas não tinha outro jeito... quer dizer, até mesmo a própria palavra de vocês se humanizou e a gente está se humanizando com todo esse processo, entendeu, então quer dizer a vida de vocês é muito valiosa para nós, as diferenças de vocês, o potencial de vocês todo mundo já disse, agora a VIDA, quer dizer, valorizar isso... é muito importante... (?) o Plínio, eu conversava com a Clara, a Clara falou puta, Rafael no dia que você não foi o Plínio falou umas coisas que eu não consigo parar de pensar assim, estou preocupada com ele... isso é o tipo de sentimento que a gente tem com familiares, entendeu, quer dizer, que é a coisa mais rica que a gente tem... então, de alguma forma, existe um certo, uma certa preocupação, um certo compromisso conosco também, de vocês pelo menos levarem, pensarem sobre isso que a gente disse. E assim, para o pessoal do grupo, que eu acho que seria mais interessante citar, era que a gente pudesse, de alguma forma, tentar (?reciclar) essa experiência. Só que não poderia ser com grupos curtos, não poderia ter um dia de conversa, um dia de conversa ia ficar no estereótipo... são coisas assim, experiências como a que a gente teve aqui... e até mesmo de repente cara, você ir para a zona leste, por exemplo, conheço um pessoal lá, em Buguaçú conheço a Regina que faz parte do projeto, ela podia dar uma mão para vocês, ela teria... ela viveu coisas muito parecidas também, coisas assim que a gente pode fazer...

*(muitas vozes)*

— (?) só para mandar um pouco também um recadinho que... a sensação que eu tive... até isso que o Rafael falou reforçou, que foi: ah, porque no começo vocês falaram, não, não tinha jeito, essa era a única opção, tal, nã, nã, nã, e quando hoje de repente parece que talvez tivessem outras opções, agora, olhando de fora mesmo, depois, a gente podia ter pensado em alguma coisa, mas ali, naquela situação, com aquela pressão, desse lado, parecia que aquela era a única opção. E a sensação que eu tenho é que agora vocês estão exatamente na mesma

situação, então tá numa hora que tem uma pressão de um lado que se chama fome, desamparo, pititi, pototó, que faz parecer que a única opção é voltar, às vezes eu só... eu gostaria de pedir é calma... calma, porque eu acho que deve ser um momento difícil, deve ser uma hora que dá vontade de... (?) e voltar prá casa, entendeu, aconteça o que acontecer... um pouco que nem foi naquele momento, foda-se e então vamos fazer isso porque senão parece que não tem outra opção e a sensação é bem isso... como era difícil lá e é difícil aqui ter calma, é... tem outras opções e... talvez voltar para casa, voltar para lá, neste momento não seja a melhor, e com certeza não é a única, é só a gente tentar encontrar as outras, talvez estejam por aí, é que é difícil ver... com essa pressão aqui, acho que é um paralelo da situação bem forte...

**J.:** Nós estamos super em cima da hora...

— Não, eu queria falar um pouco desse... futuro aí, né, o que vai gerar, né, o que a gente... todo mundo contribuiu, todo mundo jogou aqui um monte de coisas... criou, e é isso que o Rafael falou e é isso que dá para ver, né, da identidade da ligação aí muito forte, que eu acho que fica... a idéia de replicar os grupos, né, enfim, de tentar levar a experiência para outros lugares, eu acho que é... seria muito saudável assim para... enfim, ia ser muito bom, porque a gente tem um monte de teorias, inúmeros estudos, discutir violência, e ler e fala, bá,bá,bá, para mim o que eu nunca tirei da cabeça, desde que comecei a trabalhar aqui no Centro Vida... já estou há uns 5 anos... mais... é que... o mais fácil para manter a violência como tal, o principal aí é o não reconhecimento do outro, tipo, a mulher que fechou o vidro, na tua frente, e a gente já viu mil vezes isso acontecer, se é que já não fechou o vidro também, na frente de... enfim, você olha prá ela você não reconhece ela como... não é um ser humano, cidadão, que vai lá e fecha o vidro morrendo de culpa, ou que... usa um... enfim, (?) e do outro lado, muita gente eu acho do lado de cá, do nosso lado, também não vê na galera que mora na periferia, né, tudo bandido, né que é tudo matador, não sei quê, bá, bá, bá, então manda pro... já que não vai lá, manda a polícia bater, se vê no jornal que morreu, foda-se e tal, e aqui não só você quebra com o estereótipo, você vai muito mais longe... porque aqui acho que ninguém estava nesse estereótipo (?) mas você cria esse laço e acho que é isso que a gente quer fazer, e aí a idéia não é... um dia, né, tem que ser um processo mesmo e tentar replicar, e já tem outras idéias também que pulam daqui também, tudo isso que o Mosquito falou, que o Osmar fala, só de contar essas experiências, levar esse debate, procurar estimular, né, ser mais uma força, na contra pressão da realidade que... sei lá, mas... acho que tem muita coisa para fazer e eu acho que se vocês aguen... não sei, eu acho que tinha que... talvez tentar para pensar também, para além de hoje, alternativas... eu acho que a gente...

**Mosquito:** (?) expôs bem problemas, expôs bem toda essa coisa tipo... eu vou para casa pensando numa coisa... tá ligado, vou chegar em casa, vou bater um rango, (?) entendeu, agora é o seguinte, também eu acredito numa coisa que vocês podem até discordar comigo, tá ligado, se for prá passar o que vocês estão passando, que é fome, mano, você está ali no seu itinerário, se é isso que Deus quer, agora, é prá fortalecer, tá ligado, não é prá vocês perder a cabeça e ir prá lá, porque vocês tá ligado com o movimento de lá, se vocês cola lá vai ser 1000 grau, tá ligado, se for para passar por isso aí, guerreiro, olha pro céu e fala: aí, Deus, vou enfrentar essa parada, tá ligado, mas a nossa consciência aqui, porque aqui foi captado vários materiais, entendeu, através das experiências humanas, foi levantado material que vai ser usado de alguma forma não sei aonde vai ser aplicado, ou seja, eu acho mais do que justo assim de repente estar retribuindo isso prá eles, tá ligado, porque se de repente eles falassem não, eu não quero ajuda do Centro Vida não... não ia ter esse tipo de coisa, né, pelo menos não estaria passando um Natal mais ameno lá na favela lá, tá ligado, que é por causa de (?) tenho que me colar (?) prá lá né, qualquer coisa aí... (?) vai lá, toma uns (?) acende uma vela lá... (?)

**Jorge:** Eu acho que tem formas sim, do pessoal tentar se organizar para dar uma força para vocês. Mas fundamentalmente, eu acho que o principal é eles saberem que a gente quer que eles vivam, isso é o principal, né, e eu acho que o pessoal tem como articular determinadas coisas para dar uma força para vocês... e, uma coisa que eu queria dizer a vocês também, que eu acho que isso é importante para vocês dois e para todos nós. Eu acho que a gente poderia se reunir, talvez em janeiro, ou fevereiro, para a gente pensar os produtos desse grupo...

— Tendo um tempo para trabalhar isso, e fazer uma nova reunião mas de... e aí, o que vai surgir, tal... esse paralelo, independente de pensar uma coisa específica assim para ver como é que a gente...

**J.:** Isso...

**Plínio:** Eu gostaria que isso acontecesse, porque hoje em dia, é como você falou do projeto, né, então, quando ele falou foi tipo, abre perspectiva na minha vida... quando eu sai da cadeia, tá ligado, falei meu, sai do crime, porque eu fui tudo de ruim no crime: eu trafiquei, eu roubei, eu matei mesmo, tá ligado, dentro da cadeia também, então... quando eu entrei prá comissão de direitos humanos, tá ligado, quando eu voltei pro hip hop, tá ligado, eu pensei pô, eu posso fazer algo de melhor, não só pras outras pessoas mas prá mim, tá ligado, porque o Mosquito conhece a minha mãe, tá ligado, a minha mãe tem 77 anos já, toda vez que eu saio, ela fala: onde você vai? — eu vou ali, eu vou fazer um evento... se eu ficar dois, três dias, quando eu voltar ela está ali... (?)

hoje quando eu volto prá casa, que eu vejo ela, dou um beijo nela, cara, é uma satisfação, sabe, eu aprendi na psicologia, a professora falava meu, quanto mais você aprende, mais você tem que estar aberto para aprender, tá ligado, e... se você está sofrendo hoje, é porque Deus tem um propósito na sua vida, porque o guerreiro nunca... ele pode estar ferido mas jamais morto, tá ligado... eu tenho essas palavra comigo... então eu sei o que é o crime, tá ligado, então quando ele falou, me tocou, tá ligado, porque eu vivi isso... e hoje, eu sei que eu tenho o Mario como um aliado, tá ligado, no dia que eu falei prá ele que os cara rasgaram o meu livro, eu vi a preocupação dele... nós ficamos várias... quase uma hora conversando dentro do carro. Eu fui prá casa, falei puta, mano, eu coloquei uma preocupação na cabeça daquele irmão.

— Prá mim foi uma satisfação quando eu vi que tinha um adolescente, (?) eu vi você ali, tal, é legal isso aí, o dia que os cara me prenderam e me espancaram, tá ligado, puta, aquilo ali foi o maior trauma prá mim, falei puta meu, eu vou ligar pros meus parceiros, vou matar todo mundo. Mas lá no fundo, algo falava prá mim: não, não faz isso...

**J.:** Que é o que você está pedindo para eles não fazerem...

**Plínio:** ... na outra vez que os cara me prenderam, levaram meu dinheiro de novo, levaram a minha moto... a policial mora do lado da minha casa... eu liguei pra um parceiro, o parceiro falou meu, nós vai invadir e arrancar o pescoço dela... falei, não vale a pena... porque a causa é maior, tá ligado, porque eu sei que... todos nós tem um potencial prá isso, mas a gente tem que ver que aquele que está lá em cima, ele foi crucificado, tá ligado, hoje em dia tem cara que não acredita que ele resistiu... eu acho que tudo tem um propósito na vida da gente... eu... eu gostaria que essas... que voltasse aí o ano que vem, tá ligado, e a gente puder fazer alguma coisa, tá ligado, então porque lá atrás eu não consegui, tá ligado, eu fui pro crime...

**Emilia:** Eu queria dizer... eu acho que (?) pode marcar para (?) 20 de fevereiro...

— A gente participa no dia 6 de janeiro, tudo bem...

**Jorge:** Nós também...

**Emilia:** Talvez seja importante, já deixar uma data marcada... então fica para ser visto... alguém tem calendário?

**J.:** No dia 6 é segunda feira, eu proporia na outra semana, dia 13... segunda feira...

—

Começa dia 13?

**J.:**

Então ficamos dia 13, com uma tarefa. É importante deixar claro, não é a tarefa da gente continuar o grupo, é importante que o grupo teve esse começo, meio e fim. A tarefa que nós vamos ter, é outra, é ver o que a gente pode fazer, a partir daquilo que nós produzimos conjuntamente.

**Emilia:**

Que eu acho que são vários desafios, quer dizer, está lançado um desafio para você, para você segurar esse fio, está lançado um desafio para nós, todos nós, que é pensarmos esses produtos, e para o Centro Vida, que também tem um super desafio que é como institucionalmente, lidar com essa questão, para que não tenha que se repetir situações como essa... então acho que para todo mundo está lançado um desafio.

—

Eu acho que um grande, um dos maiores desafios é como prevenir isso aí, trazendo dois mano que são vítimas de uma consequência de um mundo que é mil grau, só que esses dois aqui, se você for mesmo ver, você tem mais, mais, e mais, entendeu, isso são coisas que acontecem diariamente, tá ligado, diariamente, conheci dois maninho que morava lá, do lado do meu barraco, né, até no começo, quando eu conheci os cara, tipo...eu olhei assim os cara, os cara me olharam meio torto assim, também fiquei na baixa, a gente era vizinho de barraco.... só que né, meu, acabei conhecendo os cara, peguei (?) os cara tava na correria (?) tá ligado, tava na maior correria, tipo do alimento, de arrumar um trampo, tipo um já tava aqui fazia uma (?) outro tinha vindo do Pernambuco (?) com a família dele lá, entendeu, e nada... esses maninho tá tendo...

**J.:**

Porque essa conversa que a gente está podendo fazer aqui...

**Mario:**

Eu queria falar uma coisa bem rápida... é só porque eu acho muito triste ouvir isso de vocês, que vocês querem voltar para casa e é praticamente impossível voltar para casa. Acho que se acontecesse comigo, eu não sei o que eu faria. Agora... também acho que... se você tem um talento, que é o rap... você não sei, não te conheço tão bem, mas você deve ter o seu talento também, então assim, o rap, de alguma forma, é a sua casa também, sabe, então a gente tem que aprender que uma hora a gente não volta mais para casa, sabe, ou então vai voltar em outras circunstâncias e às vezes o nosso talento é a nossa casa, sabe, por isso que acho também a importância da palavra aqui é uma coisa muito forte, se a gente puder voltar sempre para essa casa, é fundamental... e fico preocupado de a gente não poder levar isso aqui para a quebrada de vocês... isso acho que é uma pena, mas se é uma impossibilidade agora, a gente vai tentar fazer isso em outro lugar, vai

tentar fazer isso da melhor forma, em outro lugar, que é uma casa em outro lugar.

**Jorge:** Muito bem, gente...

— Não, eu só queria assim que podia pensar uma coisa prática mesmo, (?)poder lançar, embora (?)

**Jorge:** Mas aí já não é do âmbito do grupo... A gente tem que agüentar isso, isso é muito difícil, muito difícil, nós temos que agüentar isso, e eu acho que tem coisas práticas que vão poder rolar, e eu acho que o pessoal tem dicas a fazer, eu acho que o Felipe está com alguma idéia... eu estou vendo... eu já conheço o Felipe, eu conheço quando o cérebro dele está funcionando... então, o que eu queria dizer para vocês é o seguinte: eu acho...da minha parte, eu queria dizer que foi muito bom eu ter trabalhado com vocês nesse grupo, eu gostei muito, e queria... eu me senti muito honrado pelo convite do Centro Vida para coordenar esse grupo, e foi muito legal, muito importante, muito profundo, ter encontrado com vocês e a gente ter podido ter essa conversa tão densa, tão legal...

**Emilia:** Eu queria dizer também do destino, né, das gravações... também porque eu acho que a gente ficou de falar sobre isso, que a gente está transcrevendo todas as fitas, e vai ficar um material, vai ficar aqui, na mão do Centro Vida. O material vai ficar aqui, vão ter as fitas e o texto.

**Jorge:** E aí, o Centro Vida, institucionalmente é que vai, o que a gente pensou, é que institucionalmente o Centro Vida é a instituição que promoveu isso, então o material fica com o Centro Vida, e aí o Instituto vai conversando com as pessoas, vai vendo...

— Essas discussões que a gente tiver em janeiro, a gente pode pensar também... até porque tem muita coisa aqui...

**Emilia:** Tem coisas que interessam, exatamente, e tem coisas que não interessa, que não foi para publicar na Revista Caras que a gente gravou...

**Jorge:** A gente se comprometeu com a segurança de todo mundo aqui no grupo também...

— Mesmo essa história do crime (?) risos.

— Só, acho que...para o Jorge e para a Emília, que prá gente foi muito... uma experiência super nova, né, que surgiu do nada... A idéia de fazer isso, a Ana não está aqui, infelizmente, porque estava super envolvida

com tudo isso, e montou e acho que gostaria de ter visto o que aconteceu hoje, a gente vai voltar em janeiro, mas prá gente foi muito bom contar com vocês, todo mundo... acho que nós vamos construir uma coisa bem legal o ano que vem, em cima disso, **JÁ VALEU**, mas pode valer muito mais...

— E o texto, a gente não podia estar usando... esse texto...

**J.:** Isso tudo a gente vai.. vamos conversar...

— Porque aí se for isso, a primeira coisa, tem que sumir nome de todo mundo... sei lá...

**J.:** Vamos falar em janeiro... vamos agüentar...

**E.:** Alguém que tiver idéias do que fazer, escrevam, tragam prá cá...

**J.:** Vejo vocês em janeiro, heim!